

Eunice Gonçalves Queiroz  
Henrique Cunha Junior  
(Orgs.)

# ***AUTOBIOGRAFIAS & TERRITÓRIOS***



## **AUTORES DE CAPÍTULOS**

*Alyne Fernanda Reis*

*Antonio Pimentel Sequeira Júnior*

*Azânia Mahin Romão Nogueira*

*Eunice Gonçalves Queiroz*

*Mara Rosane Dias Goulart*

*Rosália Felipe Da Silva*

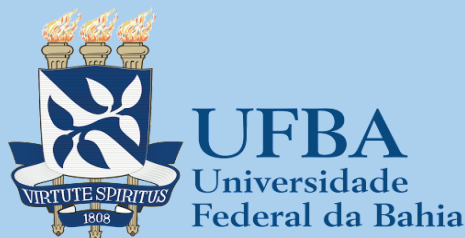
*Thiago Assunção Dos Santos*

*Valdiria Lopes Das Virgens*

*Vilma Patrícia Santana Silva*



Todas as escritas são de pessoas que de uma forma ou de outra estão vivendo a vida de um universo de universidade e de leitura contínua de escritores que publicaram as suas existências, quer na forma de teorias, de conceitos, de pesquisas ou mesmo de jornais e romances, mas que marcaram a suas passagens pela forma cultural de relatos escritos. Assim também compomos com estes textos a nossa parte nessa cultura escrita, dizendo quem somos e qual a nossa perspectiva da nossa própria história e que coletivamente compõe a história da população negra neste século e no século passado. Certamente os leitores vão se encontrar na leitura com os autores, isto em algumas das passagens que parecem combinadas, embora não o fossem, esse encontro estava programado naquilo que temos de vivência da experiência humana de vida que é um ato coletivo, a qual nós relatamos como recorte de nós mesmos, mas a individualidade sempre contém os invólucros estruturantes do coletivo.



[www.editoraviadourada.org](http://www.editoraviadourada.org)

***AUTOBIOGRAFIAS***  
***&***  
***TERRITÓRIOS***



# Série Conhecimento Africano e Afro-brasileiro

## Diretores da série:

---

Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior  
Prof. Dr. Estanislau Ferreira Bié  
Prof.<sup>a</sup>. Me. Maria Saraiva da Silva

## Comitê Científico e Editorial:

---

Ana Beatriz Souza Gomes      Izabel Cristina Evaristo da Silva  
**Universidade Federal do Piauí-UFPI**      **Universidade Federal da Paraíba-UFPB**

Cícera Nunes      João Marcus Figueiredo Assis  
**Universidade Regional do Cariri-URCA**      **Universidade Federal do Estado do RJ-UNIRIO**

Cláudia Teixeira Marinho      Kiusam Regina de Oliveira  
**Universidade Federal do Ceará-UFC**      **Universidade Federal do Espírito Santo-UFES**

Eduardo Davi de Oliveira      Leandra Gonçalves dos Santos  
**Universidade Federal da Bahia-UFBA**      **SME/Vitória-ES**

Estanislau Ferreira Bié      Marcilene Garcia de Souza  
**Universidade Federal do Ceará-UFC**      **Instituto Federal da Bahia-IFBA**

Francisco Valdemy Acioly Guedes      Maria Auxiliadora Martins da Silva  
**Universidade Federal do Ceará-UFC**      **Universidade Federal de Pernambuco-UFPE**

Gustavo Henrique de Araújo Forde      Maria de Fátima Vasconcelos da Costa  
**Universidade Federal do Espírito Santo-UFES**      **Universidade Federal do Ceará-UFC**

Henrique Cunha Júnior      Maria Saraiva da Silva  
**Universidade Federal do Ceará-UFC**      **Universidade Federal do Estado do RJ-UNIRIO**

Ivan Costa Lima      Marizilda dos Santos Menezes  
**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB**      **Universidade Estadual Paulista-UNESP**

Rinaldo Pereira Pevidor  
**SME/Vitória-ES**



***AUTOBIOGRAFIAS***  
***&***  
***TERRITÓRIOS***

Eunice Gonçalves Queiroz  
Henrique Cunha Junior  
(Orgs.)



Editora Via Dourada  
Fortaleza - Ceará  
2023

**Diagramação:** Estanislau Ferreira Bié

**Capa:** Eunice Gonçalves Queiroz

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Via Dourada estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Conhecimento Africano e Afro-brasileiro - 7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Catalogação elaborada por F. Jose R. Abreu CRB 3/1725

---

QUEIROZ, Eunice Gonçalves; CUNHA JUNIOR, Henrique (Orgs.)

Autobiografias & Territórios [recurso eletrônico] / Eunice Gonçalves Queiroz; Henrique Cunha Junior -- Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2023.

295 p.

ISBN - 978-65-89622-56-7

Disponível em: <http://www.editoraviadourada.org>

1. Autobiografias; 2. Territórios 3. Vidas; 4. Negras; I. Título. II. Série

CDD 981.31

CDU 94(81)

---

Índices para catálogo sistemático:

- |                              |          |
|------------------------------|----------|
| 1. História do Brasil        | 981      |
| 2. Brasil: Afro-descendentes | 981.0414 |

# SUMÁRIO

---

## **SOBRE O AUTOR** **9**

---

## **APRESENTAÇÃO** **15**

Eunice Gonçalves Queiroz

Henrique Cunha Junior

---

## **CAPÍTULO 1** **20**

“AQUELE MARAVILHOSO BOLO DE COCO”

Eunice Gonçalves Queiroz

---

## **CAPÍTULO 2** **77**

DOS DESLOCAMENTOS PARA O MANGUE, DO MANGUE  
PARA URBANIZAÇÃO, DA URBANIZAÇÃO PARA RAÍZES  
PROFUNDAS

Antonio Pimentel Sequeira Júnior

---

## **CAPÍTULO 3** **107**

TERRA DE POVO LIVRE

Azânia Mahin Romão Nogueira

---

## **CAPÍTULO 4** **121**

DIÁLOGO AUTOBIOGRÁFICO: UM DEBATE  
INTRODUTÓRIO SOBRE FAMÍLIA, LUGAR, EDUCAÇÃO E

---

---

## MEMÓRIAS QUE CONSTITUEM O MEU EU

Rosália Felipe da Silva

### **CAPÍTULO 5** **135**

#### **TERRITÓRIO HACKER: CORPO FEMININO PELE NEGRA 7º SENTIDO-RÁ EM EQUILÍBRIO**

Mara Rosane Dias Goulart

### **CAPÍTULO 6** **181**

#### **CRIANÇA CRIADA POR VÓ: AUTOBIOGRAFIA DE UM JOVEM EM MEMÓRIA DOS AVÓS**

Thiago Assunção dos Santos

### **CAPÍTULO 7** **195**

#### **MEMÓRIAS ENCRUZILHADAS: ESCRITAS VIVENCIADAS NAS ENCRUZILHADAS DAS VIDAS NAZARENAS**

Vilma Patrícia Santana Silva

### **CAPÍTULO 8** **229**

#### **SOB OS TRILHOS DA VIDA: A ÓTICA DOS SUBÚRBIOS CARIOCA SOB UM CORPO MORADA**

Alyne Fernanda Reis

### **CAPÍTULO 9** **267**

#### **VIVÊNCIAS NO BAIRRO DO CURUZU: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA FAMÍLIA DAS VIRGENS**

Valdiria Lopes



# **SOBRE OS AUTORES**

## **HENRIQUE CUNHA JUNIOR**

Pesquisador sobre Populações Negras, História da Tecnológica Africana e Urbanismo Africano. Professor titular da área de engenharia elétrica, pesquisa e ensina sobre Planejamento de Energia e as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Tem formação em engenharia (EESC-USP) e sociologia (UNESP-Araraquara), mestrado em engenharia e mestrado em história. Doutorado em Engenharia pelo Instituto Politécnico Editora Via Dourada de Lorraine – França 1983. Defendeu tese de Livre Docência na Universidade de São Paulo em 1993 e prestou concurso de professor Titular da Universidade Federal do Ceará em 1994. Orientou e coorientou 25 trabalhos de doutoramento e 46 de mestrados. E-mail: hcunha@ufc.br.

## **EUNICE GONÇALVES QUEIROZ**

Desenhista Industrial – Projeto de Produto pela Universidade de Guarulhos em São Paulo, com especialização em Comunicação Visual e Computação Gráfica – Modalidade Pré-Impressão pelo SENAC e Pós Graduação – MBA em Gestão de Negócios e Tecnologia pela Fundação do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. Com experiência em produção gráfica, fotografia, mídias sociais e educadora na ONG - Sociedade Benfeitora Jaguaré na área de tecnologia com grupos em vulnerabilidade social. Atualmente é mestranda pela Universidade Federal da Bahia – UFBA/PPGAU

com o tema sobre a cultura africana e sua diáspora. E-mail: egqueiroz@aol.com.

## **ANTONIO PIMENTEL SEQUEIRA JÚNIOR**

Arquiteto e urbanista, atualmente com mestrado em andamento pelo Programa de Pós Graduação da escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase no planejamento urbano e experiências de conflito, possui também uma grande inquietação por Restauro arquitetônico e urbano buscando entender os processos históricos, urbanos e culturais que formam o conceito de patrimônio material e imaterial dos grupos sociais. Cria dos quintais de Brás de Pina, zona norte do Rio de Janeiro. Roda por todos os sambas do Rio de Janeiro e adjacências. Acredita em uma boa conversa e conto de causos como rito de passagem ancestral. E-mail: antoniopimentel@id.uff.br.

## **AZÂNIA MAHIN ROMÃO NOGUEIRA**

Pessoa preta não-binária do sul do Brasil. Militante do Núcleo de Estudos Negros. Tem formação em Geografia, com mestrado na mesma área, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Pesquisa com ênfase em População, Emancipação, Territórios negros em contextos urbanos e Pensamento Negro. E-mail: azania.mahin@gmail.com.

## **ROSÁLIA FELIPE DA SILVA**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), debatedora da problemática étnico-racial na educação básica, possui graduação em Licenciatura



ra Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática e Licenciatura em Química pelo Instituto de Formação de Educadores (IFE) na Universidade Federal do Cariri (UFCA), campus de Brejo Santo, Ceará. Integra o Núcleo de Estudos em Educação, História, Diversidade, Raça, Etnia e Movimentos Sociais (NEEHDREM) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais do Departamento de Educação (NEGRER), ambos pela UFCA e URCA, respectivamente. E-mail: rosaliafelipe97@gmail.com.

## **MARA ROSANE DIAS GOULART**

Graduada no curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Educadora da Educação Escolar Quilombola -EEQ no Estado de Santa Catarina (SC). Coordenadora do coletivo de permanência Gestão Estudantil Universitária Integrar -GESTUS, e Educadora voluntária Popular no Projeto de Educação Comunitária INTEGRAR”. Membro do Grupo de Pesquisa Etnicidades na Universidade Federal da Bahia – UFBA/PPGAU com o tema Atualmente é mestranda pela Universidade Federal da Bahia – UFBA/PPGA com o tema: População negra, urbanização e hortas urbanas no Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis. E-mail: talismara2013@gmail.com.

## **THIAGO ASSUNÇÃO DOS SANTOS**

Doutorado em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU-UFBA, mestre em Meio Ambiente, Águas e Saneamento - MAASA pela Escola Politécnica da UFBA (2020). Especialista Interdisciplinar em Ambiente, Tecnologia e Sustentabilidade (UFRB/2022), e Especialista em Gestão de Recursos Hídricos, Ambientais e Energéticos (UNILAB/2019). Bacharel em Engenharia Ambiental e Sanitária pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (2016). Pesquisador na área

de saneamento básico na busca pela garantia do Direito Humano à Água e ao Esgotamento Sanitário (DHAES) na perspectiva de Raça e Etnia, e do Racismo Ambiental. Membro do EtniCidades – Grupo de Pesquisa em Estudos Étnicos-raciais em Arquitetura e Urbanismo. E-mail: thiago.ambientalista@gmail.com.

## **VILMA PATRÍCIA SANTANA SILVA**

Graduada em Desenho Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Com experiência em projetos arquitetônicos e urbanísticos residenciais e comerciais. Cofundadora do Grupo de pesquisa EtniCidades: Grupo Étnico Racial em Arquitetura e Urbanismo - UFBA. Escritora, pesquisadora relações étnico racial em arquitetura e urbanismo com ênfase na religiosidade de matrizes africanas o candomblé. Atualmente é servidora federal na Faculdade de Educação - UFBA e mestranda em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal da Bahia – UFBA/PPGAU com o tema sobre a importância das encruzilhadas em Salvador no imaginário da cidade. E-mail: vilma.patricia@ufba.br.

## **ALYNE FERNANDA REIS**

Mulher negra, carioca, e criada no subúrbio dos melhores dias. Arquiteta e urbanista - Unisum (2017), Especializada em Conservação e Restauro de Bens Patrimoniais - SENAI (2014). Mestra em Patrimônio, Cultura e Sociedade - UFRRJ (2020) e doutoranda em Urbanismo PPGAU UFBA. Conselheira titular e coordenadora da Comissão de Equidade e Diversidade do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado do Rio de Janeiro. Experiência com desenvolvimento de projetos arquitetônicos através de software BIM, atuação no campo e em pesquisas acerca do Patrimônio Histórico, territórios de maioria afrodescendente e equipamentos urbanos dos Subúrbios do Rio de Janeiro. Atuante nas lutas urbanas com





construções de ferramentas de impacto social afim de minimizar a injustiça sanitária e as desigualdades socioespaciais. E-mail: alynefereis@gmail.com.

## **VALDIRIA LOPES DAS VIRGENS**

Chamada por Val, Mulher negra, Mãe, Ekede de Ogum, moradora do bairro Curuzu. Líder comunitária; ativista de diálogos diaspóricos e atua como coordenadora pedagógica da Associação ALABE; consultora da Casa Maria Felipa; idealizadora do projeto Curuzu Corredor Cultural da Liberdade. Presente nas questões de fortalecimento coletivo e empreendedorismo da “Mulher Negra”, cuidados e respeito das crianças e adolescentes na saúde mental, fortalecimentos de Políticas de Reparação e Afirmação dos Direitos da Comunidade Negra, Ações de Afirmação para Identidade Negra e Prevenção da Violência contra as Mulheres e Crianças. Membro do Instituto Viva Infância e do grupo EtiniCidade – UFBA. E-mail: valnegona@yahoo.com.br.



# APRESENTAÇÃO

Eunice Gonçalves Queiroz

Henrique Cunha Junior

As vidas negras importam e comportam a experiência do vivido, interpretados como registros da consciência da própria existência. São relatos que o tempo produziu e a memória traduziu na lembrança reflexiva de quem somos e como vivemos e de que forma fazemos as nossas inscrições na história, agora demarcada, mas marcas das margens de um texto.

Certamente não é fácil falar de si mesmo, muito provavelmente não é fácil viver e nas dificuldades da vida se passa do bom e do sorriso ao vale profundo do difícil e às vezes insolúvel, mas diluídos no tempo, e agora marcado para a história de um grupo de pessoas que se reuniram durante um tempo, e nesse tempo lembrou como transcorreram as suas vidas.

Todas as escritas são de pessoas que de uma forma ou de outra estão vivendo a vida de um universo de universidade e de leitura continua de escritores que publicaram as suas existências, quer na forma de teorias, de conceitos, de pesquisas ou mesmo de jornais e romances, mas que marcaram a suas passagens pela forma cultural de relatos escritos. Assim também compomos com estes textos a nossa parte nessa cultura escrita, dizendo quem somos e qual a nossa perspectiva da nossa própria história e que coletivamente compõe a história da população negra neste século e no século

passado. Certamente os leitores vão se encontrar na leitura com os autores, isto em algumas das passagens que parecem combinadas, embora não o fossem, esse encontro estava programado naquilo que temos de vivência da experiência humana de vida que é um ato coletivo, a qual nós relatamos como recorte de nós mesmos, mas a individualidade sempre contém os invólucros estruturantes do coletivo.

Na primeira afroautobiografia da autora, Eunice Gonçalves Queiroz, o leitor(a) vai encontrar a doçura do bolo feito pela lembrança do carinho da Mãe Manuela, entremeado numa receita de percursos entre a Bahia e São Paulo, como um relato de muitas vozes da família, com as surpresas de que as lembranças são marcantes e constituem uma forte história de uma família.

Na segunda afroautobiografia do autor, Antonio Pimentel Sequeira Júnior, o leitor (a) ouvirá sua maneira respeitosa de pedir benção aos mais velhos e pedir licença para entrar no quintal, na cozinha, nas casas de piso caquinho no chão, casas com cheiro de broa, casas com cheiro de angu, com cheiro de galinha ao molho pardo. Casas com cheiros, vozes, músicas, risadas altas onde foi criado; este seu caminhar, as lutas de sobrevivência até chegar a pós graduação.

Na terceira afroautobiografia da autora, Azânia Mahin Romão Nogueira, o leitor(a) verá como a escolha do seu nome veio de uma continuidade de pessoas fortes e integradas nas lutas dos afrodescendentes no Brasil e afora. Ela carrega no seu nome um território e uma história de uma terra além-mar e desta terra que a constitui. Um nome que é ao mesmo tempo memória do que vivemos e promessa de que seguiremos avançando. Caminha também por nomes de outros territórios que se repetem na sua trajetória, e os momentos familiares que lhe são um deleite. História que começou muito antes do seu nascimento e continuará.

Na quarta afroautobiografia da autora, Rosália Felipe da Silva, o leitor(a) sentirá uma pessoa que constrói através dos



questionamentos. Onde a escrita sempre fez parte do seu universo particular e no 9º ano escolar já havia escrito um conto. Segundo a autora somos seres inacabados. Somos antes de tudo, constituídas (os) de memórias. Sejam estas boas, ruins, tristes, alegres, intensas ou mesmo passageiras como a chuva no verão. As memórias nos levam a navegarmos em um mundo só nosso, onde choramos, rimos, brigamos, brincamos, amamos, mas acima de tudo, vivemos.

Na quinta afroautobiografia da autora, Mara Rosane Dias Goulart, o leitor(a) sentirá sua maneira de expressar seu cotidiano, descobrir como através dos sétimos sentido-rá surgem os fragmentos que constrói a forma deste território hacker que busca estratégias para atravessar o racismo estrutural da sociedade brasileira. Nesta perspectiva resgatar fragmentos que compõe o todo do seu corpo feminino pele negra, que ficaram invisibilizados nas suas memórias, mas agora afloram com força através do conhecimento.

Na sexta afroautobiografia do autor, Thiago Assunção dos Santos, o leitor(a) vai encontrar uma história e, sobretudo, vivências por acesso a memória afetiva sobre suas andanças e de tudo que ele visualizava, ouvia, refletia sobre o que se estruturou ao ser criado por seus avós. Segundo o autor este cuidado e afeto foram primordiais para que ele tornasse a pessoa equilibrada que é hoje. Contudo, com objetivo é dar luz e trazer olhar, sobretudo, para as mulheres que o criaram e lhe formaram a partir de seus saberes, vivências, histórias e memórias, no qual, de algum modo tiveram a responsabilidade do cuidado para com ele.

Na sétima afroautobiografia da autora, Vilma Patrícia Santana Silva, o leitor(a) pensará nas possibilidades das trajetórias da vida através das encruzilhadas, a tríade de caminhos, nas encruzilhadas das vidas na cidade, demarcando espaços que evidenciam o urbanismo civilizatório excludente, que projeta a cidade como uma maquete inviabilizando o referencial humano democrático, não considerando outras formas de vivências potencializadas pela pluralidade de outros modos de ver, bem viver, sentir e produzir

na cidade e reproduzi-la. E também a importância das águas como caminhos entre a memória e a cidade.

Na oitava afroautobiografia da autora, Alyne Fernanda Reis, o leitor(a) terá a análise dos territórios a partir da sua vivência, a fim de repensar a história do lugar sob a ótica local. No qual, se objetiva a potencialização dos territórios tendo como referência a autobiografia, ao contrário do que repetidamente ocorre nos espaços citadinos, em que dada correlação muitas vezes chega por alguém de fora do conhecimento. Ela narra sua infância e adolescência, chegando aos percursos que a fizeram chegar a estrutura de assistir e visualizar a cidade. Em especial sobre os trilhos, nos caminhos da zona oeste no Rio de Janeiro.

Na nona afroautobiografia da autora, Valdiria Lopes das Virgens, a leitor(a) terá a história de sua família no bairro do Curuzu, Salvador BA. Local onde as pessoas dessa família, como mulheres, homens, crianças, adolescentes e griots, são importantes elementos para a perpetuação da ancestralidade. Esses documentos revelam parte de uma história familiar afrodescendente com indícios de ser oriunda do Oyó, África Ocidental. As pessoas dessa família são descendentes dos iorubás malês que trazem na alma os fazeres e saberes ancestrais dos iorubás. Suas mulheres e homens foram e serão guardiãs dessa história que dignifica o passado e o presente na comunidade do Curuzu.





# CAPÍTULO 1

## “AQUELE MARAVILHOSO BOLO DE COCO”

Eunice Gonçalves Queiroz

Início falando de um alimento para a alma que transcende o fator de alimentar o corpo, algo que te energiza pelo que te acolhe, aconchega e estrutura internamente. E você pode até pensar, mas qual diferencial pode vir a ter um bolo? E eu te direi que é devido a maneira que é feito com o carinho e o amor disponibilizados, energia que extravasa e nos transforma, algo imperceptível num primeiro momento, mas o resultado é colhido ao longo da vida.

Nós negros carregamos tanto a ancestralidade na nossa essência de viver como a energia da continuidade, tudo se reverberando na maneira que fazemos as coisas nos trazendo esta complexidade de sistemas que estão impregnados na nossa alma e transcendem para a nossa matéria.

Na realidade nós negros somos seres que acreditam na energia, nossa cosmovisão está enraizada na nossa continuidade, passada no dia a dia e de maneira oral. Este é um fato inconsciente que muitos praticam sem se dar conta. Nos nossos grupos originários em Mama África no continente Africano, os grupos adultos cuidam





das crianças, realizando diversas atividades em grupos de forma corriqueira. Aqui no Brasil normalmente existem agrupamentos de pessoas, umas vão fazendo pelas outras o que for possível e a estrutura vai se materializando, um fato corriqueiro e contínuo que acaba passando despercebido. Um passado aprendido e reelaborado no presente e que conseqüentemente interfere no futuro.

Este fato aconteceu de maneira recorrente dentre da casa de meus pais, onde, durante mais de décadas, os diversos parentes vindos do Nordeste Brasileiro foram acolhidos. Sempre fica o questionamento de onde uma empregada doméstica e um motorista conseguiram fazer tão estruturante acolhimento? E o que seria deste grupo se não houvesse este acolhimento? Em outras palavras o que seria dos Queiroz (família de Papai) se não houvesse tido o acolhimento de seu co-sanguíneo mais a Florêncio Gonçalves que é o sobrenome de Mamãe de solteira. Pois para se entender é importante ser acolhido, mas também não esquecer de onde o mesmo veio.

Na fala de meus familiares, São Paulo é a terra do dinheiro, da prosperidade e do crescimento. Na realidade a migração de nordestinos para a Região Sudeste entre os anos 1930 e 1970 foi um dos maiores fenômenos da dinâmica demográfica no Brasil. (FERRARI, 2005) Nos fala que o local de destino dos migrantes, ou seja, São Paulo, passava por um grande processo de desenvolvimento econômico-industrial, pois, além de outros fatores, contava com um acúmulo de capital do setor cafeeiro desde o século XIX e com uma política protecionista e de substituição de importações do governo federal que, de certa forma, favoreceu a região (grifo nosso) aos grandes produtores que precisavam de mão de obra.

E soma-se que Mamãe Manuela era exímia cozinheira, tudo nas suas mãos por mais simples que fosse se transformava em algo

delicioso e feito com leveza e beleza, relembro quando ela fazia o seu maravilhoso bolo caseiro de coco ...



*Juntar o material para fazer o bolo – Mamãe sempre dizia que o material utilizado no alimento deveria sempre ser o de primeira qualidade, então para o seu “Maravilhoso bolo de coco” se comprava: farinha, leite, ovos (grandes), açúcar, manteiga, fermento, e o coco ralado ela o comprava na feira livre no dia mais próximo de fazer o bolo.*

Éramos em torno de quatro a sete crianças dentro de uma casa simples, quatro filhos dos meus pais (Manuela e Paulino), duas primas (Sandra e Benedita), e um afilhado (Fernando). Esta foi a média corriqueira de crianças dentro da casa que meus pais conseguiram manter durante minha infância simples, mas digna. Soma-se que a rua que morávamos era sem saída, uma viela, sem calçadas e que só passava um carro por vez, mas, ao se chegar na sua outra extremidade ambos os lados se abriam num ângulo de 90 graus, tendo em torno de 60 a 80 metros de cada lado, chegando no final deste tínhamos os fundos das casas das ruas paralelas a nossa rua com mais uns 25 a 30 metros cada lado e diversas casas do lado contrário, resumindo tínhamos o espaço de uma quadra neste miolo; com uma vizinhança bastante próxima quer seja para o bem ou para o mal... risoss....

Mas vou pensando no preparo do bolo....



*Preparar a assadeira - Então se pegava a assadeira para colocar a massa do bolo que deveria ser untada com margarina e depois se jogava um pouco de farinha, se virava a assadeira e batia para tirar o excesso de farinha,*

*isto possibilitava que o bolo não grudasse ou esfarelasse na assadeira depois de assado.*

## ORIGEM DOS MEUS GENITORES

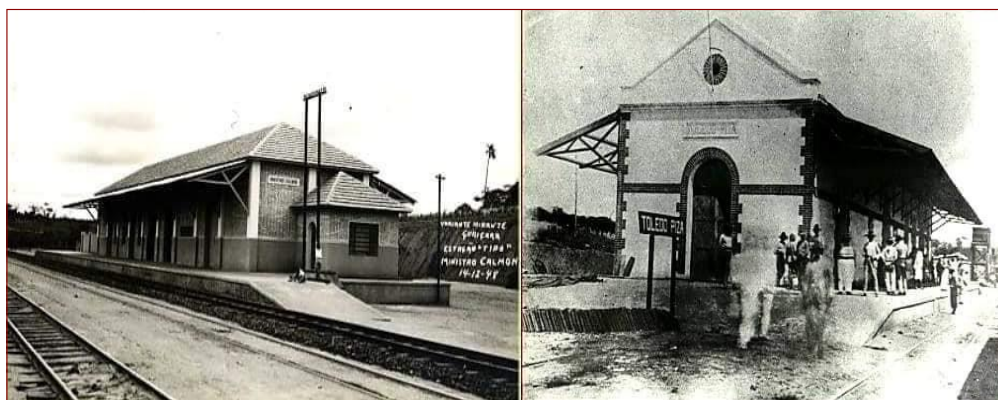
### MAMÃE

Mamãe nasceu no estado de São Paulo na cidade de Guarantã em 1940, seus pais residiam na Fazenda Graviura uma fazenda em especial de café nas imediações de uma região à época cafeeira.

A maior parte do ciclo do café ocorreu na economia brasileira entre os anos de 1800 e 1930. Nota-se a importância do produto pela quantidade de tempo de predominou na economia brasileira, onde, foi fator de prosperidade e desenvolvimento, e deixou estrutura para outras possibilidades de crescimento. Para se escoar a produção e o transporte de passageiros se construiu estradas de ferro, onde ostentaram um crescimento expressivo no convívio social.

Conforme dados do Município da Prefeitura de Guarantã, nesta região destaca-se a estação Toledo Piza fundada em 1909 - Imagem 1, e Estação Ministro Calmon fundada em 1907 - Imagem 2, ambas já extintas que ficavam no Trecho entre as cidades de Pirajuí à Guarantã- São Paulo .

**Imagens 1 e 2 - Estação Toledo Piza e Estação Ministro Calmon**



Fonte: [https://www.facebook.com/memoriasdeguaranta/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/memoriasdeguaranta/?locale=pt_BR)  
Fotos de Luiz Mendez

Mamãe falava comumente da estrada Noroeste que levava a Bauru e Guarantã, inclusive uma vez colocou eEu e a Fátima aqui em São Paulo na Estação da Luz em um trem noturno e meu Padrinho Vando nos pegou na Estação de Bauru na manhã seguinte, entendo que hoje seria impossível esta situação, mas na época ocorreu e tudo deu certo. Não lembro qual idade tinha, mas entendo que não havia escola ainda. Relembrando a fala de Mamãe ao organizar a nossas roupas e coisas para a viagem para Bauru:

- Vocês vão para a casa dos meus tios Vando e Carmem de trem, seus padrinhos Nice. E eu vou um pouco depois. Se comportem heim!

Eu e a Fátima aceitamos balançando a cabeça e também dizendo:

Tá bom, Mamãe!

E Mamãe continuou:

- Mas não aceitem nada de ninguém, não saiam do vagão e sempre fiquem juntas até o trem chegar à Bauru.

E a noite estávamos na Estação da Luz e ela nos colocou dentro do trem e acrescentou:

- Olhem não vão dormir demais e passar da estação, senão vocês vão parar em Mato Grosso que é bem longe, heim.

Mais uma vez consentimos com a cabeça. E ela no desejou boa viagem, nos beijou, abraçou e nos despedimos dizendo tchau... Mas, a fala de não dormirmos demais senão pararíamos no Mato Grosso me ligou algo ..., eu acordei diversas vezes durante aquela noite sobressaltada e com medo de ser de dia e termos passado do local. Como voltar se passássemos do local? Então foi uma longa noite para mim. Eu olhava as pessoas andando de um lado para o outro, pensava se estava perto ou não, bem a única coisa que sabia era que ao ver o dia estaria perto. Mas tudo parecia uma eternidade. Enfim, o dia amanheceu, Padrinho Vando nos pegou de

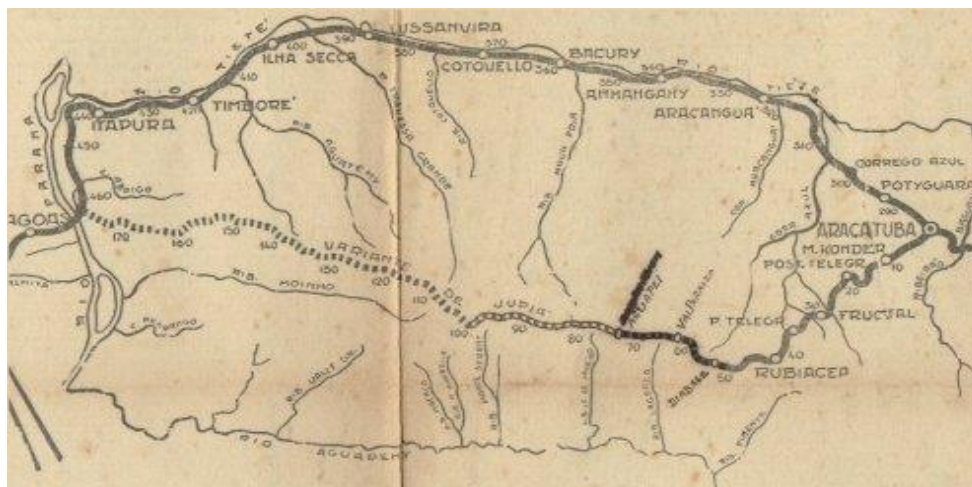


dentro do trem, nos abraçou ternamente. A viagem correu de uma maneira boa e Mamãe nunca ficou sabendo desta minha angústia. Pois, quando ela foi ao nosso encontro em Bauru (tipo uma semana a dez dias depois) a saudade era tanta que só queria abraçá-la. Segundo publicação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - NOB - esta é uma ferrovia transversal brasileira, que liga as cidades de Bauru - São Paulo à Corumbá - Mato Grosso do Sul, chegando na fronteira com a Bolívia. Possui mais de 1.300 km de extensão, atravessando as cidades: Araçatuba, Três Lagoas e Campo Grande. Atualmente é operada pela Rumo Logística. Teve seu início em julho de 1905, em Bauru, com a construção da Linha Tronco pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Com seu primeiro trecho em setembro de 1906 até Lauro Müller com 92 quilômetros, chegando no atual município de Guarantã - São Paulo. A construção foi prosseguindo gradativamente até a Estação de Araçatuba - São Paulo, então dali a linha prosseguiu a oeste, até atingir Itapura - São Paulo e posteriormente chegando até Corumbá - Mato Grosso do Sul. Duas equipes trabalharam simultaneamente nas duas extremidades, e em 1914 a linha estava completa desde o Rio Paraguai, ao sul de Corumbá - MS até Bauru - SP.

Na imagem a seguir, destaque para o Mapa 1 - provavelmente da década de 1920, mostrando a linha-tronco da época (posterior ramal de Lussanvira) e a construção da Variante de Jupiá, que se tornou o atual tronco de Bauru-Itapura. Conforme publicação sobre a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - quanto ao trecho Bauru-Itapura, Araçatuba foi inaugurada em dezembro de 1908 e dali a linha tomou rumo à margem esquerda do Rio Tietê, prosseguindo a oeste rente ao leito do mesmo até finalmente atingir Itapura no início de 1910.



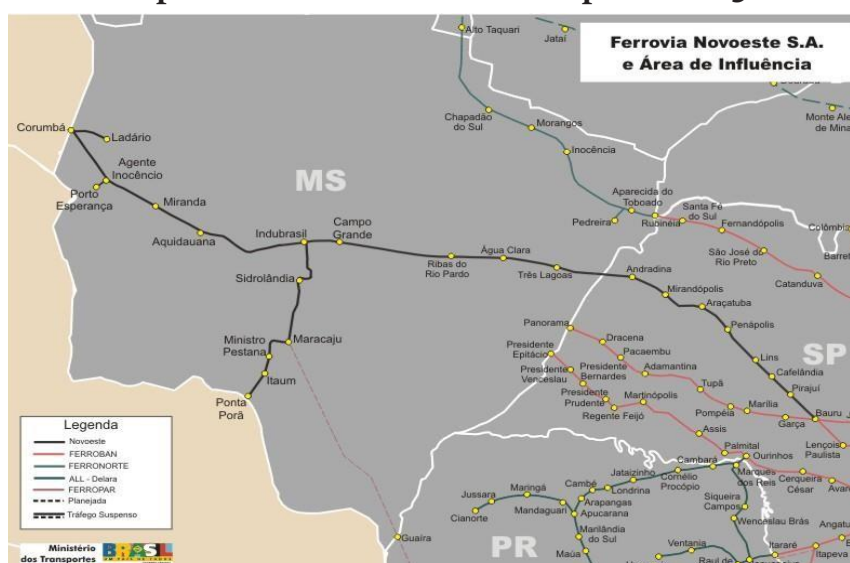
### Mapa 1 – Ferrovia Noroeste mapa provavelmente de 1920



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/86/NOB-Lussanvira.jpg/250px-NOB-Lussanvira.jpg>

A Linha Tronco da Noroeste – Mapa 2, é composta por duas grandes pontes ferroviárias. A primeira delas sobre o Rio Paraná, foi inaugurada em 1926 como Ponte Francisco de Sá, sendo que até a inauguração a travessia das composições era feita por balsa. Já a segunda delas sobre o Rio Paraguai, foi inaugurada em 1947 com o nome de Ponte Eurico Gaspar Dutra (inicialmente Ponte Barão do Rio Branco), após uma década de construção.

### Mapa 2 – Ferrovia Noroeste mapa de 2009.



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/o/o6/Mapa-Novoeste.jpg/300px-Mapa-Novoeste.jpg>



A origem brasileira de Mamãe Manuela é vinda desta região que faz parte do Brasil Republicano, mas é um espelho do Brasil colônia, em especial do momento cafeeiro e do grande desenvolvimento que isto possibilitou. Toda a riqueza de uma época construída pelas mãos de negros em especial da cultura Bantu, e que mesmo na clandestineidade soube manter sua cultura e passar seu conhecimento. Viagem a cidade natal de Mamãe, Guarantã – São Paulo Quando eu tinha uns 8 anos de idade, a nossa família foi a sua cidade natal de Mamãe. Relembro que a viagem foi cansativa, era chato ficar sentada dentro do carro; e quando finalmente chegamos foi uma surpresa, sair da capital e chegar a uma cidade tão pequena e simples que só tinha uma rua principal de paralelepípedo. Mamãe nos explicava que ali era o centro da cidade e eu perguntava: Só com uma rua pode Mãe? E ela tentava explicar que os locais vão crescendo... Bem, ficamos pouco tempo naquele sítio e nos informaram que iríamos aonde Mamãe vivia quando morava com seus pais. Voltamos para dentro do fusquinha verde escuro novamente e em pouco tempo entramos na fazenda. Fiquei maravilhada pois haviam enormes bambuzais de ambos os lados da estrada de entrada da Fazenda Graviura que eram tão enormes que se fechavam na parte de cima, formando um arco que se via no infinito; Formavam um túnel que nos engolia, então, entramos de carro naquela rua de bambuzal adentro, mais e mais e ele parecia que não acabava. Falei para Mamãe:

- Não acaba Mãe, ele é muito grande olhe só nunca vai acabar.

Mamãe ria... da minha fala e para me acolher, respondeu:

- Calma, já já ele acaba é assim mesmo Nice!

Contei até dez, contei até vinte e ele não acabava. Hoje penso será que contei correto? Até hoje lembro do meu encantamento daquele arco de bambus que realmente era lindo e frondoso. Na minha visão de criança ele fechou o caminho atrás e na frente de nós, ele tinha nos engolido e ia se abrindo conforme Papai dirigia o fusquinha, era como se o bicho bambuzal... tivesse nos engolido.

Quando ele acabou eu pude ver as plantas e construções da fazenda.

Fomos para a casa de uma conhecida de mamãe, a qual minha madrinha de crisma Rita Ferreira recentemente me disse que era a madrinha da Mamãe. Era uma casa simples de tijolos com uma grande varanda e muito próximo estavam as plantações. Quis andar nos arredores, mas Mamãe não deixou e me avisou que era muito comum ter cobras ali. Nossa, fiquei com medo e não me aventurei cafezal ou plantações adentro. Mas me lembro que da varanda conseguia subir no murinho e ver muito longe as plantações e achava tudo aquilo lindo e diferente.

## PAPAI

Já Papai Paulino nasceu no estado da Bahia na cidade de São Felipe em 1936, local que faz parte do “Recôncavo Baiano”. Em alguma conversa corriqueira quando eu era adolescente, ele me contou que eles eram ricos e tinham muitas terras. Sobre serem ricos no primeiro momento fiquei perplexa com aquela fala, afinal somos uma família de pessoas trabalhadoras, mas inseridos no grupo de pessoas pobres. Mas ao conversar com um amigo, ele me elucidou este fato, pois, temos que lembrar que estamos lembrando uma época de grande migração da região nordeste para o sudeste e as pessoas faziam de diversas maneiras esta travessia. Leme (2022) “Onde uma modalidade comum foi o pau de arara que é uma adaptação de caminhões para o transporte de pessoas, sua caçamba é modificada de maneira a utilizar as laterais para ter uma espécie de banco e, em alguns casos, ganhava também uma cobertura de pano ou lona para mitigar o calor e a luz do sol sobre os transportados. Atualmente em regiões de interior do país, o pau de arara ainda é utilizado para o transporte de pessoas quando o transporte público não atende à população, especialmente na





zona rural...”. Outros grupos de pessoas vinham a pé de cidade em cidade até onde conseguiam chegar a algum lugar ou pararem e fincar raiz; outros traziam grupos de pessoas para desenvolver atividades em empreitadas específicas de trabalho, fazendo inclusive travessias a pé e recebendo por estas empreitadas, outros vinham de trem como minha madrinha Dina, e os com melhor possibilidade financeira como Papai vieram de ônibus, então entendendo, vir de ônibus era um diferencial de qualidade de viagem e de vida que eles conseguiram se dar, por isso se considerando ricos.

## **CIDADE DE SÃO FELIPE**

Ao se pensar os territórios que pertencemos através da ancestralidade, fui entender o local de nascimento e vivência de papai que é a cidade de São Felipe (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-felipe/historico>) fundada em 1678, por Bartolomeu Gato, fazendeiro em Maragogipe, partindo desta localidade, ocuparam um aprazível sítio nas proximidades do rio Copioba, junto das margens do rio Pequi, edificando a primeira moradia e fazendo plantações. Em virtude da fertilidade do solo, os irmãos Felipe e Tiago Dias Gato aliciaram a vinda de outros moradores. Dentre em pouco, vendo crescer a povoação que havia fundado, cuidaram de erigir um cruzeiro e edificar uma capela, em 1681, sob a invocação dos apóstolos São Felipe e São Tiago, onde primeiramente o pequeno povoado foi conhecido pela designação de São Felipe das Roças, tal a quantidade de lavouras de mandioca, fumo, cana-deaçúcar e cereais existentes. Em um segundo momento, talvez por terem verificado que as cabeceiras do rio Copioba não estavam muito longe do povoado, passaram a chamá-lo de São Felipe das Cabeceiras, a seguir imagem da cidade em 1957 com o nome eu atualmente o conhecemos.

**Imagem 4 – Cidade de São Felipe em 1957**



Fonte: <https://servicodados.ibge.gov.br/api/v1/resize/image?maxwidth=600&maxheight=600&caminho=biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ba32686.jpg>

Nos arredores temos a região de Cruz das Almas - Bahia. Conforme publicação do Governo da Bahia, diz à lenda que o nome Cruz das Almas faz referência aos antigos tropeiros que passavam pela região que ao chegarem à antiga vila de Nossa Senhora do Bonsucesso, eles encontravam no centro da vila uma cruz em frente à Igreja Matriz onde paravam e rezavam para as almas dos seus mortos. O município foi criado em julho de 1897, desmembrando-se de São Félix, que teve período da sua história registrado em 1500. Nas atuais terras sanfelixtas, naquela época eram os indígenas da Nação Tupinambá que habitavam às margens férteis do Rio Paraguaçu. Conforme publicação da Prefeitura Municipal de São Félix, em 1510, chegaram às terras próximas a Maragojipe e subiram mais o rio chegando ao local onde foi a posteriori usina e engenho Vitória, aportando entre 1510 e 1511 às terras onde estão hoje as cidades de Cachoeira e São Félix. Caminhar atualmente pelas ruas de São Félix é uma oportunidade para termos contato direto com o passado, com a época em que, à beira do rio Paraguaçu, saveiros transportavam os produtos do campo para a capital,

movimentando o último porto que dava acesso à região das minas e do gado, no interior.

**Imagem 3 - Cachoeira e São Félix ligadas pelo Rio Paraguaçu com vista para a Barragem e Lago de Pedra do Cavalo, com todas as comportas abertas.**



Fonte: [http://2.bp.blogspot.com/-2j1ZF-FMSM8/VqUOpuKws8I/AAAAAAAAhyQ/\\_cBndLb7NL8/s400/O%2BParagua%25C3%25A7u%2B-com%2Bmuito%2B%25C3%25A1gua%2Brolando.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-2j1ZF-FMSM8/VqUOpuKws8I/AAAAAAAAhyQ/_cBndLb7NL8/s400/O%2BParagua%25C3%25A7u%2B-com%2Bmuito%2B%25C3%25A1gua%2Brolando.jpg)

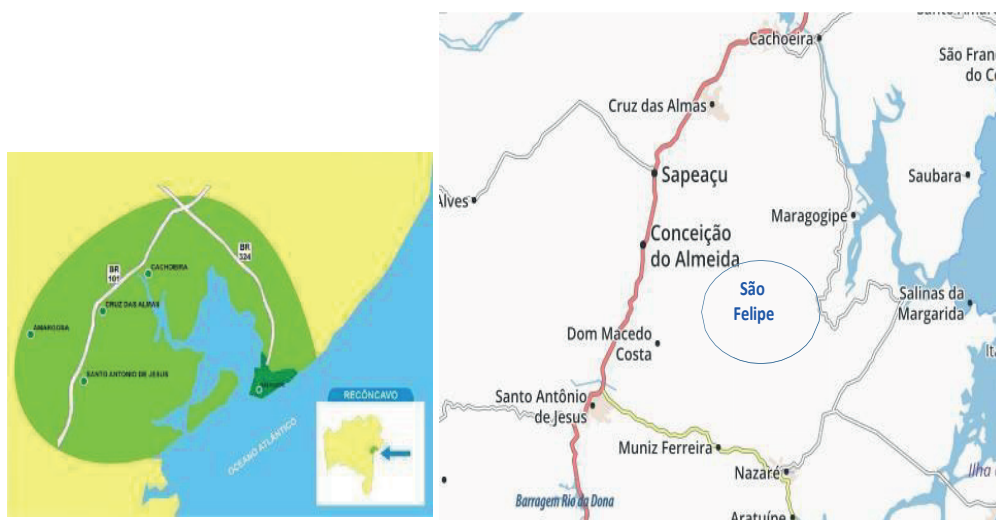
Ao realizar mestrado na UFBA – Universidade Federal da Bahia no grupo de Arquitetura e Urbanismo na matéria: “Bairros Negros” ministrada pelos professores Henrique Cunha Junior e Fábio Macedo Velame é que tomei ciência que houve guerra armada pela nossa independência. Não se fala nas escolas regulares em luta pela independência do Brasil, a impressão que nos passam na escola é que D. Pedro às margens do rio Ipiranga gritou “Independência ou Morte” e a nossa emancipação de Portugal foi concretizada.

Mas ao se pesquisar a histórias dos locais baianos se constata que, em 1822 entre outros grupos, São Felix e Cachoeira lutaram pela Independência da Bahia. No mês de junho, São Félix entrou em luta pela independência do Brasil, onde, conforme descrito no site da Prefeitura Municipal de São Félix, partiram as canoas cheias

de sanfelixtas denodados, atirando contra os déspotas lusitanos. Muitas embarcações foram estraçalhadas pela fuzilaria incessante da escuna portuguesa, tendo jazido muitos no Rio Paraguaçu. Acoçados pelo fogo impetuoso, os portugueses enfraquecidos depois de decorridos quatro dias de lutas sangrentas, renderam-se confirmando a vitória patriótica! A seguir no Mapa 3, demonstrando a espacialidade geográfica entre São Felipe, Cruz da Almas, Cachoeira, São Felix e Nazaré das Farinhas. Um conjunto de cidades que entre outras faz parte do que se denomina “Recôncavo Baiano”. E no Mapa 4 – o estado baiano com destaque para o recôncavo e sua capital – Salvador.

**Imagem 3 – Mapa de São Felipe entre Cruz da Almas, Conceição de Almeida, maragogipe e Nazaré das Farinhas (direita).**

**Imagem 4 – Mapa do Recôncavo baiano e sua capital – Salvador (lado esquerdo – inferior)**



Fonte: [https://map.viamichelin.com/map/carte?map=viamichelin&z=10&lat=-12.66964&lon=-39.10677&width=550&height=382&format=png&version=latest&layer=background&debug\\_pattern=\\*](https://map.viamichelin.com/map/carte?map=viamichelin&z=10&lat=-12.66964&lon=-39.10677&width=550&height=382&format=png&version=latest&layer=background&debug_pattern=*)

Fonte: <https://www.ufrb.edu.br/portal/images/stories/noticias/mapa-ufrb.jpg>

Neste conjunto temos a cidade de Nazaré, comumente chamada de Nazaré das Farinhas, pois economicamente, a região se especializou na produção de copioba, uma farinha de mandioca muito fina e artesanal caracterizada pela crocância e coloração amarelada





---

e que deu origem ao nome “Nazaré das Farinhas”. Além disso, a cidade produz azeite de dendê, cerâmica e cachaça de alambique, amendoim e fumo. Mas nos seus primórdios era uma região de destaque face a sua produção que eram distribuídos para diversas cidades brasileiras.

Outro fato que merece destaque entre os hábitos peculiares africanos reelaborados no Brasil, temos as feiras livres que em muitos locais africanos é um fator comum na comunidade africana. As famílias plantam e vendem seus produtos nos mercados, sendo fator de subsistência ao grupo. Nos seus primórdios as feiras e comércios africanos estavam próximas da casa do rei; também foi local onde se organizavam as festas ou guerras. Sendo local de convívio e contato entre os grupos inclusive muitas negociações saíram deste local. Então, sua importância é estruturada na maneira de ser do grupo e na partição das possibilidades para muitos. No Brasil colônia, tivemos o escravo de ganho que vendiam os produtos que produziam e parte do lucro era do senhor de escravos ou proprietário. (SOARES, 1996) As escravas ganhadeiras, como se chamavam, eram obrigadas a dar a seus senhores uma quantidade previamente estabelecida, a depender de um contrato informal acertado entre as partes. O que excedesse o valor combinado era apropriado pela escrava, que podia acumular para a compra de sua liberdade ou gastar no seu dia-a-dia. As relações escravistas nas ruas de Salvador do século XIX se caracterizavam pelo sistema de ganho. No ganho de rua, principalmente através do pequeno comércio, a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano. Existiam mulheres escravas colocadas no ganho por seus proprietários, mulheres negras livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos aquém da legislação vigente.

Este comércio se reelaborou e com o passar do tempo as feiras se tornaram populares para compra e venda de produtos, que também eram produzidas por pequenos produtores locais livres, a seguir na Imagem 5– foto de uma feira livre na cidade de Cruz das Almas em 1983.

**Imagem 5- Feira livre em Cruz das Almas em 1983.**



Fonte: <https://climaonline.com.br/public/fotos/ba/cruz-das-almas/foto-antiga-de-cruz-das-almas-31.webp>

A ferroviária também foi um fator importante para o desenvolvimento do nordeste brasileiro, embora por diversos fatores foi desativada, mas, em dado momento teve o seu momento de apogeu. Conforme publicação da Estações Ferroviárias do Brasil, formada pela união das linhas de diversas ferrovias a linha Sul, Mapele-Monte Azul, originárias do século 19: a Estrada de Ferro Central da Bahia, a Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco, a Estrada de Ferro de Santo Amaro e a Estrada de Ferro Centro-Oeste da Bahia, que, quando finalmente unidas sob o nome de VFFLB - Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro entre 1935 e 1939 tiveram suas linhas unidas e prolongadas no ano de 1951, ligando Salvador e Mapele à localidade mineira de Monte Azul, ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil. No qual trens de passageiros passaram pelas suas diversas ramificações, de suas origens fragmentadas até a linha completa, e desaparecendo em 1979, quando somente faziam o trecho Laçu-Monte Azul, no sul, e até o início dos anos 1980 entre Mapele e Candeias. Hoje a linha é utilizada apenas por trens cargueiros, que sofrem para passar pelo gargalo do rio Paraguassu.

A Estação Cruz das Almas teve inicialmente seu nome de “Pombal” foi aberta pela Estrada de Ferro Central da Bahia na sua linha principal, em 1881. No seu projeto inicial, que ficava a 6 km do centro do município, deveria sair uma variante que uniria a linha à estação de Santa Teresinha, na mesma linha, atravessando o rio Paraguassu mais para o sul, eliminando o gargalo da ponte entre Cachoeira e São Félix. Esse era o projeto dos anos 1960, que nunca foi construído. Também nunca foi implementado o trecho Cruz das Almas-Santo Antônio de Jesus, esta última a estação da Estrada de Ferro Nazaré e que uniria as duas ferrovias. A partir de 1970, a lista de estações no Guia Levi já não mostra a estação de Cruz das Almas, mas sim uma estação chamada de Eng. Eurico Macedo – Imagem 5, o prédio tem arquitetura dos anos 1930 e o fato de ter sido construída uma nova estação mais próxima à cidade também com o nome da cidade (na linha de Santo Antônio de Jesus, aberta no final dos anos 1950 e erradicada em 1964) levam à quase certeza que a estação mais afastada tenha trocado o nome.

**Imagem 5 - Estação Ferroviária Eurico Macedo**



Fonte: [http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba\\_monte%20azul/fotos/cruz-dasalmas9801.jpg](http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/fotos/cruz-dasalmas9801.jpg)

Agora Papai Paulino é vindo desta região que faz parte dos primórdios no Brasil colônia, de um povo trabalhador e guerreiro que sempre lutou e luta por um espaço. Atualmente o maior estado

negro fora da África e com grande continuidade e ancestralidade da sua cultura.

Continuando o maravilhoso bolo de Mamãe ...



*Juntar os ingredientes e bater com força e determinação a massa. Mamãe sempre repetia que deveria ser feito com força e rapidez para que a massa ficasse boa.*

*Então primeiro ela juntava os ingredientes com força e empenho, transformando-os em uma massa uniforme e conforme colocava os ovos separava a clara e a reservava; depois em outra vasilha fazia a clara em neve transformando um algo firme; colocava o pó royal na clara em neve mexendo rapidamente e misturava tudo na massa, batia poucas vezes com vigor e direcionava para a assadeira. Durante boa parte da nossa trajetória ter uma batedeira de bolo não cabia no orçamento, mas, por diversas vezes vi Mamãe fazê-lo com empenho e determinação e carinho.*

## **VIAJANDO A TERRA NATAL DE PAPAÍ – SÃO FELIPE**

Aos 21 anos fui passear em Salvador Bahia e depois para a cidade natal de Papai que é São Felipe. Relembro que naquela época fui sozinha até Salvador e chegando lá me encontrei com Mari, a irmã de um namorado meu à época, pois eles tinham familiares na cidade de Salvador – Bahia que nos receberam. Os familiares Araújo eram muito gentis e acolhedores, era o mês de fevereiro e o carnaval fervilhava na cidade. E a noite fomos participar do carnaval, então, antes de sair de casa o primo Araújo falou para termos uma estratégia, caso contrário iríamos nos perder, ele disse:





- Aqui o carnaval é muito intenso, o melhor quando chegarmos na Praça Castro Alves é darmos as mãos e não soltarmos em hipótese alguma, pode ser?

Todos concordaram, até por que parecia uma coisa fácil de se fazer. E primo Araújo completou:

- Uma segunda coisa é que todos têm que ter o endereço daqui, assim, caso alguém mesmo assim se perca, vai saber como retornar.

Então a maioria fez um papel com o endereço, telefone e ônibus que passasse nas imediações da casa dos Araújo, lembrem-se que estamos falando do ano de 1987. Após a reorganização do grupo de adolescentes, lá fomos nós, um grupo grande de jovens para a praça Castro Alves. Bem era a minha primeira vez no carnaval soteropolitano e eu estava muito animada. E ao chegar lá fiquei muito surpresa com tantas pessoas. Era tanta gente que colocamos em prática a nossa estratégia de darmos as mãos e não soltarmos de maneira alguma, bem, embora tenhamos combinado que não soltaríamos a mão um do outro (formando um cordão) o grupo se soltou, se perdeu um dos outros, pois o aperto era tanto que não conseguimos manter as mãos dadas. Voltamos para casa fragmentados em três grupos distintos. E eu fui uma das pessoas que não conseguiu manter as mãos unidas ao colega.

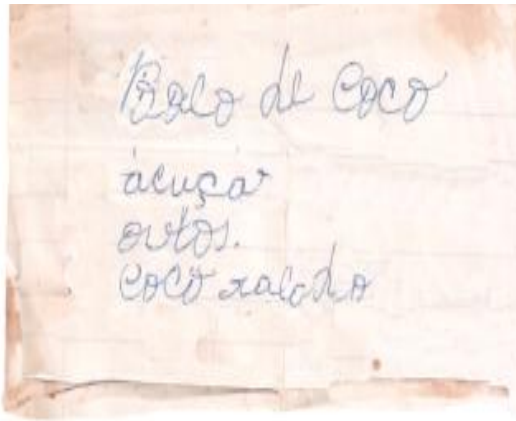
Sobre a Praça Castro Alves vou fazer um aparte, pois, uns dez anos depois deste ocorrido retornei para Bahia para apresentar um trabalho. E saudosa resolvi rever esta praça. Bem ao chegar no local fiquei abismada, relembro e repensando e não entendia como cabia tanta gente neste local que é pequeno. É um fator que não dá para entender, localizada na parte central do antigo centro urbano era o ponto de encontro tanto dos foliões e com o passar do tempo passou a ser dos trios elétricos ali também.

Bem e voltando ao meu passeio a cidade de papai, alguns dias depois fui para o interior da Bahia em São Felipe na cidade natal de papai. Lembro que fui em muitas casas, cumprimentava um, conversava algo com outro, mas, acabei pernoitando na casa do Tio Joãozinho que é o irmão mais velho do papai. A casa era grande com uma bela varanda que se estendia ao redor de boa parte da casa, e no terreno haviam uma enormidade de frutas de diversas qualidades. No dia seguinte eles me disseram que poderia comer a fruta que quisesse, então sentei e comi diversas frutas fresquinhas tiradas do pé, comi tanto que na hora do almoço não pude almoçar. Tia Maria a esposa de Tio Joãozinho ficou chateada, pois havia feito um almoço especial para mim. Pedi diversas desculpas, pois me empolguei com as frutas que tiradas do pé tem um sabor mais forte e soma-se a alta temperatura baiana que limita grandes refeições. Então era a primeira vez que estava naquela casa, e fui muito acariciada e acolhida e o almoço era uma maneira disto ser demonstrado. Mas tia Maria tinha toda razão de ter ficado chateada, pois ela foi uma anfitriã a altura. E eu paulistana de nascimento e vivência me empolguei nas plantações, coisa inédita na minha vida.

Socialmente existe uma distorção sobre o que realmente é bom para o ser humano. Ter um local na natureza, plantações sem agrotóxico é uma referência de qualidade de vida. Saibam que algumas pessoas têm coisas tão boas, mas, a visão do que é desenvolvimento, do que é crescimento fica distorcido, e o que é importante realmente muitas vezes fica ofuscado e camuflado em coisas que oferecem pouco e dão somente aparência, não possibilitando qualidade de vida. Destaco a qualidade de vida de meus parentes eu de simples são um requinte do bem viver.

Mas Mamãe está fazendo o bolo ...





*Colocar a massa na assadeira - Mamãe colocava uma grossa massa na assadeira untada e dava umas palminhas na lateral para que ela ficasse plana. Eu dizia que ela sempre era chacoalhada para lembrar que deveria crescer direito... rrsrsrsrs imaginação de criança que adora bolo.*

## ÓRFÃOS EM SÃO PAULO

Mamãe Manuela ficou órfã cedo, sendo que sua Mãe Alzira veio a falecer quando ela tinha 11 anos de idade; em uma conversa nossa ela me confidenciou que a única coisa que lembrava da Mãe é que ela era muito doente que gerou muitos filhos, mas a única que vingou foi ela. Já o seu Pai José ela lembrava que ele era muito bravo que veio a falecer quando ela tinha 17 anos de idade, e como tinham muitos cafezais nos arredores, dizem que foi devido a mordida de cobra cascavel ou cruzeiro que vovô faleceu. Para resolver a situação os donos da fazenda resolveram levar Mamãe Manuela para São Paulo - Capital para trabalhar na casa da única filha mulher deles que era casada e não tinha filhos.

Papai Paulino ficou órfão de Mãe pequeno e minha Avó se chamava Maria Militana de Queiroz), onde meu avô João Queiroz se casou novamente. Mas segundo palavras de Papai a madrasta Izabel que tinha o apelido de Mãe Beca era muito boa para ele e aos irmãos. Viajou para São Paulo de ônibus por diversos motivos, quer seja a procura de crescer na vida, pois São Paulo era a terra da oportunidade; Também por divergências na metragem de terras entre ele e o cunhado Lourenço Florentino da Silva o que causou problemas de entendimento entre a família, e por ter engravidado

uma moça chamado Ambrozina. Segundo falas familiares ela era mais velha, já tinha dois filhos e ele não queria casar. Afinal naquela época um homem podia ter relacionamentos e depois compor família. Já a mulher tem que se guardar para o casamento.

Papai Paulino e Mamãe Manuela se conheceram na nova geografia de São Paulo capital. Onde o futuro casal trabalhavam próximos. Mamãe como empregada doméstica em um apartamento na esquina entre a Avenida Paulista e a Rua da Consolação; Papai em um depósito de materiais de construção chamado Almeida e Almeida no início da Rua. da Consolação, região central da capital. Mas o destino é senhor de si e o casal se encontrou nestes arredores, num primeiro momento sem grandes expectativas, segundo fala do papai:

- Nos encontramos ali na rua da Consolação, era um local com lojas. Na primeira vez que conversamos foi sem muito interesse ou esperança. Ela me contou Nicinha, que tinha um pretendente na cidade natal dela.

Papai deu uma risadinha e em tom de deboche, estalou o céu da boca e complementou:

- Pretendente que nada! Pretendente que nunca apareceu! Parou, pensou um pouco e complementou:

- Mas, da segunda vez que nos encontramos, também sem querer, ela me abriu um lindo sorriso que me ficou na mente, me preencheu.

Segundo relembra minha madrinha Rita Ferreira, no primeiro momento ela e Mamãe foram conhecendo os familiares e amigos de Papai. E como não tinham parentes na capital preferiram ir para a casa dos futuros parentes. Pois, como elas trabalhavam em casa de família se quisessem sair de final de semana só era possível aos sábados depois de servir o jantar e deixar a pia impecável de limpa. E se ficassem na casa dos patrões de final de semana tinham que trabalhar inclusive aos domingos que era o único descanso pleno.



Nesta atmosfera de companheirismo o novo casal foi se conhecendo, começaram a namorar e casaram em torno de um ano depois. Ele um belo negro, sempre falante e simpático em especial aos estranhos. Sempre excessivo aos bons costumes e a moral em especial aos outros. Ela belíssima uma rainha negra com um enorme coque na cabeça, olhar profundo e fala nos momentos certos e com um acolhimento único.

Mas, viver em São Paulo era muito diferente dos sonhos. Após se casarem o casal foi em viagem até a cidade de São Felipe para Mamãe conhecer e ser apresentada a família. Inclusive o casal quis trazer para criar os filhos de Papai que eram um casal de gêmeos Jorge e Jorgina nascidos em 1958 (os filhos que papai teve antes de se casar com Mamãe, mas, a mãe genética não aceitou. Resultando estes dois filhos de Papai foram criadas na Bahia tendo como arrimo uma mulher; na realidade eram quatro crianças pois já haviam dois filhos anteriores.

O Jorge um dos gêmeos me narrou que papai veio para São Paulo quando a Mãe dele estava com seis meses de gravidez; e só retornou para a Bahia cinco anos depois e casado. Então ao conhecer o filho na casa de farinha do vovô João Queiroz, ele fez um ato eu encheu as memórias do filho durante longo tempo. Pegando cinco pegou cinco contos de réis e amarrou na camisa dele com uma palha de banana, dizendo:

- Entregue para a sua Mãe e diga para comprar alguma coisa para vocês dois.

O Jorge era pequeno mas entendeu que aquilo era importante, e mesmo o dinheiro estando amarrado o segurou com a mão fechada, e saiu correndo para casa e ao chegar lá foi logo dizendo:

- Mamãe, mamãe olhe o que meu papai me deu e abriu o pacotinho na blusa o entregando para a Mãe. Ela olhou e perguntou, o que ele te disse...

- Diga para comprar alguma coisa para vocês.

Ela sorriu e respondeu:

- Graças a Deus alguma coisa para ajudar.

Com esse dinheiro ela fez uma multiplicação digna de um bom economista, onde, pagou uma conta de alimentos na venda do seu Ari, como sobrou dinheiro comprou um filhotinho de porco e falou que este porco seria dos filhos Jorgina e Jorge. Com a sobra desta segunda paga comprou alguma roupinha agora para os quatro filhos. Mas o porco cresceu e no tempo do abate ela o vendeu e como as dívidas e as dificuldades eram muitas desta vez não foi possível dar algo específico para os gêmeos. Depois de um bom tempo para compensar ela comprou uma banda de uma ovelha que quando cresceu e procriou eles tiveram direito a quinze ovelhinhas; Como a situação tinha melhorado um pouco, com o dinheiro destas 15 ovelhas vendidas comprou uma nova novilha (vaquinha), passado mais um tempo, eles venderam a vaca com as crias e supriram necessidades diversas da casa, pessoais tanto pelas instabilidades da vida como também por não terem terras para criar os animais que cresciam. Todo o enredo acima se passou entre os cinco aos dezessete anos de idade do Jorge.

Mas Papai e Mamãe retornaram para São Paulo e geraram seus próprios filhos: Aparecida de Fátima (também chamada de Fátima) nascida em 1965, Eunice (também chamada de Nice ou Nicinha) nascida em 1966, Paulo Henrique nascido em 1970 e José nascido em 1976; e Papai demorou muitos anos para retornar a sua terra natal, afinal a realidade da vida é muito diferentes das expectativas e sonhos.

Vale ressaltar que Papai Paulino sempre foi esforçado e tinha visão própria para crescer profissionalmente. A partir de então ele de ajudante de motorista de caminhão, tirou carta de motorista, depois mudou de trabalho para uma casa de família (D. Zenaide e Dr. Iguatemi) onde foi caseiro, fazia as pequenas manutenções da casa, limpava a piscina, cuidava das plantas e também dirigia para a família. Relembro que nas férias dos patrões, papai dormia





na casa para que não houvesse roubo na mesma. Em uma destas vezes nos disse:

- Vamos passar uns dias em uma casa muito bonita que tem piscina. Vocês vão gostar!

Eu e a Fátima ficamos muito animadas. Chegando lá a casa era enorme, entramos pela porta lateral a direita que era toda branca, com uma mesa e bancos em alvenaria. Atualmente entendo que aquele era a entrada pela cozinha, com o local de refeição dos empregados e onde se colocavam as compras para organização; indo em frente via-se as pias também enormes e bonitas, pense num local onde tudo é claro, organizado e limpo. Olhando a direita se via o fogão e as janelas e a esquerda havia uma porta de madeira e em sua lateral um recuo com uma bela mesa de madeira e cadeiras, onde entendo que é o local onde os patrões faziam refeições rápidas. Mas, ao se transpor a porta de madeira se via a frente uma escadaria em madeira, e a esquerda um amplo vão com paredes de vidro no seu ponto mais extremo, sendo a entrada dos moradores e das visitas, e na sua lateral duas portas que compunham o escritório e um banheiro social lindo com grande vidros e louças na cor verde escuro. Quando se olhava para a direita uma enorme sala de visitas com seus imponentes sofás, um enorme tapete complementava um belíssimo piso de madeira em tábuas corridas; tendo no seu ponto mais longínquo outra parede de vidro que eram portas de correr, que possibilitavam passagem para o jardim dos fundos e a pisciana; e ao canto uma enorme mesa de jantar de madeira e uma tapeçaria na parede. Tudo enorme belo e maravilhoso. Na parte de cima não fomos autorizadas a subir, então eu muito tagarela falei:

- Nossa nós vamos dormir nesta casa, onde é o quarto que vamos dormir?

Aí fomos andando pela lateral da piscina e chegamos na parte dos fundos e descobrimos que nos fundos tinha um quarto muito

amplo com camas, e que não iríamos dormir naquela enorme e bela casa, e sim no quartinho dos fundos da casa. E depois de darmos uma volta em toda a casa com gramas e plantas em todo o seu arredor pedimos para ir na piscina. E obtivemos como resposta de papai:

- Olhe, ela não está devidamente limpa, se vocês entrarem vão ficar doentes, tomarão injeção. Então não podem entrar!

E tanto eu como a Fátima falamos:

- Mas, não podemos entrar nela? Só um pouquinho...

E ele continuou, mas vocês não têm maiô, precisam ter um para nadar.

Resultando que deste passeio relembro que pudemos sentar na beirada da piscina e molharmos nossos pezinhos. Eu ficava sentadinha olhando para a água. Em determinado momento, Papai apareceu com aquele funil que limpa a água e começou a passar na piscina.

Então perguntei:

- Quando o senhor acabar a água ficará limpa?

E ele me respondeu já inquieto:

Não Nicinha! Não basta passar este coador grande na piscina, pois, também precisa jogar esta água fora e colocar outra nova e limpa e colocar remédio.

Bem, só de não poder entrar na piscina foi bastante frustrante, mas, na realidade não podíamos fazer nada, afinal a casa não era nossa e papai estava ali para cuidar da mesma. Os proprietários até aceitaram que papai nos levasse, mas sabiam que o mesmo era zeloso com as coisas e que assim seu patrimônio estaria seguro. Então fomos, mas não podíamos ser crianças. Mamãe ficava nervosa a cada passo que dávamos e nos ralhava o tempo todo, nada podia sair do lugar, não podíamos correr, nada podia quebrar, ..., nada, nada...





Lembro que em determinado momento corri por aquela sala adentro que era de madeiras longas o que gerava sons e ganhei uma grande bronca, Mamãe dizia:

Já disse para não correr, Nice, nada pode sair do lugar e nem ser quebrado!

Eu contra argumentei:

- Vou achar Papai no jardim, mas vai demorar se não correr, tudo aqui é muito grande Mamãe.

Ela me olhava, pensava, pois na verdade era um belo espaço e a criança tem vontade de correr de viver. Hoje entendo que ela não tinha como me explicar que não estávamos ali para usufruir e sim para cuidar. Afinal a nossa presença era para demonstrar que a casa não estava vazia. Era para afugentar possível ladrões.

Vamos dar uma olhadinha no maravilhoso bolo...

*bacia? Eu rapidamente eu respondia, euuuu.*

*E com os dedinhos mesmo limpava a bacia; Sendo a bacia na maioria das vezes era minha, adoro bolo e ficar com a raspagem da bacia era uma delícia.*

A noite lembro que jantamos na mesa principal, Mamãe forrou tudo para que não houvesse imprevistos, tenho a lembrança que foi um jantar muito bom, foi algo que gostamos muito, só consigo lembrar que estávamos muito felizes nesta hora.

Fui mais de uma vez nesta residência e lembro sempre de ser bem tratada. Mas entrávamos sempre pela cozinha. Papai tem uma irmã, Tia Joanita que também trabalhou lá e a mesma tem na sala da casa dela, atualmente, uma foto onde estão: Papai que está do lado esquerdo, Tia Joanita que está a direita e a filha mais velha do casal Iguatemi a Heloísa no meio da foto. Também, quando Papai soube que a D. Zenaide havia falecido ligou para a casa dos antigos patrões e falava com o Sidney (filho do meio do casal Iguatemi) e chorava copiosamente devido ao falecimento da matriarca daquela família.



*Raspar a bacia – minha primeira felicidade era raspar a bacia onde a massa foi misturada e batida, então ficava sentadinha olhando mamãe fazer o bolo, e ela sempre perguntava: - Quem quer raspar a bacia? Eu rapidamente eu respondia, euuuu.*

*E com os dedinhos mesmo limpava a bacia; Sendo a bacia na maioria das vezes eraminha, adoro bolo e ficar com a raspagem da bacia era uma delícia.*

Ao escrever este recorte da minha vida, lembrei que papai no Natal comprava flores e levava para algumas senhoras que ele queria cumprimentar, entre elas estavam a D. Zenaide, enquanto ela esteve viva e depois dele ter saído deste trabalho, todo ano deixava flores na casa dela no Natal. A Nicinha (Eu) era quem escrevia caprichosamente os cartões que acompanhavam estas flores, em média uns seis a dez cartões. Interessante entender que nenhuma flor ficava lá em casa.

Entendo que esta era uma situação de empregado e patrão, onde o empregado se sente parte do grupo mesmo que a recíproca não seja verdadeira. Pois eles não colocam nossas fotos na sala de visitas deles e nem enviam presentes de boas festas ou aniversários comumente.

Depois papai mudou de emprego novamente e entrou no Banco Real como motorista de apoio nos setores internos e passou a maior parte do tempo no Setor de Propaganda, então por diversos anos, entre outros, lembro dele estar com a equipe nas Feiras de Negócios do Parque do Anhembi, o qual tinha um programa destinado para o uso específico das feiras de negócios, e o Banco Real anualmente tinha um local de exposições neste local.

Vocês se lembram do fusca verde escuro que fomos visitar a terra natal de Mamãe, o casal o comprou um tempo depois, de Pa-



pai entrar no Banco Real. Foi pago a prestações, teve que ser reformado e Papai passou a trabalhar no Banco Real durante o dia e nos horários vagos (a noite) como taxista. Ele sempre foi um homem belo e vistoso que andava vestido de terno devido a profissão. Ele sempre foi muito esforçado, e também sempre muito cativante e simpático, em especial com pessoas de fora do núcleo familiar. Na realidade Papai nunca ficou desempregado e veio a se aposentar no Banco Real.

Mas o esforço de Papai não é uma ilha, ele se estruturou graças a competente gestão de Mamãe. Ele trabalhava no Banco Real e no taxi, e quando ele chegava em casa a qualquer hora que fosse, inclusive de madrugada, Mamãe levantava, esquentava o jantar dele e colocava no prato enquanto ele ficava na mesa esperando. De manhã para ele ir para o Banco Real comumente ele estava atrasado, Mamãe o chamava e ficava a espera e de prontidão para apoiá-lo, já tendo separado: camisa, calça, meia, cueca, aparelho de barbear, toalha... e engraxado o sapato quando necessário; ela não dirigia mas aprendeu a ligar o carro para quando ele fosse sair o carro já estivesse aquecido. E depois que ele saia para o trabalho, ela começava a labuta da casa. E depois existe a audácia masculina de se dizer que quem fica em casa não faz nada.

Percebam a parceria de crescimento deste casamento!

Sobre Mamãe ter vindo de uma região e Papai de outra e existir uma conversão de vidas num relacionamento, tenho a analisar que Milton Santos no seu livro *Metamorfose do Espaço Habitado* nos explica que as mudanças que o território vai conhecendo, nas formas de sua organização, acabam por invadir os conceitos herdados pelo passado e obriga a renovação das categorias de análise. Ao se intensificar as trocas, as relações entre diferentes áreas do globo, estas tornam-se mais intensas e assumem diversos papéis, não só econômicos mas também políticos, culturais etc. Qualquer parte do globo ganha nova conotação, tornando-se cada vez mais aberta, mais vulnerável às influências exógenas. As crescentes re-

lações com áreas cada vez mais distantes suprimem a veledades de autonomia. Não há mais como considerar a região como autônoma. Criando um contrassenso, pois se o espaço se torna uno para atender às necessidades de uma produção globalizada, as regiões aparecem como as diferentes versões da mundialização. Esta não garante homogeneidade, mas ao contrário, instiga diferenças, reforçaas e até mesmo depende delas. Quanto mais os locais se mundializam, mais se tornam singulares., isto é, únicos. Já Cunha Júnior e Estanislau Bié no livro Bairros Negros, Cidades Negras nos explana que as populações negras brasileiras dentro dos parâmetros do possível organizam as suas formas de vida social, cultural e econômica e constituíram no meio urbano as formas urbanas características definidoras de bairros negros e cidades na sociedade brasileira. Os conceitos e percepções possíveis destas realidades urbanas são fundamentais para pensarmos as políticas urbanas brasileiras. Bairros negros e cidades negras abre uma perspectiva de expressão coletiva dos movimentos sociais negros sobre as nossas realidades urbanas.

Bem, e é nesta complexidade de situações que analiso a continuidade do meu núcleo familiar. Com genitores que extratificados do seu local de nascimento, sobrevivem num novo espaço aquém da desestrutura.



*Vamos assar o bolo - Entramos na fase da espera para assar o bolo, a assadeira era grande ele crescia e depois de uma hora estava sobre a mesa um enorme bolo que eu dizia que tinham vulcões em cima dele...*

*afinal ele crescia e a massa gerava formas arredondadas que ao assar acabavam abrindo/rompendo. E a Nicinha de olho nele...*

---

## INICIANDO NO MERCADO DE TRABALHO

Relembro que quando eu tinha onze anos de idade, a filha mais nova do proprietário do Banco Real S/A se casou e ganhou muitos presentes. Bem, papai ofereceu as suas duas filhas para ajudar na arrumação dos presentes na nova residência do casal. Mãe como sempre organizando as situações foi com as duas filhas até uma lojinha no bairro e comprou roupas para ambas. Estávamos prontas e sentadas no sofá da nossa pequena sala para irmos com papai para a casa do casal recém-casados.

Papai estava em pé na cozinha mexendo nas panelas, ele tinha o costume de destampar as panelas e ficar pegando um pouquinho e fazendo uma boquinha de pé mesmo. Mãe desceu a escada do sobrado, passou por nós, sem nos olhar e com passo firme, ficou bem de frente com o papai, olhou bem para ele e disse em bom tom:

- Olhe, desta vez elas vão. Já que você prometeu, as meninas vão ajudar na arrumação dos presentes. Mas, só desta vez! Nunca mais ofereça minhas filhas para serviços domésticos.

Fazendo um estalo com a boca, como de costume ele retrucou:

- Serviço de doméstica que nada é só para arrumação dos presentes do casamento da

D. Lúcia, algo leve e que será pago.

Ela repetiu, pausadamente:

- Para não desfazer da tua palavra, as meninas vão, só desta vez. Minhas filhas não vão ser empregada doméstica, entendeu!

Relembro este fato e fico pensando que em um primeiro momento parece preconceito de uma pessoa que foi empregada doméstica. Mas, a verdade é que ela sonhava algo além para as filhas,

sonhava alto. Muito visionária ela viu naquele singular movimento para onde as coisas estavam se encaminhando para a filhas, quase uma prévia para as meninas. No futuro alguém lembraria que as duas já foram ajudar nesta função e são de confiança. É assim que a estrutura se levanta, nos pequenos detalhes, no lugar adequado para as pretinhas educadinhas e boazinhas.

Há, como minha saudosa e querida Mãe Manuela tinha visão de águia!

Quando chegamos no local da arrumação era um enorme apartamento. A moça responsável pela arrumação nos mostrou todos os cômodos. Para o horário do almoço nos compraram um enorme milk shack e um grande hambúrguer e nos pagaram quinze cruzeiros para cada uma. Para mim estava tudo muito bom, fiz o que me mandaram e voltamos para casa. A moça que recém casara a vi de longe no final da tarde no apartamento, com o esposo, perguntando se ele gostava disto ou daquilo e ele sempre acenava com a cabeça consentindo. Com o dinheiro recebido Mamãe avisou que pagaria a roupa comprada a prazo para irmos para aquela situação e o que sobrasse ficaria para nós. E papai nunca mais ousou nos arrumar pequenos bicos de arrumação para as filhas. Afinal Mamãe falava pouco, mas o pouco que falava tinha um grande peso. Sempre muito silenciosa... e trabalhava sem parar numa casa que brotavam afazeres. Hoje entendo que sempre passava mal, tinha uma pressão arterial que a atormentou desde seus quarenta anos de idade. Mas, bastava melhorar um pouco e se arrastava nos afazeres da casa. Como filha e ser humano, lamento que Papai, até hoje não reconheça a competência dela. Aliás sempre que pode a desqualifica, mesmo passado mais de uma década da sua morte. E os parentes ao redor consentem este disparate e acham normal esta perpetuação de maus tratos que hoje entendo que já existiam quando ela era viva. Pena mesmo! Este é um desabafo de uma filha agora adulta que vê tantos fragmentos do passado, que entende que era uma criança e não podia fazer nada naquela época e hoje





seu lugar é de filha. Mas, não deixo de me lamentar do que enxergo nos bastidores.

Então como o tempo não espera ninguém, com quinze anos entrei como estagiária menor no Banco Real, sendo bancária trabalhei por oito anos nesta empresa, passando em todos os setores dentro de uma agência bancária. Resultado entendo a estrutura bancária com propriedade. Foi um ótimo início profissional para uma menina estudiosa que gostava de aprender. Saibam que foi Papai que com sua influência (com os proprietários do Banco Real) que pediu para que eu pudesse participar da seleção de “Estagiários Menor no Banco Real”. Eu era extremamente tímida, de tão certinha que o trem deve ter me matado várias vezes sem que eu percebesse rrsrrsrs... e graças ao conjunto me empreguei. Bem me empreguei com a ajuda de Papai, mas em serviço de escritório! Lembrem Mamãe falava pouco, mas o pouco que falava tinha um peso significativo. Como dizem os sábios, não jogava palavras ao vento!

Trabalhei no Banco Real por oito anos, foi muito aprendizado, pois fiz curso de: contascorrentes, cobrança, empréstimo, contabilidade e caixa executivo com cursos aproximadamente de um mês na central que era na Av. Paulista e depois três meses de estágio supervisionado na Agência Lapa na Av. Barão de Jundiaí. Após um ano de aprendizado fui efetivada nesta mesma agência com escriturária, passando novamente por todos os setores de semestre em semestre aproximadamente, eles tinham um método que sempre mudavam a pessoa de setor e havia inclusive uma caderneta de desempenho. Saibam que tudo em banco tem um fechamento e se houver erro o funcionário é quem paga a diferença a menor e se for a maior fica contabilizado para o banco, mas tudo depois de muita verificação. Depois de oito anos de empresa, fazendo tudo muito direitinho (não que não houvessem dois erros), mas tudo contornável. Então fui desligada da empresa!



Na verdade fiquei chateada e ao mesmo tempo aliviada com a demissão. O desemprego me preocupava, mas, entendia que precisava procurar algo que me fizesse sentido. Na realidade não via sentido naquela atividade de trabalho. Neste período da minha vida profissional já trabalhava no Banco Real na Agência -GG rua Boa Vista no centro da cidade de São Paulo em uma agência que só atendia empresas e tinha um alto desempenho. Aliás de três em três meses batíamos a meta e sempre ganhávamos um bônus que era em torno de quinze a vinte por cento do meu salário.

Quando cheguei em casa ao informar que havia sido mandada embora, Mamãe se preocupou e não falou nada. Já papai disse que iria reverter a minha demissão, que falaria com uma das filhas do Dr. Aluísio que era um dos acionistas majoritários do Banco Real naquela época e então eu pedi:

- Por favor não faça isto! Eu já assinei tudo e estou infeliz lá. Vou procurar algo que me faça sentido!

Ele se transformou, tamanha a fúria que tomou conta dele, e então me disse:

- Acha que vai ficar em casa é! Não gosta de trabalhar? Então entenda que de agora em diante você está embaixo do meu sapato, vou te lembrar disto, todos os dias.

Eu quase enlouqueci com aquela frase, tamanha sua força e energia. Até hoje a relembro, agora com calma, mas a época ela me deixava aturdida todos os dias que cheguei em casa num período de 60 (sessenta) dias até ser recolocada no mercado. O qual foi o tempo que demorei para conseguir um novo trabalho. Embora no dia seguinte a esta lastimável conversa, fui na loja Louigui Bertoli, uma loja de fábrica no bairro do Butantã e comprei dois blazers, duas camisas e uma calça, meias finas e uma maleta para documentos, a qual tenho até hoje. E durante dois meses saí todos os dias (de segunda a sexta-feira) em busca de emprego. E com 60 dias de buscas comecei a trabalhar em um escritório de advogados da Dr. Lúcia Roscio uma carioca que tinha escritório em São Paulo, situado no



---

prédio do lado contrário ao MASP – São Paulo (e estando na Av. Paulista) do lado esquerdo sentido rua da Consolação.

Mas nada é calmo e a vida está em constante mudança, pois, quando fez três semanas que eu estava neste novo trabalho, meus dedos das mãos começaram a inchar, era inverno e eles não dobravam. Como ainda tinha direito ao convênio médico do Banco Real, avisei que precisava ir ao médico. Fui no horário do meu almoço em uma consulta, muito próximo dali, no bairro do Paraíso e o médico me avisou que era uma alergia proveniente da minha circulação e em conjunto com o frio, pois estávamos em julho. Mas, na mesma semana deste ocorrido, me telefonaram do IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas para uma entrevista. Estava muito amedrontada, pois não queria trocar o certo pelo duvidoso, mas também não queria deixar de tentar novas possibilidades. Pensei, pensei... o que fazer, suava... frio e negocieei a entrevista no IPT para o último horário que a entrevistadora tivesse naquela semana. Então foi marcada a entrevista para a quinta-feira. E no escritório de advocacia pedi para sair mais cedo por motivos de saúde. Bem resultado de tudo isto no dia seguinte a Dra. Lúcia Róscio enviou sua sócia no escritório e me ligou:

- Eunice a Dra. é minha sócia e você deve atendê-la! Eu disse:
- Tudo bem Dra. Lúcia ela será atendida!

E a Dra. Lúcia continuou ..., na verdade ela está aí por que você é uma péssima funcionária, falta muito e eu não posso contar com você. Esperei ela terminar de falei:

- Dra. Lúcia os meus dedos incharam, incharam tanto que as mãos não dobravam. Eu não sei o que é isto e foi a primeira vez que isto aconteceu. Eu preciso das mãos para fazer tudo, pegar as coisas, escrever, enfim preciso entender e cuidar. O médico disse que é alergia, vou fazer alguns exames para verificar. Inclusive vou fazer de sábado. Mas agora foi um imprevisto!

Ela continuou dizendo que nada justificava, totalmente alterada no telefone e começou a gritar. A sócia durante a minha con-

versa com Dra. Lúcia balançava a cabeça como que achando desnecessário todo aquele stress. Quando ela parou de falar eu continuei:

- Dra. Lúcia, sinto muito, Eu nunca fiquei doente nos oito anos que trabalhei no Banco Real lá e nunca precisei faltar. Sinto muito que o Banco Real deu mais sorte que a senhora!

A sócia que estava ao meu lado levantou dizendo, não responde! Indo na minha direção.

Fiquei calada!

Então Dra. Lúcia continuou alterada falando e depois mandou que eu passasse o telefone para a sócia, elas conversaram e a outra só respondia com sons e no final enfatizou.

Tudo bem!

Aquele dia acabou em silêncio e no final do dia a sócia me pediu a cópia da chave do escritório que ficavam comigo. A qual imediatamente foi entregue. Eu percebia no olhar dela de espanto com o meu jeito, a minha postura a espantava. A intrigava!

Cheguei em casa desolada, só estava Mamãe! Expliquei o que havia acontecido e disse:

- Mesmo que o IPT esteja incerto vou pedir demissão Mamãe, se hoje com menos de 60 (sessenta) dias de trabalho e explicando que é saúde elas me tratam muito mal imagine no futuro o que será.

Mamãe concordou e acrescentou, é sempre assim Nice a cor da sempre quebra para o lado mais fraco. Você tem uma boa formação, continue procurando...!

Na segunda-feira fui para a empresa de advogados, mas ao chegar lá estava fechada. Sentei no corredor e a vizinha me viu. Expliquei que estava sem a chave e pedi para ficar no escritório dela que era em frente, ela consentiu. Daí longa espera se fez e depois de quase três horas de espera a sócia chegou, quando ela abriu a porta eu estava bem atrás dela e disse:

- Bom dia! Percebi que ela se surpreendeu.



Entrei, fui num canto e abrir minha caixinha de pertences pessoais, pois almoçava lá, tendo talheres, caixinha para alguma fruta, pano de copa para secar a marmita que levava e lavava e escova de dentes. Embora no local não houvesse cozinha, nem como esquentar nada, a marmita era comida lá para economizar. Coloquei tudo sobre a mesa e pedi para que ela verificasse. Ela respondeu:

- Não precisa Eunice!

Pendendo a cabeça para o lado perguntou:

Você está se demitindo? Eu respondi:

- Preciso do emprego, mas também preciso cuidar da minha saúde, sinto muito é a primeira vez que me deu esta alergia.

Ela consentiu com a cabeça e disse que marcaria a minha rescisão e concordei.

Bem, voltei para casa e voltei a procurar emprego. Foi uma longa semana de procura e espera até que exatos sete dias me ligaram do IPT, dizendo que eu havia sido escolhida para a vaga. Nossa pulei de felicidades, o local era próximo de casa, pagava melhor que os bancos e era um novo recomeço.

Já o escritório de advogados, marcou para uns 15 dias depois para fazer minha rescisão. Negocieei a possibilidade de que fosse no último horário possível e a moça que era sócia aceitou. Cheguei lá já tinha uma outra pessoa trabalhando, a qual tinha muitas dúvidas sobre o trabalho. Ao ver a dificuldade da moça ofertei:

- Se você quiser e aceitar posso lhe ensinar a rotina do trabalho?

A sócia aceitou e passei a rotina para a novata. Depois fomos fazer minha rescisão, eles fecharam tudo como se eles tivessem me mandado embora e agradeci. Naquele momento a sócia me olhou bem e perguntou?

Você me parece bem, já está empregada ou não Eunice? Sorri acenando com a cabeça em positivo e disse:

- Sim, já tenho um novo emprego! E ela respondeu:

- Bem, agora venho todo dia meio período para treinar a nova funcionária.

Então entendi que a nova pessoa não entendia nada de escritório, mas enfim é o preço de se ter alguém e o quanto ela se submete. Elas optaram por pegar alguém com menor conhecimento para ser moldada aos ditames da casa. Fiquei pensando no retorno para casa (noônibus 874C – Vl. Mariana/Parque Continental), se ela não souber que é um direito dela! ir ao médico, ela não irá. Infelizmente.....

Deixo meu relato que tudo que se aprende na vida acrescenta, mas o IPT foi meu grande chão profissional. Trabalhei nesta empresa por 18 anos, aprendi, entendi o que é pesquisa, fiz faculdade. Entendo que este local de trabalho só veio devido, entre muitos fatores, mas em especial a minha coragem de ir em frente, isto foi um diferencial. Sempre tento fantasiar dentro do meu eu o que seria de mim se tivesse ficado e me aposentado no Banco Real, quantas coisas novas profissionais deixaria de entender e viver. Nossas escolhas são o que nos faz voar ou ficar no mesmo local, desde que nos preencha é o que vale.

## **FÁTIMA, MINHA IRMÃ MAIS VELHA**

Já a Fátima minha irmã, iniciou sua vida profissional com 16 anos, trabalhando em um Salão de Beleza como manicure que ficava ali mesmo no bairro que residíamos no Jaguaré e a duas quadras da nossa casa. A proprietária é uma descendente de Japoneses chamada Suemi, sempre muito silenciosa e cuidadosa na fala. Na verdade, minha irmã começou a trabalhar lá com o intuito de encontrar algo melhor; e acabou ficando por aproximadamente



duas décadas. E somente depois de muito incentivo para que ela procurasse uma nova possibilidade de emprego, ela se especializou em podologia e foi trabalhar no bairro de Perdizes, considerado um bairro de classe média. Ambos em São Paulo – Capital, com a diferença que o bairro que morávamos é considerado periferia e o outro é de classe média alta.

A qualidade do trabalho da Fátima era impecável, suas clientes vinham de longe e lhe davam boas gorjetas face ao capricho e qualidade do trabalho. Fora isto ela sempre orientava sobre rachaduras dos pés, micoses, necessidade de não pintar sempre as unhas. ela foi lendo, aprendendo e tendo vivência.

Ela teve várias fases que as entendo como um crescimento, da infância até a adolescência era muito exigente e egoísta. Mas com 22 anos se casou, tendo muitos altos e baixos e passou cada vez mais a estar conosco em família. Quando Mamãe Manuela adoeceu ela ficou ainda mais presente, me ajudava em tudo, e era muito atenta no que precisávamos. Tinha muitas qualidades, costurava, bordava, tricotava para todos da família. Outro diferencial era que ela e Mamãe não dirigiam, mas tinham muito senso de direção, quando saíamos eram elas que decidiam o caminho e algumas ruas que iríamos pegar, e qual a melhor via. Sempre ri desta situação, e perguntava:

- Vocês tem tanta visão espacial dos locais e da cidade, até mais que eu e não dirigem isto é um desperdício!

Aliás existia uma piada lá em casa que quando eu saia dirigindo o carro ele virava carro fantasma, pois, por eu ser baixa não dava para ver o motorista. Lembrem-se que estamos falando de carros mecânicos e antigos como Fusca, Gol, Passat e Chevet.

Então a Fátima falava, vi seu carro passar na frente da casa da Suemi ontem risossss ele estava indo no posto se abastecer sozinho? Eu respondia engraçadinha, dá muito bem para que me vejam no volante.

Mas como os meus três irmãos são em torno de 10 centímetros mais altos que eu, na verdade eu sou o rodapézinho das pia-das....

## ÉRAMOS TRÊS MULHERES NA NOSSA FAMÍLIA

As Três Mulheres do nosso Núcleo Familiar são: Mamãe Manuela, Fátima e Nice. Agora nas festas de família por mais simples que fossem Mamãe sempre fez questão que todos da nossa casa estivessem sempre bem arrumados. Quando falamos das mulheres era regra que as unhas estivessem feitas e os cabelos alisados e penteados, e a roupa bem cuidada e passada e com vinco. Embora sejam poucas as festas na nossa família, pois sempre são muitas pessoas o que demanda muitos custos para um grupo trabalhador de atividades básicas.

Eu e a Fátima sempre discutíamos muito por coisas que hoje classifico como supérfluas e bobas. Ela foi a primeira filha, muito esperada pois numa época em que as mulheres engravidavam rapidamente Mamãe demorou dois anos para trazer o primeiro herdeiro da família, aliás a primeira herdeira. Mas para compensar Mamãe gerou o seu segundo filho, ou melhor filha quatro meses após ter tido a primeira filha. Existiu uma enorme expectativa de se ter o filho varão da família que só vingou na terceira gravidez de mamãe.

Mas na hora de nos arrumarmos era um momento muito especial, onde, uma esperava a outra se arrumar e conforme nos direcionávamos para a sala finalizadas para o evento ou festa; uma olhava para a outra e cuidávamos dos detalhes finais. Uma emprestava um colar adequado para a outra, uma pulseira ou um perfume





ou mesmo roupas que a outra apreciou em momento anterior. Pois, as coisas eram difíceis e não tínhamos várias poupas ou acessórios e assim aprendemos a compartilhar as coisas que tínhamos. Para mim a frase mais comum era:

- Nice você está muito simples, não tem outra roupa mais alegrinha?

Ou então:

- Que tal uma pintura mais forte, só este batom é pouco!

Eu voltava para o quarto e colocava algo mais alegre ou mesmo um pouquinho mais ousado, pois sempre fui mais prática que minhas Irmã e Mãe. Elas tinham um bom gosto nato, sabiam o que queriam e eram antenadas nisso de se apresentar. Enquanto eu sempre fui menos atenta a isto. E nas festas sempre olhávamos uma para a outra nos apreciando e cuidando uma da outra.

Hoje diariamente uso um creme facial e sempre passo um batom e quando vou nas festas, sempre me lembro de nós três se arrumando, pois não tenho mais as duas para compartilhar estes momentos que de tão simples, são bons e de entrosamento e cuidado uma com a outra.

Estamos no ano 2023 e vejo um feliz e grande movimento de respeito ao ser negro onde hoje podemos optar por usar cabelos crespos sem química. Não confundamos continuamos tendo o racismo institucional e estrutural, mas agora não é mandatário sermos o espelho europeu, ou seja daquele que nos escravizou.

Lá em casa de pequenos sempre precisávamos repartir tudo, a mesma cama, relembro que eu dormia de um lado da cama e a Fátima do lado contrário, e diziam que a cama era da Fátima pois ela era a mais velha. Quando compraram uma cama para mim fiquei tão feliz e recebi um cobertor novo verde que tenho até hoje. Naquele dia não via a hora de ir dormir na minha cama e colchões novos.

A Fátima era mais alta e encorpada que eu, possibilitando que as roupas dela que não lhe cabiam ou que não queria mais, ficavam para a segundinha. Era tão comum que me acostumei com as ofertas. E a Fátima neste ponto era mais exigente então suas belas roupas ficavam para a Nice que naquela época não reclamava e aceitava com normalidade. Entendam naquela época, pois com o tempo isto mudou!

Minha irmã Fátima era questionadora uma mulher de grande porte 1,75 com uns 100 quilos, ela atribuía isto ao fato de ter tomado vitaminas quando criança. Verdade ou não nós tínhamos uma boa diferença de altura , pois eu tenho 1,60 bem medido na realidade hoje com o passar das décadas um pouquinho menos....

Mas no decorrer da vida o destino me mostrou quem realmente manda.

A Fátima veio a ter uma embolia fulminante em 2004, passou mal às 13 horas no serviço dela, pedia que não me avisassem. Chamaram a ambulância que demorou para vir, o proprietário da local Sr. Robertinho como é comumente chamado, entrou em pânico e em vez de socorrer fugiu. Sempre ficará a dúvida do que aconteceria se ele tivesse tido coragem e tivesse levado ela para o pronto socorro. Aliás coragem que nós mulheres nem temos tempo para pensar, nós simplesmente socorremos. Então, ela que várias vezes socorreu Mamãe Manuela, não foi socorrida e deu entrada na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo falecida.

Já Mamãe Manuela teve vários derrames, tinha uma pressão arterial muito alta, fez ponte de safena, uma diabetes a 300 o que proporcionou que tomasse insulina diariamente, depois começou a fazer hemodiálise, amputou pé e depois a perna. Em decorrência de tantos intempéries, nós, filhos da D. Manuela fizemos três sepultamentos dela. Foram em torno de cinco anos de muita luta a aprendizado. Ela sempre muito centrada e nos ajudando a poder ajudá-la. Reiteradas vezes a ouvir dizer:

- Há de mim se não fosse meus filhos!



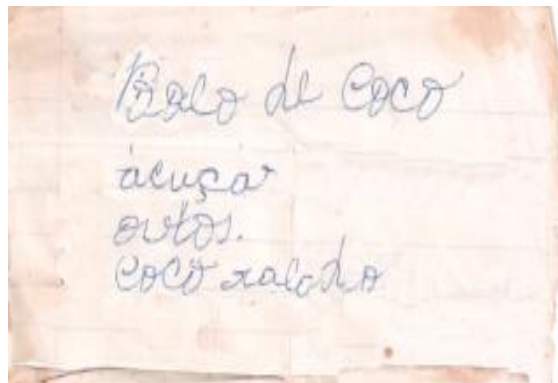
Verdade que a partir do segundo derrame foram em torno de sete médicos no decorrer do mês, fisioterapia, psicóloga e uma bandeja de médicos holopáticos e outra de homeopáticos. E uma agenda para tudo que acontecia.

Durante quase quatro anos pude ter a mão certa e presente da Fátima e no último ano de vida de Mamãe tive que contar com os meninos que sempre foram presentes. Pois, o destino levou a Fátima um ano e dois meses antes de levar Mamãe Manuela.

Então éramos três mulheres trabalhadoras, fortes e sonhadoras.... e eu as perdi. E hoje quando vou a alguma festa ou evento sempre levo comigo uma enorme saudade daquilo que não podemos mudar. Ir em festas não é mais a mesma coisa a sensação que tenho é que falta algo. Embora carregue comigo o que construímos juntas, das dificuldades as alegrias tudo entre nós parece estar no lugar certo e ter fortificado o bem querer!

Esperar esfriar o bolo – se desligava o forno e para agilizar que ele esfriasse Mamãe o colocava em cima da pia ou sobre o fogão.

*Penso no maravilhoso bolo de coco assado e esperando para esfriar em cima da pia, mas ele é um referencial para a maneira que fui acolhida na infância e também como que reelaborei todo este ser e estar nesta família.*



*Pois uma coisa é o que me foi furtado e a outra é como se digeriu tudo isto dentro de mim.*

*Onde cada ser humano é uma ilha e as leituras internas em um ser são diversas dentro do mesmo contexto.*

## IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO

Faço aqui um recorte da importância do acolhimento, o que é feito e seus possíveis resultados. Se é que é possível entender a cabeça humana.

Entendo que há dois tipos de investimentos um que torna um ser humano - Competitivo- uma estrutura dentro do capitalismo que nos deixará mais aptos profissionalmente e uma outra - Estrutural interna- dentro do acolhimento que é disponibilizado, desde que a pessoa consiga interagir dentro deste espaço.

Quando se pensa num alimento é fato os seus princípios benéficos para a saúde, além de terem nutrientes essenciais ao corpo, mas a maneira que é oferecido, a calma na alimentação é um diferencial para aquele que se alimenta.

Já adulta lembro de um dia Mamãe a me perguntar o que eu gostaria que ela fizesse para o almoço, olhei para ela e perguntei o que tinha para ela fazer. E obtive como resposta: - Bem, não sei o que fazer estou cansada, mas é sempre bom cozinhar para alguém, pode escolher.

Respondi para Mamãe:

- Faça algo fácil assim a Sra. fica menos na cozinha e deixe a louça que eu cuido!

O tempo passou e anos depois, ao cuidar do meu Magrinho (meu sobrinho Luiz Henrique). Ele bastante ativo e bom de garfo, mas como toda criança precisava de um olhar e cuidados. Para que ele comesse equilibrado e alegre, muitas vezes pensei o que Mamãe faria. Então, eu montava uma praia no seu prato, onde, o arroz era a areia, o feijão as pedras, o brócolis os coqueiros e a carne moída com cenoura era um vulcão em ebulição, e a cada colherada um novo episódio se configurava naquele prato.

Carrego comigo uma enorme saudade e uma enorme gratidão a tanto olhar e cuidados de uma pessoa que pouco tinha de



material para si. Mas transformou a sua competência de olhar, de gestão, dedicação e trabalho e a força braçal dela e de papai em uma possibilidade para as pessoas ao seu redor, quer sejam filhos, familiares ou amigos.

## **ARRIMO DE FAMÍLIA**

Hoje entendo que o arrimo desta estrutura familiar era Mãe Manuela, com seu olhar, acolhimento e distribuição das situações humanamente, e ainda mais aguentando as inconstâncias e coerências de cada um, tentando unir, equilibrar e manter esta família.

Com o seu falecimento, nosso núcleo familiar durante muito tempo tentou inconscientemente passar este cargo para mim. Afinal sou firme, metódica mas acolhedora, tendo a justiça como importante.

Mas já tinha consciência do fardo deste cargo, sempre ouvia as falas, mas não pegava o cargo. Sentia que o Paulo Henrique ficava disponível para acolher a situação, isso me aliviava bastante, pois senti que ele repartiria a situação comigo, ou a pegaria. Mas infelizmente ele faleceu em 2020 e mais uma vez me sinto órfã familiarmente.

Após a ida da Fátima em 2014 e da Mãe em 2015, ficamos: a Nice, o Paulo Henrique e o José. E foi se criando uma irmandade em torno de cuidarmos do Luizinho a época com quatro anos, que é filho do Paulo Henrique (que havia se divorciado). Morávamos 6 quadras de distância um do outro, eu aqui no meu apartamento e os meus irmãos na casa da família. Com o decorrer do tempo eu passava lá lavava uma louça, fazia a lição de casa com o Luizinho, trazia as camisetas da escola dele para lavar e depois devolvia passadas e lavadas. Também passava em lojas e comprava o que faltava

para a casa deles, saibam, homem não lembra das coisas que precisam como apoio dentro de uma casa como: pano de copa, pratos e copos que vão quebrando, uma jarra passa suco. Embora eu considere o Paulo Henrique acima da média dos homens que conheço na família, pois ele cozinhava para o filho, sabia tudo que acontecia na escola, inclusive todos os medicamentos adequados para o filho. Ele também vinha aqui em casa, consertava algo que eu precisava, me deu telefone celular que eu relutava em comprar. Com o tempo fiquei desempregada e vendi o meu carro e ele me emprestava o carro dele. Passou o tempo e ele fechou uma danceteria e também ficou desempregado e foi trabalhar como entregador. Então caímos e levantamos lado a lado numa dinâmica, as vezes calma e as vezes mais aturdida, mas sempre um torcendo pelo outro.

O Luizinho sempre muito ativo, uma delícia estar com ele mas o mesmo era terrível na escola, pior isso passei a estudar com ele. Sempre questionador e com muita energia. Lembrou uma noite que ele dormiu em casa comigo e no outro dia o levaria para o pai. Então falei para ele, filho já vai chamando o elevador para adiantar para a Tia. Abri a porte e enquanto arrumava a bolsa, o via andar na direção da porta do elevador. Ele chegou na frente da porta e gritou:

- Levador!!!

Parei imediatamente e que estava fazendo e sorri. E mesmo de longe falei para ele:

- Está ótimo Lu!

Ao chegar perto dele, ele balançava a cabeçinha como que consentindo e me disse:

- Já chamei tá Tia!

Sorri para ele novamente, e respondi! Está ótimo, filho! Agora a Tia vai te ensinar outra coisa, tudo bem? Ele acenou a cabecinha novamente:





- Agora você também pode apertar este botão na parede e o elevador vai chegar. Tudo bem? Ele continuou consentindo com o movimento. O elevador chegou e eu agradei dizendo:

- Muito obrigada, graças a sua ajuda o elevador chegou!

Abri a porta e ele entrou. Sempre relembro deste fato, sorrindo intensamente. E penso como é bom ser inocente. E como fatos corriqueiros e simples podem nos encher a alma!

Outro fato sempre comum entre eu e o meu sobrinho Luizinho é que sempre li livrinhos de história para ele dormir, e ele sempre muito criativo, mudava a história, criava novos personagens e conforme foi crescendo ia perguntando ... por exemplo, o furacão é grande, mas quanto? Do tamanho deste prédio? Cabe um carro dentro dele? E haja criatividade.... rrsrrsr

Hoje ele está com 22 anos de idade, perdeu o pai com dezoito e está juntando os cacos, afinal, ter um bom pai nos deixa traços mais profundos em todos os rompimentos, mas também nos deixa a certeza que fomos amados e isto faz toda diferença na continuidade da nossa caminhada.

*Degustar o bolo - A hora de cortar de comer uma fatia de bolo que como certeza será enorme e com direito a repetir. Os bolos de Mamãe cresciam e ficavam altos. Eu não os esperava esfriar, sempre os comia mornos... humm.*



*Cada mordida um preenchimento, um acolhimento, um carinho .... um bem estar.*

## FANTASMAS DO PASSADO

Me entendo tendo sido criada em um ambiente simples acolhedor, mas, atualmente revisitando momentos específicos entendo que sempre existiu uma grande hostilidade e maus tratos verbais comuns do meu pai a Mamãe e que se reverberavam para nós. Podemos entender isto como toda a pressão que Papai recebia da sociedade e como não tendo em quem puder confiar lá fora para se equilibrar, acabava nos maltratando e em especial nos menosprezando.

Mas sempre lembro que uma vez reclamei da postura e ausência do Papai para a Mamãe. Mas ela me olhou longamente e me respondeu:

- Nice, sempre se lembre que ele te ama muito!

## **ANCESTRALIDADE**

Compreendo que fui criada fora dos ditames africanos e excluída da minha cultura original. Soma-se uma contínua depreciação a tudo que é negro no dia a dia brasileiro, algo que não é dito, mas, constatado na essência das relações.

Então retorno ao fazer o bolo da minha querida, amada e saudosa Mãe Manuela! Não me canso de repetir o quão enorme é minha saudade por ela, pela Fátima (minha irmã) e pelo Paulo Henrique (meu irmão) afinal embora se diga que não exista exclusão ou racismo no Brasil, nossa vulnerabilidade e mortalidade abaixo das estatísticas são um fato real, onde o site Canal da Saúde da Fiocruz constata que além de estarem mais expostos ao risco de morte violenta intencional, os negros e negras também integram o grupo de brasileiros que têm, em geral, piores indicadores de saúde, expressos na maior incidência de doenças. É o que revelam as estatísticas oficiais citadas pelas Nações Unidas.



Bem, pensando no movimento do bolo, sua forma circular ou melhor sua forma em espiral algo contínuo, em alguns momentos rápidos como o tempo que não espera ninguém e em outros lentos como a pensar de uma mãe carinhosa e cuidadosa que analisa e pensa como acolher os seus.

Penso em tudo acima e constato que a continuidade e ancestralidade africana, retorna, se estrutura e expande no nosso dia a dia, indiferente à negação, indiferente a exclusão, indiferente a depreciação.

Fui criada na Igreja Católica Postólica Romana, sei todos os ritos do cristianismo. Ao megraduar em Desenho Industrial depois de muitas dificuldades firmemente enfrentadas, entendi que éramos três pessoas negras na sala de aula, das quais somente eu me formei dentro do prazo regular. Então passei a me perguntar onde estavam os negros no mundo educacional e achei que tinha obrigação de fazer algo filantrópico ou de apoio a algum grupo negro e acabei indo organizar uma biblioteca no Axé Ilê Obá e a partir disto fui ficando no terreiro, aprendendo, entendendo....

Constato que hoje estou mergulhada na minha ancestralidade, que muito pouco sei e que muito tenho a aprender e contribuir, mas também receber. Uma troca contínua e estrutural que mesmo sendo negada e expurgada do dia a dia nacional sempre nos retorna e ficamos impacientemente esperando que estejamos prontos ou prontas a viver a nossa continuidade um povo sem raiz é um povo sem chão e nós afrodescendentes temos o nosso chão que é nossa Mama África!

Relembro de Mamãe mexendo a bacia e fazendo o bolo, e agora conhecendo um pinguinho mais minha cultura africana penso em Oxumaré que é a divindade do movimento, do ciclo vital, esse orixá representa as dualidades, como o dia e a noite, o bem e o mal e homem e mulher; Ele que resignifica o atual, o hoje, e geram

novas transformações representando. Tendo como representação animal a cobra que entre diversos significa renascimento, regeneração, força vital e fertilidade. Em outros aspectos este símbolo está associado, no aspecto positivo, à sabedoria, à ascensão e à força espiritual, inclusive na sua representatividade tem a ver também com a cura. E tendo como representação da natureza o arco íris segundo o site Toda Matéria, “O arco-íris” é um arco multicolorido, composto de sete cores, causado pelo fenômeno óptico que, através da refração (dispersão) da luz solar sobre as gotas de água suspensas no ar, forma um espectro de luzes ou cores.

**Imagem 21 – Oxumarê**



Fonte: Foto Nice Gonçalves - jan/2023

Ressalto que a imagem acima é um trabalho da artista Agnes Donato filha de Santo no Axé Ilê Obá em São Paulo – Capital, que a pedido de Mãe Sylvia de Oxalá usou como modelos vivos seus irmãos do terreiro.

---

## AXÉ ILÊ OBÁ

Na década de 1950 o terreiro teve início das suas atividades, no centro da capital paulista (bairro do Brás) com Pai Caio de Xangô, na Congregação Espírita Beneficente Pai Jerônimo. Depois se mudou para um local mais afastado já no bairro do Jabaquara, devido ao aumento dos filhos de santos, a necessidade do terreiro estar mais próximo a natureza, mas não podemos esquecer da Delegacia de Jogos e Costumes que dentro das leis republicanas era autorizada a perseguir os negros e seus descendentes. São Paulo foi a cidade onde se desenvolveu o centro do capitalismo brasileiro e onde as classes dominantes se esforçaram ao máximo para eliminar os marcadores da cultura africana dentro da cultura brasileira.

A perseguição aos terreiros e formas das cultura africanas foi intenso e por esta razão os terreiros se afastaram do centro transferindo para os bairros pouco habitados em construção. Assim o terreiro do pai Caio se transferiu para o bairro do Jabaquara.

Localizado na cidade de São Paulo, no bairro do Jabaquara na Rua Azor Silva, nº77, próximo à estação final do Metrô Jabaquara. Ele tem importância no grupo social com a sua participação e apoio na comunidade populacional do entorno. Enfim, o axé tem um movimento de aglutinar e apoio na sociedade, onde o conhecimento e a igualdade dos seres humanos devem ser mantidos, mesmo nas diferenças:

Como motivo de combate ao racismo às populações afrodescendente e a cultura negra. O racismo abarca as culturas e as religiões. Produzem visões racistas sobre as culturas de base africana e principalmente sobre as práticas de religiões de base africana. Como forma de respeito à igualdade de direitos e à liberdade de expressão religiosa é que a educação brasileira precisa abordar o Candomblé e a Umbanda. Como forma de combate ao racismo antinegro. (CUNHA JUNIOR, 2009).

## LENDAS SOBRE OXUMARÊ

Várias são as lendas sobre este lindo Orixá que é representado em um corpo de serpente(chamada n'Tyana) que habita o rio Congo situado no continente africano na cidade da República Democrática do Congo; Muito cultuado pelo povo Jeje, onde este é chamado de Dã, suas representações de cores são: verde e amarelo alaranjados; preto e amarelo rajados e as cores do arco íris, outro habitar comum dele são as fontes e cachoeiras.

Na sua mitologia segundo a Revista dos Orixás (2002) Sa-boadã o Oxumarê dos Nagôs em um duelo com o poderoso Orixá Xangô veio a ferir-se de morte. Grande tristeza invadiu os Nagôs e seu pai Ifá e sua Mãe Nanã ao recolherem o corpo do filho e com o poder que possuíam, decidiram o ressucitar. Então foi transformado no rei dos astros e passou a brilhar entre as estrelas no céu, mas não poderia descer na terra. Xangô permitiu que ele se transformasse em uma enorme serpente e para levar água ao seu palácio, a serpente tem que enfiar a cabeça nas águas dos rios e ao esticar seu corpo até o palácio que fica nas nuvens, o corpo da serpente reproduz as luzes das estrelas e dos astros, tornando-se o fascinante arco íris.

Por isso em um segundo momento foi transformado em Rei dos Astros e passou a morar entre as estrelas que brilham no céu (EGYDIO, 1980, p. 53) Representa a continuidade, daí muitas vezes vir representado por uma serpente que, mordendo a própria cauda, forma um círculo, como representação simbólica da fecundidade da terra, da força terrena, do segredo hermético e do infinito.

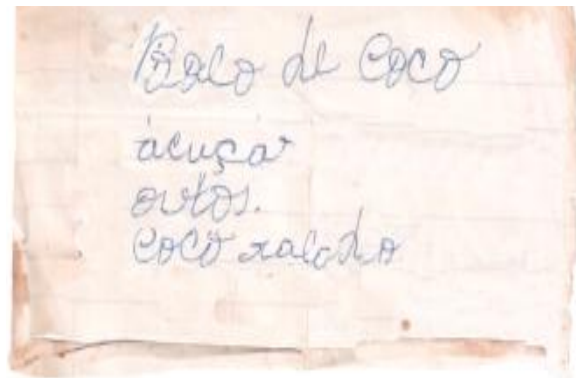
## PENSAMENTOS QUE REVERBERAM





Existe a nutrição alimentar, a nutrição do acolhimento, a nutrição do aprendizado, a nutrição do conviver, a nutrição das expectativas. Enfim qual nutrição será o norte de cada pessoa depende muito das escolhas e não se sabe exatamente no que dará a sua reelaboração. Mas, cada um dos tipos de alimentação faz toda a diferença, em especial, quando se faz escolhas estruturadas, balanceadas e com equilíbrio! É importante escolher e que as pessoas saibam os diversos caminhos a que se pode chegar.

*Ofertar a receita – bem falei tanto do bolo de Mamãe e com tanto carinho que não posso deixar de lhe ofertar a receita, afinal tanta energia deve ser ensinada e passada de geração em geração.*



*Aliás ao lado está a escrita de Mamãe que deixo como recordação. A ancestralidade está em tudo que nós negros fazemos. Então os ingredientes estão no item: Juntar o material para fazer o bolo e aqui te passo o modo de preparar:*

*Unte a assadeira com margarina e depois coloque a farinha, bata o excesso de farinha e reserve.*

*Coloque as 4 xícaras de farinha na bacia e misture com os 6 ovos (grandes) e enquanto vai se misturando e as dificuldades aparecem acrescente paciência e leite e as dificuldades vão diminuindo. Agora é hora de colocar a margarina e aos poucos o açúcar para adoçar a vida e depois acrescente o coco fresco. Bem uma segunda opção é colocar leite de coco no lugar do leite fresco, e isto depende das suas escolhas que sempre devem ser feitas com ponderamento. Reserve a massa, pois paciência faz parte da vida.*

*Agora é hora de acender o forno para que o mesmo fique pré aquecido.*

Continue a fazer amassa, agora a misture a bata com muito vigor e cuidado, o mesmo que você precisa para viver com sabedoria. E mesmo que fique cansada lembre-se do sorriso quem você ama ao comer o bolo. Pois depois de tanto empenho o resultado pode até ter surpresas, mas você fez o seu melhor, a energia se expandirá e isto é viver.

Relembro também da divindade do movimento, do ciclo vital, esse orixá que representa as dualidades e tendo como representação a cobra e o arco íris e entendo que tudo tem a sua hora e a nossa ancestralidade reverbera apesar de toda opressão, todas as barreiras e está conosco e espera a hora certa de se reinserir num ciclo que foi quebrado, mas nunca deixará de ser a nossa essência!

Axé para todos!

## **BIBLIOGRAFIA**

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Candomblé**: como abordar esta cultura na escola. Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 102, p. 97-101, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7738>. Acesso em: 05 abr 2022.

CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira **Bairros Negros – cidades negras**. Editora ViaDourada. ISBN 978-65-80609-21-5 280p. 2029. Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada\\_de\\_Ferro\\_Noroeste\\_do\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrada_de_Ferro_Noroeste_do_Brasil). Acesso em 17 mar 2023.

FERRARI, Monia de Melo. **A migração nordestina para São**



**Paulo no segundo governo Vargas (1951 - 1954) - seca e desigualdades regionais.** 2005. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1498?show=full>. Acesso em 13 JUL 2023

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Estações Ferroviárias do Brasil.** Disponível em: ([http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba\\_monte%20azul/cruzalmas.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/cruzalmas.htm)). Acesso em: 20 Mar 2023.

História do Município – Cruz das Almas Disponível em: <https://www.cruzasalmas.ba.gov.br/historia>. Acesso em 15 Mar 2023.

LEME, José Antonio. **Pau de Arara com é o transporte irregular que ajudou a construir o Brasil.** Do UOL, São Paulo – SP 05.02.2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2022/02/05/pau-de-arara-como-e-o-transporte-ilegal-que-ajudou-a-construir-o-brasil.htm?>. Acesso em 18 Mar 2023.

Prefeitura do Município de Guarantã Disponível em: <http://www.guaranta.sp.gov.br>. Acesso em 26 Mar 2023.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.** 6ª Edição. ISBN 978-85-314-1044-4 Editora EdUSP. 2014. 136p. São Félix–Prefeitura Municipal uma nova História. Disponível em: <https://www.saofelix.ba.gov.br/historia#:~:text=Sua%20hist%C3%B3ria%20data%20do%20oper%C3%ADodo,margens%20f%C3%A9rteis%20do%20Rio%20Paragua%C3%A7u>. Acesso em 15Mar 2023.

Município de São Felipe. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/saofelipe/historico>). Acesso em: 11 JUN 2023.

SOARES, Cecília Moreira. **AS GANHADEIRAS:** mulher e

resistência negra em Salvador no século XIX de 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20856/13456>. Acesso em 01 JUN 2023.





# CAPÍTULO 2

## DOS DESLOCAMENTOS PARA O MANGUE, DO MANGUE PARA URBANIZAÇÃO, DA URBANIZAÇÃO PARA RAÍZES PROFUNDAS

Antonio Pimentel Sequeira Júnior

### MUITAS COISAS SÃO TERRITÓRIO EM MIM E EU SOU TERRITÓRIO DE MUITAS COISAS

Bença vó, bença vô! Tô dando a volta para entrar pela cozinha, tô correndo atrás do cheiro do feijão, pelo barulho da panela, ele ainda tá no fogo, mas é bom, que como um pedaço de broa e conversamos um pouco. Sua Benção minha avó, sua benção meu avô, a bença tia!

Começo esse texto pedindo bênção e pedindo licença para entrar no quintal, na cozinha, nas casas de piso caquinho no chão, casas com cheiro de broa, casas com cheiro de angu, com cheiro de galinha ao molho pardo. Casas com cheiros, vozes, músicas, risa-





das altas onde fui criado. Nessas casas, os quintais ou eram cheios de plantas medicinais em vasos, ou no terreiro mesmo, essas plantas tinham serventia para curar momentos de dores ou momentos pós alegrias profundas, como uma boa ressaca, curada com chá de boldo. Ou uma boa garrafada, curtida na cachaça, para tirar as dores das artroses ou tendinites, adquiridas pelos longos anos de trabalho de mulheres que desafiaram suas próprias vidas, para manter a vida e profetizar o futuro dos seus.

As plantas sempre estiveram e ainda estão presentes nas minhas famílias e nas memórias de muitos quintais em Brás de Pina, o bairro que cresci e que ainda falaremos muito por aqui. O cuidado, manuseio e uso respeitoso de cada uma dessas plantas, são passados, quase que em um rito de geração em geração, dentro das famílias, dentro dos quintais e dentro das cozinhas.

Foi pelo saber da terra e pela transformação da carne morta em vida, como uma vez ouvi Helena Theodoro dizer, pelo preparo dos alimentos, que posso contar a história das mulheres e de todas as minhas duas famílias. Partirei das cozinhas para contar essas histórias, foram nessas cozinhas e em tantas outras, que essas mulheres puderam possibilitar o sustento das vidas de suas famílias e comunidades, através dessas cozinhas traçaram suas histórias e possibilitaram e deram chão para as histórias daqueles, que ainda nem tinham nascido ou nasceram.

Nas minhas famílias o ambiente das cozinhas, sempre foram os ambientes onde mais se passava tempo nas casas, foi nesses ambientes em que eu aprendi a ser um bom ouvinte e contador de história, seja na cozinha da casa da vó Amélia ou da vó Nelly. Essas duas mulheres que fizeram das cozinhas suas práticas de vida, seja minha avó Amélia, nos restaurantes, pensões ou bares em que trabalhou, cozinhado para os funcionários de infinitas obras, das rondozas dos bairros onde morou. Ou, como no caso da minha avó Nelly, inicialmente no armazém que a família possui, bem como

na escola municipal onde foi merendeira e que posteriormente eu faria meu primeiro ciclo do ensino fundamental.

Para falar mais dessa relação de cozinhas, quintais, raízes territoriais, fé e festas de ruas, que no meu entendimento são as principais forças que me compõe, é necessário falar daquelas(es) que me alimentaram até aqui, alimentaram no entido genuíno da palavra, mas que também me alimentaram de histórias, memórias e vivências de rua. Não faz sentido contar a nossa história, sem antes contar sobre as nossas mais velhas e mais velhos, lembro aqui de Conceição Evaristo em um trecho do seu poema *Vozes Mulheres*, peço licença a esta maravilhosa escritora, para fazer uma pequena mudança etária, na interpretação do poema:

*A voz de minha avó (bisavó)  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe (avó)  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.<sup>1</sup>*

Então vamos lá, vamos às apresentações e contação de histórias. Desde que me entendo por gente (como minha avó dizia), eu escuto os meus avós e mais velhos da família falando sobre suas vidas e o território onde essas vidas se materializavam: Brás de Pina, isso sempre me fez, olhar a volta, depois fechar os olhos e entrar remontar e pensar: o que era essa Brás de Pina dos anos 40, 50,

<sup>1</sup> EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.



60 e 70, do século passado? Principalmente a partir das histórias dos meus mais velhos, pensar sobre Brás de Pina e configurar esse território me faz voltar as infinitas conversas dos sofá, nos fins de tarde esperando o início das novelas noturnas, com a minha vó Nelly e as mesas, pós almoços diários nas casas das minhas avós ou nos almoços especiais de aniversários, casamentos, domingos e dias santos, nesses contávamos com casa cheia (mesmo a minha família sendo boa parte dela convertida ao protestantismo), transformando o ambiente de contação, em um espaço de disputa de narrativas, ali as histórias se misturavam as trajetórias de cada pessoa, que ocupava a volta da mesa ou os bancos de pedra, ou resto de materiais de construção no quintal.

Essas histórias eram contadas pelos homens e pelas mulheres das minhas famílias, mas confesso que sempre preferi estar na cozinha, com as mulheres, logo no início da manhã, quando minhas avós e minhas tias estavam conversando e apressavam a tirada da mesa do café para não atrasar o almoço, ou na “passada” do café pós refeições, essas histórias eram contadas no ambiente e na perspectiva do cuidado, sim a cozinha para famílias matriarcais, sobretudo as formadas por mulheres negras, são espaços de cuidado. Os homens trocavam suas conversas na sala ou debaixo das árvores no quintal, falando sobre política, da igreja ou fazendo “reportagem” do bairro (minha avó Nelly, chamava assim, o ato de fofocar). Não posso dizer que estavam esperando o futebol, ao menos na minha família paterna, pois os homens dessa parte da família, não eram ligados ao futebol, diziam que isso era circo para os “pobres e malandros” (camada racista)<sup>2</sup>, torciam para o Vasco da Gama, exaltando o caráter português da família e a supremacia sobre outros times, sobretudo o Flamengo, “o time dos pobres e

---

2 Muitas vezes em meio as minhas escritas, preciso ressaltar as camadas racistas, entranhadas e naturalizadas pela e na minha família paterna, seja pelas falas, ações e até mesmo pelas relações que tecem socialmente. O Racismo estrutural, como dito por Silvio Almeida, em seu livro: “O racismo não é um ato ou um conjunto de atos e tampouco se resume a um fenômeno restrito às práticas institucionais; é, sobretudo, um processo histórico e político em que as condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos acializados é estruturalmente reproduzida.” Esta forma está muito presente e é naturalizados pela minha família paterna.

favelados” (camada racista) como falavam. Na família da minha mãe, o meu avô Zário (nome carinhoso, pelo qual minha avó o chamava), sempre tinha seu radinho de lado para ouvir o Flamengo jogar. Nessa parte da família sim, os homens sempre falavam de futebol e nos almoços especiais, principalmente os de domingo, a divisão era feita, homens na sala/quintal (em meio aos materiais de construção) falando de futebol e as mulheres na cozinha, contando histórias e falando sobre suas práticas diárias, sobre suas rotinas.

Primeiramente, antes de continuar colocando o ambiente íntimo por aqui, eu preciso pontuar quem são essas famílias: a minha família Materna é a família Oliveira, sobrenome da matriarca, minha avó, Amélia Eugenia de Oliveira, nascida em Bicas, Minas Gerais, em 1928 e a minha família Paterna é a família Pimentel, sobrenome do Patriarca dessa família, meu bisavô, Zaurídio Pimentel, porém esse sobrenome no território de Brás de Pina era diretamente vinculado a minha bisavó, Violeta Coelho Pimentel, nascida em Macaé, em 1906. Ela que administrava o armazém da família, armazém que começou com uma barraca de venda de sardinhas e cocadas, mas que posteriormente abasteceu boa parte dos moradores daquela fração do bairro, até o fim da década de 60, quando vieram os grandes mercados.

Essas são as raízes das duas famílias, raízes que consigo acessar por meio das histórias familiares, já as histórias antes das movimentações no território por essas mais velhas, não são tão relatadas, mas sabemos que estão associadas a nascimentos e óbitos de filhas e filhos, essas são as histórias que chegam até nós, as histórias das mulheres, não são acessadas com facilidade, até hoje. Esta questão gerava uma das inquietações, que me perseguiram por muitos anos, principalmente quando ouvi as histórias e havia um hiato ou uma fabulação, todavia entendo que essas são estratégia de sobrevivência coletiva, preservando o passado e possibilitando futuros, principalmente por essas duas famílias serem protagonizadas majoritariamente pelas mulheres, em suas trajetórias, práticas, ritos, territorialidades e saberes.



A família Oliveira, de minha mãe, que tem minha avó Amélia como matriarca, é composta por mulheres, eram seis filhas, nem todas são do mesmo pai, as duas últimas, minha mãe, Márcia da Silva Torres e minha tia Margareth Silva Dias, são filhas do meu avô Cezário Fabrício da Silva, último companheiro, que minha avó dividiu o ambiente doméstico, desde a década de 60, até 2010, data do seu falecimento. Meu avô Zário era o único homem nesta casa de sete mulheres. Na família Pimentel, do meu pai, que possui minha bisavó Violeta como matriarca, havia uma composição mista, em sua maioria de homens, ela e meu bisavô, tiveram sete filhos, quatro ficaram vivos, inclusive a morte de dois desses filhos em um intervalo de menos de 48 horas, foi determinante para a movimentação dessa família no território, mas dos quatro filhos vivos, eram três homens e uma mulher, a mulher era a minha avó Nelly, ou Lyli, ou Lila, ou gorda (esse último, não era do meu agrado, mas muitos a conheciam desta forma no bairro e na escola onde ela trabalhou como merendeira até se aposentar).

**Imagem 1: Casamento da Tia Penha, 1978.**



Fonte: Acervo pessoal - Nesta Foto estão, meu avô Cezário, minha tia Penha e minha avó Amélia.



**Imagem 2: Casamento da Tia Penha, 1978.**



Fonte: Acervo pessoal - Nesta Foto estão, da esquerda para direita, minha mãe - Márcia (mais alta), minha tia Margareth, minha tia Penha, seu antigo esposo (Domingos), criança não identificada e minha tia Marlene.

**Imagem 3: Aniversário da tia Norma, 1 ano, 1958.**



Fonte: Acervo pessoal - Nesta Foto estão, da esquerda para a direita, minha bisavó Violeta, minha tia Norma, no colo da bisavó, meu primo Nerilson no colo, do meu tio Nélio.



**Imagem 4: Almoço de aniversário do meu avô Antonio Sequeira, 1995.**



Fonte: Acervo pessoal - Nesta Foto estão, ao lado dele a direita, minha avó Nelly, minha prima Mayara, entre minha avó e minha tia Norma, que se encontra na extremidade direita da foto, na parte de baixo estamos eu e minha irmã.

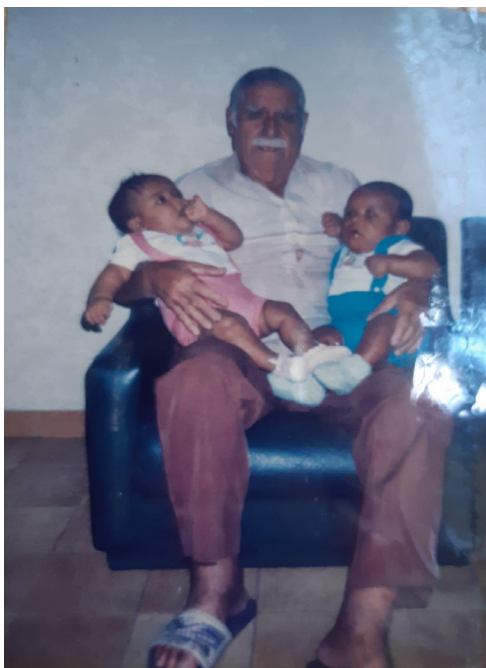
**Imagem 5: Foto aos 5 meses.**



Fonte: Acervo pessoal - Foto aos 5 meses com minha irmã gêmea, Juliana e a minha avó paterna Nelly.



**Imagem 6: Foto aos 5 meses.**



Fonte: Acervo pessoal - Foto aos 5 meses, com minha irmã gêmea, Juliana e meu avô paterno Antonio Sequeira.

**Imagem 7: Foto aos 5 meses.**



Fonte: Acervo pessoal - Foto aos 5 meses, com minha irmã gêmea, Juliana e a minha avó materna Amélia e minha tia materna, Margareth.

**Imagem 8: Foto aos 5 meses.**



Fonte: Acervo pessoal -Foto aos 5 meses, com minha irmã gêmea, Juliana e meu avô materno Cezário.

A movimentação dessas mulheres no território, seja marcada pela morte dos filhos, no caso da minha bisavó Violeta, ou marcada em sua maioria pelo nascimento das filhas, no caso da minha avó Amélia, no tempo em que isso se deu, nos contextos sociais e de mudanças nacionais, sobretudo no contexto urbano, trazem essas mulheres até Brás de Pina, minha bisavó Violeta, juntamente com seus filhos e filha, chegam no fim da década de 1930, já a minha avó Amélia chega no bairro, na década de 1950, sendo mãe neste momento de 4 meninas, as duas últimas, minha mãe Márcia nasce em 1965 e a caçula, minha tia Margareth, nasce em 1972.

**Imagem 9: Carta geológica do Distrito Federal,  
Everardo Backheuser, 1925.**



Fonte: Divisão de Cartografia, Fundação Biblioteca Nacional.

Localizado próximo ao bairro da Penha, na antiga freguesia de Irajá, no recôncavo da baía de Guanabara, na zona norte da cidade, na região conhecida como Leopoldina<sup>3</sup>. O bairro de Brás de Pina, que tem o nome do antigo proprietário desta terra, o Visconde de Brás de Pina<sup>4</sup>, traz em seu histórico influências que o colocam em evidência desde a colônia, quando suas terras eram utilizadas para plantio de açúcar e produção de aguardente, todavia a pesca de baleias, as manufaturas e produtos a partir desses mamíferos eram a principal frente comercial do território, como a produção de óleo de baleia, muito utilizado para iluminação pública até meados do século XIX, quando são substituídos por lâmpões a gás<sup>5</sup>.

3 Zona da Leopoldina é uma região histórica da Zona Norte do Rio de Janeiro. Foi a primeira parte dessa região da cidade a ser loteada ordenadamente em meados de 1850 e também a primeira área a ganhar iluminação elétrica nos anos 1910. Tradicional, a região dos atuais bairros: Manguinhos, Complexo da Maré (bairro), Bonsucesso, Ramos, Complexo do Alemão, Olaria, Penha, Penha Circular, Vila da Penha, Brás de Pina, Vila Kosmos, Cordovil, Parada de Lucas, Vigário Geral e Jardim América. É a região mais antiga da Zona Norte carioca. Outros bairros tradicionais da Zona Norte, como Maracanã, Vila Isabel e Tijuca só começariam o mesmo processo a partir de 1875 enquanto Riachuelo, Méier, Engenho Novo e Marechal Hermes, a partir de 1901. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona\\_da\\_Leopoldina](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_da_Leopoldina) (acessado em 08/06/2023).

4 Visconde de Brás de Pina, filho de nobres portugueses nascido no Brasil e um dos grandes empreendedores da capitania do Rio de Janeiro <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/13482-br%C3%A1s-de-pina,-a-princesinha-da-leopoldina> (acessado em 08/06/2023).

5 <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/04.037/679> (acessado em 01/06/2023).



Outro fator importante para a ocupação do bairro, foi a construção da estrada de ferro que interliga o bairro de Brás de Pina<sup>6</sup> a muitos outros bairros, sobretudo ao Centro, permitindo assim uma maior ocupação da área, como afirma Maurício de A. Abreu em seu livro.

Embora atravessando terras mais baixas, sujeitas a inundações periódicas, próximas que estavam da orla da baía de Guanabara, a Rio de Janeiro Northern Railway Company, também chamada Estrada do Norte (futura Leopoldina Railway), teve papel indutor muito mais importante que a Rio D'Ouro. Sua primeira linha, inaugurada a 23/04/1886, entre São Francisco Xavier e Mirity (atual Duque de Caxias), interligou uma série de núcleos semi-urbanos preexistentes, (como Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Brás de Pina, Cordovil, Lucas e Vigário Geral) que, devido à grande acessibilidade ao centro proporcionada agora pela ferrovia, passaram então a se desenvolver em ritmo bastante acelerado. (ABREU, 2013, p. 53).

O Centro da cidade, antes ocupado majoritariamente por negras e negros nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, passou por um profundo projeto higienista/racista de expulsão de corpos de mulheres e homens negros, para que cidade se tornasse a “Paris dos trópicos”, com isso, houve uma intensa migração de corpos negros para os subúrbios cariocas, criando e fortalecendo centralidades negras, como as da freguesia do Irajá (Penha, Madureira, Brás de Pina...), que já possuía uma intensa articulação território, por meio da cultura, características urbanas e socioespaciais de comunidades e bairros negros<sup>7</sup>.

“uma camisa e um terno usado  
Alguém me empresta  
Hoje é domingo  
E eu preciso ir à festa

6 Inauguração da estação de Brás de Pina, 1910.

7 Bairros negros, conceito cunhado pelo Pós-doutor e Professor titular da Universidade Federal do Ceará, Henrique Antunes Cunha Júnior. Este conceito que insere as populações negras urbanas nas teorias sobre a produção das cidades. As populações negras são interpretadas através da história do Brasil como consequência dos sistemas de dominação do escravismo criminoso e do capitalismo racista antinegro. Os bairros negros apresentam os elementos da cultura negra, assim como o protagonismo social dessas populações e transcrevem também as precariedades urbanas impostas pelo racismo antinegro.



Não brincarei, quero fazer uma oração  
Pedir à santa padroeira proteção  
Entre os amigos encontrarei algum que tenha  
Hoje é domingo e eu preciso ir à Penha.”  
-”Festa da Penha”, Cartola e Assobert

SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas/ Luiz Antonio Simas. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, p. 24-25.

Na década de 1920, o projeto do bairro Vila Guanabara<sup>8</sup>, surge com o objetivo lotear e urbanizar, oferecendo aos novos compradores “uma verdadeira Cidade Jardim”<sup>9</sup>, oferecendo moradia de qualidade, com acesso a serviços essenciais (comércio, diversão, esporte, transporte, assistência religiosa), como destacou Isabela Mota em seu livro “vestígios da paisagem Carioca”, na página 371.

Porém parte do bairro não foi acessada para projeto, a parte mais próxima das matas do mangue que margeava a baía de Guanabara. Nesta área nasceu uma pequena favela, dos relatos das minhas avós, tias e tios, conseguimos identificar a presença da favela, desde o fim da década de 1930. Data que marca a chegada da minha avó Nelly (chegada em Brás de Pina, 1939), posteriormente temos a migração da minha avó Amélia.

Duas trajetórias migrando para a capital da república, em tempos próximos, três mulheres migrando buscando novas possibilidades de futuro e o Rio de Janeiro se mostrava como uma e “promissora” metrópole do país, mas que não daria infraestrutura básicas para todas e todos, assim como escreve o pesquisador Rafael Soares Gonçalves:

---

8 “A Vila Guanabara, bairro residencial modelo que surgiu no fim dos anos 1920, foi a base de formação de grande porção do atual bairro de Brás de Pina, antes pertencente à freguesia do Irajá. O projeto era da iniciativa privada, mais precisamente da Companhia Imobiliária Kosmos (...). A empresa adquiriu as terras e planejou, loteou e urbanizou o novo endereço, que propunha oferecer moradias de qualidade com acesso a serviços essenciais (comércio, diversão, esporte, transporte, assistência religiosa). Nos anúncios destacava o nascimento de ‘uma verdadeira Cidade Jardim’, servida por ‘120 trens diários’. Hoje restam algumas edificações sem as feições originais e uma igreja, e já é raro quem se lembre dos tempos da Vila Guanabara.” Trecho de “Vestígios da paisagem carioca”

9 O jornal, 7 de setembro de 1928, p.11.



A partir da Segunda Guerra Mundial, o processo de industrialização se acelerou e provocou um êxodo rural maciço em direção às grandes metrópoles, notadamente Rio de Janeiro e São Paulo. A expansão das favelas constitui um dos aspectos do acelerado processo de urbanização que afetou profundamente a cidade do Rio de Janeiro naquela época. Embora representadas como espaços marginais, a favela, segundo Lucien Parisse, é mais que um simples abrigo, constitui um meio de se inserir na cidade, apesar de outras formas de habitação popular. Ela permite, melhor, ela favoriza a participação dos favelados nas atividades e nos modos de vida urbana”. (GONÇALVES, 2013, p.171).

Das conversas com minha avó Nelly e meu tio Nélio, é possível voltar a imagem daquela parte do bairro, quando a minha bisavó Violeta, desembarca com os filhos em Brás de Pina, para passar uns dias na casa do irmão. Ela já não estava nada bem, desde a morte da sua filha e filho em um espaço tão curto de tempo, então viu nessa viagem, uma forma de amenizar o luto. Ao chegar em Brás de Pina, na casa de seu irmão, Violeta se sentiu muito bem e então decidiu não voltar mais para Macaé, ela viu naquele bairro e naquela cidade, ainda capital da república, uma grande oportunidade de futuro para sua família.

**Imagem 10: Minha avó Nelly e os irmãos Nério (à esquerda) e Nilson (à direita).**



Fonte: Acervo pessoal - Foto retirada em Macaé, em 09 de setembro de 1940, em visita a família. O outro irmão, Nélio, nasceria em 1944. Minha avó me contava, que todas as férias eles iam para Macaé ver a família.

Meu Tio Nélio conta e minha avó contava, que a bisavó mandou uma mensagem para que seu marido, trabalhador da Leopold-

dina Railway<sup>10</sup>, que fosse a Brás de Pina para ter uma conversa com ele, ao chegar, eles dizem, que a bisavó falou ao marido: “já vi um senhor que está vendendo uns terrenos por aqui, e não volto mais para Macaé. Se quiser ficar comigo e com seus filhos, venha para Brás de Pina”.

O terreno que Violeta comprou, era localizado próximo da casa de seu irmão e da mata de mangue que havia próximo ao trecho da baía de Guanabara, que margeava Brás de Pina, e que nas décadas seguintes esse mesmo mangue sofreria diversos aterros para a construção da Avenida Brasil<sup>11</sup>, tirando a baía de Guanabara do olhar e convívio diário com a população da favela. Minha avó e meus tios contavam muito sobre esses movimentos da maré, o seu subir e descer o diário das águas e como isso promovia diversas vivências, formas de ocupar o solo e forma de tirar os sustento. Hoje eu e meu Tio Nélio, estamos tentando redesenhar a espacialidade da favela antes da urbanização, mas precisamente no fim dos anos 1950 no início dos anos 1960.



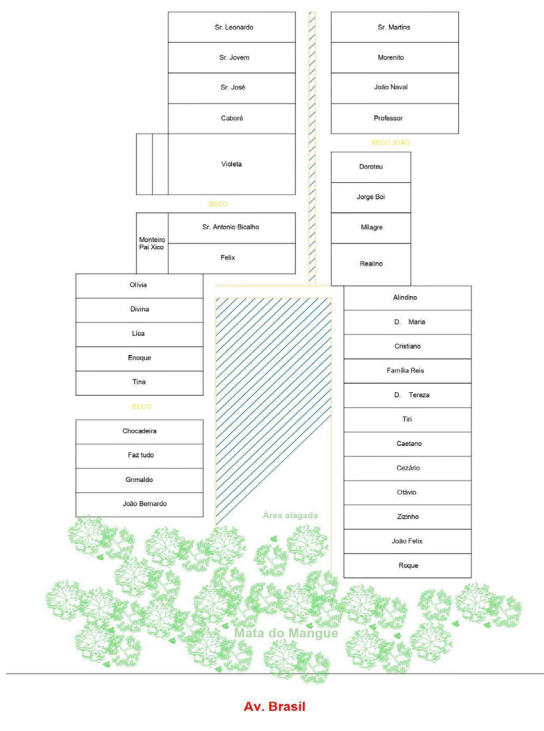
**Foto 10:** Desenho feito pelo Tio Nélio, na tentativa de remontar as territorialidades de Brás de Pina e seus barracos no fim dos anos 1950.

10 <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/leopoldina-railway-company-limited> (acessado em 08/06/2023).

11 Construída entre 1939 e 1954 na cidade do Rio de Janeiro. Para mais informações é importante ler a tese de Doutorado de Renato da Gama-Rosa Costa, 2006, localizada no Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Intitulada ENTRE “AVENIDA” E “RODOVIA”: A HISTÓRIA DA AVENIDA BRASIL (1906-1954).







**Foto 11:** Passagem do desenho do Tio Nélio, para o AutoCad, para depois tentarmos usar cartografias menos técnicas e com maior participação da própria comunidade, principalmente dos moradores desta época ainda vivos.

Voltando para a contação das histórias de Brás de Pina por essas mulheres e homens, como já afirmado aqui, o ambiente de contação de histórias sempre foi muito presente nos contextos dessas duas famílias, os homens disputavam o lugar de contar como seus feitos reafirmavam suas posições, principalmente as individuais e como isso legitimavam neles o lugar de respeito e moralidade dentro da família. As mulheres estavam sempre às voltas com histórias sobre suas trajetórias, mas principalmente aquelas que demonstravam suas práticas e articulações no território, em prol do coletivo, seja esse coletivo, o familiar ou o da vizinhança.

Minha avó, Nelly, me contava muito da construção da Av. Brasil, nos anos 1950 e posteriormente da construção da Cidade Alta nos anos 60, ela contava das tantas marmitas que vendeu para os trabalhadores que construíram esses prédios, como viu aquele morro ser cortado, para aterrar a baía de Guanabara, quantas caminhadas fez da rua Alquindar, número 775 até o pé do morro de Cordovil ou quantas vezes atravessou o mangue na cheia, ou precisou fazer um caminho muito maior para contornar a maré e chegar até a Avenida Brasil, levando as marmitas para os tra-

balhadores daquela grande obra. Minha avó Amélia, contava das construções dos quartéis da marinha, dos galpões de empresas, após o aterro da avenida Brasil, no anos 1950, e como isso gerou um mercado para lavadeiras e passadeiras, minha avó sempre relatava os caminhos percorridos para essas entregas, também comentava dos restaurantes abertos para alimentar esses militares e trabalhadores das empresas e fábricas, que se instalaram na região, após a obra da avenida Brasil.

As obras da Avenida Brasil, as construções desses galpões e prédios, proporcionaram que os meus avós maternos e paternos se conhecessem. Meu avô Cezário, saiu de Teresópolis, região Serrana do Rio de Janeiro, na década de 50, para morar com um dos seus irmãos na capital, em Brás de Pina e assim poder trabalhar como pedreiro nas obras daquela região, conhecendo assim minha avó Amélia, cozinheira de um dos restaurantes que alimentava esses trabalhadores.

Meu avô Sequeira, chegou de Portugal no início dos anos 40 e começou a trabalhar com o mercado de construção civil também, sua família em Portugal, tinha/tem a tradição na carpintaria e ele veio para o Brasil morar com um tio, que lhe ensinou o ofício. Nos anos 1950/1960 morava na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em Jardim Maravilha, era casado e possuía seus filhos, porém em uma de suas obras na região da Penha, conheceu a minha avó Nelly, nessa altura ela já era merendeira de uma escola pública, seu sonho era ser enfermeira, mas meu bisavô não autorizou, sim ela nessa altura era viúva, do seu primeiro casamento e precisava da autorização do pai para fazer o concurso da escola de enfermagem Anna Nery.

O encontro desses dois casais, ocorre nesse cenário de mudanças, na cidade e em Brás de Pina, a construção da Avenida Brasil, potencializou mais uma vez a ocupação dessa região e estimulou frentes para o mercado imobiliário, favorecida pelas remoções dos anos de 1960<sup>12</sup>; por exemplo, a construção da Cidade Alta, aquela que já comentei aqui, está diretamente ligada as remoções das

12 Para mais informações é importante ler a tese de Doutorado de Maria Lais Pereira da Silva, 2003, localizada no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Intitulada Percursos, significados, e permanência das favelas cariocas(1930-1964).



favelas da zona sul carioca, as remoções fazem parte do ambiente histórico e urbano do Rio de Janeiro dos anos 60 e dialogam diretamente com o projeto de urbanização de Brás de Pina. Esta luta pela não remoção da favela sempre foi muito contada pelas minhas famílias.

Minhas avós e familiares, sempre falavam do Governador Carlos Lacerda (1914-1977), que governou entre 1960-1965. Sempre falavam do Lacerda como aquele que intensificou as políticas de remoções de favelas, minhas avós contavam de como viam os caminhões de gente que era removida da Zona Sul, chegando na Cidade Alta e nos conjuntos da Guaporé. Na primeira metade de 1960, a ameaça de remoção chegou na favela de Brás de Pina e a população se reuniu para coletivamente lutar pela não remoção, minha família conta muito sobre esse momento e sobre a frase que falavam nos momentos de luta, “Urbanização sim, remoção não”. Essa Articulação foi registrada, por seu caráter participativo e coletivo, construído entre os moradores, corpo técnico e instituições governamentais, a urbanização de Brás de Pina, começa a ser articulada.

Em 1965, os moradores da favela Brás de Pina, após o anúncio de despejo por conta do Estado, se organizaram em torno da associação de moradores para desenvolver um plano de urbanização, financiado pelos próprios habitantes. A contratação dos arquitetos (que, neste dado momento, ainda eram estudantes) ocorreu por meio do contato com a Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG). Por conta de diversas questões (que o Carlos Nelson Ferreira dos Santos elucida detalhadamente no livro *Momentos urbanos do Rio de Janeiro*), o projeto foi sendo descontinuado aos poucos. (SANTOS, 1981).

Meus pais nasceram nesse contexto de luta pela não remoção, minha mãe nasceu primeiro em 1965 (Márcia da Silva Torres), o meu pai nasceu em 1969 (Antonio Pimentel Sequeira). Crescem juntamente com a consolidação do projeto da urbanização. Minha mãe ainda nasce na rua Cascais, rua localizada às margens da favela, pela sua memória, ela se muda para rua o6, com mais ou menos 5 anos. Nunca tive oportunidade de perguntar ao meu avô, como

ele e minha avó conseguiram o terreno onde a família construiu a casa, minha tia uma vez me contou, que era um terreno da mãe do meu avô e quando ela morreu, ficou pra ele, gostaria muito de ter conversado mais com eles, como foram as articulações deles na luta pela não remoção. Mas de uma coisa eu sei, meu avô Cezário, construiu muitas das casas da favela urbanizada, uma delas inclusive está localizada na frente da casa da família do meu Pai, a casa de um antigo senhor do bairro, hoje já falecido, que emprestava dinheiro à juros para muitos do bairro, prática bem comum nos subúrbio carioca, a figura do agiota.

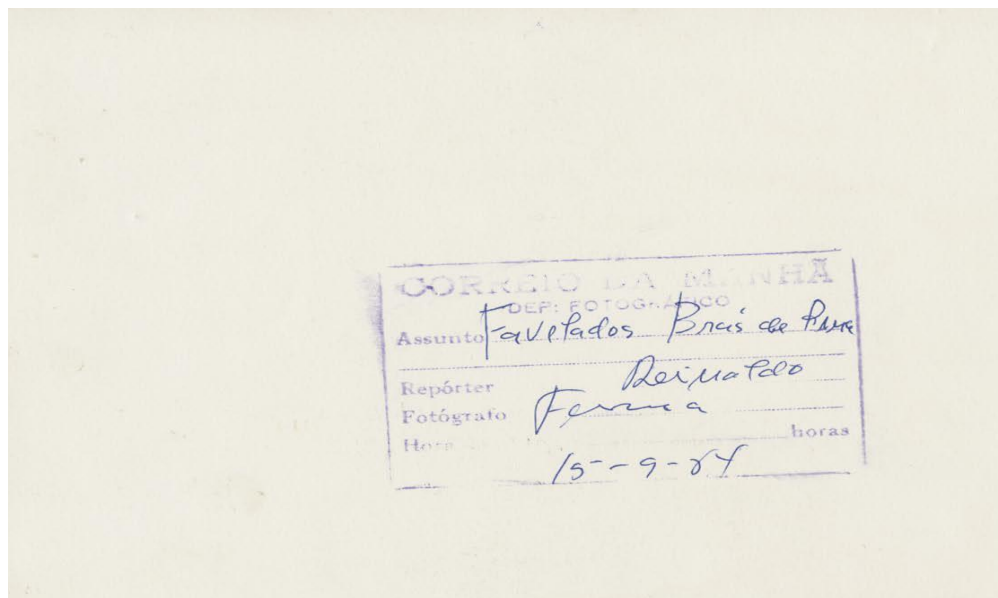
Meus pais crescem nesse contexto de favela passando por intensas mudanças. O ambiente de obra era presente na vida dos dois, eles sempre contam dessa relação com a construção, ao observar os trabalhos dos seus pais e ao acionarem as mães, sempre relatam essa rede de articulação territorial, feita entre as mulheres, através das suas cozinhas, quintais e no protagonismo das lutas pelos direitos. Foi muito interessante nas minhas pesquisas encontrar uma foto da minha avó, em uma reunião de articulação pela não remoção, na época da urbanização.

**Foto12: Foto de reunião comunitária no contexto da urbanização, minha avó Nelly, aparece bem ao centro da imagem, na segunda fileira de cadeiras à esquerda, ela se encontra na ponta, da direita para a esquerda.**

**Arquivo do Correio da Manhã.**



**Foto 13: Descrição da foto de reunião comunitária no contexto da urbanização. Descrito: CORREIO DA MANHÃ/departamento fotográfico/ Assunto: Favelados Brás de Pina/Repórter: Reinaldo/ Fotógrafo: Ferreira (caligrafia difícil de identificação/ Data: 15/09/64).**



O projeto de luta pela não remoção, foi protagonizado pela luta dos moradores e apoio técnico e institucional de muitas instituições. A articulação e luta desses moradores, tem um protagonismo feminino muito grande, principalmente nas redes territoriais já existentes, feitas por elas, que proporcionou a luta coletiva, muitas estratégias foram traçadas pelos moradores de Brás de Pina e seus parceiros, como o projeto participativo de urbanização do bairro, até mesmo um “Estatuto de Urbanização”, que seu anteprojeto, data dezembro de 1966, este documento foi organizado pela União de Defesa e Melhoramentos da Favela de Braz de Pina, este mesmo documento traz o histórico da luta pela remoção e estrutura a organização territorial, para a urbanização. Tive acesso a este documento, quando fui convidado pelo meu amigo Lucas Botti, juntamente com o laboratório de pesquisa que faz parte no IPPUR, estavam produzindo um documentário<sup>13</sup> sobre Brás Pina, com os moradores João e Nira, figuras importantes, pelas vivências

13 Documentário “Brás de Pina - O que poderia ter sido ainda não foi” disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pB6gOvhvS2g>.



deste período e pela salvaguarda de muitos arquivos da época da urbanização. Ao conhecê-los e ao tocar no nome das minhas avós, ativamos muitas memórias, daquelas que eu ouvi e as vivenciadas por eles, meu tio Nélio a pouco tempo se juntou ao grupo, potencializando ainda mais o ambiente de troca e histórias.

No fim da década de 1980 início de 1990, o projeto de urbanização já tinha sido consolidado de forma territorial, mesmo que ainda incompleto, como previsto pela sua população, porém a favela possuía uma infraestrutura urbana que muitas favelas não tinham. Os espaços de convivência cultural e religiosas do bairro, também fazem parte desse contexto de reorganização territorial, como por exemplo o Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Novo Horizonte<sup>14</sup>, fundado em 1 de janeiro de 1974. A presença do Bloco na parte central da comunidade, as atividades culturais, religiosas e educativas, ocorridas em seu anterior, assim como a participação ativa da comunidade para manutenção de suas atividades e história, demonstram a presença musical nesse contexto territorial, principalmente a musicalidade e através da cultura negra.

Em muitas das histórias e memórias que tenho de Brás de Pina, elas são marcadas pela música, por meio dos ensaios do bloco, quando eu fazia capoeira nas suas instalações e podíamos ir acompanhando o ensaio da bateria, ou diversas pessoas da comunidade, ajudando na composição das fantasias do carnaval do próximo ano, ou quando a minha avó Amélia nos levava para ver o ensaio de rua do bloco, feito na rua 48. Lembro também das minhas tias e meus pais, contando do bar do Robson, que tocava as músicas do Bebeto<sup>15</sup> o dia inteiro, esse bar estava localizado no largo das 5 bocas, uma forte centralidade da favela, largo onde fica localizada a associação de moradores e onde meu pai mora e tem um bar, hoje.

---

14 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo\\_Horizonte\\_\(bloco\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Horizonte_(bloco))

15 Bebeto um cantor e compositor brasileiro, conhecido como “Rei do Balanço”, Bebeto é muito importante nas minha memórias musicais com a família da minha mãe, com as minha tias [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bebeto\\_\(cantor\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bebeto_(cantor)), vale muito a pena ouvir Bebeto <https://open.spotify.com/artist/7s6K4YGtN6umad2vEORNM4?si=ANzFPCqJTgain9to9-z3CQ>.



Meus pais se conhecem através da música, em um baile, no fim dos anos 1980, e posso dizer que a música foi e é muito presente em toda a minha vida, pelos longos anos que meus pais foram casados, a música sempre foi muito presente em nossas vidas. Escutávamos de tudo. Meus pais foram super influenciados pelo contexto musical dos anos 1980. Banhado de muito pop rock 14 Beбето um cantor e compositor brasileiro, conhecido como “Rei do Balanço”, nacional, samba-rock, funk melody, pagode e samba. Eles frequentavam os melhores bailes musicais do subúrbio carioca, não é difícil em suas histórias, ouvir eles falando sobre o baile do Olaria Atlético Clube, ou do Mello Tênis Clube. Também não é difícil ouvir minha mãe contar sobre seus sambas em Madureira, do desfile da Portela.

**Foto 13: Minha mãe, Márcia, eu de azul e minha irmã Juliana de vermelho, 1992.**



**Foto 14: Meu pai, Antonio (Sequeirinha), eu de azul e minha irmã Juliana de Salmão, 1992.**



Se eu precisar acionar as melhores memórias da minha vida, elas sempre terão música e cheiros, com cenários diversos, podendo ser: Nos carnavais em Saquarema ou em São Pedro da Aldeia,



ouvindo desde Axé, até Legião Urbana; ou nas infinitas festa da igreja que fazíamos parte, Santa Cecília, que meus pais trabalhavam, em barracas de comidas ou bebidas; ou nos almoços dos Antonios<sup>16</sup>, oferecido por meu avô no dia de Santo Antônio e por fim, nos dias mais banais e comuns, em que eu estava na casa de alguma tia ou prima e enquanto elas cozinhavam ou estavam no quintal o rádio nos embalava com trilhas sonoras, que iam da MPB ao Gospel.

Se precisasse pensar nas três principais camadas que compõem o meu eu, eu diria: Fartura (festas, almoços...), fé (relação com as diversas religiões presentes na minha família) e cuidado (ao observar e ao ser solicitado pela família nesse lugar). Essas são as três principais raízes que me ancoram, recebi das minhas mais velhas, recebi por meio da escuta ou por observar suas práticas cotidianas, nas suas relações com a casa, quintais e com as ruas por onde andavam e estabeleciam suas redes.

Como já afirmei aqui, fui criado em meio de cozinhas a todo vapor para festas, sejam elas religiosas, comemorações de aniversário, ou simples reuniões de amigas e amigos da família, ou da igreja. Esses almoços/ reuniões sem datas ou ocasiões específicas para comemorações, eram chamados de “junta pratos”, neles cada família levava um prato salgado e uma sobremesa para confraternizar. Nesses e em todos os momentos festivos que comentei aqui, as gargalhadas, voz alta, a música, o churrasco na brasa e a cerveja gelada, eram presenças de primeira hora.

Minhas avós costumavam dizer que sexta depois das 18h, ninguém mais achava minha família em casa, nós só aparecíamos novamente no fim do domingo e de fato era esse o nosso ritmo do fim de semana. Eram os compromissos da igreja, dos muitos aniversários, dos “junta pratos” na casa de amigas e amigos, ou compromissos e acampamentos do escoteiro.

---

<sup>16</sup> Meu avô, que se chamava, Antonio Sequeira, oferecia sempre um almoço em devoção a Santo Antonio e para comemorar os outros Antonio's da família, como eu, Antonio Pimentel Sequeira Júnior. Esse era um dia de panelas grandes, cozinha a todo vapor, plantas do quintal para os cantos e casa bem cheia o dia inteiro, vinham os primos do meu avô de diversos lugares da cidade.



Para manter as necessidades familiares, sobretudo para a manutenção educacional minha e da minha irmã, eu vi meus pais trabalhando muitas vezes por três turnos intensos, em diversas frentes, lembro-me da minha mãe, dando aulas de explicação nos turnos da manhã e da tarde, ou cruzando a cidade nos fins de semana para fazer cursos de alfabetização de adultos, no NEAd<sup>17</sup> PUC-RJ, para durante a semana a noite poder oferecer os conhecimentos deste curso, na associação de moradores. Meus avós maternos moravam no terreno que fazia fundos para associação, não me esqueço quantas vezes fiquei sentado na escada que levava ao terraço vendo a minha mãe dar aula para muitos adultos e idosos, em sua maioria mulheres negras. Essa memória me emociona até hoje.

Meu pai, trabalhava o dia inteiro com transporte escolar, com crianças que moravam em uma favela chamada Kelson, localizada próximo a nossa residência, do outro lado da Av. Brasil. À noite, ele trabalhava com transporte alternativo nessa mesma comunidade e aos fins de semana, fazia fretes ou levava grupos para eventos e excursões.

Ainda com o objetivo de melhoria social e econômica, vi meus pais trabalhando coletivamente em duas frentes: como feirantes de roupas e produtos de cama, mesa e banho, eles andavam por muitas feiras na zona norte, em Madureira, em Olaria, na Penha. Além disso, eles também tinham os clientes que eram atendidos em casa. E também tiveram um buffet de festas juntamente com uma grande amiga, a tia Fatinha. Para cumprir essa agenda intensa de trabalhos diversos, eu e minha irmã precisávamos ficar com as nossas avós e tias. As casas mais frequentes que ficávamos eram as das nossas avós maternas e paternas, ou nas casas da minha tia Margarida, ou da minha prima Andreia.

Nas casas da minhas avós, tias e primas, era muito comum acompanhá-las nos afazeres diários, seja com a minha tia Margarida nas compras de aviamentos para que ela fizesse suas infinitas

---

<sup>17</sup> NEAd - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos do Departamento de Educação da PUC-Rio. Site: [http://www.edu.puc-rio.br/pt\\_br/nead/](http://www.edu.puc-rio.br/pt_br/nead/).

costuras ou comprando materiais para ela fazer salgados que seriam vendidos na igreja. Eu também ia muito aos sacolões presentes no bairro, como o do Roque, do “Nem”, da Maria ou do “Godinho”, para comprar frutas, legumes ou demais mantimentos para elas, percebia que muitos comércios tinham nomes masculinos ou tinham a presença de homens, mas que o comando geral era feito por mulheres, isso não me era nada estranho, era assim na minha casa ou na casa das minhas avós e tias, eram as mulheres que faziam a operação da vida. Também eram elas que passavam os conhecimentos para o coletivo familiar.

Eram sempre elas, elas que fundaram em nós o sentimento de fartura, fé e cuidado, enxergo estas três frentes, como estratégia de liberdade, todos esses lugares de práticas/trabalho, eram também estratégias de liberdade, como escreveu em seu livro *Dear Science and Other Stories*, Katherine McKittrick, ao observar, que por meio do trabalho contínuo, subvertendo e recusando esteticamente a falta de liberdade. Era por meio desse trabalho contínuo, que sim explorava, cansava e era perverso ao corpo e mente dessas mulheres, que elas possibilitavam e passavam seus ensinamentos para seus coletivos familiares.

Se eu pensar na família da minha mãe, a música era um lugar de negação e subversão da estética posta, na casa da minha avó, até mesmo depois da conversão dela, quando eu era criança, a presença da música negra, por meio de muitos cantores, como Martinho da Vila, Emílio Santiago, Clara Nunes, Elza Soares, trazia um sentimento de pertença, um sentimento de identidade e de afirmação, que ali sim, eu vi minha verdadeira avó e não aquela que estava presa dentro de um templo, majoritariamente e esteticamente branco.

Eu sempre percebi que a dedicação e o trabalho era a maior associação de cuidado feito pelas minhas avós, tias, prima e pela minha mãe, mesmo muitas vezes isso também sendo o mesmo



---

lugar de negação o retardado daquilo que elas mesmo queriam. Isso ficava evidente nas nossas conversas, quando elas comentavam das portas que foram abertas (no estudo, no trabalho, no afeto), mas que não puderam seguir, para manter o coletivo e até mesmo dos caminhos interrompidos, pela estrutura, racista e misógina posta. Desde pequeno esse lugar do cuidado é presente em mim, seja com pessoas doentes em tratamentos, quando nasciam crianças mais novas, dentre muitos outros momentos.

Mais uma vez, não quero romantizar esse lugar, reconheço que esse é um lugar de trabalho e trabalho árduo, que perpetua negação de muitos caminhos a serem tomados, como muitas vezes essas mulheres contando. Talvez por isso também, quando os meus pais se separaram aos meus 14 anos, eu me vi em um sentimento de responsabilidade tão grande, as coisas apertaram em casa e eu, minha mãe e irmã precisamos começar buscar novas formas de viabilidade econômica. Começamos a vender bolo na escola, minha mãe começou a vender tudo o que podia, virou representante de muitas marcas, também enveredou em uma nova profissão, a de cuidadora. Ainda sim não estava fácil e conversando com a minha mãe e tia Norma, pedi para começar a trabalhar como jovem aprendiz e assim foi feito, aos 14 anos comecei a trabalhar em meio período.

Nesta mesma época, estávamos acabando o ensino fundamental e meu pai, já bem ausente nesse momento, havia dito que não pagaria mais escola no ensino médio, que nós deveríamos passar para uma escola técnica, eu e minha irmã fizemos provas no fim do ano e não passamos de primeira, achamos que ele não cumpriria a promessa, mas faltando menos de uma semana para início do ano letivo, nós três (eu, minha mãe e minha irmã), dormimos no frio em uma fila na busca de vaga remanescente para escola, e conseguimos! Começamos, mas logo m mês depois eu fui chamado para as reclassificações no curso técnico que prestei.

Fui fazer curso técnico em edificações na Escola Técnica estadual Ferreira Viana<sup>18</sup>, era longe de casa e a noite, minha mãe ficou assustada no primeiro momento, eu também, mas essa seria a única forma de manter o trabalho também. Muitos me perguntavam, porque eu havia escolhido o curso técnico em edificações e eu dizia, que era porque eu queria ser arquiteto, pensando que isso era influência das profissões dos meus dois avôs e acredito que tem um pouco das vivências e histórias que vivi e ouvi deles nesse lugar, MAS foi pelas mulheres da minha família, avós, tias, primas e mãe, que escolhi seguir no caminho de edificações e posteriormente na faculdade na arquitetura e urbanismo.

Sempre me percebi mais ligado ao Urbanismo, do que a Arquitetura e só depois de muito pensar sobre isso, percebi que era devido a influência delas, da minha bisavó, avós, tias, mãe e primas. Percebi isso ao constatar, que o que me encantava no urbano, era a forma como as pessoas estabeleciam suas redes de sociabilidades, como estabeleciam suas territorialidades, de forma voluntária ou involuntária. Sempre me encantou e aguçou ver as materializações, os significados e os significados de como construir as casas, como dispor os cômodos, como eram dadas as relações da casa com o quintal, o da casa com a rua, o que diziam os quintais por meio das suas plantas, disposições das coisas ali postas.

Me encantam consegui ler rapidamente uma família e se sentir aguçado em saber mais sobre a história dela, só de passar do portão pra dentro de uma casa, me encanta também entender as relações de vizinhança estabelecida, seja através da religiosidade, das festas de rua, de santos ou profanas mesmo, tão presentes nas dinâmicas de bairros negros, como no subúrbio onde cresci. Como por exemplo as territorialidades estabelecidas para um dia, como o dia da festa de Cosme e Damião, onde as ruas ganham crianças gritando de porta em porta o dia inteiro, acompanhadas das suas avós, tias e mães. Para as avós mais velhas, que não conseguem

---

18 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_T%C3%A9cnica\\_Estadual\\_Ferreira\\_Viana](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_T%C3%A9cnica_Estadual_Ferreira_Viana).



longas caminhadas, as ruas ganham cadeiras e bancos na frente dos portões, na espera dos carros que passam distribuindo doces<sup>19</sup>.

Essas relações de rua, quintais, casas e pessoas, buscando subverter ordens postas, ou até mesmo criar ambiências de origem, como por exemplo as festas de São João, comuns nessa época do ano que escrevo, são tão potentes nos subúrbios cariocas e remontam territórios originários, para tantas mulheres e homens que tiveram deslocamentos em suas trajetórias, na busca de melhoria de vida para suas famílias. Essas relações e construções de pertença, também são articuladoras de lugares de luta por condições melhores de vida, como feita pelas mulheres das minhas famílias, na luta pela não remoção da favela de Brás de Pina em 1960. Suas redes, construções coletivas identitárias no território e raízes possibilitam estratégias de resistência.

Quando eu chego na Escola de Arquitetura e Urbanismo<sup>20</sup>, da Universidade Federal Fluminense<sup>21</sup>, onde estudei entre 2013-2019 eu precisei voltar e me debruçar sobre o meu território raiz, aquele que me trouxe até aqui. Precisei voltar nas memórias que me eram/são contadas sobre ele e se complementam, distanciar-se e ou se apresentavam como fragmentos, quando acessei o espaço dos estudos urbanos, tão marcadas pela presença e referência do Professor Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1943-1989), que ajudou a consolidar o curso, junto com outros professores e ficou como professor até o fim da sua vida (SILVA, 2000, p.114). O professor Carlos Nelson, do grupo quadra, que também era integrado pelos arquitetos, Silvia Wanderley e Rogério Aroeira; juntamente com os moradores, 19 No dia de Cosme e Damião, 27 de setembro, até os terreiros sempre tão perseguidos e demonizados abrem suas

19 No dia de Cosme e Damião, 27 de setembro, até os terreiros sempre tão perseguidos e demonizados abrem suas portas e tomam as ruas. Não tem, ateu, crente ou católico mais fervoroso, que não peça licença aos santos gêmeos, para alegrar as suas crianças. Porque todo mundo sabe, as festas, os brinquedos e os doces dos terreiros são os melhores no cosme e Damião. Lembro da minha avó, crente, escondendo nossos doces na casa dela, pois minha mãe não gostava que pegássemos. Lembro dela orando o doce, antes de comer junto conosco, essa ação pra mim, é a maior representação do subúrbio. Deixo claro que aqui não estou romantizando ou diminuindo a relação criminosa de perseguição religiosa sofrida pelas religiões de matrizes Africanas.

20 <https://eau.uff.br/>.

21 <https://www.uff.br/>.



portas e tomam as ruas. Não tem, ateu, crente ou católico mais fervoroso, que não peça licença aos santos gêmeos, para alegrar as suas crianças. Porque todo mundo sabe, as festas, os brinquedos e os doces dos terreiros são os melhores no cosme e Damião. Lembro da minha avó, crente, escondendo nossos doces na casa dela, pois minha mãe não gostava que pegássemos. Lembro dela orando o doce, antes de comer junto conosco, essa ação pra mim, é a maior representação do subúrbio. Deixo claro que aqui não estou romantizando ou diminuindo a relação criminosa de perseguição religiosa sofrida pelas religiões de matrizes Africanas. e estudantes, em parceria com a CODESCO<sup>22</sup>, foram responsáveis pelo projeto de urbanização de Brás de Pina, que já falei aqui muitas vezes.

Durante o curso, também fiz parte de uma pesquisa PIBIC, juntamente com um grupo de pesquisa GPDU/UFF<sup>23</sup> - Grupo de Pesquisa Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano, Laboratório Globalização e MetrÓpole, onde acompanhamos a luta pela não remoção da favela da Vila Autódromo<sup>24</sup>, no contexto da copa e das olimpíadas, do Rio de Janeiro em 2016. Os meus estágios, tanto no Ministério Público do Rio de Janeiro - GATE<sup>25</sup> (2016-2018), assim como no Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>26</sup> (2018), ou como pesquisador do Observatório de Favelas<sup>27</sup> (2021-2022), assim como nos projetos de regularização fundiária e melhorias habitacionais, como estagiário e depois como Arquiteto e Urbanista, que sempre me colocam em diálogo com territórios e pessoas.

Em todas essas experiências, onde eu o diálogo com pessoas conformando, reafirmando a potência e lutando por seus territórios, me fazem voltar diretamente as minhas memórias, das cozinhas, quintais, portões, onde junto com as mulheres da minha

22 Companhia de Desenvolvimento de Comunidade (CODESCO).

23 <https://www.facebook.com/100057106974280/about/>.

24 <https://museudasremocoes.com/sobre/a-vila-autodromo/>.

25 O GATE é o setor responsável por elaborar diretrizes e análises técnicas para apoiar promotorias de justiça em investigações e ações judiciais de diversas temáticas – saúde, contabilidade, obras de engenharia, meio ambiente, entre outras.

26 <http://portal.iphan.gov.br/>.

27 <https://observatoriodefavelas.org.br/>.





família, aprendi a ouvir, negociar e a pensar estrategicamente em como potencializar e olhar para os territórios se distanciando da ótica da escassez, reafirma o lugar da vida, da festa e do cuidado coletivo das famílias.

*Obrigado Minhas mais velhas, por terem aberto caminhos que me possibilitam a continuidade!*

## **BIBLIOGRAFIA**

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.

FREIRE, Américo; OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

GONÇALVES, Rafael Soares. **FAVELAS do Rio de Janeiro: histórias e direito**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013.

SILVA, Maria Lais Pereira da. **Favelas cariocas: 1930-1964**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas/ Luiz Antonio Simas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.



# CAPÍTULO 3

## TERRA DE POVO LIVRE

Azânia Mahin Romão Nogueira

Eu sempre conto a história como quase me chamei Damiana, em promessa à São Cosme e São Damião, protetores dos erês. O juramento foi modificado quando minha mãe leu o livro “Escrevo o que eu quero”, do intelectual e militante anti-apartheid sul-africano Steve Biko. Em determinado momento do livro ele compartilha o desejo dele e camaradas de luta em mudar o nome do país ao fim do regime. Ele passaria a se chamar Azânia, terra do povo livre. Steve Biko foi assassinado na prisão em 1977, seus carrascos jamais foram responsabilizados e, apesar do fim do regime constitucionalmente em 1994, o povo negro na África do Sul permanece lutando, como o povo negro em todos os países do mundo, pelo direito de viver plenamente em liberdade.

Integrantes do movimento negro brasileiro, meus pais me nomearam Azânia Mahin, em homenagem à luta de nosso povo no Continente Mãe, que ainda estava em curso quando eu nasci, e também aqui na diáspora através da história e memória de Luisa Mahin. Trazida para a Bahia da Costa da Mina, Luísa Mahin foi escravizada até conquistar sua alforria em 1812. Ela teve um filho, o poeta e abolicionista Luís Gama, que em carta autobiográfica a descreveu: “Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era

de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito ativa, geniosa, insofrida e vingativa”. Quituteira, através de seu tabuleiro participou da articulação dos levantes de negros escravizados na Província da Bahia nas primeiras décadas do século XIX. Apesar da descrença de historiadores que alegam não terem evidências suficientes para reconhecerem a existência de Luísa e seus feitos, a mesma teve seu nome inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria em 2019. É curioso que nos últimos anos, toda vez que me apresento enquanto Azânia Mahin, muitas pessoas me perguntam “de Luísa Mahin?”, questionando um possível parentesco com ela. Aproveito a ambiguidade da questão e o fato de me sentir herdeira do legado de luta pela abolição de Luísa e com orgulho respondo que sim.

Portanto, carrego em meu nome um território e uma revolucionária, uma história de uma terra além-mar e desta terra que me constitui. Um nome que é ao mesmo tempo memória do que vivemos e promessa de que seguiremos avançando. E, em grande medida, uma honra e uma responsabilidade.

Apesar de ter nascido em uma maternidade na parte insular de Florianópolis, foi na porção continental da cidade que me criei. É lá, mais precisamente no bairro Canto, que se localiza uma rua chamada Antonieta de Barros (foto 01).

**Foto 01: Cruzamento das ruas Antonieta de Barros e Santa Catarina no bairro Canto, em Florianópolis/SC.**



---

A rua, majoritariamente residencial na época em que lá vivi, recebe este nome em homenagem à primeira mulher eleita deputada estadual no Brasil e que até hoje é a única mulher negra a ter ocupado este cargo em nosso estado natal, Santa Catarina. Antes de ser deputada, Antonieta foi liderança estudantil, professora, jornalista e poeta. Hoje tem seu nome no livro de heróis e heroínas da pátria, é nome de escolas, creche, do único túnel de minha cidade natal, e do auditório da Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

E foi na rua com seu nome que eu vivi com meus pais, Jeruse Maria e João Carlos, e mais tarde também veio meu primeiro irmão, Kaiodê. Apesar do nome digno de um quilombo contemporâneo, era no apartamento 208 do bloco B2 do edifício que morávamos que se constituía o território negro daquela rua. Eu não me recordo, além da família de amigos de meus pais que vivia em uma rua próxima, a presença de outras pessoas negras além de nós.

Por conta disso, lembro dessa casa marrom. O marrom de nossas peles, do couro dos sofás, do brilho dos móveis de madeira, do carpete macio em nossos pés descalços, do tapete indiano no corredor, da capa do CD do Buena Vista Social Club que tocava aos domingos: “El cuarto de Tula/Le cogió candela/Se quedó dormida y no/Apagó la vela”.

Apesar da negritude afirmativa, quando penso nesse período da minha vida, durante os anos do Ensino Fundamental, uma sensação de isolamento racial é recorrente. Sendo uma família negra e militante, imagino que nossas interações com pessoas negras, nossos familiares e amigos, eram bem maiores do que me recordo agora ao olhar para trás, mas as memórias que ficaram, em sua grande maioria, envolvem minhas vizinhas e amigas da escola, todas brancas.

Eu e meu primeiro irmão estudamos a maior parte de nosso Ensino Fundamental em uma escola particular considerada “alternativa” para o padrão dos anos 1990. Apesar disso, me recordo em de violências raciais e de gênero que lá ocorriam, muitas delas em

que fui vítima, mas também outras em que eu perpetuei. Ao olhar para trás reconheço muitas outras, cujo meu letramento racial já existente na época não era o suficiente para abarcar. Naquela época eu não tinha dúvidas de minha negritude e sabia que naquela escola a compartilhava com poucas pessoas. Além de mim e meu irmão, lembro de Fernando, um dos meus melhores amigos, e a sua irmã, que era mais velha que a gente. Também tinha o Lucas e outras duas crianças mais novas. Hoje consigo reconhecer talvez mais duas meninas, ambas mais novas que eu, mas naquela época não as lia como negras como nós. Dessa forma, sentia um desconforto também em minha performance de gênero, visto que durante alguns anos naquele espaço escolar eu não tinha nenhuma referência de negras, seja no corpo discente ou docente, ou mesmo entre as funcionárias de serviços gerais da escola, o que intensifica a sensação de isolamento racial ao pensar nessa época.

Apesar disso, me recordo também das redes de afeto negro que me circundaram neste caminho. Lembro das crianças filhas de militantes, aquelas que assim como eu tem nomes que remetem à nossa luta e nossa história: Dandara, Saruê, Marietou, Kizzy, e outras meninas e meninos negros com quem convivi por muitos anos.

As redes de afeto forjadas na militância de meus pais também me renderam uma relação que cultivo até hoje com meu padrinho, Ivan, que juntamente com minha tia materna, Juçara, me batizaram no terreiro de candomblé do Pai Leco, hoje não mais em atividades depois do falecimento do Babalorixá, mas na época situado no Morro da Caixa, comunidade negra do Centro de Florianópolis, onde minha mãe nasceu e cresceu. Minha família já não morava mais ali quando eu nasci em uma maternidade na Avenida Hercílio Luz, poucos quilômetros abaixo de onde seria batizada anos depois.

Acho importante pontuar que enquanto minha mãe teve a vivência de nascer e crescer em uma comunidade negra, eu nasci e cresci em apartamentos. A vida em uma casa se deu já na fase





adulta. Tinha uma relação distinta com a ideia de bairro, vizinhança e até mesmo de infância de minha mãe. Tempos mais tarde, já na faculdade, em muitos momentos acreditei que minha vivência racial era incompleta em consideração à muitos pares negros que haviam vindo de comunidades, COHABs, quilombos e outros territórios negros. A minha busca de pertencer e apresentar minha experiência enquanto pessoa negra me fez perceber que meu corpo-território impacta todo e qualquer espaço em que me situo. Desta maneira, da mesma forma que todos os bancos escolares que ocupei em minha trajetória se tornavam instantaneamente em territórios negros nas salas de aula que adentrei, o mesmo se deu para os apartamentos e casas onde morei, os postos de trabalho que ocupei e assim por diante.

Apesar deste aparente afastamento de territórios negros tradicionais, as visitas dominicais à casa da minha avó materna, Dona Zulma (Foto 02), se demonstraram importante ritual de aquilombamento para minha família materna. Frequentemente eram apenas os quatro filhos de minha avó e meu avô Bernardino e seus netos (somos cinco). Em algumas ocasiões, os filhos e netos de uma das irmãs de minha avó, minha tia-avó Valdionira, também se juntavam a nós e eu tenho vívidas lembranças destes encontros, de poder tomar refrigerante (bebida que não era



bem vista em nossa casa) e comer churrasco. Eu também me impressionava muito com a beleza da minha família e sempre tive

meus maiores exemplos de estética entre primos, primas e as pessoas com quem eles se relacionavam. A minha família sempre foi muito pagodeira e lembro também de diversas rodas de samba que aconteciam nos fundos da casa de minha avó. Por muitos anos, chegamos a ter um bloco de Carnaval chamado Bloco do Dascuia, em referência ao marido de minha tia-avó, que foi elevado à Escola de Samba em 2011 e até hoje representa o Morro do Céu no Grupo Especial do Carnaval de Florianópolis.

Outro território negro importante pra mim e que reconheci como tal antes mesmo de compreender a casa de minha avó materna enquanto um território negro é a casa de minha avó paterna, Dona Terezinha, ou Dona Zeza. Eu lembro de ter convivido em duas casas diferentes de minha avó, ambas localizadas na cidade de Ituporanga, no Vale do rio Itajaí.

Meu pai conta que nasceu em um quilombo na zona rural da cidade e que depois do falecimento de meu avó, Adalgísio, eles se mudaram para a cidade. Ituporanga é um município às margens do rio Itajaí do Sul e sofre com enchentes periódicas, sendo as de 1983, 1984 e 2011 históricas. As enchentes da década de 1980 foram um catalizador para o êxodo de muitas pessoas da região, seja pelo trauma do evento ou por terem que recomeçar suas vidas depois de perderem seus bens. Em 1984, meu pai deixa a cidade com destino à Florianópolis e integra o movimento sindical e o movimento negro. Cinco anos depois, eu nasci.

Ituporanga é a capital nacional da cebola e nas viagens na época da colheita, o cheiro da cebola nos recebia muito antes da chegada na casa de minha avó, quando eu era pequena reclamava muito do odor, hoje em dia fico feliz de senti-lo dada a invasão do plantio de soja transgênica na cidade. As dinâmicas em Ituporanga eram bem diferentes, minha família paterna é muito maior que a materna, sendo meu pai um dentre sete filhos. E se na minha família materna todos os meus primos são homens, na paterna era evidente a prevalência de meninas, o que vem mudando com

---



a geração seguinte. Apesar de Ituporanga estar a pouco menos de três horas de distância de Florianópolis, eu me sentia indo para outro mundo. As brincadeiras no terreiro de minha avó (Foto 03), aprender a andar de bicicleta, entrar no mato, ter a liberdade de andar pela cidade com meus primos, sem o acompanhamento de adultos, eram algumas das coisas que eu gostava de fazer, mas as diferenças de deixar de ser a única neta e irmã mais velha faziam com que eu preferisse os verões em que meus primos iam para capital do que as visitas à cidade deles. Hoje fico feliz que apesar de muitos de meus tios e primos terem se mudado para Florianópolis e Blumenau, ainda temos um núcleo familiar forte em Ituporanga, cidade para a qual retornamos frequentemente.

**Foto 03: Minhas primas Lidiane, Michele, Mislene, Maiara, Jéssica e eu no terreiro da casa de minha avó Terezinha.**



No início dos anos 2000, meus pais se separaram. Eu lembro que foi um processo lento e doloroso, que me deixou extremamente cansada. O divórcio foi um alívio. Com isso deixamos o nosso apartamento marrom e iniciamos uma dinâmica que iria levar minha mãe, meu irmão e eu a morar ainda mais perto da casa dos meus avós, enquanto meu pai iniciou a construção de uma casa no Rio Vermelho, em Florianópolis.

Nesse período, primeiro minha mãe e depois o meu pai trabalharam no governo federal. Enquanto minha mãe trabalhou em Brasília, nós morávamos no apartamento no Estreito, alguns metros da casa dos meus avós, sendo acompanhados durante a semana por Carmen, que cuidava da gente. Nos fins de semana minha mãe retornava. A gente também visitava nosso pai, que morava em um apartamento próximo à universidade e acompanhamos a construção da nossa casa, desde o projeto arquitetônico até a sua conclusão.

Este foi um momento em que estávamos passando por uma mudança na política brasileira, minha mãe trabalhou no Ministério da Educação no fim da gestão de Henrique Cardoso, fazendo um trabalho que possibilitou materializar os avanços que o povo brasileiro conquistou acerca da educação para as relações étnico-raciais. Já meu pai compôs o governo Lula, integrando a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial e se mudou para Brasília juntamente com sua companheira, meu irmão Nyame, que na época tinha dois ou três anos, e nossa cachorra, a Lua.

Não cheguei a me sentir parte de Brasília. Visitamos meu pai em dois verões, me lembro apenas da secura, dos pés de manga e de como aquela cidade dependia de carros para tudo. A gente passava a maior parte do tempo em casa, aproveitando a piscina e vivendo as férias.

No primeiro ano do Ensino Médio, nos mudamos para um outro Rio Vermelho, em Salvador. Eu não lembro exatamente como isso se deu, lembro que na época estudava, por escolha própria, em um colégio católico e extremamente branco da minha cidade natal, mas já estava de mudança marcada para o outro lado do país.

Essa experiência de viver um ano em Salvador impactou de maneira especial a minha identidade. Eu havia decidido que seria exatamente quem eu quisesse nesse período na Bahia e assim o fiz. Inventei uma personalidade para mim, mais segura, mais bonita,

---



---

mais sociável e mais inteligente. O que eu não contava era como chegar aqui me faria perceber não as coisas que eu queria ser, mas as que eu já era e não poderia negar. Entender a negritude a partir das relações sociais de Salvador incutiu em mim a certeza de que não havia como contornar o racismo, a bifobia, o sexismo.

Eu também estudava em um colégio tradicional, porém não era mais uma das únicas estudantes negras da escola, nem passava por constantes constrangimentos racistas. Nessa escola que tive meu primeiro amor negro. Totalmente não correspondido, mas que marcou o início de uma nova relação afetiva comigo mesma e com minha comunidade. Apesar de ter levado quase uma década para afrocentrar meus relacionamentos amorosos, lembro de Rafael como o primeiro.

Com tudo isso me coloquei em um lugar muito afirmativo de minha existência ao retornar para Florianópolis. Optei por ir para uma escola longe dos parâmetros tradicionais e focada no vestibular. Eu não sabia que curso iria escolher, mas gostaria de estar preparada para o que quisesse. Na época, me interessava por coisas que envolviam geografia, geopolítica, lógica e um pouco de matemática. Discussões sobre direitos humanos e justiça social me chamavam a atenção também. Mas, acima de tudo, eu queria passar na prova e não queria ter que estudar no ritmo de uma pessoa tentando passar para Medicina ou Direito.

Depois de cogitar alguns cursos fora de Florianópolis, terminei decidindo por Geografia. Era o curso que abarcava a maioria dos meus interesses e dava possibilidades para várias profissões. Eu lembro do frio na barriga ao pisar na Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro dia de aula. Lembro do alívio ao ver Maria, uma outra mulher negra, na minha sala. E com curiosidade e empolgação que cursei os dois primeiros anos do curso.

Com o tempo, ficou cada vez mais explícito que o que eu achei que o curso seria e o que ele era eram duas coisas muito diferentes. A distância entre geografia física e geografia humana,



as longas discussões economicistas e a desracialização dos debates me fizeram trancar o curso. Nesse período, eu morava com minha mãe e Kaiodê em um apartamento em São José, cidade vizinha à Florianópolis. Comecei a trabalhar na locadora de filmes que nós éramos clientes. Até hoje é o único registro em minha carteira de trabalho. Foram quase dois anos que iniciaram como atendente e terminei gerenciando o estabelecimento, vendo o fim da cultura de alugar filmes e o início da era do streaming.

Com meu salário, vieram também as primeiras transformações sobre meu corpo sem precisar da autorização de minha mãe, fiz minhas primeiras tatuagens e alisei o cabelo. Ela discordou fortemente de ambas. Eu estava feliz, saía com meus amigos brancos do Ensino Médio, estava em meu primeiro relacionamento romântico e me sentia, enfim, não mais uma adolescente, mas uma jovem.

Logo os dois anos que eu poderia deixar a faculdade trancada estavam terminando e eu decidi retornar para a Geografia. Continuava em dúvida se aquele era o caminho que deveria seguir, mas nenhuma outra opção me agradava mais. Na época eu não fiz essa ligação tão direta, mas a volta para a Universidade me fez querer outros horizontes. Meu pai ainda morava em Brasília e eu disse a ele que gostaria de ir morar lá. Apesar de lembrar que cheguei a me organizar para isso, nunca deixei São José. Porém o movimento foi importante para finalizar alguns ciclos na cidade. Pedi demissão, me mudei para a casa de meu pai no Rio Vermelho e terminei com meu namorado.

Hoje consigo ver que da mesma forma que o retorno de Salvador marcou o início de uma nova temporada em minha vida, esse fim de ciclos lá por 2013 demarcava o início de uma outra temporada para mim. Consegui me reapaixonar pela Geografia, através das possibilidades de discutir políticas públicas e acesso à direitos em algumas disciplinas. Também foi essencial o movimento que se inicia naquele período e vai culminar em 2015, de aquilombamento

---





com estudantes negras e negros de outros cursos. Apesar de saber que vários nomes irão ficar de fora, já que minha memória não é das melhores, seria injusto nem ao menos tentar falar de Jéssica, Yara (a quem eu chamo de prima, visto que conheço desde minha infância, sendo filha de uma grande amiga e camarada de militância do meu pai lá de Ituporanga), Marjorie, Tom, Matheus, Delza, Mateus, Felipe, Janine, Wellen, Luck, Rafa, Sassá, Amanda, Suellen, Bruna, Carol, Tainara, e tantas outras pessoas com quem construí a primeira Virada Anti-racista da UFSC.

A partir daí, o interesse em saber onde estava o povo negro em todos os lugares, mas especialmente em minha cidade natal, me aproximou dos estudos sobre territórios negros. A princípio, iniciei um trabalho de conclusão de curso querendo saber onde estavam as professoras negras na UFSC. Queria falar de território, por entender as relações raciais enquanto relações de poder, tal como o conceito exprime. Fui orientada a falar de lugar, onde essas questões de poder não estão tão evidentes. Cedi. Ao entregar o projeto, a professora branca que era responsável pela disciplina, no momento individual de comentários, disse que ficou muito surpresa com meu trabalho, o melhor da turma. Ela me pergunta se eu fiz sozinha. Aquela afirmação me pega de surpresa. Eu não sabia se ela dizia aquilo como um elogio ou uma acusação, mas sabia como eu o recebia. Disse que sim, constrangida. Com um pouco mais de firmeza, falei que meus pais eram professores e que eu tinha uma ótima biblioteca à minha disposição, como as referências do trabalho indicavam.

Apesar de ter recebido o aceite de minha professora favorita em todo o curso para orientar o meu trabalho, essa pesquisa nunca foi além do projeto. Logo após a formatura na graduação, fiz o processo seletivo do mestrado e fui aprovada. A pesquisa, apresentada dois anos depois, em 2018, mapeou os territórios negros em Florianópolis a partir da presença de marcadores negros em bairros do município.

O processo de me tornar mestre foi intenso. No percurso, organizamos uma outra Virada Antirracista, passei a compor o Núcleo de Estudos Negros, organização do movimento negro fundada em 1986 pelos meus pais, iniciei um outro relacionamento afetivo. Também experimentei o isolamento racial na pós-graduação, a experiência solitária da escrita acadêmica, o adoecimento mental. Conheci o Recife pela primeira vez, indo apresentar meus primeiros achados de pesquisa na UFPE, onde encontrei uma das minhas grandes referências na Geografia, o professor Rafael Sanzio dos Anjos. Enfim, defendi minha pesquisa e desabei em lágrimas. De emoção, de alívio, de muito choro guardado durante aqueles dois anos.

Assim, voltar para a universidade não era algo que eu realmente queria. Apesar disso, escrevi dois projetos e cheguei a cogitar me inscrever em dois processos seletivos, mas não cheguei a efetivamente participar da seleção.

Aí vivemos a pandemia.

O isolamento social, a ausência de distrações mundanas e a sensação de impotência frente ao escalamento do genocídio do povo brasileiro, projeto implementado em 1500 e ainda em pleno vapor, foram alguns dos elementos que me forçaram a reconhecer as vozes mais profundas, silenciadas, desacreditadas dentro de mim: o desejo de fazer o que eu gosto de fazer, pesquisar.

Além disso, eu sabia que precisava sair de Florianópolis. Muitas mudanças estavam acontecendo dentro de mim e eu sentia que não conseguiria dar vazão para a pessoa que eu precisava ser estando naquela cidade em que eu já era tantas coisas. Era a teoria chegando para me mostrar na realidade a sua validade: identidade e território são indissociáveis. Eu precisava de outro chão para experimentar outras pisadas.

Eu escrevi um projeto para entrar no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás. Esse processo produtivo começou como uma tentativa de sair de uma crise depressiva que havia me abatido em meados de julho de 2020. Eu



esperava pela convocação após passar no processo seletivo para ser professora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - que nunca veio -, terminei de forma bastante traumática meu relacionamento afetivo e tinha que lidar com um aumento em desconfortos domésticos agravados pelo isolamento social que imperava naquele momento. Felizmente, fui acolhida por amigas que me deram a possibilidade de respirar no que parecia um caldo em uma onda interminável. Frequentemente falava para Elise, minha psicóloga, sobre como eu me sentia no meio do oceano, sem nem ao menos saber para que lado nadar, e sendo atingida por ondas enormes que mal me permitiam emergir. Minha amiga Rita e sua família de quatro patas me abraçaram e voltei a ler: Patricia Hill Collins, Antonia dos Santos Garcia, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento. Mulheres negras me salvando mais uma vez.

Aí Lorena abriu a casa dela pra mim e ainda me apresentou Carlos Marighella, outro patudo, e mais o bonde do galinheiro de Ernesto. Foi a boia que faltava. Comecei a nadar. Entendi que não precisava saber pra onde ir e nem nadar a exaustão, só me movimentar e sentir o vento, observar os pássaros, enxergar as estrelas e confiar que meu corpo queria viver, que eu queria viver.

Submeti o projeto e fiquei sabendo da abertura do edital do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia e fiz algumas edições no texto, visto que precisava de um documento com menos páginas e submeti.

Para minha surpresa, não fiquei nem perto de passar na UFG, mas passei na UFBA. O que aconteceu a partir daí, ainda é história recente. Um passado-presente que ainda vivo e sobre ele prefiro esperar para escrever. Enquanto isso, sigo em movimento.

O que fica dessa vivência minha é que muitas foram as andanças para e por territórios que pode(ría)mos, enfim, viver em liberdade. Assim, essa história começa bem antes do meu nascimento, às vésperas do último 20 de novembro dos anos 1980, e continuará por muitos novembros depois de mim, mas da parte que me cabe aqui está.



# CAPÍTULO 4

## DIÁLOGO AUTOBIOGRÁFICO: UM DEBATE INTRODUTÓRIO SOBRE FAMÍLIA, LUGAR, EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS QUE CONSTITUEM O MEU EU

Rosália Felipe da Silva

Somos seres inacabados. Somos antes de tudo, constituídas (os) de memórias. Sejam estas boas, ruins, tristes, alegres, intensas ou mesmo passageiras como a chuva no verão. As memórias nos levam a navegarmos em um mundo só nosso, onde choramos, rimos, brigamos, brincamos, amamos, mas acima de tudo, vivemos.

A partir do momento em que consideramo-nos seres vivos é preciso entender que esta condição está para além do ponto de vista biológico e pragmático que nos remete ao nascimento, reprodução e morte. Sim, passamos por esse ciclo, porém não se trata apenas de uma simples passagem, o trajeto é muito importante. Nesse sentido, as memórias e experiências vividas fazem parte de um conjunto de aspectos que contribuem significativamente para a nossa existência, logo devem ser consideradas.

Falar de si não é tarefa fácil. Costumo dizer que falo sobre mim em contextos bem aleatórios e relato passagens da minha vida que nem mesmo imaginava contar para alguém. Escrever sobre si é um processo de encontro e reencontro, algumas vezes doloroso, mas preciso.

O que fomos no passado contribui significativamente para o que somos hoje e o que seremos amanhã. Destaco essa questão do passado, por compreender o seu valor, logo ousou traçar um paralelo com as sociedades africanas e seus diferentes modos de narrar histórias. Segundo Bâ (2021) “[...] o passado é revivido como uma experiência atual de forma quase intemporal” (p. 12).

Quantas Rosálias cabem em uma Rosália? Começo com esse questionamento e antes de referir-me às minhas memórias e experiências já vividas, apresento-me, e em seguida, apresento os meus e as minhas, pois eu, não sou eu sozinha. Sou Rosália Felipe da Silva, mulher cis de estatura mediana. Sou negra, possuo cabelo preto e cacheado na altura dos ombros, olhos profundos e castanho escuro, nariz grande e lábios grossos. Sou filha, neta e bisneta de agricultores, sou nordestina, interiorana, sou cria da escola pública e, hoje, me intitulo como professora debatedora da problemática racial na educação básica.

Sou fruto de um relacionamento inter-racial. Meu pai, Otávio Felipe Sobrinho, homem negro, cabelos pretos, olhos pretos, lábios grossos; minha mãe Rosivan Maria da Silva Felipe, mulher branca, olhos verdes, nariz e lábios finos, e cabelos castanhos na altura dos ombros. Meus pais não tiveram a oportunidade de prosseguir com os estudos, dentre vários motivos, tinham que ir pra roça ajudar seus pais desde a infância, ambos fizeram até metade do que hoje é denominado anos iniciais do ensino fundamental. Eles se casaram muito jovens (imagem 1), meu pai com 18 anos e minha mãe com 16 anos, tiveram 5 (cinco) filhos, porém apenas três vivos. Decididos pelo propósito de permanecerem juntos, prosseguiram a vida matrimonial e mesmo em meio a tantas dificuldades nunca





desistiram e conseguiram criar seus 3 (três) filhos/as. Espelho-me em ambos, pois sei que estou onde estou hoje e sou quem eu sou, porque lá atrás eles não desistiram.

**Imagem 1- Registro fotográfico do casamento religioso dos meus pais a 34 anos atrás.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Tive o privilégio de conhecer ainda em vida ambos avós, maternos e paternos, embora não guarde muitas memórias. Avós maternos, Luiz Clementino da Silva (in memorian) e Josefa Maria da Silva (in memorian), ambos brancos. Avós paternos, Ancilon Felipe de Moura (in memorian), homem negro e Maria Inácio de Moura, mulher branca. De todos/as, minha avó paterna, que carinhosamente chamo de Maía, foi quem mais esteve presente durante minha infância, adolescência e vida adulta.

Sou a mais nova dentre os irmãos (imagem 2). A primeira da família a ingressar em uma universidade pública e a cursar um mestrado. Minha irmã mais velha, Cícera Rosely Felipe da Silva, mulher branca, pedagoga, contadora de histórias e professora da rede

pública e privada de ensino do município de Brejo Santo, Ceará. Meu irmão com idade mais próxima a minha, Francisco Felipe da Silva, homem negro que “por opção”, não prosseguiu com os estudos, parando no 3º ano do ensino médio e em seguida, decidindo procurar ascensão social fora do seu lugar de origem, mergulhando assim, no mercado de trabalho. Fato real e frequente com tantos outros homens negros que buscam a sua independência financeira desde sempre, alimentando uma estrutura social e econômica racista e patriarcal que insiste no discurso de que temos que trabalhar desde muito cedo pra poder sobre (vivermos).

**Imagem 2- Meus irmãos e eu na casa de Maía.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Tanto a minha família materna quanto a paterna tiveram poucas ou nenhuma oportunidade de estudo. Convivi até certo período da minha vida com alguns membros de ambas linhagens, materna e paterna. Sendo a minha família materna composta majoritariamente de pessoas brancas e a paterna constituída na sua grande maioria por pessoas negras, como já citadas anteriormente. Nas poucas linhas em que falo sobre minha família, logo percebe-se de onde carrego os meus traços negróides, outrora citados.



---

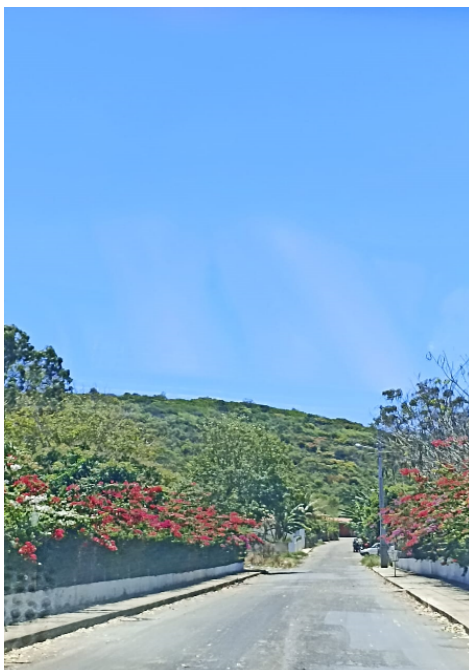
Em certos momentos vividos na infância, fui uma criança feliz, outros nem tanto. Eu era apenas uma criança, quando me deparei com a dor da perda de forma trágica do meu avô materno, e outras questões familiares que não vem ao caso no momento.

Devido ao racismo, introduzido como prática discriminatória imperante nos mais diversos espaços da sociedade, cunhado inicialmente no século XIX, mas sabendo que sua prática antecede a sua denominação, segundo (SANT'ANA, 2005), por muito tempo, mais precisamente na minha infância e adolescência não me reconhecia enquanto pessoa (mulher) negra, foi somente posterior ao meu ingresso na universidade e conseqüentemente o meu envolvimento durante uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) que me possibilitou ainda na primeira graduação, acesso a congressos, leituras, e vivências acadêmicas, consegui entender a minha negritude, as minhas raízes, o meu pertencimento, de fato.

Auto declarar-me enquanto mulher negra não foi, ou melhor dizendo, não tem sido um processo simples. Sim, considero que a autoafirmação de ser negra é um processo contínuo e um exercício diário. Certa vez, ouvi minha avó paterna dizer que eu não era negra, mas sim 'morena'. Ao questioná-la o porquê, respondeu-me que quem é negro o cabelo não entra água e nem penteia, que 'negro tem o cabelo ruim', e meu cabelo não era ruim. Tal colocação, só reafirma o fato de que vivemos num contexto social bastante discriminatório e que o padrão socialmente construído de beleza não é o do cabelo cacheado e/ou crespo, nem muito menos ser negro/a. Foi no dia 24 de fevereiro de 1997 às 15 horas e 30 minutos no Hospital Maternidade Santa Luzia o princípio de tudo.

Cresci na comunidade do Olho D'água, zona rural do município de Brejo Santo no interior do Cariri Cearense até completar os meus 15 anos, testemunhando inúmeras dificuldades como a falta de água em casa, a falta de recursos para a realização de necessidades básicas dentre outras dificuldades que acometem grande parte das famílias brasileiras que vivem em condições de pobreza.

**Imagem 3- Pequeno trecho de acesso à comunidade do Olho d'água e outras localidades.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Com muita luta e resistência dos meus pais, em sempre querer o melhor para os seus filhos, mesmo diante das dificuldades prosseguimos, e em seguida, me desloquei para a zona urbana do mesmo município, onde morei até concluir o ensino médio. No período da manhã trabalhava numa casa de família para manter a estadia na cidade dentre outras questões e a tarde ia pra escola. Depois voltei para a zona rural e permaneci até ingressar na universidade, em 2016.

Localizada nas imediações da Chapada Nacional do Araripe, cidade interiorana habitada inicialmente pelos povos originários (indígenas) e só depois por outros povos (descendentes de europeus) alimentados pelos seus interesses próprios, assim como as doações de sesmarias, Brejo Santo, componente da região do cariri cearense possui uma população estimada de 49. 000 (quarenta e nove mil) munícipes e está a uma distância de cerca de 422 (quatrocentos e vinte e dois) quilômetros de Fortaleza, Ceará. Possui 1 (1) século e quase três décadas de existência.

Infelizmente ainda é pouco o que se tem documentado sobre a história de Brejo Santo. Existem vários fatos, porém estão presentes apenas na oralidade e memória dos mais velhos e mais velhas do lugar e que tem se perdido naturalmente com a passagem destes e destas. Com relação à preservação espacial, praticamente quase tudo foi substituído por pontos comerciais. Dentre alguns pontos ainda existentes está a caixa d'água que ainda está ativa e abastece pontos da cidade (imagem 4). A mesma tem um pouco mais de meio século de existência.

**Imagem 4- Caixa d'água em frente à BR 116.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Reconhecido recentemente pela secretaria de cultura do município como um ponto de memória da cidade, o bar caldeira do inferno do proprietário Francisco Gomes Feijó, conhecido popularmente como seu Chico de Sinésio (estabelecimento privado, localizado no centro da cidade) (imagem 5) é um dos patrimônios arquitetônicos ainda preservados em Brejo Santo. Tem também



calçadas de alguns prédios comerciais e residenciais feitas de pedra cariri<sup>1</sup>, que por sinal é um aspecto consideravelmente recente.

**Imagem 5- Bar Caldeira do inferno.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda sobre o meu percurso formativo, um ponto importante a ser destacado é que a escrita sempre fez parte do meu universo particular. Fazendo uma releitura do passado, acredito que a minha relação com a escrita, assim como a preocupação para com a problemática etnicorracial é de muito antes do meu ingresso no ensino superior.

Lembro que na época do meu ensino fundamental, mais precisamente no 9º ano, a minha escola tinha uma proposta de trabalhar a produção textual e ao final do ano letivo, tínhamos a responsabilidade de construir um livro de forma coletiva com as melhores produções feitas ao longo dos bimestres e a minha foi um texto recontando o clássico Cinderela (imagem 6).

A história referia-se à uma garota que residia na periferia e que tinha perdido seu tênis durante um baile funk, no caminho

---

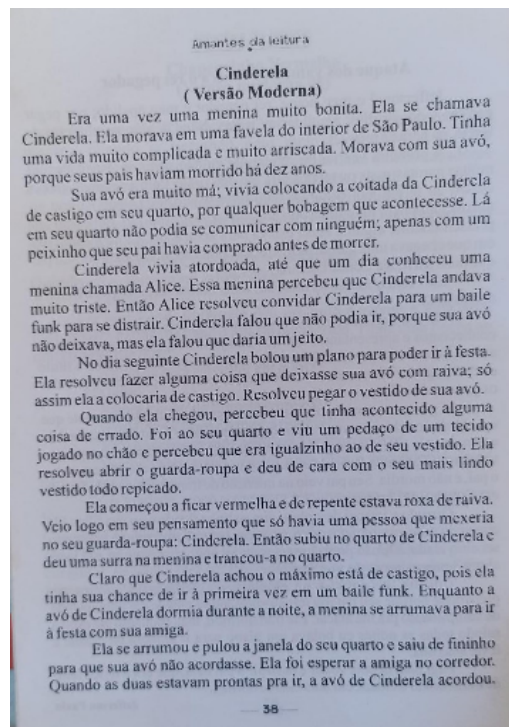
<sup>1</sup> [http://geoparkararipe.urca.br/?page\\_id=1727](http://geoparkararipe.urca.br/?page_id=1727).





de volta pra casa... Lembro-me pouco do contexto em que resolvi escrever sobre essa narrativa, mas sei que minha preocupação era falar de uma história diferente da que já era contada nos livros (imagem 6).

### Imagem 6- Recorte do meu conto.



Fonte: Arquivo pessoal.

Hoje, 13 (treze) anos após a escrita, inúmeras vezes releio o conto e procuro um sentido, logo questiono-me: Cinderela poderia ser uma menina negra? Por que não tracei as características fenotípicas da personagem? Quem seriam os pais de Cinderela?

Porque ela morava com a avó? As respostas para esses e outros questionamentos não tenho, mas sei que a necessidade de se tratar de inclusão já fazia parte de mim antes mesmo de me dar conta disso.

No início e logo após terminar a minha primeira graduação questionei-me algumas vezes o motivo de querer ser professora, nunca obtive uma resposta concreta e por sinal, ainda não a tenho. A partir das experiências em sala de aula, estágios e serviços

prestados em instituições de ensino percebi que não escolhi ser professora, eu simplesmente sou e aprendo a ser todos os dias. Defendo que a educação pública, mesmo fragilizada e sucateada, sobretudo nos últimos anos, é o caminho para a mudança de vida da cidadania. A educação transforma e salva vidas e eu sou a prova viva disso.

Meu pai e meu griot Otávio, sempre me surpreende e me faz perceber que tudo faz sentido e contribui na compreensão do meu ser professora. Um dos primeiros registros educacionais na comunidade do Olho D' água surgiu a partir da iniciativa do irmão do meu bisavô por parte de pai, Antônio Felipe, em meados de 1944/1945, em seguida foi mediada pelo meu bisavô João Felipe, ambos irmãos. Certo tempo depois, passou a ser escola isolada municipal, que hoje leva o nome de um homem que desconhece qualquer envolvimento educacional com a comunidade. Nessa escola meu pai e minha mãe estudaram e depois eu e meus irmãos fizemos as séries iniciais do ensino fundamental.

Aos 19 anos ingressei num curso de ensino superior, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), assim como a política de cota racial. Quando estava cursando o terceiro semestre, tive a oportunidade de concorrer a uma bolsa de Iniciação Científica (IC) a qual fui contemplada e atuei num projeto de pesquisa que tinha como principal objetivo investigar o processo de implementação da Lei 10. 639/2003<sup>2</sup> nas escolas da microrregião brejosantense. Foi por meio da IC que tive a oportunidade de publicar meu primeiro trabalho científico, cujo o evento foi o Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra, no ano de 2017. Para não esquecer, resalto também a importância das políticas de assistência estudantil que muito colaboraram para minha permanência e conclusão do curso. Sem elas, nada disso seria possível.

Imersa no mundo da IC, vislumbrei na problemática racial, a necessidade da valorização e implementação do ensino de História

<sup>2</sup> Lei Federal que trata da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em toda a extensão da educação básica.



---

e Cultura Africana e Afro-Brasileira como fator primordial nos espaços escolares, entendendo a necessidade de uma educação antirracista, sobretudo nas escolas públicas, assim como destaca a obrigatoriedade da Lei 10. 639/2003 (BRASIL, 2003).

O desejo de trabalhar a temática só cresceu ao longo dos anos. Em 2019 conclui o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática defendendo uma análise feita nos livros didáticos de Ciências e Matemática do ensino fundamental séries finais, no que diz respeito à implementação da Lei 10. 639/2003. Ingressei na Licenciatura em Química pela mesma instituição na qual continuei atuando na mesma temática da Iniciação Científica (IC).

Na universidade conheci o Núcleo de Estudos em Educação, História, Diversidade, Raça, Etnia e Movimentos Sociais (NEEH-DREM) coordenado pelo professor Reginaldo Domingos, que tanto colaborou na minha construção identitária e sobretudo, a olhar a vida e o outro/a com os olhos da inclusão, da sociabilização, do aq-uilombamento, da resistência e resiliência. NEEHDREM é afeto, é fraternidade, é acolhimento.

Trabalhar com a temática africana e afro-brasileira tendo como base legal a Lei 10. 639/2003 é uma oportunidade de constituir o meu eu profissional e também pessoal, enquanto mulher negra, pesquisadora, interiorana, nordestina, filha e neta de agricultores.

Entender nossas raízes, de onde viemos e quem nós somos e aonde nós queremos chegar tem um valor inestimável em todos os aspectos da nossa existência e não devem ser desconsiderados.

Por fim, respondendo ao questionamento travado num dos parágrafos iniciais deste relato, afirmo que muitas Rosálias cabem em mim e pude trazer elementos que fazem parte desse vendaval de idas e voltas e que colaboraram e ainda colaboram na minha construção identitária, partindo do entendimento de que somos passíveis de mudanças e ressignificações a todo momento.

**Imagem 7- Símbolo Sankofa.**



Fonte: Google Imagens.

Assim como o movimento sankofa e as mais diferentes formas de interpretá-lo, entendendo que o passado é precioso e precisamos aprender com ele de modo a compreendermos o presente e constituirmos elementos que farão parte do nosso futuro.

## **BIBLIOGRAFIA**

BÂ, Amadou Hampâté. **Ankoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena: Acervo Africa, 2013. 350 p.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: presidência da república, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 8 set. 2018.



CIDADES DO MEU BRASIL. **Brejo Santo- Ceará, 2022.**

Disponível em: < brejo santo - prefeitura, história e informações sobre a cidade (cidadesdomeubrasil.com.br).

Acesso em: 14 de out de 2022.

CIDADE-BRASIL. **Município de Brejo Santo, 2022.** Disponível

em: < brejo santo - informações sobre o município e a prefeitura (cidade-brasil.com.br) > Acesso em: 14 de out

de 2022.

GEOSÍTIO PEDRA CARIRI. **Pedra cariri, 2018.** Disponível em:

<[http://geoparkararipe.urca.br/?page\\_id=1727](http://geoparkararipe.urca.br/?page_id=1727)> Acesso

em: 23 de dez de 2022.

SANT'ANA, Antônio olímpio de. **História e conceitos básicos**

**sobre o racismo e seus derivados.** In: munanga,

kabengele. Superando o racismo na escola. 2. Ed. Brasília:

ministério da educação, 2005. p. 39-96.





# CAPÍTULO 5

## TERRITÓRIO HACKER: CORPO FEMININO PELE NEGRA 7<sup>o</sup> SENTIDO-RÁ EM EQUILÍBRIO

Mara Rosane Dias Goulart

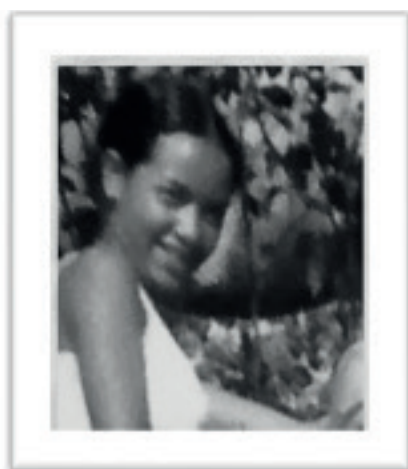
Convido você leitor a viajar comigo para um passado distante de onde vem esta escritora que aqui narra fatos reais das suas experiências, entendendo que para o universo científico esta metodologia não tem muito peso, mas nossa querida Conceição Evaristo válida o “pensar a experiência” decorre pelo “termo”, em que descreve o seguinte; “pensar a experiência como um fenômeno diaspórico e universal”, complementando sua argumentação a autora cita: “[...]me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo”(EVARISTO,2020). Assim apresento Mara Rosane Dias Goulart, nascida dia cinco(05) de março de mil novecentos e sessenta e seis(1966), nesta fotografia na figura (01) é uma das poucos registros da sua infância, pisciana, corpo feminino pele negra, afro-brasileira, frágil, sensível, determinada, Arquiteta e Urbanista, conforme podemos observar na figura(02)abaixo, também pesquisadora e militante social.

---

<sup>1</sup> Na Umbanda Sete, significa o Espírito na Terra, apoiado nos Quatro Elementos, ou, a matéria "iluminada pelo Espírito". É a Alma servida pela Natureza. Exu das Sete Encruzilhadas Rei da Lira, conhecido também como Seu Sete da Lira.

Prezadas leitoras, e prezados leitores, no decorrer deste capítulo vamos descobrir através dos sétimos sentido-como surge a cosmo cultura que constrói o corpo deste território hacker que busca estratégias para driblar o racismo estrutural da sociedade brasileira que a atravessa. Nesta perspectiva pretendo resgatar fatos históricos que compõem o transitar deste corpo feminino pele negra, que por alguma razão de sua vida ficaram invisibilizados da sua memória.

**Figura 01: Foto de infância.**



Fonte: Álbum de família

**Figura 02: Mara Arquiteta e Urbanista.**



Fonte: cedida por Victoria Correia

## CORPOGRAFIA MOVIMENTO DE EXISTENCIAL

Mantive por trinta e dois (32) anos uma união instável com Luís Antônio N.Rosa, para os mais chegados é Toninho, quando fomos morar juntos, adolescente tínhamos com dezoito anos, nós dois trabalhávamos ele em um supermercado e ela de doméstica na mesma residência que morou até a adolescência. Desta nossa relação naceram três filhos, a imagem deles na figura(06), Cristiano Goulart Rosa, Carine Goulart Rosa e Renata Goulart Rosa.

**Figura 03: Filho Cristiano**



Fonte: Álbum de família.

A primeira gestação foi aos vinte anos quando venho o Cristiano figura (03), meu corpo quase não aparentava que estava com o sexto mês de gestação. Um certo dia foi no sítio visitar meus avós e a vovó era parteira, lembro que ela me disse este guri está atravessado por isso sua barriga está tão pequena, me deitou em sua cama e começou a fazer massagem nas minhas costas e depois me virou

de barriga para cima e me ergueu um pouquinho, quando levante as calças não fechou mais por conta da barriga grande, vovó disse viu agora seu filho está no lugar. O Cris foi um menino tranquilo e carismático, não deu trabalho.

Minha segunda gestação eu ainda estava amamentando e meu ginecologista falou que neste período eu evitasse de tomar anticoncepcional, assim nasce a Carine na figura(04). tive anemia o que precisei rever a alimentação, e quando nós íamos lá na vovó, ela fazia bife de fígado, feijão e beterraba para eu comer, falava que

**Figura 04: filha Carine**

Fonte: Álbum de família.

era muito bom para evitar que a anemia aumentasse, consegui levar a estação até o final e nasceu minha bela menina, uma bebe tranquila, cheia de saúde, a experiência maternas.me ajudou a conciliar o cuidado com os dois vistos que tinham pouco tempo um do outro.

Na gestação da Renata na figura:05), foi um ano e dois meses depois do nascimento da Carine, eu engravidei propositadamente queria fazer laqueadura, como já havia feito a segunda cesariana, e não poderia ter mais que três procedimentos cirúrgicos, eu estava com vinte e quatro(24) anos, ela nasceu em março na data de aniversário do pai uma menina meiga e tranquila além de ser bela. Meus filhos se desenvolveram praticamente ao mesmo tempo e mantiveram a amizade e união até hoje, atualmente todos são casados , tenho muito orgulho deles, foi um grande aprendizado ser mãe de cada um e conviver com suas personalidades fortes.

Sou avó de duas meninas lindas registradas na fotografia(07) abaixo, a Layane Dorneles Goulart e a Maria Luísa Goulart Araújo, ambas com cinco (5) anos de idade, vindas da quarta geração são

**Figura 05: Foto filha Renata**

Fonte: Álbum de família.



---

continuidade da nossa ancestralidade, sendo uma do nosso filho mais velho e a outra da nossa filha caçula. Atualmente todos são casados, somando a família os genros Alison Araujo e Tharles Balsemão, e a nora Thaise Santana, incluindo dois filhos de coração Rúlio Gabriel Goulart (filho de minha irmã Silvia) e o Denis Rolim (amigo de infância dos meus filhos). Nossa família sempre foi muito unida, a casa vivia cheia de parentes e amigos, as festividades de final de ano duravam a semana toda, irmãos, cunhado(a)s sobrinho(a)s, filhos, cada um trazia o quitute mais delicioso que sabia fazer.

A convivência entre primos era frequente quase todo final de semana tinha alguém para dormir lá em casa, e meus filhos convidam seus amigos também para dormir, então a diversão estava garantida, pipoca, filme, histórias de assombração, na semana da Sexta-feira Santa era sagrado fazer e levantar pandorgas. Nos festejos de São João tinha fogueira, amendoim torrado, quentão, bolo de milho e tantas outras brincadeiras, nos dias de muito colar levamos todas as crianças para tomar banho no açude do Lundres, ficava na Chácara dos Padres, o mesmo lugar onde eu brincava quando criança. Aos sábados tínhamos o hábito de sentarmos junto à mesa para almoçar, ali a conversa prazerosa era deliciosa, tanto quanto à comida, os diálogos relatavam o dia a dia de cada um, desde as piadas até os assuntos mais sérios. Estes momentos nenhum de nós abria mão, porque ali sabíamos como cada um tinha passado sua semana.

Meu pai foi muito presente na vida dos meus filhos, quando ele estava na cidade e dormia na minha casa e eu tinha as crianças pequenas, ele procurava se adiantar para atender eles, quando eu tinha o Cristiano pequeno ele levantava de madrugada fazia a mamadeira dava para ele e ficava sentado na sala tomando seu chimarrão enquanto esperava que acabasse de mamar. Lembro de uma vez quando meu pai havia ficado tomando conta da Carine e do Cristiano, cheguei em casa entrei na cozinha os dois todos sujos

de feijão e o pai falou dei um pouquinho de comida para eles nega, tá na hora dessas crianças começarem a comer. A Carine estava com quatro meses de idade, ela tinha feijão por toda sua face, levei um grande surto em ver eles assim, depois só tinha que rir mesmo daquela situação. Seu Goulart assim era conhecido pelas instâncias deste pampa gaúcho, cozinheiro e caseiro nas estâncias, cozinhou muito bem e no período que ele ficava em nossa casa, lembro que ele dizia: “Nega tirar uma folga da panela, deixa que o pai faça a boia, assim você descansa um pouco”, parece que foi hoje, quando sentava próximo ao fogão a lenha enquanto tomávamos chimarrão e conversamos por hora, saudades Veio!

**Figura 6: Nossa família**      **Figura 7: Nossa família e segunda descendência**



Fonte: Álbum de família.

### **Poema: Sem Borracha**

Apagar, hematomas profundos Não  
consigo explicar  
O que no momento senti  
Uma lágrima cai.





A dor é sufocante,  
O grito não sai  
A voz se cala  
O corpo permite,  
Embora não seja  
Aquela sua vontade  
Levanto, me banho,  
Continuo com a mesma  
Levanto, me banho,  
Continuo com a mesma  
Sensação de invasão  
Levanto, me banho,  
Continuo com a mesma Sensação de  
invasão  
O som da voz não sai  
Fica preso na garganta.  
A coragem me abandona,  
Ali permaneço...  
Até quando? Não sei !  
Como Flor que perde a Cor,  
Mas não deixa de ser Flor  
Outra vez uso a borracha  
Apagou este momento  
e continue....

**Autora:** Mara Dias Goulart

## **ESCREVIVÊNCIAS: TERRITÓRIO MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIA**



Em 1835 presenciou a Revolução Farroupilha, a região se desenvolveu a partir deste episódio a criação de gado, ovelha e posteriormente a cultivo de lavouras de arroz. Em 1876 passou a categoria de cidade é dividida em sete distritos , sendo Sant’Ana do Livramento, Cati, Espinilho, Ibicuí, Pampeiro, São Diogo e Upamaroti, também é banhada pelo Rio Ibicuí da Armada é constituído pela junção do Upacaraí com o Upama.

Nesta escrivência as memórias estão estimuladas pela sensibilidade da 7<sup>o</sup> Sentido-rá, em iorubá keje yoo lero, assim a memória oral de onde começa a história da minha família vem pelo imaginário de escuta-ação, da voz de meu pai, ele relata que: quando casou com minha mãe, que naquela época era soldado da brigada militar do R.G.do Sul e que frequentemente era designado para outros municípios, recordo que durante minha infância nós mudamos constantemente de cidade, talvez isso justifica, porque cada filho nasceu em localidades distintas.

Desta relação nasceu seis filho/as imagem na figura(09), quatro mulheres e dois homens, Sérgio Roberto o mais velho, depois Régis, Sandra Virginia, eu, Silvia Regina e Dirce Maria, minha família sempre morou em bairros negros onde as dificuldades da população negra se faz presente tanto na área de questão de acesso as políticas públicas, quanto na saúde emocional.

**Figura 09: Meu pai com a bisneta Layane**



Fonte: Álbum de família

**Figura 10: Meus Irmão e eu**

Fonte: Álbum de família

Por volta de 1970, nos mudamos, o Brasil estava vivendo o “milagre econômico”, o ministro da fazenda Antônio Delfino Neto implementa políticas no sistema financeiro, investe recursos públicos na infraestrutura, estimula o processo de industrialização e a desigualdade socioeconômica cresce, também foi o período da Ditadura Militar, acredito que nesta época eu deveria ter quatro (4) anos de idade, quando fomos morar em uma comunidade periférica, denominada Bairro Negro, assim definido por sua pluralidade no modo de vida da população negra e presente potencial nas artes e ofícios de quem ali habitava, características ancestrais existentes neste território, (CUNHA JUNIOR, 2010). Hoje depois de adulta consigo reconhecer estes saberes e fazeres herança dos nossos pais e avós.

Este Bairro Negro está localizado no município Dom Pedrito/RS, o nome da cidade vem do apelido de um espanhol chamado Pedro Ansuateguy, que fazia contrabando na região, em 1800 surge o povoado, se emancipa em 1872 com o nome de N. Sra. do Patrocínio de Dom Pedrito, depois Dom Pedrito, a região foi atingida por três episódios armados, sendo a Revolução (Farroupilha, Federalista de



1893, de 1923), o Tratado de Paz que pôs fim a Revolução Farroupilha foi assinado nas terras de Dom Pedrito, devido este acontecimento, ficou conhecida de Capital da Paz.

O Bairro Negro fica aos fundos da estação férrea, em uma casa pequena de madeira a rua de terra, próxima a beira do açude separada pelos trilhos do trem. Na comunidade havia várias casinhas parecidas com a nossa, quando chovia o açude transbordava inundando boa parte da rua, para as crianças do vilarejo aquilo era uma festa, depois que a chuva acalmava, não tinha poça que chegasse para tanta algazarra e lamaceiro.

Nesta época meu pai não era mais brigadeiro, ele era trabalhador rural, tinha habilidade de plantio, raramente vinha em casa devido a longa distância onde estava laborando. Minha mãe é um exemplo de potência, mulher afrodescendente de estatura média, cabelos pretos penteados para trás envoltos com um lenço, olhos grandes pretos, lábios finos roxos, pele negra, cuidava da casa trabalhava em outras residências como doméstica, lavar roupa pra fora, cozinheira, mas o que ela recebia de pagamento não dava para sustentar seis pessoas e um bebe. Em pouco tempo fomos morar na área rural na estância onde meu pai estava a trabalho.

## **CORPOGRAFIAS SONORAS NO PERMEAR**

Caríssimo leitor, permita-se mergulhar neste universo imaginário, aguçe seus sentidos, feche seus olhos e sonhe. Assim como eu, imagine este cenário rico em detalhes que obviamente, se eu tivesse que descrevê-lo a um tempo atrás provavelmente algo ficaria invisível, porque certamente eu não teria mergulhado com a mesma intensidade a qual agora me encontro imersa em que os corpos rabiscam território sonoros no movimento simples do

ato de permear, registrando a escrevivência desta constante construção do ser humano.

Iremos nos transpor imagem da figura(11) pela estrada terrível vermelhada onde as ondas do vento sutilmente à transporta assobiando um soneto musical, formando uma fina camada no ar cobrindo tudo de poeira, o cheiro da terra se mistura ao suor dos corpos e a suave brisa advinda da relva. A tonalidade do verde em paleta degradê ganha forma conforme a vegetação nativa começava a tomar o espaço. O veículo que nos transporta desapareceu entra no extenso verdejar das lavouras de arroz, até chegarmos a cabeceira do rio, onde haviam as instalações dos empregados.

Confesso que nem eu mesma tinha noção do quanto lembrar certa parte de minha infância traria à tona este turbilhão de emoções, meu coração parece que vai sair pela boca ao me ver novamente neste lugar onde eu convivi com minha mãe e meu pai, junto meus irmãos Sérgio Roberto, Régis, Sandra Virginia, Silva Regina, e a Dirce. Neste momento as lágrimas escorrem no meu rosto de forma alguma expressão tristeza, e uma saudade gostosa do tempo em que a vida tinha sua doçura. Na cabeceira do rio, à direita da estrada, fica a nossa casa de barro, este tipo de material construtivo que foi utilizado para fazer a casa, era aplicado nas habitações em África e nos antigos Quilombolas.

**Figura 11: Expressão da paisagem do Campo rural.**



Fonte: da própria autora.





---

Instigue os sentidos sensoriais para visualizar a textura nas paredes que tem estrutura de madeiras roliças entrelaçadas cobertas com camadas de barro argiloso de tom avermelhado misturado com água e palha seca e estrume de gado, havia uma porta na frente virada para o quintal próximo ao rio e outra na lateral, quatro janelas dispostas em cada parede o telhado de duas águas, estrutura feita com toras de árvores, coberta com diversas camadas de palha seca chamada funchal, ao centro da cozinha no chão o fogo aquece o fundo da panela, içada por uma corrente ou fio de arame, à uma das estruturas do telhado.

Esta técnica pau-a-pique ou taipa é de domínio africano, pois traz traços arquitetônicos dos conhecimentos ancestrais de África. Tínhamos uma vida simples, nosso sustento vinha da pesca, caça e alguns vegetais como milho, abóbora e feijão de viagem, as brincadeiras eram no quintal próximo a casa e ao rio, onde nossa mãe lavava roupas e nos banhamos. Lembro que uma vez que pescamos um muçum a gritaria foi tanta por medo e alegria de ter comida, meus irmãos faziam armadilhas que podemos observar na Imagem da figura (XX) para pegar bichos, bem como tatu, galinha do mato, e os pássaros.

Recordo que para fazer a armadilha cantávamos galhos secos e finos e trazíamos para o meio do quintal onde a roda era formada enquanto as meninas alcançam os galhos, nossos irmãos Sérgio e o Regis amarravam sucessivos galho em galho com um cipó em cada cantos, na base os galhos maiores e diminuía na medida que subia, até fechar o vão formando uma gaiola quadrilateral. Para armar uma das bases fica apoiada no chão e o lado oposto erguido por uma pequena forquilha amarrada a um barbante que esticamos até onde nos escondíamos na expectativa de pegar um daquele belo pássaro colorido voando pelo céu azul celeste.

Coloca-se migalhas de comida para atrair os pássaros e, às vezes, um pássaro desatento caía no alçapão, porém para nós era um presente suas penas coloridas e a sonoplastia sinfônica dos

cantos prendiam nossa curiosidade. Meu sensor ocular é estimulado pela colorida revoada dos pássaros, provoca a percepção das imagens na figura(13) deste cenário, onde uns pássaros possuem penas vermelhas na cabeça, asas cinzas e penas brancas no peito, o canto é um soneto marcante tipo "pistis pius fícus", nosso pai dizia que era Cardeal.

**Figura 12: Expressão do Quintal da nossa casa de Pau à Pique.**



Fonte: da própria autora

Outro pássaro de porte pequeno com penas predominante amarelos e a cabeça laranja bem forte eram os machos e as fêmeas predominava as penas cinzas com algumas manchas amarelas, o assobio suave e melancólico estes são canários, e tinha os azuis escuros brilhantes lindos conhecidas como Gralhas azuis, pássaros Pretos nós chamávamos de vira bosta, porque eles sempre estavam no lombo das vacas. Inclusive existia um pássaro com cabeça vermelha e penas pretas e brancas no corpo, estes são os Pica-Pau.

Havia um com a cabeça amarela e o corpo com penas marrom e branca seu canto repetia um refrão, bem assim, "bem ti vi, bem te vi". Havia um que não caía em nossa armadilha, ele tinha no pescoço penas preta e branca, topete vermelho na cabeça, asas amarelas e peito branco sendo este pássaro o marcante tipo assobio "fiu, fiu, fiu, fiu" esse é o Sábia, bem as Caturritas possui penas



verde, azuis e algumas alaranjadas, tagarelas quando mantido em cativeiros e muito tempo em convívio com pessoas elas emitem o som das falas humanas. As divertidas brincadeiras que inventamos no decorrer do dia nos colocava para Pica-Pau, o pássaro de papo laranja e coberto de penas cor terrosa, conto muito para dormir muito rápido, devido ao cansaço.

O amanhecer com o cantar dos pássaros, a voz da nossa mãe e as conversas dos peões no lado de fora das casa, isso era de costume antes de irem para o trabalho, no final do dia retornavam, e o sinal desta aproximação era dado pelas garças brancas, que alçaram voo em meio ao verde da lavoura de arroz, assim nos atentamos para ver quem chegava, isso quando o canto do pássaro de peito branco, penas marrom e um penugem preta na cabeça conhecido Quero-Quero, não ressoava aos quatro vento no campo, anunciando movimentação dos piões.

De tempo em tempo íamos com nossos pais à outra margem do rio que fica mais distante das casa, e as árvores do mato cobrem parte do céu e impede os raios de sol entrarem, a água fria do rio e as corrente mais fortes rapidamente permeia seu leito o que o torna perigoso até para os adultos, e limita nossa permanência no banho, mas não torna menos divertida as inocentes brincadeiras da infância.

**Figura 13: Desenho de pássaros.**



Fonte: da própria autora

O patrão do meu pai às vezes fazia visita para tratar de assunto de trabalho com nosso pai e os demais empregados, um dia desses perguntei se podia ir para sua casa fazer companhia a sua filha e pedi para meus pais, eles permitirão. Não me recordo quanto tempo permaneci por lá, só voltei, porque meu pai tinha saído do emprego e precisamos retornar a cidade, fomos na carroceria do trator até a cidade, na medida que o tempo passava dificuldades aumentavam, precisam mudar de cidade mais uma vez, nossa avó matriarca com sabedoria ancestral tomou a dianteira da situação.

## **CARTOGRAFIA MOSTRANDO O NOVO RUMO**

Dona Virgínia, assim que era conhecida nossa avó tinha sabedoria ancestral, ela arrumou um jeito de nos trazer de volta a Sant'Ana do Livramento, mandou a nosso encontro o tio Edson, irmão da nossa mãe, viajamos de trem fomos direto para casa onde morava nossos avôs Virgínia Dutra Dias e Clemente Dias, a residência ficava localidade do Cerro dos Cordeiros imagem na figura(14 e 15), popularmente conhecido como “cerro da guampa”, hoje é Vila Emília Jardim de Carvalho um Bairro Negro na área urbana próximo a região central.

Dona Virgínia, tinha traços de indígenas misturado com traços de negro, mulher com pulso firme de estatura baixa, corpulenta, olhos castanho miúdos, cabelos pretos crespos sempre presos com um lenço na frontal da cabeça, seus fenótipo fruto do processo de misógino, e o vovô era conhecido de seu Mulato, um homem sereno alto magro, calvo miscigenação brasileira, eles tiveram oito (8) filhos, sendo quatro homens e três mulheres entre elas nossa mãe,



na ocasião que nos mudamos nossos avós foram morar na área rural para cuidar um sítio.

Por esta razão ficamos morando na cidade em sua casa de madeira, de duas águas, assoalho de tábua, dividida em sala, cozinha, dois quartos e um depósito tipo galpão, que virou quarto dos meninos, na parte externo a casa tinha a patente ou "latrina<sup>2</sup>". Tempo depois nosso pai foi trabalhar em uma estância e permanecia fora de casa cerca de três a quatro meses, a nossa mãe trabalhava de lavadeira, carregava as trouxas de roupa na cabeça para lavar, íamos até uma área de mata camada Chácara dos Padres onde as correntezas do riacho do Lundres, descia sobre as pedras.

Enquanto ela lavava as roupas, nossa brincadeira era naquela água doce e clara que cobria o eixo de pedras no leito do rio, mamãe estendia as roupas sobre os arbustos para secar, isso também era motivo para ativar nossa imaginação, fazendo embaixo dos lençóis castelo de princesas, nossos irmãos eram os monstros. Depois cantávamos gravetos e a nossa mãe pegava a lenha mais grossa, ela fazia 'feixes<sup>3</sup>' para cada um de acordo com nosso tamanho e quando voltamos cada um carregava o seu.

Em casa tinha fogão a lenha, que mantinha a casa aquecida e a família unida na volta do fogo, e do cheiro da comida que a mãe preparava, arroz com banha de porco e couve bem molhadinha, depois de comer, cama. Às vezes pela manhã a refeição era, café engrossado com farinha de mandioca servido em "canecas esmaltadas<sup>4</sup>", azul escuro com florzinha coloridas no contorno, lembro que tinha dias que apenas nos fazia a refeição e dela falando que não estava com fome.

No quintal desta casa tinha um pequeno arvoredor e uma carroça de madeira do vovô Mulato, o lugar de diversão para nós, as

---

2 Era uma estrutura de madeira de 1m x 1m, com altura de dois(2) metros de altura e uma porta e coberta com zinco, montada sobre uma fossa séptica, cavada direto no olo, o que atualmente é conhecido de banheiros químicos.

3 Indica, principalmente, um conjunto de coisas iguais amarradas com fio, barbante ou corda.

4 Esmaltar utensílios é uma prática bem mais antiga do que se pensa. Essa técnica surgiu no século 13 a.C, no antigo Egito. Era usada pelos egípcios na decoração de pedras, utensílios domésticos de cerâmicas, artesanatos e objetos de metal, principalmente joias.



imaginárias viagens eram feitas dentro desta velha carroça. Isso quando não estamos capturando insetos, minhocas, gafanhotos e besouros tinha um preto com chifre na cabeça, cigarras, para prender usávamos pedacinhos de galhos fixados no chão fazíamos uns cercados para prender os insetos e depois imaginar uma visita ao nosso zoológico particular era a melhor parte.

Entre os galhos secos procuramos gravetos com forquilha em alguma extremidade e no outro lado que tiver ramificação nas três direções, enrolava tiras de tecido coloridos, assim fazia as bonecas, hoje percebo que o ato inconsciente vinha da ancestralidade que pulsa em nossas veias mesmo naquela época não tenha conhecimento ou consciência de que somos afrodescendentes.

Estas bonecas de pano, são as Abayomi, feitas pelas mulheres negras trazidas da África nos porões dos navios do tráfico humano, conhecido entre os negros de "tumbeiros", para abastecer o escravismo criminoso.

Quando tínhamos permissão para brincar na rua, com as outras crianças da vila. Quem brincou na infância de pique esconde? Então venha liberte sua criança para brincar na rua, enquanto um conta, virado de frente para o poste com os olhos fechados, os demais encontravam lugar para se esconder, e caso algum trouxe seu irmão ou irmã mais novos se escondia juntos, isso não era muito legal, porque o tagarela sempre entregava onde nós estávamos. Para se "salvar" era preciso sair do esconderijo se bater no poste onde o amiguinho tinha contado e precisa gritar: "um, dois, três por mim", quem for encontrado por último e batido, deve contar, nesta divertida brincadeira, tínhamos que aguardar todos aparecerem, para nova rodada.

Além de brincar, é visível a presença da matemática no ato de contar, conhecer o lugar "espaço geográfico" onde mora, possibilita achar o melhor lugar para se esconder, além cuidado de proteção com os mais novos, quando a voz das mães ecoava no ar, chamando cada nome, significava que a brincadeira tínhamos aca-





bado, que precisava voltar pra dentro de casa, às vezes quando nos reunimos na cozinha em volta ao fogão a lenha a mãe contava causos de assombração “a mulher de branco que andando pelas rua e depois desaparecia”, histórias que ouviu de seu pai na infância, o espanto era visível em nossas carinhas com olhos arregalados de medo e curiosidade, e depois pra dormir sozinhos era uma briga, então dormíamos juntos pra nós proteger.

No inverno o sol aparecia tímido entre as nuvens anunciava o amanhecer do novo dia, sair do quentinho das coberta era uma tarefa difícil, no canto da cozinha em cima do “mocho<sup>5</sup>, há uma bacia branca esmaltada, com água para lavar o rosto, mas quando estava muito frio, nossa mãe colocava um tantinho de água quente que borbulhar na “cambona<sup>6</sup>” em cima da chapa de ferro do fogão que queima a lenha lentamente, em outro canto nossa mãe sentava em um banco de madeira de três patas, ela nos punha entre suas pernas pra penteia nossos cabelos, fazia na minha irmã mais velha e em mim, uma tranças em cada lado e entrelaçar na parte de cima da cabeça, e nas duas mais novas o penteado era o mesmo, porém as tranças presas para trás junto a nuca.

As roupas de passeio das filhas mais velhas eram de modelos e cores distintas das filhas mais novas, as roupas das mais velhas os vestidos com tecido de chita bordo floral com fita na cintura e o laço para trás, vovó era costureira, dizia que era mamãe casadas, para as filhas mais novas o mesmo tipo de tecido só na cor vermelha com laço para frente, assim era mamãe solteira. Logo o dia amanhecia e se caso não estivesse chovendo começava a nossa aventura, enquanto minha mãe cuidava da lida da casa, íamos para o quintal que tinha um pequeno arvoredos, logo que saia da porta da cozinha do lado direito havia uma laranjeira, que era o refúgio

---

5 Um banco de madeira redondo, que tem as patas mais curtas ,ou seja, mais baixos que os outros bancos.

6 Espécie de utensílios doméstico, de alumínio ou lata de azeite com uma alça de arame liso que circundava as superior é, amarrava na outra extremidade., usada como chaleira equilíbrio.

quando as coisas ficavam feias para nosso lado devido as peraltices, subíamos na árvore e esperava a nossa mãe esquecer o castigo.

O terreno era delimitado por cerca de arame, e vedado com galhos finos sobra das podas de árvores, ao fundo tinha uma trepadeira com flores lilás, no lado da carroça tinha um pessegueiro na estação da primavera nos presenteava com pequenas flores de pétalas na tonalidade rosa bebê sobrepostas umas nas outras dando um formato de buquê, em seguida outra pé de laranjeira essa tinha delicadas pétalas brancas no miolo penugem amarelas e o centro um pontinho verde que mais tarde viraria o fruto da laranja, o canteiro serpenteia o base inferior da cerca do quintal.

Onde se cultivava várias folhagens e flores, bem como cravina amarela, laranjas e vermelhas, seu aroma é inconfundível, sempre que o meu olfato percebe este cheiro marcante que estas flores liberam no ar, rememorei à lembrança da minha avó. Havia margaridas gigantes com pétalas brancas e miolo amarelo, confesso são as minhas preferidas, as ervas medicinais como losnas, boldo, capim cidreira, hortelã, alecrim, salsa, cebolinha. Logo ao entrar no portão tinha uma árvore de Cedro ou Cidreira seus galhos finos e folhas aromáticas verdes alongadas são excelente chá calmante, nos embriagamos com este saboroso chá, quando faltava Cascarija<sup>7</sup> ou não tinha café.

Nossa imaginação era muito fértil tudo virava brincadeiras, tinha dias que os insetos era o objeto de desejo, ficávamos procurando os mais diferentes e capturamos até minhocas, besouros pretos com chifres na cabeça, louva deus, gafanhotos, joaninhas vermelhas com pintas amarelas ou pretas, colocamos em caixa de fósforos cometas com saco plástico transparentes, os maiores construimos na terra um cercadinho com gravetos cobertos com plástico. Depois de tudo pronto fizemos um passeio para ver cada

7

Uma espécie de cascas de cacau torrada e frutas secas com leve sabor de chocolate.



---

inseto , que na nossa imaginação eram animais de circo, mas tinha que pagar com um biscoito ou guloseima.

Além disso descer as encostas do moro em cima de um papelão, corrida do saco, nesta brincadeira tínhamos que entrar com as duas pernas dentro de um saco de ráfia ou estopa, precisava segurá-lo próximo a cintura e depois disputar uma corrida até a linha de chegada, a atividade requer coordenação motora, participação coletiva , sendo muito educativa, também tinha corridas com pés de latas, pernas de pau, sem perceber desenvolve raciocínio lógico e brincadeiras, como nosso pai custava para trazer dinheiro para casa, e só o que nossa querida mãe conseguiu com o seu trabalho não dava para sustentar a todos, ela abria mão da refeição.

As ruas e ladeiras inclinadas do morro serve de incentivo para o desenvolvimento criativo das crianças destas localidades e conosco era assim, havia um brinquedo feito com um pedaço de madeira retangular, no lado que ficaria para baixo colocamos duas “ripas” de madeira com ferrolhos tirados de algum equipamento, deste modo construímos os rolimãs, movido com compulsão humana e quem conduz fica sentado e dirige com os pés.

Na outra ponta do morro tinha o perau era de terra arenosa, as crianças da comunidade costumavam brincar por ali sempre perto do meio dia ,porque a poucos metros daquele barranco havia uma base militar, e depois da uma hora da tarde eles jogavam as sobras da refeição em uns tonéis verdes grandes, era quando todos inclusive eu e meus irmão, desciam correndo com uma vasilha na mão, para pegar a comida.

Na vila recolhemos sucatas como: ferros, latas, vidros e osso de gado, e um dia da semana juntava tudo e íamos ao ferro velho que ficava em outra vila para vender nossas sucatas, o longo percurso em uma certa altura era mata com árvores grossas, de caule acinzentado folhas verdes com forma da mão conhecida de planta-

mos. Depois de pegar o dinheiro, tinha que caminhar mais um tanto até o manadeiro para comprar churras, ou seja, língua, fígado, bofe, mondongo e coração, quando dava o dinheiro comprávamos a cabeça de ovelha, este permear consumia metade do nosso dia no ir e volta, para casa.

Viajar com o leitor nestas memórias sensitiva, me ajudou a perceber que existe sensibilidade no meu DNA em relação ao preservar o meio ambiente, e para com o outro, hoje percebo que a simples iniciativa juvenil em catar sucatas que meus irmãos e eu fazíamos, devido a necessidade financeiros para prover nossa segurança alimentar, também está ligado a ação reciclar os resíduos sólidos descartados por equívoco em locais inadequados.

A Quantidade Sucata que juntamos aumentou, isso gerou outro problema que dificultou o transporte a pé. A criatividade de meus irmãos, não tinha limite, eles encontraram logo uma solução prática, que envolvia o Bolinha apesar do porte médio, gordinho, orelhudo, marrom claro “pardo” como papel. Meus irmãos construíram uma carrocinha de caixa de madeira da altura do Bolinha, assim quando precisássemos ir ao ferro velho, para levar as sucatas, a carroça era presa ao corpo dele, com parte da sucata e nos carregava o restante.

Praticamente todas as crianças da vila tínhamos um bichinho de estimação, o nosso era o cachorro Bolinha, ele nos acompanhava em tudo, foi quem nos ajudou levar a sucata, na volta ele trazia minha irmã caçula. Por vez a compra de churras<sup>8</sup>, acontecia quando subia ao morro um senhor de carroças oferecendo esses produtos, tenho uma vaga lembrança de minha irmã mais nova gritar atrás da carroça que queria “bofe”, é uma víscera do animal, o senhor carroceiro dizia a ela que quando ela o crescer iria casar

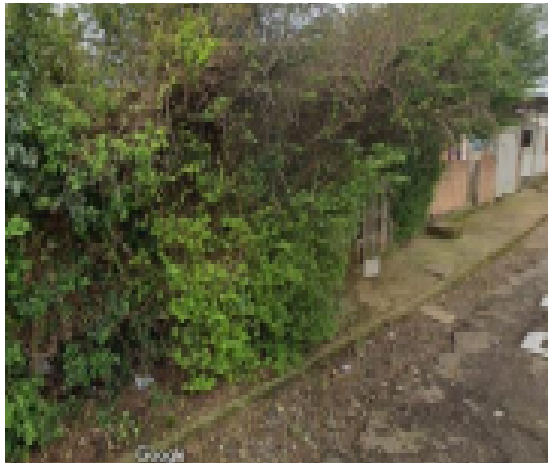
---

8 A Churra é uma antiga raça Ibérica proveniente de ovelhas da Zamora, na província de Castela e Leão. É uma raça de tripla aptidão – carne, leite e lã. A Lã proveniente das ovelhas de raça Churra é uma lã grosseira, comprida e lisa. Mas as vísceras como fígado, bofe e coração, também são chamadas de churras, era utilizado no preparo das refeições.



com ela, aquilo era motivo para nos implicamos com ela até que ficava furiosa, isso de alguma forma parecia brincadeira.

**Figura 14: Atual rua da nossa casa**



**Figura 15 : Portão da frente**



Fonte: Google Maps.

A Página Do Ser  
Metáforas Escrita  
Na Linha Temporal  
De Cada Segundo  
Metáforas Escrita  
Pelo Segundo Presente  
Dita O Segundo Passado  
Prevendo O Segundo Futuro

Viver Constante  
Segundo Presente Evidência  
Da Nossa Existência,  
Contido No Segundo Passado  
Acúmulo Da Vida  
No Segundo Seguinte

A Página do Ser  
Projeta O Segundo Futuro.  
Neste Segundo Mutável  
Intocável Constante  
Sem Complexidade  
Livre, Vire A Página

Há Que Considerar  
O Segundo Presente  
O Benefício a Dúvida  
Do Certo ou Errado  
Correto ou Incorreto

Bifurcação Nos Caminhos  
O Segundo Passado  
Base Da Existência  
Necessário Caminhar  
Encruzilhada de EXU.

O Hoje tem 24 Horas  
Minutos, Segundos Findos  
Sem Saldo Restante  
Projeta Segundo Futuro  
Crescimento, Aprendizados  
Vire A Página VIVA !

**Autora:** Mara R. Dias Goulart





---

## TERRITORIALIDADE DE ANCESTRALIDADE , QUINTAL DE CONHECIMENTO

Quero apresentar para o leitor a casa dos meus avós é um sítio que fica no fim da linha do ônibus do Prado, na parada do Cotito próximo a Quitanda da dona Elida que devíamos descer, para chegar na casa dos meus avós, é preciso andar uns minutos pela estrada de terra. A vovó Virginia e o vô Mulato foram morar nesse sítio para trabalhar cuidando a casa de um empresário da cidade o Corona Los, era um lugar lindo tinha um açude antes de chegar em casa de madeira, assim que entrava no pátio na entrada do portão havia o jardim com um pé de Butiá, margaridas, cravina, begônias ,violetas. No jardim da minha avó, hortelã, losna seu chá muito amargo, mas ótima para dor no fígado, Cedro, erva cidreira, capim limão o aroma que vinha deste jardim era muito agradável.

A porta de madeira até certa altura era vedada depois tinha postigos de vidros, isso permitia observar quem descia do ônibus e viesse em direção as casas, como diziam meus avós. As pessoas de casa, ou seja, familiares, e vizinhos mais próximo, entrar pela cozinha que ficava voltada para o jardim lateral, logo na entrada tinha um fogão a lenha uma mesa no centro uma bancada da pia e do outro lado da parede um banco bem comprido onde os netos e netas ficava sentado(a)s olhando a vovó fazer pão caseiro e na expectativa de ganhar um pedaço de massa para moldar os bonequinhos e colocar no forno, era um momento muito mágico a vovó nos observava enquanto contava histórias da sua vida dizia, assim, “quando eu era criança...”, falava como sua mãe lhe ensinou a fazer o pão.

Que precisava esperar a massa crescer que não podia ficar mais ou menos tempo para não ficar duro. Todos ficavam com os olhos arregalados esperando a massa para moldar o seu boneco era algo muito lúdico, depois de colocava o pão para assar comíamos praticamente quente. O vovô Mulato ficava sentado numa cadeira na ponta da mesa próxima ao armário verde de madeira que ficava

ao fundo da cozinha. só observando quando a vovó se distrair ele pegava um pedaço de doce não podia comer muito doce e a vovó ficavam de olho nele, mas quando ele comia doce logo limpava a boca e fingia que não estava comendo nada, nos dávamos muitas risadas de ver o vovô fazendo peraltice depois ele levantava e até o galpão pegava algumas espigas de milho colhido na lavoura e bem fresquinho , aí dava uma espiga para cada um e um pedacinho de madeira para gente espetar no milho e tossindo a porta do fogão a lenha colocar o seu milho para assar virava do lado virava do outro às vezes deixava queimar mas ele ficava muito saboroso estava o cheiro do feijão da vovó toda casa carne moída com abóbora cheiro da couve a batata o milho cenoura borbulhava na sopa na panela de ferro depois que a gente terminar de assar o milho a gente esperava esfriar o milho e comia era hora.

O vovô era um homem muito ativo se não tivesse aí pela volta da casa arrumando alguma coisa, ele estava na lida da lavoura, sempre mexendo com a terra. Todo o concerto que precisava se feito ele fazia, por exemplo o chuveiro da casa do vovô foi ele quem fez era um tonel uma espécie de um regador que era virado ao contrário depois de colocar água fria e misturar com a água da cambona para tomar banho bem quentinho, essa engenhoca era pendurava no teto abria aos pouquinhos ensaboava abria mais um pouco e embaixo tinha uma bacia enorme de alumínio porque a água não era desperdiçada.

Todos de banho tomado, sentavam na volta da mesa e o vovô contava histórias de fantasmas os causos do tempo que ele era a mais jovem. também falar que os avós dele atravessaram o oceano de barco e que a carne ele salgava a carne e aí pendurava diz que ele era uma tradição e que às vezes a carne ficava azeda e isso era costume, que não se jogava a carne fora, mas por causa que mais impressionava as crianças é quando ele contava de lobisomem ele contou um caso era uma vez:

Lá para as bandas do Ibicuí da armada, corria um caso que na noite de lua cheia sempre se escutava uns uivos estridentes e a cachorrada latia incessantemente os mais velhos diziam que podia

---



ser um lobisomem. Neste vilarejo existiam poucas famílias, certo vez teve uma grande festa no local, pra comemorar o casório da bela donzela filha da dona Maria e seu José do boliche e um jovem rapazote filhos do Batista e da dona Gertrudes costureira.

A cerimônia foi justamente em noite de lua cheia, a bela noiva estava se divertindo com os convidados e enquanto que o noivo parecia ansioso querendo ir pra embora. Mal cortou o bolo e antes da meia-noite ele segurou sua esposa pela mão e saiu ligeiro na direção das casas, foram dormir, algum tempo depois, a mulher despertou, com o latido dos cachorros na vizinhança ela dá por falta do marido. Preocupada sai no meio da noite a sua procura, ainda usando o vestido branco rendado, perambulou por vários lugares no vilarejo, quando de repente avista um enorme vulto preto peludo, parecido um cachorro, mas quando ele vira a cabeça para seu lado tinha olhos vermelhos.

A noiva assustada corre na direção das casas o mais rápido que poderá e o bicho no seu encalque e ao tentar fechar a porta de casa, a fera o tenta abocanhar e só consegue rasgar a barra do seu vestido de noiva, o bicho se afasta quando a cachorrada sai latindo nos seu calcanhar. Ela ficou muito assustada sem saber onde estava seu marido, deitou e pegou no sono, quando acordou pela manhã seu esposo estava deitado dormindo ao seu lado, pra sua surpresa tinha um pedaço de renda entre os dentes.

Desconfiada que seu marido seria o lobisomem contou para sua mãe, sua mãe bem rápida falou filha separar-se desse rapaz, que ele é o lobisomem”, esses causos e muitos outros, o vovô contava com tanto mistério que aprendia a nossa atenção, apesar do medo sempre queríamos escutar mais alguma história. Nos dias de chuva nesses dias a vovó fazia bolinho frito polvilhado de canela e açúcar para tomar com café, e escutava mais uns causos por conta da chuva e trovoadas pareciam mais monstruoso, mesmo assim era bom escutar nossos avós, apesar de ficar com medo. Depois pegamos o lampião e todo mundo ia junto para o quarto em silêncio, em um dado momento dormíamos.

Acordar no sítio da vó era muito lindo com o cantar do galo vermelho, preto e amarelo, majestoso no galinheiro entre as galinhas, pinto, peru, havia galinha preta com pintinhas brancas, chamada angolista ou “galinha de angola” ela cantava bem deste jeito” tofraco, tofraco, tofraco...” como quem tivesse se queixando das forças, era muito engraçado escuta isso, no outro cercado mar-reco, ganso, e patos, estas encerras ficava logo na saída da porta dos fundos da cozinha. Atrás do galinheiro tinha uma estradinha que leva ao açude perto da porteira de entrada, a horta fica entre o açude e o galinheiro.

A vovó tinha a horta como uma preciosidade e só podia entrar na horta quem ela permitisse ou era convidado pra colher se levava uma bacia de alumínio e um cesto de palha. Sua horta era muito linda colorida tinha couve, alface verde e roxa, cenoura, beterraba, vagem, ervilha, tomate, pimentão, cebolinha, verde, salsinha, alho, rabanete, nabo, pepino, repolho, batata doce e inglesa, feijão miúdo era muito gostoso verdinho saboroso vovó cozinhava temperava com um pedaço de charque feito pelo avô Mulato, para acompanhar um arrozinho branco com couve, batatas doce cozidas e de sobremesa farinha de cachorro feita do milho cateto assado com pouquinho de banha e depois socado no pilão e adicionado açúcar, ai que delícia só de lembrar desse cheirosa comida me dá água na boca.

Saindo pelo porta fundo da cozinha que dava no quintal, o galpão de ferramentas, semente e ração e deposito da colheita, fica ao lado da casa e atrás dele tinha uma parreira com as uvas pretas e logo mais à frente dentro do Arvoredo havia outro parreiral com uvas brancas, além dos pés de pessegueiros, laranjeiras e bergamoteiras. Inclusive um pouco mais afastado havia uma casinha de madeira, na mesma delimitação onde existia a lavoura com milharal, abóbora, mandioca, na época de plantio todos os netos vinham para o sítio alternando a vez.

O vô Mulato representação gráfica na figura(17) para ir a lavoura usava um chapelão de palha, um lenço de mão para enxugar o suor do rosto e calçava botas de borrachas para evitar pica-

---



da de cobras, virar a terra com arado de canga de boi, isso antes do atravessamento do urbanismo com a rodovia BR 293, que dividir as terras em dois lote, diminuindo a extensão da área para o plantio, assim depois esta atividade passou a ser braçal o vovô Mulato fazia com um arado com lâmina de aço, braços de madeira, o qual ele utilizava para empurrar o equipamento.

A vovó Virgínia, representação gráfica na figura(17) também para se proteger do sol colocava chapéu de palha e lenço nos cabelos, vestia as botas uma calça embaixo da saia, uma camisa de manga e um avental com bolsos cheios de sementes, ela abria as cavas e os netos jogavam as sementes aí vinha outras colocando a terra em cima.

No final do dia depois terminar o plantio percorria o milharal se tivesse, as espigas grandes trazer, às vezes apanhava espigas pequeninos para fazer boneca, mas a vovó brigava quando colhiam, dizia “vocês são erva daninhas, no regressar às casas nós passava no arvoredado com macieira, caqui e pera, colhia as frutas da época que tivesse madura. Os dias que tinha sol muito quente nós jogamos todos juntos no açude, até quando tinha os patos, marrecos, mas quando tinha os gansos ninguém se atrevia chegar perto pois as picadas eram garantidas.

**Figura 17: Expressão gráfica dos meus Avós.**



Fonte: da própria autora.



No final do dia depois terminar o plantio percorria o milharal se tivesse, as espigas grandes trazer, às vezes apanhava espigas pequeninos para fazer boneca, mas a vovó brigava quando colhiam, dizia “você são erva daninhas, no regressar às casas nós passava no arvoredado com macieira, caqui e pera, colhia as frutas da época que tivesse madura. Os dias que tinha sol muito quente nós jogamos todos juntos no açude, até quando tinha os patos, marrecos, mas quando tinha os gansos ninguém se atrevia chegar perto pois as picadas eram garantidas.

Era gostoso as brincadeiras, nossos avós logo depois do almoço tinha o costume de tirar uma sesta, nesse momento todos nós fugiam do quarto para apanhar e comer as frutas que tinha no quintal às maduras e algumas frutas verde, sabíamos que a vovó colocava em cima da parreira a esteira com fatias de pêssegos a secar para fazer passas, nós também apanhamos algumas. Que seria usada na sexta-feira santa no preparo da saborosa sobremesa de arroz com pêssego. Nós entrávamos no galinheiro para pegar o pinto, pegar os ovos para comer escondido não precisava, mas nós gostávamos de fazer isso, as galinhas ficavam gritando quando nós entrávamos ali, a vovó acordava para saber quem estava entrando no galinheiro.

Quando nos escutava o movimento deles, todos corriam e sentava embaixo da parreira fingindo que não estava acontecendo nada, mas logo a vovó Virgínia percebia que alguém tinha apanhado frutas das árvores ou se tinham comido as suas passas de pêssego, ela percebia que alguém tinha mexido ali. Foram os melhores momentos da minha vida. e lá na vó eu lembro que tinha época que não ia todos nós que o dinheiro não dava para pagar passagem, então ia só os mais velhos para buscar alimento e voltávamos para casa com as sacolas cheias de tudo que plantavam, ela colocava na bolsa e mandava para os filhos que moravam na cidade nessa época nunca se passou fome, porque plantava no sítio a família toda comia tempos bons.





Depois quando fiquei adulta e casei ,e a casa dos meus vovôs era meu lugar de refúgio depois nos momentos que as coisas não estavam muito boas na minha casa, pegava os meus filhos as roupas e ia para casa deles ficava lá por um tempo falava para ela que tinha brigado com o marido e ela adorava meu ex-marido então ela ficava na cozinha enquanto cozinhava e me via ali de cabeça baixa pensando o que eu ia fazer da minha vida.

A vovó Virgínia tinha um ditado: “antes de casar abra bem os olhos, depois para permanecer casada mantenha-os semi -abertos”, também me dizia vou cantar um verso para você e quando o Toninho chegar aqui você recita para ele,” ele vai achar lindo e vai querer te levar de volta para casa”, mantenho-os semi aberto, olhe com atenção as coisas importância para você”. Mas eu dizia não quero voltar vó, eu quero ficar aqui eu não vou falar verso nenhum para ele. Ela não deixa mais barato não quando ele chegava a vovó declamava o verso e dizia que era eu que tinha dito que queria falar para ele aquele verso acho que foi daí que veio essa vontade de escrever poesia herança da vovó Virgínia.

O vô Mulato era muito paciente, doce não abria a boca para quase nada quando a vovó ficavam rezingando, ele faz umas caretas muito engraçado de ver seu jeito de responder a vovó, ela tinha ciúmes dele dentro do ônibus quando ela voltava na igreja nos sábados. Ir ao sítio começou a perder o sentido quando ela faleceu com 87 anos e meu avô casou com outra mulher, mas separou um ano depois, ele também sentia muito a falta da dona Virgínia, assim como eu os demais netos e filhos, vovô morreu com 101 anos de morte natural dormindo, saudade que eu tenho deles meus filhos não tiveram a mesma sorte de ter o privilégio do convívio na casa da vovó. Assim como eu meus irmãos e primos.

## **TERRITÓRIO HACKER DE SOBREVIVER**

## DO CORPO NEGRA

Já se passaram sete anos da minha vida e eu deixei de morar com a minha família, foi nessa época que eu conheci a dona Hilda Arteché, a senhora que eu morei até os 18 anos quando casei e continuei a trabalhar com a família por mais alguns anos. Me recordo quando conheci a dona Hilda, professora de Educação física, morava em uma casa grande com duas sobrinhas na rua Rivadávia Correia nº1008/centro, eu tinha ido visitar minha irmã Silvia, porque ela não estava mais morando em nossa casa.

Depois de ter conversado com a Silvia pela grade do portão da casa onde ela estava morando, porque a senhora dona Genecy que abrigava ela não permitiu que minha irmã saísse fora da grade do portão para conversar comigo então conversamos ali mesmo me despedir dela, dei um beijo e saí caminhando andei uma quadra e dobrei na próxima rua quando avistei uma senhora dentro de uma garagem tirando para rua galhos de árvore para o lixeiro levar, prontamente perguntei a ela se eu podia ajudar a colocar o lixo para fora.

Recordo que ela falou não menina você é muito pequena pode deixar, que eu coloco as o lixo para fora não precisa, eu insisti digo, mas eu posso sim lhe ajudar , falei eu quero ajudar, porque se eu colocar o lixo para fora, a senhora me dá um café eu tô com fome. Eu lembro que ela me olhou, assim tá bem, então pega os galhos pequenos terminando de colocar o lixo para fora.

Entrei para a casa, sentei em uma cadeira na mesa da cozinha, ela preparou um café eu tomei enquanto nós conversávamos , ela indagou o que eu estava fazendo na rua sozinha? Expliquei que tinha vindo visitar uma irmã que não morava mais conosco. Também perguntou da minha família? Falei que a minha mãe es-



tava morando na casa da minha avó lá no sítio e ela disse, mas você é tão pequena tá fazendo o quê sozinha na rua, sua mãe não fica preocupada, eu disse acho que fica.

Mas eu precisava saber como estava a minha irmã, nesse momento perguntei para ela, a senhora não precisa de alguém para vir trabalhar aqui na sua casa para lhe ajudar no serviço? E ela perguntou quem é sua mãe? Eu disse não eu mesma, eu quero vim trabalhar aqui na sua casa ajudar no serviço. Ela voltou a afirmar que eu era uma menina muito pequena ainda para trabalhar, saiu da cozinha e foi até um quarto conversar com uma das sobrinhas que estava lá dentro e voltou.

E como é que nós faríamos isso? Nós podemos ir lá na casa do sítio da minha avó eu falo com a minha mãe e venho embora para cá, e assim foi, fomos de carro na casa da minha avó, dona Hilda conversou com a minha mãe com a minha avó perguntou se eu podia ir morar na casa dela que alguns finais de semana eu viria visitar, eu lembro que minha mãe ficou meio angustiada, mas permitiu que eu fosse.

Enquanto elas conversavam na cozinha eu fui até o quarto peguei umas mudas de roupa coloquei numa sacolinha e fiquei na porta esperando pronta para ir embora nunca mais voltei pra ficar, era dezembro nesta época na casa da dona Hilda tinha muita movimentação dos empregados fazendo limpeza por toda parte, preparando tudo para receber os familiares que viriam para as festas natalinas.

Na noite de Natal começaram a chegar várias parentes com filhos e alguns traziam seus serviços para ajudar a servir os convidados, acredito na conspiração do universo, porque quando eu olho em direção a porta ,tenho uma das melhores surpresas naquele momento da vida. Vejo a minha irmã Silvia entrando na casa, obviamente pela porta lateral que dava na garagem. Coinci-

dentemente às senhoras que nós dois "morávamos" eram irmãs ,mais tarde chega a família da concunhada, que nos proporciona mais outra surpresa a nossa irmã Sandra estava morando na casa deles, foi uma noite muito feliz para mim, então estávamos juntas novamente e na outra semana planejamos de falar com os pais da Heloísa para eles trazerem nosso irmão caçula a Dirce e, assim fiz-eram estávamos em família mesmo que em casa separadas.

Dirce deu muita sorte, foi a única de nós criada e respeitada como criança, não era obrigada a fazer tarefas na casa. Foi matriculada na escola Rivadávia Correia, às minhas irmãs Silvia e Sandra, também estudavam nesta escola, eu precisei fazer uma prova de nivelamento pois não tinha registro meu na escola da vila onde havia estudado antes, fui direto para a 3ª série do primário.

Depois de sair da escola tinha algumas tarefas pra fazer em casa , eu era tão pequena para alcançar no balcão da pia da cozinha para lavar a louça precisava subir em um banquinho de madeira. Alguns finais de semana tínhamos permissão para passear, íamos na pracinha, na casa da vovó lá no sítio ou visitar alguma amiga quando éramos convidadas. Como mostra nesta figura 02), recordeo que tínhamos passado o dia na casa do seu João que era o pai das nossas amigas Eliane e Lia Suzana, elas moravam no bairro do morro do Registro que ficava próximo ao sítio dos nosso avós, lembrança do dia que tiramos esta fotografia na figura(17), eu, Sílvia e a Dirce, no final da tarde depois de nos divertirmos muito, tínhamos que voltar juntas e cada uma ficava em suas "casas".

Tempo depois eu fui morar em Porto Alegre e morei quatro anos na capital junto com a dona Hilda e as sobrinhas, levantava cinco e meia da manhã para ir a padaria comprar o pão do dia, para sobrinha tomar café antes de ir a faculdade, e depois tinha que limpar algumas dependências do apartamento que ocupava toda área do andar, antes de sair para escola, e as demais dependências fazia



a limpeza quando chegasse da escola, nessa ocasião minha mãe faleceu, eu estava com treze anos.

**Figura 18: Sandra e Eu.**



Fonte: Arquivo de família

Anos mais tarde regressamos a Livramento continuei desenvolvendo as mesmas funções, além de trabalhar em outras casas de pessoas da família da dona Hilda, volta e meia eu era emprestada para passar o dia na casa desses familiares, quase sempre era nos finais de semanas, eles me pagavam com roupas que seus filhos não usam mais. Continue estudando na mesma escola que estava antes de viajar para a Capital, nesta figura(19), ao lado e lembrança do dia que tiramos esta fotografia, Sandra e Eu tínhamos participado do desfile de Sete de Setembro estávamos na Praça General Horácio , lugar onde costumamos nos encontrar depois da saída da escola antes de voltarmos cada uma para suas “famílias”.

Completei quinze(15) anos, participei do Baile de Debutante, figura (20), uma tradição social, este evento as mocinhas eram oficialmente apresentadas à sociedade, porque só tinha permissão



para ir aos bailes depois deste evento. Precisávamos dançar uma valsa e o Berón noivo da Heloisa dançou comigo , lembro que foi um acontecimento ,ele chamava atenção das meninas, mas sem modéstia eu estava deslumbrante imagem(xx), meu vestido de crepe delicado transparente era em tons vermelho degrade sobrepostos até o chão, minhas irmãs, Sandra, Silvia e Dirce foram ao baile além da dona Hilda e as sobrinhas dela.

**Figura:19) Eu, Silvia e Dirce**



**Figura: 20) Baile de debutantes**



Fonte: Arquivo de família.

A Heloísa sobrinha da dona Hilda, casou eu fique trabalhar de doméstica na casa dela, foi quando literalmente passei a receber um salário, trabalhei por muito tempo de doméstica cozinheira e era ótima no que fazia, casei com dezoito anos. adolescência, tive os meus filhos praticamente juntos com a sobrinha da dona Hilda, meus filhos ficaram na creche enquanto eu trabalhava na casa dela e ajudava a cuidar das suas filhas.

Bem assim o tempo foi passando parei um tempo de trabalhar de doméstica. fui gerente do cinema , agente financeira e anos mais tarde mudei para Florianópolis em Santa Catarina com a minha



família na busca por outras oportunidades para que meus filhos continuasse os estudos, mas o destino traçou outra coisa para nossas vidas, meus filhos só trabalharam e quem voltou a estudar fui eu fiz um curso de gastronomia fiz um curso de informática necessidades que o mercado do trabalho não considera os saberes e fazeres dos trabalhadores.

**Figura 21: Meu Amigo Kleicer Rocha.**



Fonte: Arquivo Integrar/Gestus

Nesse curso de informática conheci meu grande amigo professor Kleicer Cardoso Rocha na figura(21)é quem percebe meu potencial e agradeço por valorizar a minha trajetória de vida. Este ser humano generoso, apaixonado por sua profissão acredita na transformação social pela educação, foi quem me indica o curso pré vestibular comunitário o qual ele é idealizador e voluntário o Projeto Integral e da GESTUS e desde 2012 eu também faço parte como voluntária, passei no meu primeiro vestibular e ingresso na faculdade de arquitetura e urbanismo, dentro deste espaço a minha querida amiga Michele Mafra foi minha âncora durante todo o processo de graduação sou grata Mi.

Durante três anos estive como coordenadora do movimento social coletivo chamado Gestão Estudantil Universitária Integrar - GESTUS, neste coletivo atua a doze (12) anos na luta pela garantia da permanência do trabalhador estudante no espaço institucional de ensino público ou privados, membro do Projeto de educação comunitária integrar. busca a transformação social na vida deste trabalhador estudante tornando este um cidadão com posicionamentos críticos diante da violência sociais.

Terminei a graduação e fiz minha formatura figura (22 e 23), agora estou fazendo a pós graduação de mestrado, apenas estou resumindo parte da minha vida porque tem muita coisa para contar, principalmente quando se está engajado nos movimentos coletivos estes nos permitem novas articulações sociais e percepção do mundo de suas estruturas das condições do sistema educacional. Sobre políticas públicas, os direitos humanos a Igualdade racial, muitas outras condicionante que são importantes para o desenvolvimento crítico de qualquer cidadão brasileiro, que sofre na pele o racismo. entender as formas de existência do racismo, e o contexto que está estruturado no sistema é fundamental para que qualquer pessoa possa lutar pelos seus direitos.

**Figura 21: Meus familiares na formatura.**



Fonte: cedida de Victoria Correia



**Figura 22: Amigas da estus/Integrar**

Fonte: cedida de Victoria Correia

Estar na pós-graduação é algo que eu não imaginava na minha vida, principalmente na universidade onde eu cursei a minha graduação, por ser extremamente elitizada e como uma mulher negra, eu não cogitava a ideia de que um dia eu poderia ser convidada para fazer mestrado, neste espaço. Porém no dia anterior à minha qualificação recebi o convite do membro externo da banca, que foi confirmado no dia da banca final da graduação, este pesquisador pan-africanista conceituado no mundo científico, o Professor Henrique Cunha. Mais uma vez a encruzilhada da vida fez eu encontrar outro educador que percebe o quanto minha produção científica pode contribuir para pensar formas de transformar a sociedade.

Caro leitor descrever este cenário é algo que está além das palavras, é sentimento, que expressa o quanto é significativo acessar pela porta principal uma faculdade conceituada como a Universidade Federal da Bahia, principalmente quando o convite chega a mim através da pessoa que me identifico e admiração, o Professor Henrique Cunha Júnior, sou agradecida por essa oportunidade, por

abrir essa porta que permitirá que meu percurso acadêmico tenha continuidade. E por compreender a importância de as pessoas negras estarem ocupando todos os espaços estruturantes dessa sociedade. Minha história não acaba aqui, ela continua...

## **SAUDAÇÃO A TODOS QUE FIZERAM E FAZEM PARTE DA MINHA TRAJETÓRIA**

Agradeço a você leitor que aceitou viajar comigo por meio desta narrativa de escrevivências, deste passado distante de onde vem esta escritora que vos falou que espera que ao descrever os lugares, que cada um tenha experienciado grandes emoções, visto que estas experiências para a academia não são valiosas.

Minha provocação com esta escrita ao ser minuciosamente detalhada foi que no decorrer da viagem os sentidos sensoriais afloram despertado a sensibilidade em seus corpos pela imersão vivida nesta História. Concluído neste espaço e tempo sou eu o elemento primordial da essência dos meus ancestrais, hoje quando me percebo contando minha trajetória de vida a partir de minha infância, entendo que não tinha noção do quanto era precoce para a época em que minha trajetória como serviçal começo.

Veja bem esta consciência foi despertada em mim, através do termo sentimento de avó que nutro por minhas netas, o qual Conceição Evaristo descreve sabiamente esta cena com as seguintes palavras “Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentimento gerador, como uma cadeia de sentimentos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica”. Quando me deparar em uma das muitas conversas que costumo ter com meus filhos, pai de Layane e a mãe de Maria Luísa, sobre o quanto se deve ter cuidado e zelo com elas.





A escolha do título não venho por acaso, e depois de buscar entender as minúcias intrínsecas em cada ato deste espetáculo que é a vida, que e consigo apontar sentido para uma inquietação que vem pulsando em mim ,principalmente sobre minha ancestralidade, e retorno a infância e minha vida entre meus pais e irmãos, assim o título que surgiu no decorrer desta escrevivência, toma sentido abstrato dos sentimentos bem reais, portanto ele está associado à segurança e aos ciclos, ou seja, a tudo o que representa um caminho totalmente possível.



## **CARTA PARA MINHA MENINA**

Querida amiga, já se passaram muitos anos, mas a velocidade da vida nunca deixou que eu me esquecesse de ti. Lembro da sua coragem do seu jeito doce meiga da forma que você brincava. Da gargalhada eu lembro do seu apelido te chamavam de cigana. Quando chegava no armazém do seu João e encontrava os tios, Sempre pedia uma grana. A vida se faz dura e me colocou vários

obstáculos, nestas horas que lembro de você o quanto era precoce, que no mundo não existia porteiros ou cadeados para impedir você de se aventurar. Não se prende ao passado, basta um convite que você logo aceitava e não havia nada, nem ninguém que lhe fizesse parar.

Que bom que você é essa menina que não aceitava a vida do jeito que foi dada, você queria mais do que a vida estava oferecendo, ainda garotinha já tinha determinação negava essa exclusão. Neste momento da vida, estou a registrar nossa escrever no livro de memória aflorado pela sensibilidade sete sentirá, vou falar sobre você, a infância, das brincadeiras no quintal da nossa casa, as bonequinhas de pano e comida na lata. O canto do Cardeal com penas vermelhas atraindo atenção, do colorido das aves, o canto dos canarinhos, o pica-pau. Todas estas memórias lembram a nossa história. Amiga quero te contar que eu consegui, cheguei no lugar merecido, hoje sou uma belíssima mulher negra, alegre, sensível, potente, contínuo determinada e impetuosa, cheia de sonhos.

Conquistei muitas coisas, realização de sonhos, sou arquiteta e urbanista, mãe, avó, faço parte de um projeto de educação popular comunitário, em Florianópolis, nesta cidade aqueles rabiscos ao tentar desenhar uma casa, se transformou em projetos, vou te contar em poesia como foi este processo na universidade da UFSC<sup>9</sup> onde permaneci estudando por mais de cinco anos. Realizei meus sonhos, guria você não imagina, hoje estou na pós-graduação na PPGAU<sup>10</sup> em Mestrado na UFBA<sup>11</sup>, moro em Salvador, trouxe na bagagem o espírito aventureiro, um punhado de coragem e um tanto de saudades dos nossos. Tenho planos para realizar, pretendo conhecer vários lugares e novas pessoas, porque o mundo é uma aventura e eu vivo cada dia querida amiga, quero que você saiba que a vida na medida do possível foi mais fácil, porque você existe.

---

9 Universidade Federal de Santa Catarina/ Florianópolis.

10 Programa da Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFBA.

11 Universidade Federal da Bahia/ Salvador.

---





Que bom que você não se conformou com a vida restrita à aquela situação socioeconômica limitada, que você brigou e lutou que você sempre quis mais que lhe oportunizaram, me encorajou e com você eu aprendi nunca desistir, cair e me levantar e a voltar a sorrir, minha grande amiga nunca me abandone que eu não vou te abandonar. Tenho muito para aprender e também para ensinar

## BIBLIOGRAFIA

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Bairros Negros: A Forma Urbana das Populações Negras no Brasil**. Revista ABPN, v. 11, n. 1, p. 65-86, 2019.

DUARTE. Constância Lima, NUNES. Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes**. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.282.

Sant'Ana do Livramento. **In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 33, p. 330-341.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<https://medium.com/umolharparaliberdade/de-acordo-com-cavalcante-n%C3%B3brega-2011-que-distorrem-sobre-a-diferen%C3%A7a-entre-esp%C3%A7o-e-lugar-0-300656bc548f> acesso 24/04/2023.

<https://diariodocomercio.com.br/especial/economia-do-brasil-vive-ceu-e-inferno-nosanos-70/>. Acesso em 5/05/2023.

<https://www.conhecaminas.com/2022/01/esmaltados-origem-tradicao-e-arte.html>. Acesso em 18/05/2023.

[http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv27295\\_33.pdf](http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv27295_33.pdf). Acesso em: jul. 2015.

[https://www.achetudoeregiao.com.br/rs/santana\\_do\\_livramento/localizacao.htm](https://www.achetudoeregiao.com.br/rs/santana_do_livramento/localizacao.htm). Acesso em 10 de junho de 2023.

<https://www.alert-online.com/br/news/health-portal/frutos-secos-de-casca-rija-saobeneficos-para-a-saude>. Acesso em 10 de junho de 2023.





# CAPÍTULO 6

## **CRIANÇA CRIADA POR VÓ: AUTOBIOGRAFIA DE UM JOVEM EM MEMÓRIA DOS AVÓS**

Thiago Assunção dos Santos

Essa produção textual é uma parte bem pequena da minha vida dentro de uma totalidade na jornada desse jovem de 36 anos que vos escreve. O convite para escrever essa autobiografia foi bem interessante, já que seria a primeira vez de expor parte significativa da minha história e, sobretudo, as minhas vivências por acesso a minha memória afetiva sobre as andanças e de tudo que eu visualizava, ouvia, e que nesse momento eu consigo refletir sobre tudo aquilo que me aconteceu ao ser criado por meus avós, e perceber como que forjou o meu caráter, no entanto, não saberia que seria tão difícil escrever sobre eu mesmo.

Acredito que muita gente vai se identificar com minha história de vida, pois minha narrativa é de uma criança criada principalmente pelos pais da minha mãe durante minha infância e adolescência. Tem gente que até faz chacota com as pessoas adultas que foram criadas pelos avós, porque se criou um estigma, de que esses adultos se tornam pessoas mimadas, irresponsáveis, não conseguem gerir a própria vida, eu mesmo me deparei por diversas vezes as pessoas fazendo algazarra por ter tido essa condição,

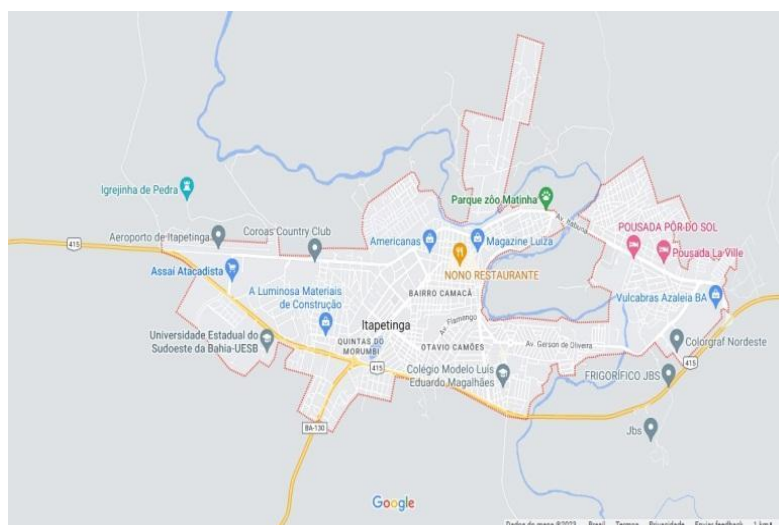


porém, eu, enquanto adulto acredito conseguir provar o contrário do que esse estigma leva consigo, logo, posso relatar melhor sobre minha vida adulta no final desse texto.

Contudo, meu objetivo é dar luz, trazer um olhar, sobretudo para as mulheres que me criaram e me formaram a partir de seus saberes, vivências, histórias e memórias, no qual, de algum modo tiveram a responsabilidade do cuidado para comigo.

O que quero também refletir juntos com vocês nesse momento é, quando os pais biológicos saem de cena na nossa criação ainda na infância e os avós assumem essa responsabilidade eles se tornam nossos pais? A minha resposta fica para o final.

Nessa tessitura textual abordarei a minha história de vida na cidade de Itapetinga, no interior do estado da Bahia, o município tem uma população estimada de 77.408 mil habitantes pelo IBGE (2021), situada na macroregião do médio sudoeste baiano, com uma distância aproximada de 600 Km da capital Salvador e 100 Km de Vitória da Conquista, a cidade é cortada pelo rio Catolé Grande, afluente do rio Pardo. Digo cortada porque a cidade é realmente dividida pelo rio, grande parte da cidade está à margem direita, onde tem maior área urbanizada onde se concentra o comércio, na margem da esquerda uma pequena área urbanizada e situada com indústrias, com destaques para a fábrica de produção calçadista, produção de laticínios e frigoríficos.



Nasci em Itapetinga-Bahia, no ano de 1987, esse lugar que ficou conhecido como “Capital da pecuária”, terra do gado leiteiro, pela existência de grandes fazendas com criação de criação de bovinos, atualmente a pecuária bovina perdeu força muito por conta dos efeitos das mudanças climáticas que atinge a região com longos períodos de estiagem afetando a pastagem do gado para a produção de leite.

A história desse território apresentado nos sites de pesquisas aponta que a cidade foi descoberta por Bernadino Francisco Souza quando desbravava as matas em suas viagens de Vitória da Conquista para Ilhéus, e passando pela ainda conhecida Itatinga, se firmou às margens do rio Catolé Grande, e logo depois chegou Augusto Andrade de Carvalho, adquiriu terras e começou a trabalhar com a agricultura e pecuária, e assim foi sendo ocupada por outros fazendeiros. Diante dessa narrativa me incomoda as lacunas nas informações de onde vieram esses homens, a família que os antecede, sendo que o primeiro nome da cidade Itatinga é de origem indígena Tupi.

Nesse sentido, foi desenvolvida uma extensa pesquisa sobre a historiografia de Itapetinga, onde a pesquisadora Jussara Tânia Moreira (2018) aponta por meio de relatos e história de vida dos mais velhos a existência do povo Mongoió. A História do Brasil sempre foi marcada por esse apagamento histórico da existência dos povos originários e dos povos africanos. Contudo, há de se reconhecer que Itapetinga é uma terra de ancestrais, é terra de caboclo, terra indígena, seu nome é proveniente da língua Tupi, inicialmente chamada de Itatinga que quer dizer Ita (pedra) – tingga (branca) então Pedra Branca. Por muito tempo aqui viveram os indígenas do povo Mongoió (Kamacan), porém os fazendeiros pecuaristas conseguiram tomar a terra desses povos originários e hoje tentam negar a existência desse passado, e da existência de um povo em que a população tem muito de seus traços, e no campo da política é muito influenciada pelo coronelismo.





Não obstante, também tem sua história marcada pela existência do povo negro, sobretudo, africanos e afrodescendentes que chegaram na condição de empregados para cuidar da terra dos fazendeiros. A religiosidade de matriz africana presente em Itapetinga é uma prova dessa cultura ancestral afro-brasileira um marco dessa cultura é uma praça com monumento em referência às divindades do panteão africano Oxalá, Ogum e Omolu.

Dito isso, me atento agora a falar de sobre mim, sobretudo da minha história com meus bisavós paternos e avós maternos. Sou filho de Maria Assunção, mulher parda, mãe de três filhos, sou irmão de Danilo in memoriam e Izidório, meus irmãos são filhos de outra relação amorosa da minha mãe, eles foram morar com o pai em São Paulo. Danilo faleceu em um acidente de carro com mais ou menos onze anos de idade.

Minha mãe estudou até o ensino fundamental, lembro-me das pessoas falando que quando nasci minha mãe trabalhava em um supermercado de operadora de caixa ainda em Itapetinga, mas maior parte de sua vida de trabalho foi empregada doméstica, hoje se tornou cuidadora de idosos na cidade de São Paulo. Ela foi embora para a capital paulista em busca de melhores oportunidades de emprego e subsistência para ela, nisso eu fiquei com minha avó Eunice, mas conhecida por Nice, quando eu ainda tinha mais ou menos 3 anos de idade. Falarei sobre minha vó ao longo deste texto.

Na casa dos meus avós não tinha telefone fixo até os anos 2000, então minha mãe ligava pra gente para a casa da vizinha, onde morava uma de suas melhores amigas na época, minha mãe sempre pedia para falar comigo, e eu ficava com receio de falar ao telefone, toda vez que eu falava ao telefone com minha mãe eu chorava, e eu não sabia elaborar o que era aquele sentimento, se de timidez por falar ao telefone, se por medo de saber que iria chorar e daí as pessoas poderiam zombar de mim, sabe aquele ditado que “homem não chorar”?, era sobre essa angústia em chorar e a

minha sexualidade poderia ser questionada, ou às vezes até ficava me questionando se poderia ser saudade da minha mãe.

Eu sabia que eu era uma criança diferente dos outros meninos, não tinha os mesmos desejo dos deles, não tinha interesse em jogar futebol, gostava mais de estar com as meninas, minhas brincadeiras eram mais com as meninas era com elas que me sentia à vontade, e por isso entre os meninos eu era o mais violentado psicologicamente, tudo que eu fazia ou usava era tido como “mulherzinha”, usavam termos tanto quanto homofóbicos quanto racistas.

Meu pai chama Antônio Carlos dos Santos, homem negro, ensino fundamental incompleto, vendedor e ambulante, trabalhou com minha vó Maria de Jesus (vó Mara) e como padraсто vendendo bolsas, mochilas, artigos de presentes por várias cidades da Bahia, e depois de um tempo se fixou em Salvador, hoje está aposentado por invalidez por causa de um acidente, pai de mais dois filhos, meus irmãos Jeferson e Lucas.

Minha vó Mara ainda uma jovem mãe, se mudou para o Rio de Janeiro assim que se separou do meu avô Deusdete dos Santos, e meu pai ficou sob os cuidados dos seus avós, assim como eu.

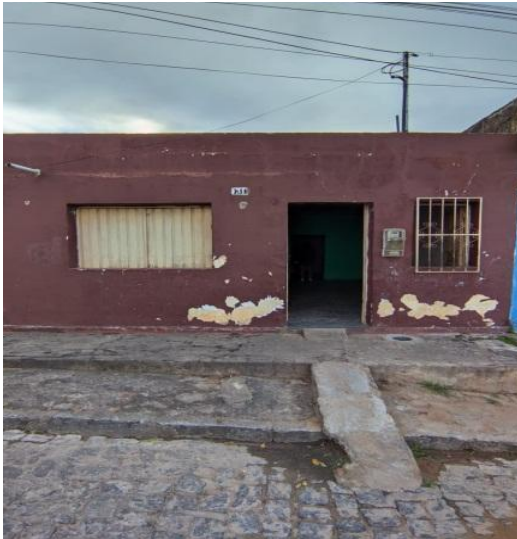
Quando meus pais se separaram eu tinha mais ou menos 1 ano de idade, eles eram jovens, minha mãe com vinte e um anos de idade e meu pai com dezenove anos de idade, eles não tinham muita perspectiva de futuro em Itapetinga, principalmente, na época onde uma cidade no interior da Bahia do nordeste brasileiro havia poucas oportunidades de trabalho, acesso à educação e ensino superior para famílias pobres igual de onde eu vim. Para nós não tinha esse futuro em um horizonte próximo, logo, foram buscar seu lugar no mundo numa cidade grande como as capitais brasileiras.

Logo quando meus pais se separaram, eu fiquei sob a guarda de meu pai, e ele morava com meus bisavós, vó Geró (Generosa) e vó Alvino na casa que está em destaque. Dessa época eu me lembro do meu bisavô, homem branco, trabalhador rural, passava uma imagem de sisudo e fechado, já aposentado ele ficava sentado na



frente dessa casa que apresento na foto abaixo (figura 1) produzindo rolhas artesanais para garrafas, e eu querendo brincar com um pequeno velotrol (figura 2) no passeio e ele reclamava com receio de poder me machucar com os materiais que ele produzia as rolhas.

**Figura 01**



**Figura 02**



O vô Alvino sofria de uma doença de pele, e todos os dias eu o via cuidando de sua perna com permanganato de potássio, um pó que misturado em água fica na cor lilás, aquilo parecia muito interessante para uma criança curiosa, mas era o tratamento diário do meu bisavô, sua dose de autocuidado para a melhoria do ferimento.

No ano de 2022, eu e minha vó Mara estivemos na casa dos meus bisas para verificar as condições da moradia, ali eu tive meu momento de acessar a minha memória afetiva, de poder lembrar do cuidado dos meus bisavós para comigo, as brincadeiras com os amigos na vizinhança, lembro de como era a organização do meu quarto e o pé de manga no quintal de casa.

A minha bisavó Generosa, conhecida por Geró, cuidou de mim por um tempo, até que minha mãe conseguiu minha guarda. Ela era uma mulher negra, trabalhadora rural, não teve acesso a escolaridade, seu nome faz jus a sua personalidade, ela foi uma mulher muito generosa com todos que estavam ao seu redor. Ela fazia uma

comida muito saborosa, o cheiro bom tomava a casa, e na hora do almoço ela me colocava no sofá ou no chão que foi o lugar que eu mais almoçava, não sei porque, talvez fosse para evitar sujeira no sofá, e assim ela me ensinava a fazer os bolinhos de comida e comer com a mão, eu amava fazer isso, e saboreando aquela comidinha simples, porém feita com muito amor, carinho e afeto. Na foto acima minha vó Geró, eu comendo e meu pai ao lado.

Eu fico imaginando de onde vem essa prática de comer no chão e com as mãos.

Acredito que pode ser uma prática milenar oriunda de algum país africano. Recordo-me bem quando ainda criança eu participava das festas de São Cosme e São Damião, os irmãos gêmeos canonizados pela igreja católica, no entanto, para as religiões de matrizes africanas são a festa dos Ibejis, filhos de Xangô e Iansã, e é cultural preparar a comida e oferecer para os erês, que é o conhecido caruru. As crianças sentam no chão, em geral, em círculo para poder comer logo depois de ofertar aquele alimento às divindades.

Em uma reportagem televisiva de um programa de televisão brasileiro estive fazendo trabalhos sobre a cultura do país africano Moçambique, então os repórteres conseguiram trazer uma matéria referente a uma comunidade na cidade de Beira que eles se alimentam no chão e comem com as mãos, com isso, me faz confirmar sobre a reflexão de que em diáspora fazemos o que os nossos ancestrais trouxeram consigo.

Assim que minha mãe consegue a minha guarda, eu volto a morar com minha mãe no bairro Camacã, em uma pequena casa de apenas dois cômodos, e como ela saía para trabalhar, eu ficava sob a tutela de uma jovem. Nessa época minha mãe trabalhava em um supermercado da cidade. Quando essa jovem menina não podia me olhar enquanto minha mãe trabalhava, eu ficava com minha vó Nice. Assim que minha vó ia embora eu corria atrás dela para não deixar ele ir, e aqui já podia perceber que algo marcava



a nossa relação, pois eu a chamava de mãe, assim como minha própria mãe biológica e meus tios.

Então, minha mãe se muda para São Paulo e nesse momento as minhas lembranças já são morando com meus avós maternos e meus tios. Nessa foto estão meus avós, Nice e Zé Mota, eles estão na antiga frente da casa que está localizada no bairro primavera, rua Ubaíra.

**Figura 04**



Nessa casa poucas reformas foram realizadas desde quando ela foi construída. É uma casa de três quartos, um banheiro, uma sala, uma cozinha, a pequena varanda na frente que virou uma garagem para carros de passeio, e o quintal ficou menor porque a cozinha cresceu um pouco mais e criou uma área de serviços.

Meus avós tiveram onze filhos, minha tia Elizabete faleceu bem nova, dos dez filhos quando eu fui morar com meus avós, quatro deles já não moravam nessa casa, eram dois quartos para os seis filhos e eu, e um quarto do meus avós. Essa casa sempre viveu cheia, não só de gente, mas de alegria e de festa. Não há na



minha memória episódios de brigas, discussões, ou qualquer tipo de violência, foi e é até hoje um lar muito acolhedor. Eu destaco um dos momentos do café da manhã, que era e ainda é, um grande evento lá em casa, onde boa parte se reúne para se alimentar, bater um papo, resenhar como se diz na Bahia, e depois partir para as responsabilidades, para o trabalho ou escola, assim como pode ver na figura.

**Figura 05**



Como o passar do tempo meus tios foram se formando na escola pública estadual da cidade, no que hoje chamamos de ensino médio, naquela época era o ensino científico. Do 1º ao 3º ano o aluno escolhia qual a formação que desejava, no caso dos meus tios tinha a opção por cursar o magistério ou contabilidade, e então iam buscar novas oportunidades, principalmente, de emprego, fora de Itapetinga. A grande parte deles teve como opção o estado de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte.

Então a casa foi ficando vazia a cada ano, e com isso eu fui crescendo em meio às despedidas, a saudade e o vazio da farta alegria. No entanto, vivendo cada vez mais perto da minha vó e do meu avô. Eu podia escutá-los mais, sentir que havia um amor e um cuidado por mim nos pequenos gestos, seja da repreensão pela desobediência, pela nota vermelha na caderneta e pelos pre-





sentinhos surpresas no aniversário, dia das crianças, do natal e na páscoa.

Meu avô chamava José Mota Santos (Zé Mota), homem negro, teve pouco acesso a educação, criado na zona rural das cidades que circunvizinham Itapetinga, trabalhando principalmente com cuidados com o gado nas grandes fazendas, mas também cultivava muito bem alimentos para consumo da família. Na medida em que se mudou para a cidade de Itapetinga sua atividade ocupacional também foi alterada, ele trabalhava de forma terceirizada como pedreiro, fazendo o calçamento de pedras nas ruas, pois o município estava vivendo uma áurea econômica na época, diante desse êxodo rural para a cidade, a urbanização foi avançando e com isso à necessidade pelo calçamento.

Assim que se aposentou meu avô ficou com muitos momentos de ociosidade, e então passou a fazer artesanato de forma muito aleatória e sem muito conhecimento, sobretudo, sem motivação para obter uma renda extra.

**Figura 06**



Ele começou a fazer o conhecido fogareiro, equipamento que utiliza a lata de tinta de 20L reciclável como item principal para as famílias utilizarem como uma forma alternativa de cozinhar os alimentos. Ele fazia também conjunto de panelinhas artesanais com

o aproveitamento de latinhas de alumínio descartadas, como na figura ao lado.

Meu avô foi um homem de poucas palavras, falava apenas o necessário, não gostava de ser contrariado, contudo tinha um coração enorme para quem precisasse de ajuda. Ele morria de amor pelos netos, era o momento que a gente conseguia o ver rindo e brincando, até parecia outra pessoa. Ele tinha muito cuidado comigo, não gostava que eu falasse na aula, se eu ficasse brincando na rua até tarde da noite ele fazia reclamações, e sempre muito sisudo. Tem um episódio que me marcou muito eu com meu avô, foi quando eu já tinha definido que iria embora para Belo Horizonte, ele foi a primeira pessoa se opor, pois ele queria que eu ficasse com eles, e então minha vó fez uma defesa de que em Itapetinga eu não conseguiria conquistar bons estudos e um bom emprego, e então segui para BH-MG.

Minha vó se chamava Eunice Pereira Assunção, conhecida por Nice, daí havia algumas variações, Dona Nice, Tia Nice, Nicinha. Mulher parda teve pouco acesso a educação, conseguia ler muito pouco, conseguia escrever pouco, sua infância e juventude foi na zona rural, casou por volta dos 16 anos de idade com meu avô Zé Mota, se tornou mãe bem cedo e foi viver cuidando do lar, trabalhava com agricultura para consumo da própria família, e com seu espírito solidário ajudava a quem precisava.

Quando se mudaram para Itapetinga, minha vó ainda era muito ligada às coisas da roça, mas não tinha como continuar indo até as fazendas para trabalhar. Como meus

tios já estavam estudando e trabalhando, eles conseguiam ajudar na contribuição mensal da renda na casa. A partir do momento que meus tios foram se formando no ensino médio e se mudando de cidade, minha vó precisou arrumar algumas formas de trabalhar e ganhar seu dinheiro, até para ajudar meu avô que estava se aposentando. Então ela conseguiu uma renda como lavadora de roupas, tinha muitos clientes. Lembro por diversas vezes



carros parando na porta de casa para deixar as trouxas de roupa e também para buscar as roupas limpas e passadas.

Nessa época, minha vó me levava para todos os lugares que ela ia, então a lavanderia pública próximo a nossa casa foi um desses lugares, eu lembro dos varais cheios de roupas, tanques com roupas de molho, as mulheres lavavam as roupas na mão, passavam as roupas ali mesmo também, e elas faziam o serviço conversando, rindo e cantando o tempo todo. E não ficava por aí, minha vó também fazia café, ela sabia fazer todo o processo do café, do grão verde até o moeção do café torrado, e ainda fazia biscoitos de polvilho, todos esses afazeres ela fazia juntos com as vizinhas que tinham forno a lenha ou outro tipo de ferramenta que em casa não tínhamos.

Recordo-me muito bem de todos esses trabalhos exercidos por minha vó porque em todos eles eu estava junto com ela. Eu era uma criança, tinha mais ou menos uns 10 anos nessa época, pré-adolescência. Como ela era minha segunda mãe, responsável por minha criação e todo o cuidado, me levava para as casas das vizinhas que trabalhavam juntas, daí era sempre um trabalho coletivo, o café era torrado em uma bola torradora de café no fogão a lenha, depois do café torrado colocavam os grãos no pilão para moer o café iriam para o moedor no qual o café saíria em pó, a parte boa é o aroma do café tomava toda casa, a ruim era essa mulheres estarem expostas ao fogo quente da torradeira e ao sol para pilar os grãos de café.

Quando era para fazer os biscoitos também era sempre um trabalho coletivo, o ato de preparar a massa dos biscoitos, colocar os biscoitos nas assadeiras e retirá-los do forno a lenha. Os biscoitos eram sempre feitos em grandes fornadas, ou seja, grandes quantidades de biscoitos que eram para consumo próprio, como também para vendas.

Mas o dia que eu mais gostava era quando minha vó e minha tia, sua filha primogênita, tia Zete, iam lavar roupas no rio. Quando

era dia de lavar roupa no rio Catolé, descia para o rio uma turma boa, além da minha vó e minha tia, era eu e meus primos mais os nossos amigos da vizinhança. Nós passávamos o dia inteiro no rio, enquanto minha vó e minha tia lavavam roupas a criançada se divertia na água, a gente já levava a comida e o lanche para garantir a alimentação desse dia.

Eu minha vó éramos grandes parceiros, a gente esteve juntos para tudo. Seu cuidado e afeto foram primordiais para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. O ser humano colaborativo que sou foi o fato de eu a ver sendo essa pessoa e me ensinava a também fazer o melhor pelo outro. Tudo o que eu sei hoje sobre arrumar a casa, preparar uma comida e lavar roupa, foram a vendo fazer em casa e me colocando para realizar essas tarefas, assim que eu saí de casa, consegui colocar em prática tudo isso.

Acredito que minha vó está muito feliz comigo, com o caminho que escolhi percorrer e acreditar que tudo é possível, basta não desistir facilmente. Eu tenho comigo que essa força e amor pela ida, pelo cuidado com o outro, vem desses ensinamentos dos meus avós. Sou grato por eles na minha vida!





# CAPÍTULO 7

## MEMÓRIAS ENCRUZILHADAS Escritas vivenciadas nas Encruzilhadas das vidas Nazarenas

Vilma Patrícia Santana Silva

### ABERTURA DE CAMINHOS

#### Imagem 01: OS GRIOTS



FONTE: <http://mitosnobairrodapaz.blogspot.com/p/mitos-5.html>. ACESSO: 16/06/2023

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente”. (Tierno Bokar<sup>1</sup>, In História Geral da África, p.167).

<sup>1</sup> Tierno Bokar Salif, falecido em 1940, passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali). Grande Mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos.





Evocando Tierno Bokar Salif, a escrita é o registro físico que transcreve fotografias de memórias como fruto de experiências vividas.

Em conceitos acadêmicos esse é um capítulo, mas eu prefiro chamá-la de ponto, pois o ponto para a cultura afro-brasileira tem a função de evocar a ancestralidade narrando elementos e histórias fundamentais de sua essência, com gramática própria expressa de forma verbal ou não.

A escrita aqui terá a função de evocar e transcrevi vivências cotidianas de um povo inominado pela pátria que ele pariu. Como conceito utilizarei o conceito de transcrevivências, que tem por objetivo transcrever as vivências praticadas em dinâmicas que territorializam a cidade de Nazaré através de resistências, negociações e disputas numa encruzilhada de três pernas; o de espaço desesperança destinado, a territorialidade e território desejável, e o limiar possível da existência.

Em segundo momento trarei relatos por mim vivido com ênfase na infância que contribuíram para meu imaginário sobre a cidade de Nazaré a partir de seus lugares, pessoas e acontecimentos, que se tornam encruzilhadas em minha história e na história da cidade.

Essa tríade de caminhos, nas encruzilhadas das vidas dos nazarenos e da cidade, demaremos espaços que evidenciam o urbanismo civilizatório excludente, que projeta a cidade como uma maquete inviabilizando o referencial humano democrático, não considerando outras formas de vivências potencializadas pela pluralidade de outros modos de ver, bem viver, sentir e produzir na cidade e reproduzi-la sem a dor de parir.

Como ensina a nossa ancestralidade antes de iniciar qualquer trabalho pedimos licença ao dono dos caminhos, o senhor das possibilidades, por longas andanças em caminho também de demandas advindas da colonização, pedirei licença e proteção aos donos dos caminhos, Esù, para que Ele também nos guie evitando aquizila-

mentos, ofertado o primeiro ipadê<sup>2</sup> nas Encruzilhadas da cidade de Nazaré ou conhecida popularmente como Nazaré das Farinhas e ainda, a terra da macumba.

Laroyêeeee Esù!

## IPADÊ DE NASCIMENTO: NAZARÉ NOS CAMINHOS DAS ÁGUAS, BARRO, FARINHA E O AZEITE

Dialogórixando<sup>3</sup> sobre a história da cidade de Nazaré das Farinhas. Vou transcrevê-la sobre meu olhar aos acontecimentos históricos, adotarei neste momento a metodologia de descrevê-la a partir de seus acontecimentos históricos, suas nomenclaturas oficiais, e refletir a partir das estórias que a cidade conta através de seus topônimos com base no conceito de geografia cultural que narram caminhos trilhados em relação direta com a terra, a população, seus fluxos, refluxos e a territorialidade.

Nasci em 21 de Novembro de 1983 em Nazaré das Farinhas, caracterizada como uma daquelas cidades na qual as belezas naturais fazem parte do cotidiano de seus moradores.

Situada a 56 km da capital baiana Salvador, a cidade de Nazaré das Farinhas encontra-se no Recôncavo Sul baiano, às margens do Rio Jaguaripe que proporciona ao lugar um bioma rico com mata atlântica, manguezais, bambuzais, cachoeiras, solo argiloso e topografia que possibilitou o acesso a cidade ainda no início da colonização portuguesa.

---

<sup>2</sup> Ritual praticado pelos terreiros de candomblé, como forma de reverenciar ao Orixá Esù.

<sup>3</sup> DialOrixár, conceito cunhado pela autora que consiste em transcrever a partir de suas vivência e experiências, através do diálogo escrito e narrado, inserindo a ancestralidade afrobrasileira, que permite o sentir enquanto característica do vivênciar.

---



**Imagem 02- Mapa Baixo Sul Bahia Imagem 03 - LOCALIZAÇÃO NAZARÉ-BA**



FONTE: (Google Maps )

FONTE: autora utilizando programas (GoogleMaps e Photoshop).

Nazaré está localizada no Baixo Sul da Bahia, região caracterizada por ser uma área de cavidades profundas como cabaças, de terras férteis feito o útero, margeadas pelas energias das Iabás<sup>4</sup> Nanã através dos manguezais, das águas doces e salobra de Oxum rios , que desaguam nos braços de Yemanjá através do mar.

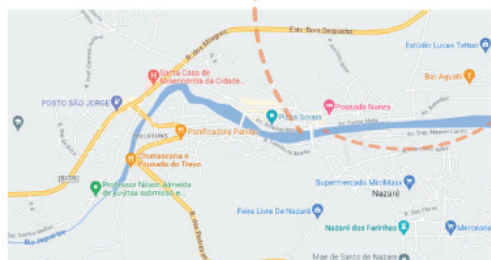
Os caminhos das águas, possibilitam através da navegação, a interligação territorial entre o Baixo Sul da Bahia e a Baía de Todos os Santos.

## **IPADÊ: NAZARÉ NASCE PELOS CAMINHOS DAS ÁGUAS**

Inicialmente esse território que conhecemos hoje, como as cidades de Jaguaripe e Nazaré das Farinhas, eram ocupados pelas aldeias indígenas da etnia Tupinambá. No século XVI as terras são

<sup>4</sup> Iaba, ou Yabá. Termo utilizado nas religiões de matrizes africanas, referindo-se as divindades Orixás de energia associadas a ancestralidade feminina.

roubadas pela colônia portuguesa ocupando a margem direita do rio existente atualmente chamado de Rio Jaguaripe, para moradia e plantações, e a margem esquerda como fazendas e engenho, como forma de demarcação do território roubado em simbologia a sua dominação espacial, os portugueses a nomearam de Sesmaria do Jaguaripe.



Mas como os fatos narrados também fazem parte das histórias das cidades, segundo oralidade, devido a devoção da população a santa Virgem de Nazaré que fazia romarias no local, culminou pelos devotos a construção de uma capela pela população em devoção a santa a margem direita do rio, atualmente conhecida como bairro da Conceição, nomeado de **Povoado de Nazaré** em 1753, desmembrando-se da Sesmaria do Jaguaripe, porém a população ainda a chamava de **“Filha do Jaguaripe”**.

A necessidade dos colonizadores em demarcação do território de forma a enfatizar a dominação sobre o lugar, e também devido às atividades econômicas com base na agricultura local, o Povoado de Nazaré passa a ser reconhecida como freguesia e posteriormente



em 1831 é renomeada para **Vila de Nossa Senhora de Nazaré**. Em 10 de novembro de 1849 recebe o título de cidade, passando assim a ser chamada de **Constitucional Cidade de Nazareth**.

Cabe entender o contexto histórico nesse período, que passou a ser reconhecida como Constitucional Cidade de Nazareth , tinha dentro do seu núcleo de habitantes: os primeiros ocupantes do território os indígenas, a população sequestrada de África, e os sequestradores mentores desta ação criminalizatória. Esse território que gera destaque econômico para a região por conta do domínio das técnicas de trabalho utilizadas pela mão de obra escravizada, sustentava a economia. A riqueza da biodiversidade do lugar essas categorizações da cidade significava também o poderio dos escravizadores no domínio sob as terras e de tudo que era produzida a partir delas.

A topografia possibilitava condições naturais favoráveis para navegação de pequenos e médio porte de embarcações como saveiros, navios a vapor, jangadas, baleeiras que cruzava o Rio Jaguaripe,

destacando que essas condições foram fundamentais para possibilitar a continuidade do tráfico dos negros africanos mesmo após “abolição da escravatura” . A navegação e sua posição geográfica proporciona a Constitucional Cidade de Nazareth, o reconhecimento como uma das principais fornecedoras do baixo sul do Recôncavo baiano em gêneros de alimentos como cereais, animais, frutas, raízes, sementes e produtos de primeira necessidade como louças de barro, piaçava, tornando-se rota de transporte e abastecimento de mercadorias e seres humanos sequestradas de África, entre o Recôncavo baiano, províncias, povoados, fazendas, engenhos e feiras.

## **IPADÊ: NAZARÉ CERSCPELOS CAMINHOS DA TERRA / BARRO**



Nesta terra que tudo que se plantava dava, a Constitucional Cidade de Nazareth desenvolvia a economia baseada na agricultura e navegação, e suas relações de trabalho escravocrata entre os escravizadores. No entanto os sequestrados de África, os indígenas e os afrodescendentes nascidos no território advindos do trabalho forçado, pequenos produtores rurais, libertos e foragidos como forma de buscam ressignificar os espaços de desesperança destinado, criaram estratégias para sobreviver em condições melhores que a de escravidão.

Estabelecendo, assim, na região quilombos, sendo a maioria da população composta por pessoas negras. O que culminou segundo a oralidade, a demarcação desse destaque a cor e etnia da população advinda também da miscigenação em um novo nome para a Constitucional Cidade de Nazareth, adotando assim pela população local o nome de “Terra Morena”, como inscrito atualmente no Hino da cidade.

### **HINO OFICIAL DA CIDADE DE NAZARÉ<sup>5</sup>**

As águas do Rio Jaguaripe;  
Refletem a imagem da minha cidade;  
Da minha cidade querida;  
Recanto de amor  
e de felicidade;  
Tu és terra morena;  
Cidade de Nazaré, Nazaré;  
Onde impera a bondade;  
A esperança e a fé;  
Com essas grandes Vertentes;  
Que Deus te fez possuir;

---

<sup>5</sup> Hino Oficial da cidade de Nazaré. Composição: letra por Prof Newton Dommini, melodia por Prof. Almiro Oliveira. Fonte:[https://pt.wikisource.org/wiki/Hino\\_do\\_munic%C3%ADpio\\_de\\_Nazar%C3%A9\\_\(Bahia\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_munic%C3%ADpio_de_Nazar%C3%A9_(Bahia)). Consultado em 15/06/2023.





Tu és formosa, tu és garbosa;  
És uma Jóia a luzir (biz)

O hino oficial inicia em primeira estrofe, como o nascimento da cidade reverenciando as águas do Rio Jaguaripe que atuam como espelho refletindo a cidade. Na terceira estrofe, traz termo “terra morena”, que possibilita a associação a denotação pejorativa, quanto a leitura de raça predominante da população nazarena, e ao mesmo tempo denuncia uma miscigenação. Cujo termo pode ser lido também como uma tentativa de branqueamento, desconsiderando a possibilidade da toponímia ser terra preta indígena ou terra negra indígena em caso de referência à população. Em caso deste, fazer referência a raça da população fundante e mantenedora do território nazareno, o termo “terra morena” traduz a invisibilidade aos mesmos. Esta reflexão tem por objetivo análise quanto ao significado pejorativo do termo “morena” sem qualquer pretensão de desqualificar o hino oficial, em respeito a comunidade nazarena que assim como eu, mesmo não estando mais na cidade, traz na lembrança o ritmo e a letra da música, por ter ouvido-a diariamente através da Voz do Cruzeiro, uma rádio local que transmite o hino da cidade todos os dias as 8:00h e 14:00, através de alto falantes instalados em postes na maioria dos bairros da cidade.

## **IPADÊ: NAZARÉ PRODUZ PELOS CAMINHOS DA FARINHA, DA CACHAÇA E DO DENDÊ**

Retornando a economia, as estabelecidas relações de trabalho, refletiam com intensidade na zona rural da cidade, por generosas lantações de dendê, mandioca, cana-de-açúcar, piaçava. As mes-

mas dinamizavam relações entre grandes fazendeiros com suas fazendas de engenhos, extrativismo do dendê, produtores de açúcar, farinha e cachaça, a pequenos proprietários rurais que em comum, tinham a mão de obra escravizada com domínio sob as técnicas de trabalho rural produtivas, trazida pela população negra, da África assim como os indígenas nativos, que serviam como motor propulsor daquela economia. Tendo como destaque a farinha capioba uma das principais fontes de rendas para os nazarenos e população da região.

Segundo a oralidade, nas feiras livres, para atrair a freguesia os vendedores ambulantes gritavam que tinham farinha de Nazaré, uma estratégia de demarcar a procedência do produto a partir do lugar de produção, uma vez que, a mesma não possuía marca comercial, e assim atestar qualidade da farinha que se diferenciava pela fina granulação e ponto de torra, que resultava em um sabor definido como ideal ao produto, e conseqüentemente a cidade passa a ser chamada popularmente de Nazaré das Farinhas.

## A MASSA<sup>6</sup>

*A dor da gente é dor de menino acanhado  
Menino-bezerro pisado, no curral do mundo a penar  
Que salta aos olhos, igual a um gemido calado  
A sombra do mal-assombrado é a dor de nem poder chorar  
Moinho de homens que nem jerimuns amassados  
Mansos meninos domados, massa de medos iguais  
Amassando a massa, a mão que amassa a comida  
Esculpe, modela e castiga a massa dos homens normais  
Quando eu lembro da massa da mandioca mãe (da massa)<sup>4X</sup>  
Nunca mais me fizeram aquela presença, mãe (da massa)  
Da massa que planta a mandioca, mãe (da massa)*

6 Música cuja a composição autoral é de Raimundo Sodré e Jorge Portugal.



*A massa que eu falo é a que passa fome, mãe (da massa)*

*A massa que planta a mandioca, mãe (da massa)*

*No cabo da minha enxada, não conheço "coroné"!*

*Eu quero, mas não quero (camarão), mulher minha na função (camarão)*

*Que está livre de um abraço, mas não está de um beliscão!*

*Torna a repetir meu amor: (ai, ai, ai!) Torna a repetir meu amor: (ai, ai, ai!)*

*É que o guarda civil não quer a roupa no quarador!*

*O guarda civil não quer a roupa no quarador!*

*Meu deus onde vai parar, parar essa massa!*

#### **Imagem 04: RAIMUNDO SODRÉ<sup>7</sup>**



## **MINHAS MEMÓRIAS ENCRUZILHADAS**

## **ÁGUAS: RIOS COMO CAMINHOS ENTRE A MEMÓRIA E A CIDADE**

---

<sup>7</sup> Um dos autênticos mestres dessa música apaixonante é Raimundo Sodré, um artista que trás a chula no sangue. Nascido no interior da Bahia, em 23 de julho de 1947, é filho de Anacleto Pereira Sodré, maquinista da Leste Brasileira, e de Laura Rosa Brandão, artesã de renda de bilro e crochê. Seu pai, da cidade de Santo Amaro da Purificação, sua mãe, de Mundo Novo. FONTE: <https://www.letras.com.br/raimundo-sodre/biografia>. FOTO: <https://www.letras.mus.br/raimundo-sodre/>

Foi em Nazaré das Farinhas, que nasci e por muitas vezes renasci. Desta forma transcrevi-verei uma parte das memórias que tenho nesta cidade que faz parte das terras de cavidades profundas<sup>8</sup> como cabaças férteis feito o útero, cuja interligação é feita pelas águas doces das Iabás através dos rios como o Paraguaçu, que une as cidades de Cachoeira e São Félix limitando-as sem distinção.

A cidade de Maragogipe que tem por tradução do seu nome a força dos “braços invencíveis” está localizada na encruzilhada entre os rios Paraguaçu e Guaiá.

O rio Jaguaripe que a navalha a cidade de Nazaré ao centro, nutriu de diversas formas, muita família nazarena inclusive a minha na infância com os peixes pescados por meus tios que na época eram adolescentes, enquanto eu me divertia nele banhando, e juntamente com outras vizinhas, minha avó fazia das margens do rio lavanderia e de suas pedras quarador<sup>9</sup> quando a maré estava baixa. Por vezes na infância também presenciei momentos raros de entrega de oferendas aos Orixás no mesmo rio.

Das lembranças mais vívidas, as noites em que meus tios sentavam na beira do cais ao longo do rio para jogar conversa fora com amigos aproveitando a brisa noturna, enquanto eu brincava com os meus, é com certeza muito importante pois, acredito que tinha no máximo 7 anos e aos 39 consigo lembrar do frescor na pele e a sensação de liberdade por estar em um espaço tão aberto, onde tudo parecia bem maior que eu.

O local era uma longa calçada que contornava todo o cais do rio Jaguaripe, que devido a minha estatura parecia infinita, assim como a liberdade de gritarmos sem reclamações pelo barulho transformando o silêncio em risos sem distinção. Tudo parecia tão intenso que quando parávamos um pouco de correr, que mesmo estando sem ar e muitos suados, a pausa só acontecia por, insistên-

<sup>8</sup> Cavidades profundas, significado da palavra Recôncavo, utilizado para referenciar Recôncavo baiano.

<sup>9</sup> Quarador: após lavar as roupas brancas, ensaboa as peças novamente e coloca para tomar sol sobre as pedras para “quarar”, ficar mais alvas, dispensando assim o alvejante sem danificar o tecido. Ensinamentos de Dona Maria de Lourdes minha avó que gostava das roupas brancas bem alvinhas e engomadas.



cia da família e em momentos bem raros, que fazíamos questão em transformá-los em brincadeira nas quais poderíamos fazer sentados.

Aproveitando o frescor do vento que vinha das marés e alivia o suor de tanto correr, inventávamos histórias que todos sabiam ser mentiras, mas gostávamos de imaginá-las enquanto eram contadas. O cenário muito ajudava a imaginação pois, estávamos diante do brilho amarelado das luzes dos postes ao longo do cais, que refletiam nas águas do rio, duplicando a cidade, o céu negro cuja a lua destacava-se como uma pintura em movimento pela maré. Sentados apreciávamos sem a menor pretensão de compreender onde começa o rio e onde terminava o céu.

### **Imagem 5 Rio Jaguaripe - Nazaré das Farinhas-BA**



Foto: <https://images.app.goo.gl/M87atzfq88gSQYWW6>

Lembro-me de observar os adultos conversando, e me indagar como eles que tinham a liberdade sobre o próprio tempo e o que fazer com ele, e mesmo assim não brincava o dia inteiro, preferindo conversar sentados. Pensava como eles não tinham a mesma vontade que eu tinha de correr com seus amigos em brincadeiras diversas. Por vezes era chamada a ir para casa, o que significava não brincar mais naquele dia, depois de todas as tentativas de

negociação no caminho até casa, objetivando prolongar por mais alguns minutos aqueles instantes, achava injusto não me deixarem brincar até enjoar, mesmo sabendo que este momento jamais chegaria, pois mesmo com cede por tanto correr, evitava ir em casa beber água com medo de não poder mais voltar, logo tínhamos sempre amigos mais velhos que podiam ficar até mais tarde brincando na rua, que pegava água para todos.

Quando é que o desejo de correr e brincar eternamente passa? Sinto falta de quando nas férias em Nazaré, acordar significava estar feliz por ter um dia inteiro para brincar, e principalmente correr pelas ruas. O quanto o Rio Jaguaripe me fascinava por conter tamanha quantidade de água acumulada em um mesmo espaço. Me perguntava para onde iria a água quando a maré secava, com os peixes nunca acabavam mesmo as pessoas pescando todos os dias, e ainda como os cavalos que entravam no rio quando a maré estava baixa para comer o capim das pequenas ilhotas que se formavam na maré baixa, sabiam o momento exato de sair do rio antes dele encher novamente.

Podem parecer perguntas tolas de criança, mas enquanto as recorro para DialogÓrixando-las, lembro que as mesmas aconteciam geralmente quando eu estava na beira do Rio Jaguaripe, a olhar para a água enquanto recuperava o fôlego para brincar novamente, novamente lembro do sopro do vento no ouvido e o coaxar dos sapos, as cigarras cantando próximo ao sol se pôr.

Talvez se não fosse essa escrita eu não tirasse um tempinho para lembrar desses momentos, mas fico feliz que na infância, guardei no fundo da minha memória, essa vivência da cidade a partir das experiências sentidas através das águas, como um presente que direciona o caminho ao qual hoje, pudesse olhar as águas nas cidades como arquiteta e urbanista, sabendo que elas, as águas, podem ser marcadores de experimentação da cidade pela população, em todas as idades. E que essas experiências podem ativar o desejo de brincar, correr e ficar imaginando coisas que guardamos





para nós, como quem sabe que um dia, quando lembrar saberá as respostas, que não são mais tão importante quanto as próprias perguntas, pois são elas que ativam as sensações do lugar onde foram feitas, trazendo o cenário composto por sensações térmicas, sonoras, olfativas, visuais que dão sentido para o lugar e a forma com que o mesmo foi guardado em mim.

Aos 39 anos agradeço a criança que fui, pela belíssima tarefa de sentir cada momento de forma tão intensa a se transformarem em memórias que construí, e que posso hoje acessar e novamente sentir.

## **FEIRA LIVRE**

O dia de maior intensidade da feira-livre em Nazaré acontece aos sábados. Alguns feirantes locais e de municípios próximos às vezes chegam com seus produtos na feira antes do sol nascer, trazendo produtos diversos, com destaque para os alimentícios sempre fresquinhos, como hortaliças ainda com a terra em suas raízes.

Rememoro quando na infância, de ver da janela de nossa sala de estar, que dava para a rua, através da sombra projetada na parede, silhuetas pessoas vindos da zona rural e de cidades vizinhas, eu corria para janela para vê-los a puxar burricos ou cavalos.

Ouvia o som dos cascos dos animais marcando o ritmo da caminhada batendo nas pedras de paralelepípedo da rua, fazia eco devido ao silêncio do horário, carregados por cangalhas cheia de frutas em especial a banana em direção a feira da banana localizada no bairro da Muritiba, denominada feira da banana, onde vendia-se produtos diversos mas destacava-se a venda de cachos de bananas e animais.

Tínhamos o privilégio de comprar as frutas ainda fresquinhas na cangalha dos animais, quando passavam por nossa porta gritando “olha a fruta sem carbureto freguesa” e por vezes uma mulher

que podia ser sua companheira, filha ou outro parentesco o acompanhava também gritando “ olha o tempero verde pro almoço freguesa”, esse chamado nos marcava o tempo do nosso dia iniciar aos sábados, o barulho dos cascos davam-nos a noção de tempo, distância e velocidade das passadas para buscar o dinheiro e ainda alcançar o freguês, era o despertador natural da nossa rua, que seguia ecoando nas ruas e encruzilhadas da cidade.

Uma pessoa em especial guardo na memória, era o Sr. Guilherme, que chamávamos de Tcheu, não lembro se todos o conheciam assim mas era como o chamávamos. Tcheu era um pequeno agricultor, que vinha de um município vizinho todos os sábados vender na feira de Nazaré. Acompanhado de um burrico que trazia todas as suas mercadorias na cangalha, a passagem de Tcheu por nossa casa era uma tradição. Homem negro que deveria ter entre 55 e 60 anos, geralmente trajava calça de murim, dobrada até a metade da perna, camisa de manga curta com cerca de três botões abertos na altura do peito para amenizar o calor, um chapéu de palha desgastado sob a cabeça. Quando eu estava na janela e o avistava de longe, já anunciava em casa para que todos soubessem que Tcheu estava chegando. Ao chegar em nossa porta, amarrava o burrico no tronco de uma árvore que ficava em frente a nossa casa, cujo a sombra era pelo animal desfrutada para descanso e alívio do peso e caminho árduo até ali. Lembro-me de seus pés apresentavam marcas da lama absorvida durante a viagem, já que alternava entre montaria e caminhada.

Minhas tias ou avó o recebia com água para ele beber e dar ao burrico. Em seguida tinha sempre um cafezinho e o complemento. Enquanto ele tomava café conversava sobre sua semana, geralmente falando sobre o tempo e como isso influenciou na colheita dos produtos. Por vezes meus tios brincavam com ele contando piadas bobas para descontrair. Também acontecia de vizinhos aproveitarem sua presença para comprar alimentos em sua mão. Eu alternava entre ouvir a conversa e achar o momento propício



para pedir-lhe uma voltinha de montaria no animal, que quando cedido se tornava um momento de alegria e orgulho, via meus colegas me vendo passar andando de burrico pela rua em uma volta muito curta, mas que durava tempo suficiente para eu me sentir feliz, no retorno dava novamente água ao burrico a quem sentia muito carinho.

Por fim, Tcheu sempre dava alguma coisa a minha avó além do que ela comprava, às vezes uma penca de banana e dizia que era para “a menina”, se referindo a mim, neste momento minha avó me olhava e eu já sabia que tinha que agradecer pelo presente. Eu o agradecia e ele sempre retribuía com algum dizer como “Deus lhe abençoe” apertando a minha mão. Lembro de sua mão ser muito maior que a minha, tinha uma certa força naquele aperto de mão que era na medida certa confortável. Suas mãos eram muito ásperas da lida no campo, mas esperava por aquele aperto de mão pois me sentia importante visto que ele era o único adulto que me cumprimentava com um aperto de mão, um gesto sincero que me fazia sentir importante.

Após o aperto de mão, Tcheu seguia para feira, minha família voltava aos seus afazeres e eu saía correndo com a penca de banana porta a dentro para guardá-la, e comê-la de acompanhamento no almoço, e após o café da manhã ia correndo a casa de meus amigos falar sobre minha aventura de andar no jegue de Tcheu. Eu estava sempre a correr.

No sábado seguinte o ritual se repetia, às vezes sem voltinha de jegue, mas sempre sabendo que teria aperto de mão. Em sábados que Tcheu não aparecia em nossa casa, normalmente especulávamos que ele poderia estar doente, e lembro que durante o dia a especulação virava assunto volta e meia, como forma de preocupação, e assim que Tcheu chegasse nos sábados subsequente a sua ausência, com certeza perguntaríamos o motivo de sua ausência.

A relação de Sr. Guilherme, o Tcheu, com nossa família era de amizade e cuidado. Queria saber mais sobre ele para aqui de-

screver, mas preferi trazer apenas o que eu sabia na infância, pois os fatos aqui narrados fala de Tcheu que aperta a mão de uma criança para cumprimentá-la como forma de carinho e respeito, ele me via, e me fazia correr.

## CAXIXI: O BARRO DE BRINCAR

Maragogipinho é um Distrito da cidade de Aratuípe, Município próximo de Nazaré, se destaca também pela produção de peças cerâmicas feitas de barro, pelos oleiros que são em maioria a população local, cuja tradição cultural da olaria passa entre as gerações.

Localizado às margens do Rio Jaguaripe, Maragogipinho é o lugar onde a terra e a água se fazem encruzilhada concebendo o barro. Elemento ancestral para religiosidade de matrizes africanas, cuja matriarca é Nanã, senhora do barro que dá forma a corpo humano de acordo ao Itãn da criação da humanidade na perspectiva da cultura Iorubá, que ouvi pela primeira vez no terreiro de candomblé ao qual me iniciei e que trago aqui para conhecimento como descrito em portal Geledés:

### Mito da criação<sup>10</sup>

*Na mitologia iorubá o deus supremo é Olorun,  
chamado também de Olodumare. Não aceita oferendas,  
pois tudo o que existe e pode ser ofertado já lhe pertence,  
na qualidade de criador de tudo o que existe, em todos os  
nove espaços do Orun.*

---

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.geledes.org.br/outro-olhar-20-orixas-o-que-voce-sabe-sobre-mitologia-africana/>. Consultado em 16/06/2023.



---

*Olorum criou o mundo, todas as águas e terras e todos os filhos das águas e do seio das terras. Criou plantas e animais de todas as cores e tamanhos. Até que ordenou que Oxalá criasse o homem.*

*Oxalá criou o homem a partir do ferro e depois da madeira, mas ambos eram rígidos demais. Criou o homem de pedra – era muito frio. Tentou a água, mas o ser não tomava forma definida. Tentou o fogo, mas a criatura se consumiu no próprio fogo. Fez um ser de ar que depois de pronto retornou ao que era, apenas ar. Tentou, ainda, o azeite e o vinho sem êxito.*

*Triste pelas suas tentativas infecundas, Oxalá sentou-se à beira do rio, de onde Nanã emergiu indagando-o sobre a sua preocupação. Oxalá fala sobre o seu insucesso. Nanã mergulha e retorna da profundidade do rio e lhe entrega lama. Mergulha novamente e lhe traz mais lama. Oxalá, então, cria o homem e percebe que ele é flexível, capaz de mover os olhos, os braços, as pernas e, então, sopra-lhe a vida.*

Do barro de Maragogipe se moldam vidas de várias famílias de oleiros, que mantendo viva a tradição tiram da atividade, o sustento da família, e alavanca a economia da cidade, moldando peças como a *quartinha*<sup>11</sup> que alimenta a fé ancestral na religiosidade de matrizes africanas, o *candomblé*.

---

<sup>11</sup> *Quartinha*: Peça de barro ou louça, em formato de jarro, podendo ter alças ou não, utilizados para colocar água em locais sagrados e sacralizados nas religiões de matrizes africanas.

O mesmo barro que dá forma aos copos onde bebemos a água mais fria, assim como no filtro que também é de barro. E também eram de barro alguns brinquedos que eu tinha na infância. Eram miniaturas de pratos, copos, fruteiras, animais, bonecas popularmente conhecidas como caxixis.

Eram pequenas réplicas de alguns objetos que tinham em nossa casa, como a moringa, filtro de barro, objetos decorativos como potes que ficavam nas varandas e corredores de nossa casa assim como os vasos de planta.

#### **Imagem 06: PEÇAS DE CAXIXI<sup>12</sup>**



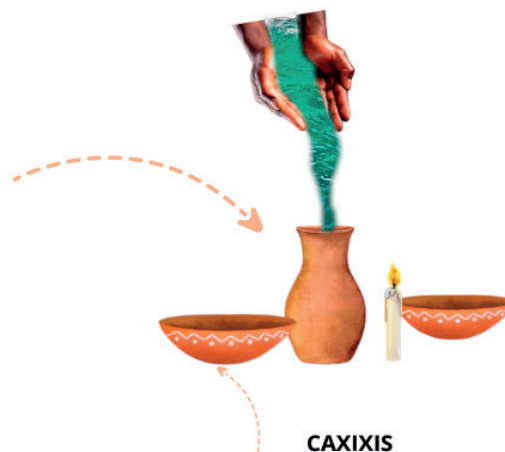
O barro marcou minha infância por diversas formas. O período festivo da Semana Santa era por mim esperado, pois acontece o maior evento festivo da cidade de Nazaré, a feira dos caxixis. Por quase uma semana, a cidade recebe turistas de todo o mundo até os dias atuais, que são atraídos pela programação diversificada entre atrações artísticas, e as barracas de venda de cerâmica, tornando-se o evento uma das maiores feiras de artesanato ao ar livre do país.

---

12 FOTO: <http://feiradoscaxixis.blogspot.com/2009/04/caxixi-e-o-que.html>.



## FEIRA DO CAXIXI - NAZARÉ DAS FARI- NHAS - 2023<sup>13</sup>



BARRO

CAXIXIS

O que realmente me interessava eram as barracas que vendiam os caxixis, a felicidade de sair da feira com uma sacolinha contendo em média 10 a 20 peças novinhas de caxixis era a garantia de uma criança feliz por todo o restante da feira, onde minhas tias e avó materna circulava para apreciar as novidades e também levar suas peças novas. Minha expectativa após a feira era de reunir todos os meus amigos da rua e vermos as peças que todos compravam, um momento que representava a partilha para os que não ganharam caxixi, troca de peças repetidas e por fim, juntávamos todas as peças para brincarmos juntos, normalmente de casinha.

<sup>13</sup> IMAGEM: Composição feita pela autora utilizando os programas (CANVA E PHOTOSHOP) FOTO: Encruzilhada em Nazaré: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=503598773508740&set=pb.100068456342983.-2207520000>. FOTO MÃOS FAZENDO CAXIXI: CANVA modificado pela autora - FOTO: CERAMICA CAXIXI: Acervo pessoal autora.

**Imagem 07: MINIATURA DE POTE PARA ÁGUA<sup>14</sup>**

Posso dizer até que a questão da administração financeira começou ainda na infância através do barro, quando ganhava de minha família um porquinho de barro, com um furo em cima por onde colocávamos moedas ou mesmo dinheiro de papel, e quando o mesmo estava cheio era quebrado e o dinheiro utilizado para o destino a que foi proposto ao colocar a primeira moeda. Em algumas situações a quebra era feita antes do tempo, servindo o porquinho também de uma reserva emergência.

**Imagem 08: Mulheres pintando porquinhos de barro.**

FOTO: ALVARES, p.158

<sup>14</sup> FOTO: POTE DE BARRO EM MINIATURA :[http://www.andaiam.com.br/index/noticias/id101232/tradicional\\_feira\\_de\\_caxixis\\_acontece\\_a\\_partir\\_do\\_dia\\_29\\_de\\_marco\\_em\\_nazare](http://www.andaiam.com.br/index/noticias/id101232/tradicional_feira_de_caxixis_acontece_a_partir_do_dia_29_de_marco_em_nazare).



As peças de cerâmica retratam, o cotidiano da população negra local. O porquinho para guardar moedas como estratégias da economia possível, as mulheres negras grávidas, o produtor rural em seus burricos assim como Tcheu. As mulheres negras vendedoras, as réplicas do fogareiro e outros mobiliários e objetos de uso doméstico, que fazem parte da realidade da criança, do jovem, do adulto, dos idosos. São pessoas e seus acontecimentos nas suas casas, ruas e encruzilhadas das cidades retratados em peças feitas do barro do seu território e pelas mãos de artistas que possuem vivências muito próximas a minha, da minha família, do meu vizinho, do povoado vizinho, da maioria da comunidade baiana a ponto de ter grande vendagem na feira de São Joaquim aqui em Salvador e sendo também esses produtos exportados.

**Imagem 09: MULHERES NEGRAS<sup>15</sup> Imagem 10: BRURRICOS E PORCOS<sup>16</sup>**



## FERROVIA

As férias na infância em Nazaré me trazem memórias de vivências em meio a todos esses resquícios de histórias vivenciadas que a História apenas registrou. Uma dessas memórias é por vol-

<sup>15</sup> FONTE: <https://www.bahianoiteedia.com.br/voce-sabe-o-que-e-caxixi-entao-va-a-nazare-para-saber/>.

<sup>16</sup> FONTE: <https://nazaredasfarinhas.wordpress.com/2014/04/23/feira-dos-caxixis-4/>.



ta do final dos anos 80, quando a noite acompanhava minhas tias em ligações telefônicas, você pode estar imaginando o que isso tem de importante, mas fazer um telefonema era mais complexo que nos dias atuais e que a depender da sua idade, se quer imagina a existência desse tal sistema.

Normalmente as ligações eram feitas à noite após as 18:00 por serem mais baratas. Era todo um ritual, minhas tias me arrumavam, cabelo penteado com uma longa trança ou um coque na lateral, para a ocasião é colocada uma roupa bem alinhada cheia de babados infantis.

O destino era o Maria Fumaça, antiga estação de trem da linha ferroviária de 290km, que entre 1872 e 1970 transportava passageiros, e principalmente produtos agrícolas das regiões do Recôncavo Sul como Jequié que se destacava pela produção agrícola como café, fumo e cacau, era também através dos caminhos do ferro de Ogum que os esses insumos eram percorrido e conectava-se a cidade de Salvador da linha ferroviária com desembarque final no querido Maria Fumaça para as embarcações que navegavam rumo a Baía de Todos os Santos navegando nos braços das Yabás.

A ferrovia foi desativada em 1972, mas como eu havia falado antes para mim existia uma magia naquele lugar, entre minha casa e o Maria Fumaça a distância era de apenas alguns longos passos, mas minha ansiedade parecia ser bem mais longe o percurso, dentro da estação funcionavam os telégrafos, minhas tias se dirigiam geralmente a uma atendente, dizia a quantidade de tempo que desejava que durasse a ligação e entregava o número de destino, normalmente ligavam para meu tio ou amigos em Salvador, e em seguida ia para um corredor com várias cabines, uma do lado da outra, entrava em uma delas e aguardava enquanto a atendente realizava a chamada, com a cabine fechada aproveitava cada minuto pago daquela ligação que cairia sem muito aviso prévio no tempo estabelecido, e eu?



Aproveitava esse tempo com mais vigor que minhas próprias tias, era o momento de correr pela estação de chão de paralelepípedos, girar entre a roleta que antes de meu nascimento cobrava o bilhete de quem iria embarcar no trem, andava me equilibrando por entre os resquícios de trilho no chão, literalmente andava nos caminhos de Ogum, não podia esquecer a emoção de ver o aquário bem no centro da estação, e as loja por todo interior da estação, assim como a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em um altar na antiga bilheteria da estação protegido por uma vidraça bem iluminada, mas o que eu realmente mais gostava era de olhar para o alto, o teto de pé direito imperioso me fascinava, principalmente quando eu gritava e o eco respondia, o que fazia apenas no final do passeio para que não atrapalhasse minhas tias durante a ligação e correr o risco do passeio acabar mais cedo.

A estação ali no meio do centro da cidade, dava-me uma impressão de um grande casarão de novidades, tudo parecia mágico devido a energia do lugar que me parecia muito familiar, mas eu desconhecia o motivo então fui buscar mais dados para trazer esse relato e encontrei. Foi lendo o romance *As estradas da Esperança* escrito por Antônio Leal de Santa Inez na qual ele descreve sua obra sobre articulações da ferrovia anteriormente chamada de Estrada de Ferro de Nazaré (EFN), fazendo uma narrativa intrigante com articulações sobre a história da ferrovia com a memória do cotidiano das pessoas, onde seus personagens desembocam em caminhos de brigas, casos amorosos, seus ofícios como trabalhador rural, fiscal de trem, marinheiros, e também as suas vivências arruaçadas como pedintes, bêbados, músicos, fazendo da ferrovia e da estação Maria Fumaça uma encruzilhada de vivências e acontecimentos pelos bem carrilados nos caminhos de Ogum e Exú.

Fico a pensar se talvez não seja essas histórias inspirações de personagens que a História não contou mais que estavam presentes em minhas sensações de familiaridade quando visitava a estação

na infância, uma vez que muitos negros africanos e afro-brasileiros trabalhavam nesse trajeto após fim da escravidão.

Uma das histórias que bem lembro é a de uma mulher negra que ninguém sabia seu nome de batismo, mas que todos a chamavam de Tonha da Estação. Ela habitava uma encruzilhada que ficava em frente à estação de trem Maria Fumaça, tendo como vizinhos o ponto de lixo que a população colocava para ser recolhido e de onde Tonha se alimentava e o ponto de jogo de bicho onde a população alimentava a sua fé de ganhar um dinheiro extra.

A lembrança que tenho e o boato que corria na cidade é que Tonha nunca falava com ninguém, e que ela estava morando ali pois era o ponto de encontro com um antigo noivo que trabalhava como mercador e que a encontrava na estação todas as vezes que chegava a cidade de trem, com a promessa de casamento Tonha passa a esperar por seu noivo no mesmo lugar, em frente à estação de trem mesmo após a desativação deste meio de transporte na cidade, passava seus dias sobrevivendo entre a busca de alimentos que muitas vezes vinham da população em suas mãos e outras do lixo.

Ao final da tarde ela fazia uma pequena fogueira rodeadas de pedras que esperava esquentar para alisar seus cabelos, dizia-se que ela repetia esse ritual para estar bonita quando o noivo chegasse. Passei da fase juvenil para quase adulta vendo Tonha da Estação naquele mesmo lugar, presenciava a existia um acordo mútuo de trânsito nosso e dela existir ali naquela encruzilhada, enquanto mulher negra, em situação de rua, prováveis sequelas mentais, que mesmo vista como uma figura querida, tinha apenas aquela encruzilhada como sua casa e a ligação entre o passado vivido, o presente em sobrevivência e o futuro que imaginava, comum entrelaçamento entre as encruzilhadas históricas e econômicas da cidade de Nazaré das Farinhas e as encruzilhadas da vida de Tonha da Estação entraram em fluxo naquela encruzilhada física que foi até o dia de sua partida a sua última casa.





Em memória a Tonha,

## TONHA<sup>17</sup>

### Imagem 11: Foto Júnior Mota.



Quem poderá medir a intensidade do teu Amor?  
Quem poderá compreender o amor que há na tua Loucura?  
E a vida se torna uma eterna espera  
Por alguém que jamais voltará – realidade dura!

Em cada trem, em cada rosto desta estação,  
Há uma possibilidade de sonho e de alegria  
Que logo se desfaz na pobreza da lucidez  
Que enche sem piedade a alma de agonia.

Então o jeito é o doce refúgio  
Que a sandice benevolente garante,  
Um universo em que se pode ser livre  
Onde se é o próprio dominador e dominante.

---

17 POEMA A TONHA: Autor : Poeta Nazareno Antonio Aruanda.

E na tua aparente fragilidade  
Força é o que na verdade existe,  
Porque o poder da espera é questão de fé  
Que deixa a gente mais feliz do que triste.

Nazaré, terra de delírios e miragens,  
Torna-se o palco da tua desgraça e salvação  
Finda-se o ato, baixam-se as cortinas, chovem aplausos  
Em reverência às tragédias e aos prazeres do teu rico  
coração.

Quem poderá medir a intensidade do teu Amor?

## **ENCRUZILHADAS DA CAPOEIRA**

Nas ruas de Nazaré aprendi muito mais que andar, foi nas rodas de capoeiras, na qual fui iniciada em 1998 por herança de meu pai, que partiu do mundo físico no mesmo ano, Jonatan, Homem Preto de pele retinta consciente de nossa negritude e ancestralidade, que cruzou meu destino a gingar pelas vidas através da capoeira. Assim como meu pai que fala que o sistema é forte mas nós somos fortalezas, a capoeira como professora da vida me ensina bem mais que cair e levantar, ela ensina que mesmo apanhando a guarda tem que está alta, no equilíbrio de lutar com arte, a mandinga de cegar o adversário, e a leitura dos espaços sensíveis, respeitar e ouvir os sons dos berimbaus e saber o que cada ritmo significa, jogo de pau, jogo de floreio, jogo de armadilhas, jogo de atenção, assim como as vozes de um povo que faz da luta arte de resistência na sabedorias ancestrais, e se esquivava das rasteiras sociais “nas voltas que o



“... mundo dá, camaradinha...”, que em cada ladainha cantada demarca nossa História e reflete sobre a importância da voz ecoando ao som do berimbau que é ouvido e sentido em seu apelo de registro, memória e reconexão de quem constrói a cidade diariamente nas encruzilhadas.

Em Nazaré eu treinei cada golpe de capoeira com meu mestre Lú que me levava para treinar no Rio Jaguaripe cercado por um bambuzal, batia com a canela no bambú, e cada calo representava a superação da dor e uma perna mais forte, era um preparo físico e mental, aos 17 anos me tornei instrutora na academia.

**Imagem 12- Alunos do mestre Rone do grupo Arte e Amor treinando no rio Jaguaripe em Nazaré**



Fonte: <https://www.facebook.com/ronemax.silvadesouza.1>

Atualmente as gerações advindas daqueles meninos que ajudei a ensinar a gingar, continuam trilhando os caminhos dos mais velhos, treinando, jogando, cantando e tocando, e ao fim de cada treino o suor é lavado com muita alegria às margens do Rio Jaguaripe.

Fundada no bairro denominado Caminho dos Remédios, bem no finalzinho desse bairro em área de maioria negra e de área urbanista considerada “invasão” sem saneamento básico, andava de

minha casa até o local cerca de 30 minutos , a maior parte em chão de terra, para dar aulas a noite em uma pequena escola pública com apenas 2 salas, e se tornou o principal esporte do local, que antes só tinha o campinho de terra onde acontecia o baba.

**Imagem 13: Mestre Lú<sup>18</sup>**



**Imagem 14 - Percurso de casa a escola<sup>19</sup>**



Os alunos aprendiam através da capoeira disciplina, pontualidade, respeito aos mais velho também em casa e o respeito a mulher, o que era de extrema importância uma vez que a maioria eram do sexo masculino criados por mães negras, e muitas a única provedora da casa, assim como fazíamos reuniões com essas mães e pais para falar sobre sus filhos, e tínhamos diálogos com a diretora da escola que nos passava a realidade de cada aluno, o bom comportamento era uma das condições para jogar na roda, momento mais esperado por quem pratica capoeira, dependia do respeito aos professores assiduidade as aulas e respeito aos mais velhos em casa. Aprendiam também suas raízes ancestrais, através das histórias contadas pelo professor ao som do berimbau sobre Mestre Bimba que inventou a capoeira regional e deixou de herança às 8 sequências, e o grande Angoleiro Mestre Pastinha com

18 FONTE: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100007458491740>. Acessado em 17/04/2019.

19 Recorte feito pela autora - Google Maps.





toda a sua malícia no jogo de chão , assim como a História de Zumbi dos Palmares e Dandara, proporcionando auto estima e reconexão com suas Histórias. Aquele programa significava para mim bem mais que atividade física, por ter estudado toda minha vida em rede pública de ensino, tinha consciência da importância da atividade naquele local e para os estudantes, principalmente da conexão entre educação, esporte e família.



Essa árvore de raízes fortes e galhos maleáveis a mudança das adversidades daquela realidade, trouxe fruto raros, atualmente mais da metade desses alunos que iniciaram ainda criança são mestres de capoeira, todos desenvolvem o mesmo trabalho em escolas públicas em localidades de mesma infraestrutura que aprenderam, com objetivo de contribuir para a construção de caminhos novos como aconteceram com eles, e esses frutos já semearam muitos outros, levando o nome da Associação Arte e Amor Grupo de Capoeira coordenada pelo Mestre Lú, um homem de baixa estatura que dava saltos que o pé tocava as lâmpadas com o pé, a grandes saltos nas realidades de um povo que se reconhecia no chamado do Gunga<sup>20</sup>, e só se ajoelham ao pé do berimbau.

## ENCRUZILHADAS COMO CAMINHOS ABERTOS QUE NUNCA CONCLUEM

As cidades dos sete nomes contam suas histórias, caminhos e trajetórias, de um povo que nela viveu e sobreviveu a renomeando em contraposição à dominação e apagamento histórico.

**Sesmaria do Jaguaripe** nomeada como forma de demarcação territorial pelos invasores da terra.

**Povoado Nazaré** renomeada pelos invasores como indicativo de sua expansão territorial e populacional. **Filha do Jaguaripe** assim chamada pelo povo, que demarca na nomenclatura a história do lugar de acordo as suas vivência e relações com o rio, como quem não deseja esquecer de onde a mesma nasceu, na margem do Rio Jaguaripe, demonstrando a relação da população com as águas que não é de posse e sim de pertencimento e parentesco, aquele que gera

---

20 Gunga: Berimbau com a maior cabaça responsável pelo som grave, que comanda o início das rodas de capoeira e embala a primeira ladainha.





---

a vida do lugar. **Vila de Nossa Senhora de Nazaré**, nascida do religioso de um povo que atravessado pelo sagrado, territorializam a fé no lugar. **Constitucional Cidade de Nazareth**, categorização estatal, econômica de reconhecimento e “progresso” para as classes dominantes socialmente privilegiadas às custas do trabalho executado forçosamente pela população preta e indígena, que passa a chamá-la de Nazaré.

**Nazaré das Farinhas**, nomenclatura que permanece até os dias atuais, que mostra a força de sua terra, suas origens e do povo que a maneja. Nazaré nunca pertenceu aos invasores e sequestradores portugueses que se apossaram do lugar, Nazaré é das Farinhas advindas da mandioca plantada do solo fértil e das águas do Rio Jaguaripe, da população que historicamente plantou e colheu essa mandioca, e que com o conhecimento tecnológico ancestral a transformou no produto que está na mesa da maioria da população descendente desses povos pelo país. Essa população historicamente representada como um produto assim como as terras de onde vieram e que habitavam, renomeou muitas vezes essas mesmas terras a partir de seus conceitos de territorialidade por vivência em forma de resistência e sobrevivência. Farinha aqui na Bahia é história ancestral afro-brasileira e indígena, e Nazaré é das farinhas, sua força vem da ancestralidade de um povo que é visto socialmente como massa de manobra, sendo mais uma estratégia negacionista da sociedade dominante para admitir a importância do papel da população negra na história. Portanto entende a fundamental participação na construção da cidade como motor propulsor da economia e que mesmo passando fome produz a massa que alimenta seus povos, definidos como massa sem qualquer individualidade, massa de despossuídos que representa também na massa de mandioca a sua tradição e cultura ancestral.

São nas encruzilhadas da cidade de Nazaré das Farinhas que sua comunidade desenvolve a arte da sobrevivência, transformando o de espaço desesperança destinado em territorialidade e ter-

ritório o mais próximo do desejável. A golpe de navalhas caminha pelas encruzilhadas das vidas superando o limiar possível da existência e resistência. Utilizando como estratégia a tecnologia do manejo sob a terra, a água, o barro, o dendê e ancestralidade como herança de um povo, intitulados “farinhas do mesmo saco”. Essa mesma farinha que é pela população negra e indígena produzidas, e que tem na força da coletividade o poder de dar nomes próprios e ressignificar as nomeações através de conceitos impostos a eles, e seus lugares de pertencimento, é o povo que no fluxo dos acontecimentos se tornam refluxos em desobediência ao que foi imposto tornando a história dos territórios e sua cultura uma encruzilhada onde eles são os caminhos.

## BIBLIOGRAFIA

ALVARES. Sonia, **Carbonell**: Maragogipinho - as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares / Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.





# CAPÍTULO 8

## **SOB OS TRILHOS DA VIDA: A ÓTICA DOS SUBÚRBIOS CARIOCA SOB UM CORPO MORADA**

Alyne Fernanda Reis

A partir do entendimento epistemológico de um corpo morada, que o contextualiza não apenas pela sua descrição, mas a partir da sua vivência. O presente estudo tem como objetivo, a análise dos territórios a partir da vivência, a fim de repensarmos a história do lugar sob a ótica local. No qual, se objetiva a potencialização dos territórios tendo como referência a autobiografia, ao contrário, do que repetidamente ocorre nos espaços citadinos, em que dada correlação muitas vezes chega por alguém de fora ou do próprio conhecimento. O que seriam dos patrimônios brasileiros, se não fosse o “saber fazer<sup>[1]</sup> daqueles que o detém para preservá-los e construir a memória entorno desses bens? Parto do princípio que não se deve haver dicotomia entre o bem material e imaterial, embora, assim seja como forma de categorizá-los.



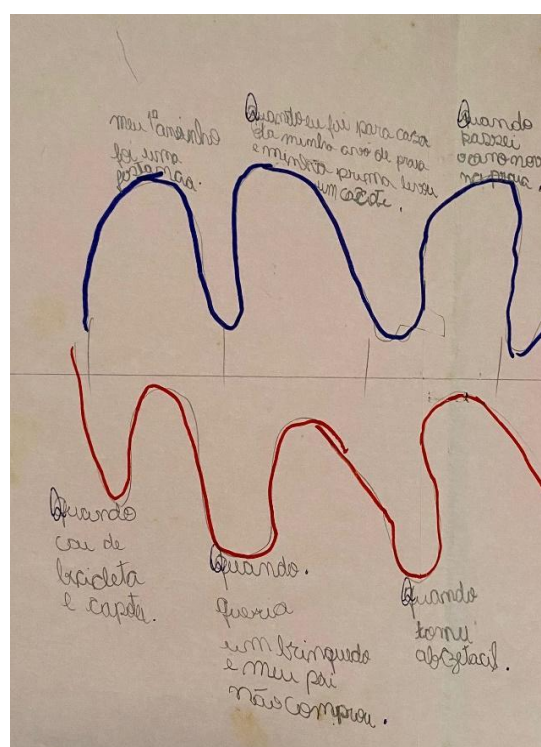
Portanto, compreende-se o vivido como uma ferramenta científica onde o desenvolvimento metodológico é feito com base na afrodescendência. O silenciamento e o apagamento de nossas histórias fazem parte do pacto e da estrutura organizacional do racismo antinegro que ainda nos dias atuais imperam em nosso país. Portanto, a escrita de nós mais do que um desafio de transpor a um lugar que nos fora negado, é assim, uma reivindicação a vozes de muitos que foram silenciados. Nesse interim, Conceição Evaristo (1946), autora e linguista brasileira, afirma que: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”.

Parte desse processo tem grande contribuição conforme a inserção nos padrões de ensino, que nos cerceiam em prol de uma educação, onde a expressão, a criatividade e as especificidades de cada indivíduo não é tão relevante, frente a necessidade de preparar todos em uma base comum para disputar o sistema mercadológico que está presente o tempo inteiro em nossas atividades, sem dar conta das especificidades pessoais de cada indivíduo. Sendo assim, a realidade limita outros aprendizados e impulsionamentos que vai abranger nossas relações individuais e com o outro, nossos territórios e, mais uma vez, o silenciamento de práticas que são denúncias e ao mesmo tempo cura.

Aos seis anos, acredito que tenha escrito a minha escrita literária. E como não dizer que seria uma autobiografia e um processo de escrevivência? O exercício de olhar para si, mesmo ainda na infância e perceber relações, sentimentos, espaços e sentidos.



**Imagem 01:** Capa do escrito “História da minha vida” a imagem que ilustra a capa sou eu com dois anos, na Gangorra na parte de cima, com sandália, cropped e afropuff, sorrindo com a praça ao fundo.



**Imagem 02:** Parte interna em que é escrita os pontos positivos e negativos que vivenciei.

A capa dessa autobiografia remonta um desses espaços preferidos além do mais frequentado, a Praça, em que certamente escolhi ainda criança para que pudesse ilustrar esse meu escrito. A praça era o local que ainda recém nascida era levada para tomar sol e, posteriormente, o lugar que representa o lazer e encontro em família, sempre acompanhada de meus pais que alternavam tais registros e a possibilidade de revisitar memórias. Eles sempre priorizaram as atividades a céu aberto para que desfrutássemos desses momentos, aos finais de semana o Centro Esportivo do bairro era livre, podíamos usar a quadra e a piscina, entre outros passeios que enriqueceram nossa infância. Até os dois anos de idade, a companhia era esporádica de quem eu encontraria também no mesmo horário e no mesmo lugar. Não tenho certeza sobre a motivação, mas o “presente” que mais pedia aos meus pais: uma companhia,



na verdade, uma irmã. Mas veio ele, Cláudio Leonardo em outubro de noventa e seis para que fosse eu o olhar a tomar sol, assim como foi comigo até o momento em que ele pudesse estar no outro lado da gangorra equilibrando e sendo presença nos altos e baixos da vida, sendo meu melhor amigo.



**Imagem 03:** Eu e minha mãe atrás de mim servindo de proteção com um ano de idade, sentada na gangorra, ambas com short rosa e chinelo.



**Imagem 04:** Na Praça sentada no balanço com 2 anos de idade olhando para o lado esquerdo para o carrinho de bebê com meu irmão recém-nascido dentro.



**Imagem 05:** Eu com três anos e meu irmão com um ano com as mãos na terra na Pracinha.

A escrita desse texto é delimitada espacialmente na cidade de Salvador, lugar em que resido desde agosto de 2023, onde brevemente na escrita chegaremos. São 1,630 km que distancia o Rio de Janeiro. E assim, ao entrar no google maps, para que pudesse revisitá-la, certas ruas do entorno o mapeamento não aconteceu e sendo impossível, compreender a Praça em sua totalidade.

*Quais são os motivos para que não houvesse o mapeamento da Praça Camaipi?*

*O que não está no mapa existe na memória de quem?*

A Praça é o local em que a cidade se esforça em se manter democrática, a garantia de acesso a todos e o direito ao lazer, que a cada dia se transforma em barreiras. Entre estas que aparentam ser amenidades e o direito de ocupar este lugar da cidade, que atualmente pela falta de estrutura, segurança pública, iluminação e equipamentos em bom estado de conservação. Sendo assim, aos poucos vai se transferindo esse modo do indivíduo poder estar nas ruas e substituindo pelas Praças de Alimentação, em lugares privados, que nem todos tem acesso.

Carlos Nelson Ferreira dos Santos, vai pontuar sobre apropriação dos espaços públicos como forma de preservar os nossos locais, e assim, de reconhecermos nossas potências entre nosso ir e vir. O subúrbio é o lugar da cadeira nas calçadas, pipa no alto, amarelinha no chão, bola, e tantas brincadeiras que só a rua pode proporcionar. E foi neste lugar que enriqueceu a minha infância, ao lado das minhas primas, que são como irmãs e muito mais do que laços sanguíneos são minhas companheiras de vida, eu sou a mais nova, e para elas era como uma boneca ao mesmo tempo que toda reunião de família relembram “Alyne, aprontava todas...”



**Imagem 06:** Da esquerda para direita, sentada na cadeirinha na caçada em Inhoai-ba, minha prima Thais com três anos, ao lado dela também sentada Nathalia com seis anos com uma bola no colo, e eu na cadeirinha porém, em pé, enquanto Patrícia com dez anos me abraça por trás da cadeira.





**Imagem 07:** Ananza com dez anos e eu com quatro anos em frente ao portão da casa da vovó Terezinha.

*Nasci em fevereiro de 94,  
o mês mais curto do ano,  
Eu sou o meu próprio mês  
De quem nasceu no carnaval  
Da intensidade gritante  
Da risada escancarada  
Me enxarco de confete e purpurina  
Para que o brilho dure o ano inteiro  
A única que não me permito a tristeza  
No meu mês o inferno astral não faz morada  
Só o ponto mais alto é tocado.*

A maior celebração aconteceu em fevereiro de 2009 – os meus 15 anos. Nesse dia tive o momento único de reunir todos os meus familiares. Uma grande memória, onde meus avós Terezinha e Jacy, embora separados, pude ter o registro dos laços que construíram

meu ser . vovó Alda e vovô Ceilão, meus avós é de onde provém a minha raiz.

Vovó Terezinha teve 7 filhos com vó Jacy, que visitávamos nas férias pois morava em outra cidade, Petrópolis, o momento de subir a Serra e de começar a “caça a casa”. Meu avô mudou bastante ao longo da vida, entretanto, era conhecido por cada canto que passava. Ao subirmos à Serra procurávamos pela Feira do dia no bairro, se ele não estivesse na Feira, certamente alguém saberia nos direcionar para sua casa. Percebo, que tenha herdado esse gosto de passar o dia na Feira de meu avô, sair cheia de sacola de frutas e verduras e ao final tomar pastel com suco, deveria ser caldo de cana, mas não é o paladar que aprecio. Vovó Jacy faleceu em 2014 de Alzheimer. E a doença que acomete a memória em nosso último encontro tudo que falava era sobre a infância de meu pai, dizia que levaria Tia Adriana na Escola, com ele aprendi que a outra perspectiva sobre perda da memória são as lembranças que nada é capaz de apagar.

A casa de Honório Gurgel, que por muito tempo sempre tinha um punhado de areia na porta indicando estava sempre em obra. Ao passar pelo quintal, ia direto para cozinha, minha vó sempre tinha umas empadinhas no forninho elétrico, e assim éramos recebidos. Confeiteira por dom e talento, foi ela também que fazia os bolos de meus aniversários ou também sem precisar de uma data específica tinha sempre um bolo, para quando meu pai passasse e levava para casa, o que deixava os irmãos enciumados, o bolo no forno significa que meu pai estaria na casa, fazia também uma canjica quentinha.

Vovó Terezinha sabia só de olhar para o céu quando iria chover, admirava quando de repente ela dizia “vou tirar as roupas da corda, vai chover” ... e chovia! No seu Quintal abrigou não só as casas dos tios e tias que construía em cima da laje, a extensão da família negra que cresce e se mantém dentro do mesmo quintal, vovó cuidou dos filhos e também foi mãe dos netos, sempre com sorriso no rosto e a pergunta de sempre: “tá boa, tá estudando? tem que estudar...”





To estudando vó...

Vovó Alda teve três filhos, minha mãe, minha madrinha – Sarai e meu tio Marco, que é padrinho do meu irmão. Capixaba, da roça e de uma elegância em pessoa. Toda vez que dormia em sua casa, 07h da manhã acordava com o rádio no show do Antônio Carlos, o copo de água ao lado do rádio para benzer e agradecer por mais um dia. vovô Ceilão almoça cedo, logo após o café da manhã, já estava preparando o almoço, acredito que o tempero é mágico que por mais que você cumpra toda a receita de minha vó, o sabor é bem distante dos preparos feitos na cozinha da Vila em Vista Alegre ou Irajá, os limites dos territórios, que não se sabe aonde começa um e termina outro. Passo o dia fazendo palavra cruzada com meu avô, que grita querendo as respostas ou molhando as plantas, de minha vó herdei o dom e o cuidado com as plantas, estou bem longe dos cuidados que ela consegue ter só de olhar e saber o que tal planta precisa, e inclusive, salvou muito das minhas. Nesta casa o ritmo é outro, quando as 18h sobe o cheiro de capim limão que está presente em minhas memórias olfativas.

E de tantas outras pessoas tão importantes em minha vida.

**Imagem 08:** Aniversário de 15 anos com meus avós maternos e paternos.



*Entre o Sagrado e Profano: Amar a Deus sobre todas as coisas, alegria, união e afeto como Guia, eram os mandamentos da minha família.*

As festividades e o encontro sempre foram a marca registrada de minha família, fevereiro além de celebrar aniversário também tem o carnaval, a festa que envolve seus encantos é marca da sociabilidade das ruas, é quando uma aparente condição do direito de ir e vir se aproxima do que nos assegura a lei. A possibilidade de estar na rua e o momento em que as mazelas são esquecidas mesmo que temporariamente.

Blocos de rua, coreto, escola de samba, trios são marcadores que sempre estiveram presente em minha vivência.

Lembro-me que desde a infância a expectativa para a chegada de fevereiro para além de celebrar mais um ano de vida, significava comprar minha fantasia. Desde criança minha mãe nunca deixou passar essa data sem o traje adequado para a festa, tanto para mim quanto ao meu irmão. Lembro das festas de rua e os blocos infantis no Clube Campo em que através dos registros fotográficos recordo-me e posso até ouvir as marchinhas dando o som da festa. Acompanhada de minha mãe, meu pai, minhas primas e minha madrinha, que é uma segunda mãe, no amor, no cuidado e em todo final de ano que me socorria em matemática e física, juntamente com meu padrinho.





---

O carnaval sempre esteve presente na história da minha família, minha mãe sempre me contou a história do sonho em desfilar no Cacique de Ramos:

Éramos muito felizes e não sabíamos, morava no Bairro de Irajá, onde Zeca Pagodinho nasceu, bairros próximos a Vista Alegre, Vila da Penha, Brás de Pina, Água Grande e pode ser colocado qualquer um deles por serem muito próximos. Um bairro antigo, que era muito tranquilo e pudemos aproveitar o máximo, pois, o lugar tinha tudo: Escolas, estudei na Escola Municipal Grécia, restaurantes, um campo com gramado lindo, o Clube Grêmio onde tinha um baile matinê com as marchinhas de carnaval, mas tinha também o melhor carnaval de rua da Água Grande, ou melhor do Bairro Vista Alegre, que eu, meu irmão, pois, só podia sair com a companhia dele, para as festividades carnavalescas e meus amigos, esperávamos com ansiedade esse grande evento. Em 1979, quando tinha 13 anos de idade, vi um grupo de amigos que estavam de índios, com roupas iguais, lindas, as mulheres maquiladas de saia e com uma faixa na cabeça escrita Cacique de Ramos, e o ano, todos reunidos, se divertindo antes, no Bairro de Vista Alegre saindo depois para concentração na rua Uranus que é em Olaria, que é um bairro próximo, mas nossa, quando os via, ficava encantada, e quando tocava a marchinha "Índio quer Apito", na composição de Haroldo Lobo - Milton de Oliveira, a gente pulava e gritava muito, pois, o Cacique de Ramos atraía foliões de várias regiões do Rio de Janeiro. Meu sonho era estar igual a eles, mas naquela época era muito difícil e eu era muito nova também, então eu e minhas amigas: Rejane, Regina, Andréa, entre outras, pegávamos uma das melhores costureiras do bairro e fazíamos as roupas parecidas, roupas de índios e saíamos lindas também e curtíamos os blocos carnavalescos da região: Unidos de Vista Alegre e Onda Braba. (entrevista com Soraia, maio 2023).

As escolas do coração são divididas, minha vó materna salgueirense como meu pai, mas tanto minha mãe como meu tio escolheram a águia azul e branco de Madureira, portelenses. E pela proximidade do bairro e sentimento, assim também desde sempre, Portelense. Embora, a última vez em que desfilei foi pela sua vizinha, Império Serrano. Enquanto primos por parte da família materna construíram a Caprichosos de Pilares. Sem muitas rival-

idades, sentamos juntos para assistir a apuração e a torcida para que o resultado seja justo.

Assim como o carnaval que disputa os espaços da rua, através dela em que muitas dessas sociabilidades aconteceram, e desde muito nova pude compreender a relação do habitar, assim afirmo:

### *A primeira aula de urbano na infância*

Nesse ínterim, relembro da minha primeira aula de urbano ainda na infância, é o memorável 27 de setembro, dia dos santos São Cosme e São Damião. Caso a data fosse dia de semana, aguardava ansiosa para o fim da aula pela manhã, já que à tarde, com minha mãe e meu irmão sairíamos para buscar os doces. Sabia de cor o mapa de Campo Grande na cabeça, nome das ruas do entorno e as respectivas casas em que deveria chegar. A começar já no caminho de volta à escola, a Locadora, ao lado da Padaria, era um dos primeiros lugares que passaria. Pegava os doces e aproveitava para olhar as novidades da Fita VHS, mas o melhor dia para alugar eram as sextas-feiras, pois assim a devolução é na segunda-feira. Locadora de filmes é um dos equipamentos que entrou em decadência após a tomada da tecnologia, com streams, etc. É saudoso passar um tempo olhando os títulos, chamar os amigos e ao final, jamais esquecer de rebobinar, caso contrário – há multa !

Certamente, ao longo de todos esses anos, a tradição do Dia De São Cosme e São Damião, me fez conhecer meu bairro, a tradição dos devotos em dar doces sendo representado através da cultura e religião. E assim, de família cristã católica e praticante, os santos e as festividades também eram forma de devoção e prática da religiosidade da minha família.

Assim como, o dia 23 de abril é dedicado ao Santo popularmente conhecido como o santo suburbano, a devoção é tamanha que há o bairro em Campo Grande em homenagem ao Santo –



Bairro São Jorge. A paisagem desses subúrbios também é marcada pelas diversas mudas de plantas “espada de São Jorge” que estão nas calçadas, na frente das casas, nas praças e nos muros. À meia noite começa a Alvorada com muitos fogos e festejos sincretizados a Ogum no candomblé, onde devotos de ambas as religiões e até quem não acredita, mas está pela fé independente de religião, ou pela efervescência suburbana. A igreja do Santo Padroeiro em Quintino – zona norte do Rio de Janeiro, é o principal lugar em que se inicia o dia de agradecimentos e pedidos, para que se dê continuidade através de muita feijoada e samba.

Hoje é dia de São Jorge - O Santo Suburbano... Da Capadócia, mas foi aqui que fez morada. Não tem uma rua desses vários subúrbios que a Espada de São Jorge não esteja presente, seja nos canteiros, nas praças ou no portão de casa - proteção, benção e força diária.

Um paisagismo ancestral, presente na Espada (de São Jorge) de “um guerreiro valente que cuida da gente que sofre demais”.

O urbanismo feito de gente pra gente, que tem fé e ela não se discute.

Salve Jorge!

Muita esperança e abonaça no coração de todos.

(autora, 23 de abril de 2019)

A partir de andanças e vivências na extensão de casa – a rua. 27 de setembro, é memorável em que essas partilhas aconteciam.

De fevereiro a dezembro, entre aniversário, Carnaval, Páscoa, os almoços de domingo, Natal e Ano Novo, não precisávamos de uma justificativa para unir a família que sempre se uniu na cozinha com muita conversa e comida. O Natal é essa grande memória, em que nunca seguimos as tradições e sempre nos divertimos muito com isso,

*O dia do ano em que a mesa é farta só é possível comer  
à meia noite ?*

Na casa da vovó Alda a gente come o dia inteiro, chegamos cedo para o almoço em que hoje cada um leva sua contribuição para compartilhar a mesa, mas lembro-me de criança quando chegava já estava tudo pronto feito pela vó. E hoje, me pergunto como, vovó sozinha fazia aquelas comidas todas ? Com o passar dos anos vovó foi cedendo um pouco e compartilhando suas receitas e nos ensinando também a fazer, e assim eu, Patrícia e Nathalia, minhas primas, apelidamos de “produção da rabanada”.

Mas, a meia noite há outra tradição em que desde pequena era meu maior motivo de orgulho,

*Entre Irajá e Honório Gurgel - eu tenho duas avós, eu passo o  
Natal em duas casas.*

Passava o dia na minha avó Alda e próximo a dar meia noite ia com minha família para Honório Gurgel, casa da vovó Terezinha, trocávamos abraços e ceivávamos e depois voltava para dormir em Irajá. Mas, no dia 25 de dezembro o almoço era na vovó Terezinha e assim, poder vivenciar esses dois dias que parece ter sido pensado exatamente para que conseguisse passar uma data especial ao lado das pessoas mais especiais – minhas matriarcas.

## **CORPO MAPA: URBANISTA MESMO ANTES DE SER**

O Centro de Campo Grande era o local que sempre ia com minha mãe, desde os serviços cotidianos aos hospitalares. O Calçadão como é popularmente conhecido, é onde se concentra o



---

centro financeiro do Bairro, comércio, hospital, shopping, entre outros equipamentos.

Ao realizarmos o caminho de volta para casa, pegávamos a kombi, no ponto final ao lado do Guanabara (contar de fora o que é o Guanabara e pensar na relação do mercado popular e estigmatizado). Durante o percurso a profissão do cobrador me chamava atenção, a forma como contava rápido as notas, pegava os vales de papel e os guardava na pochete amarrada ao banco.

- “Vai descer alguém nos predinhos ?”

E minha mãe respondia:

“no segundo”

Quando o cobrador era novo, precisávamos de mais referência: “após a vendinha, que era do Seu Lúcio, no qual, aprendi também depois de grande, pois criança entendia que era “do soluço”...

E assim, sempre acompanhada de minha mãe e atenta aos percursos, aprendi a falar e os caminhos, logo após kombi virar na Rua Camaipi, perguntariam quem iria descer nos predinhos...

“... *Vai descer no segundo predinho*”

E eu aprendi a responder e buscado a resposta sobre outros percursos, nessa história tempo e cronologia se confundem de um corpo mapa que tem traçados caminhos desde a infância nas tramas da cidade purgatório da beleza e do caos.

Assim, teria aprendido a chegar em casa e mais tarde aos 11 anos, compreendi que a cidade era muito maior que os muros que cercavam os “últimos predinhos da rua”, era esta a referência que cresci ouvindo a respeito de minha residência.

*Urbanista mesmo antes de ser...*

Em 2007, recebi o convite para me tornar atleta de basquetebol do tradicional Fluminense Futebol Clube, localizado no bairro

das Laranjeiras, zona sul da cidade do Rio de Janeiro, local em que nunca tinha ouvido falar.

Sendo assim, foi sob os trilhos de trem e as viagens cotidianas que duravam cerca de duas horas de deslocamento entre Campo Grande e a Tijuca, onde está localizado o Maracanãzinho, o primeiro local de treino.

O trajeto era realizado três vezes por semana, era como uma dança com os passos bem marcados, se algo desencadeasse perderia o trem inesquecível de meio dia e vinte cinco 12:25hr que saía da última plataforma da Estação de Campo Grande. Assim, minha mãe me buscava na escola, na Estrada da Cachamorra, e íamos até o Calçadão com passos largos e ligeiros atravessávamos para conseguir chegar a tempo na estação, o trem partia bem na hora do almoço, chegar na estação significava, enfim poder abrir a marmita.

Muitas vezes não era possível, então, desenvolvi a habilidade de comer dentro do vagão em movimento, com pessoas olhando e muitas vezes sentada no chão.

Todo o percurso era acompanhado da minha mãe, que após duas horas de viagem precisava retornar para ir a Seropédica trabalhar. Uma rotina extremamente exaustiva em vista de um sonho. A menina de 11 anos, que sabia de cor todas as estações do Ramal Santa Cruz, quando retornava à Escola contava como quem viu a grandiosidade do mundo sobre seus olhos. Em um determinado momento, diante do desgaste do percurso, o treino exaustivo e ao retornar para casa a necessidade muitas vezes de virar a noite estudando para prova ou fazendo trabalhos. Minha mãe questionou, se era isso que gostaria de continuar fazendo, e de imediato, disse sim! Complementando... agora que você já sabe o caminho, não se perca ...

Hoje, entendo que não era sobre as Estações de Trem ou as linhas de ônibus em que precisava pegar, muito mais do que tais instrumentos, eram os percursos que me faziam chegar até ali e assistir a cidade sobre os trilhos, os caminhos da Zona Oeste. Quando

---





chegava em Padre Miguel e posteriormente, a estação de trem foi renomeada para Mocidade Independente de Padre Miguel, o bairro da nossa Eterna Elza Soares. Assim como, as linhas férreas marcam a paisagem dos subúrbios cariocas, as fábricas também são marcadores importantes na construção social da cidade nos bairros periféricos. O pai de Elza Soares trabalhava na fábrica têxtil de Bangu, na zona oeste do Rio de Janeiro, o trabalho do pai na Fábrica de Tecidos Bangu, que reflete e absorve o ritmo dinâmico desse bairro do subúrbio do Rio – fez com que sua família se mudasse para uma casa simples naquela região.

A antiga fábrica têxtil atravessa minhas vivências, quando em 2015 seu espaço dá uma nova função àquele espaço, sendo transformado em shopping center – Bangu shopping. Antes, a única opção nesta categoria era o West Shopping em Campo Grande, a depender da região que se mora em Campo Grande o Bangu shopping era até mais próximo para se deslocar. Em sua homenagem o samba enredo de 2020 da Escola que homenageia Padre Miguel.

*Lá vai menina  
Lata d'água na cabeça  
Vencer a dor, que esse mundo é todo seu  
Onde a água santa foi saliva  
Pra curar toda ferida  
Que a história escreveu*

*É sua voz que amordaça a opressão  
Que embala o irmão  
Para a preta não chorar (para a preta não chorar)  
Se a vida é uma aquarela  
Vi em ti a cor mais bela  
Pelos palcos a brilhar*

*(Samba Enredo Mocidade Independente de Padre Miguel, 2020)*

Padre Miguel, além do território inspirador da vida de Elza, também era o local em que mais duas amigas subiam no vagão. Não existia telefone, na verdade, o telefone era somente para ligações, no caso para receber já que não havíamos crédito. Então, o ponto de encontro era o último vagão e a pontualidade era o que fazia nosso encontro acontecer. Quando chegava na Estação, olhava pela porta para identificá-las, e assim, Jéssica e Thamara subiam e íamos até nosso destino final.

O trem até os dias atuais é o principal meio de locomoção das camadas populares, o meio mais rápido de atravessar a cidade, já que muitos bairros não há linhas de ônibus que cheguem até o Centro, ou seja, para muitos é a única opção. Assim como foi para mim ao longo de muitos anos para que pudesse fazer esse deslocamento e de forma mais barata. O modal também tem como principal função a mobilidade, em seu interior há a prestação de serviços e comercialização. De fato, para uma viagem que dura duas horas, é uma distração.

Para além do som onomatopeico em tom lúdico que conhecemos do trem “Piui tique taque” o som que ecoa é do comércio ambulante

*“- Desculpa atrapalhar o silêncio da sua viagem, eu poderia estar matando, eu poderia estar roubando, mas gostaria de pedir um minuto da sua atenção para divulgar meu produto...”*

E numa ordem cadenciada, se há a venda de mesmos produtos dentro do vagão anuncia aquele que chegou primeiro.

*“- Caminhão tombou, preço baixou”*

O trem é local do comércio, divulgação de trabalhos, apresentações artísticas culturais e até de rezas, que entretém o ir e vir desgastante da rotina. Conceição, através do personagem de Ponciá Vivêncio retrata o dia-a-dia de milhões de brasileiros,

Quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quatinho na periferia da cidade, retornou ao povoado. O trem era o mesmo, com as mesmas



---

dificuldades e desconforto. Descia-se na entrada do povoado e caminhava todo o resto, horas e horas a pé. Atravessava a terra dos brancos, viam-se terrenos e terrenos de lavouras erguidas pelos homens que ali trabalhavam longe de suas famílias. Ponciá se lembrou do pai, das ausências dele durante os longos períodos de trabalho. Atravessou, depois, as terras dos negros e apesar dos esforços das mulheres e dos filhos pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel (EVARISTO, 2003, p. 47).

A paisagem passando do lado de fora da janela são barracos de madeira próximas a linha férrea, denuncia o problema habitacional e as desigualdades sociais. A normativa vai determinar as leis do afastamento das construções das linhas férreas, mas a desigualdade de só quem vive ou quem acompanha mesmo pela janela em movimento é um direito roubado. Narro o cotidiano de dezoito anos atrás e, hoje, aos 29 anos, pouca coisa ou nada mudou. O racismo ambiental, conceituou tais problemáticas que faziam parte do cotidiano dos mais atingidos com a falta de infraestrutura, saneamento básico, desmatamento e exploração ilegal, despejo de lixo, enchentes, alagamentos, deslizamentos, poluição do ar, solo, água, falta de serviços básicos, proximidade com descarte de lixo entre outros fatores, a exposição desigual da população de maioria afro-descendente e periférica aos impactos e riscos socioambientais.

Mas, infelizmente nenhum representante do Estado disputa os bancos dos trens e não passa por Paciência, Cosmos, Inhoaíba, Campo Grande, Senador Camará, Santíssimo, Bangu Vila Kenedy, Realengo, Madureira (...)

A história da personagem de Ponciá, contada por Conceição Evaristo no parágrafo anterior, também se assemelha com a história de minha família, que decidiu procurar um imóvel na zona norte do Rio de Janeiro, ainda no subúrbio carioca, mas que certamente estaria mais próximo das nossas atividades. Entre visitas, escolhas, o tempo de espera para se mudar foi ficando tão longo que já não acreditávamos e, por fim, meus pais avisaram: não iremos mais!

E meu irmão escreveu com a letra em garranchos no documento do imóvel:

- “eu sabia que só era um sonho”

Quantos sonhos são possíveis dentro de um sonho? Ter alguém que quando a gente desiste de sonhar dar lugar a novos sonhos para realizar o do outro, mesmo diante da incerteza, ao nos mudarmos pela primeira vez foi a certeza do esforço dos meus pais em todos os âmbitos para tornar possível a idealização dos filhos.

Muitas vezes, durante meu treino aos finais de semana no Fluminense, meu irmão nos acompanhava e até ajudava a pegar as bolas, assim, foi ficando mais íntimo do basquete. E assim, começa a jogar no clube em que iniciei em 2006. No final do ano de 2007, fomos Campeã Estadual do Rio de Janeiro, entretanto, o reconhecimento foi a extinção da nossa categoria. Entretanto, essa amizade até hoje perdura para além das quatro linhas e numa relação familiar.

### **Campeonato Estadual Mirim Fluminense - 2007**



*Ter sido atleta  
Me livrou de muita coisa  
Mas me deixou algumas cicatrizes*

*Uma menina de doze anos  
Que tinha de cor o mapa da cidade na cabeça  
Que não podia ser fraca  
Era pra ter nos ensinado a diferença de inimigos e adversários  
Ta tudo bem não se sair bem sempre  
Mas no campeonato  
Isso é perder  
E pra um atleta e a pior coisa que pode acontecer*

**(autora, s/d)**

Certamente, hoje é possível enxergar as relações de gênero que se aplicam ao esporte. Enquanto, nos organizávamos para poder pagar aluguel de quadra para desempenhar o mínimo – treinar, entre outros custos, como arbitragem, a Tia Sônia que cuidava dos nossos uniformes. O masculino treinava na quadra do fluminense, tinha uniforme, viagens, entre outros que nunca conseguimos angariar. No ano seguinte após a extinção do basquetebol feminino no Fluminense, fomos todas para a Mangueira (2008), novamente peneira, treinos e disputas incessantes para poder permanecer no novo time. Nesse ano, meu irmão já era federado pelo meu antigo clube.

Minha rotina no trem “facilitou”, já que agora não precisava mais pegar três conduções, era só descer na “Estação Primeira de Mangueira”. A Mangueira, território dos mais nobres artistas e poetas desse país: Cartola, Jamelão, Dona Ivone Lara, Alcione....

*Mangueira teu cenário é uma beleza  
que a natureza criou  
O morro com seus barracões de zinco  
quando amanhece que esplendor*

*Mangueira teu passado de glória  
está gravado na história  
é verde e rosa a cor da tua bandeira  
prá mostrar a esta gente  
que o samba é lá em Mangueira*

**(Enéas Brites e Aloísio da Costa, 1956)**

Devido a uma série de questões que envolviam minha continuidade na Mangueira, recebi o convite para o Tijuca Tênis Clube, clube tradicional da cidade, para qual fiz minha transferência. E mais, uma vez os meus fluxos na cidade mudariam completamente, dependendo mais uma vez de três transportes para chegar no clube, situado na Rua Conde de Bonfim 451, bem próximo a tradicional Praça Saens Pena. A relação bairrista é bem profunda nesta parte da cidade, em que seu autodenominam, não como cariocas, mas sim como Tijucanos e transpassando essa identidade hierárquica para o zoneamento sendo autointitulado da zona sul da zona norte. É como se fossem tão autossuficientes economicamente pelo forte comércio de bairro, a relação da especulação imobiliária que apesar de estarem localizados na zona norte, suas características deveriam estar atrelada a zona sul, e isso perpassa na relação e no convívio social dos residentes.

Permaneci no TTC , durante um ano, e bem proveitoso enquanto atleta, com novas expectativas, novas pessoas e o conhecimento de um outro clube. Na Tijuca os treinos eram à noite, o que era bom porque não tinha a correria para sair da escola e ir direto pra estação, mas quando chegava em casa para fazer alguma atividade, já estava próximo do horário de saída. Pegar uma Kombi até o Centro de Campo Grande – atravessar o calçadão – pegar o trem – descer em Cascadura – pegar o 607 – e ir até o ponto final. No Tijuca sempre começávamos pelo físico, o que particularmente





---

não era um dos momentos preferidos, mas, necessário, então corríamos na pista de atletismo para depois ir para a quadra. O final desse Campeonato estadual foi contra a Mangueira, em um jogo disputado conquistamos o vice campeonato, e mais uma vez, revivi a história do desmantelamento do esporte nos clubes mais tradicionais assim como foi no Fluminense.

No ano seguinte, 2009, aos dezesseis anos começo a pensar sobre a realidade da vida de atleta e os estudos em que tive conciliar até então, meus pais sempre disseram, se quisesse jogar teria que me dedicar aos estudos também, e talvez, em todas essas palavras não consiga transcrever o quão era difícil manter as notas com uma rotina tão exaustante que perduraria até aos finais de semana em que aconteciam os jogos.

*Mas, e a nova casa ainda não se mudaram?*

Pois é, foi o ano em que efetivamente nos mudamos, levávamos as coisas no carro todo dia de pouquinho em pouquinho, as vezes dormíamos em Campo Grande, às vezes em Del Castilho, e talvez por isso não tenha sentido tanto a mudança. Entre lá e cá durante um ano, meu irmão havia recebido uma bolsa integral para estudar no Centro Educacional da Lagoa – CEL, um colégio de alto poder aquisitivo, e assim muitas vezes, meu pai ou minha mãe dormia com ele em Del Castilho, enquanto o outro dormia em Campo Grande, onde também recebia bolsa para cursar o ensino médio no Sistema Elite de Ensino. Assim, em 2010, decidi ainda continuar jogando, mas em um clube menor para continuar fazendo o que me dava mais prazer, e aproveitar já que agora estava bem mais próxima do Jacarepaguá Tênis Clube, com o 371 – Central – Praça Seca, conseguia chegar ao treino. A chegada do último ano do ensino médio foi o último ano como atleta federada de basquetebol, o que também implicou no fim da rotina sobre a linha férrea.

*Ponta de areia*

*Ponto final*

*(...)*

*Velho maquinista*

*Com seu boné*

*Lembra o povo alegre*

*Que vinha cortejar*

*Maria-fumaça*

*Não canta mais*

*Para a moça, as flores*

*Janelas e quintais*

***(Milton Nascimento, 1975)***

Em 2011, já tinha um novo CEP, entretanto, era o último ano de escola e decidi por me manter e ter minha formatura com aqueles que passei grande parte da minha vida. E assim, aprendi a fazer o fluxo inverso, da zona norte para zona oeste, Del Castilho – Campo Grande. O ano era de vestibular, então permanecia durante o dia inteiro na escola para estudar e assim, retornar só ao final do dia para casa, pois passaria horas no trânsito em que poderia estar dedicando aos estudos. Apesar da dedicação ao longo deste ano, o resultado não foi o esperado.

E o sonho de cursar Arquitetura e Urbanismo na Federal ficou para trás.

Passei para o técnico e iniciei na extinta Universidade Gama Filho, onde permaneci durante os anos de 2012 a 2013, conciliando com o técnico em Edificações na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana. O ingresso no técnico foi a possibilidade da inserção no



---

mercado de trabalho mais rápido, além do aprendizado no campo prático na construção civil e que auxiliava muito no desempenho na universidade. Entretanto, no segundo período da graduação ouvi de uma das professoras:

- *“você deveria trancar arquitetura e ir para algo menor (se referindo ao técnico) quem sabe assim você consiga dar conta”*

Aos 18 anos ainda era difícil identificar o racismo velado, e que hoje está bem explícitos como espaços privilegiados da sociedade se organizam através dele, pacto da branquitude. Para uma menina negra, nos recém concluídos 18 anos, estar em um curso de elite como arquitetura e urbanismo, em uma Universidade renomada como a Gama Filho, é compreender o ponto fora da curva em ocupar esse lugar. Nesse dia, a vontade era realmente de me despedir daquele lugar e muitas vezes me questionei se realmente deveria estar ali. O racismo faz com que a gente se questione do nosso direito ao nosso mérito. Por outro lado, minha família dizia que se eu fizesse só o técnico, iria me confortar e não voltaria a tentar uma graduação. E eu? Se eu não voltasse mais, estaria mais uma vez negando o sonho de me tornar arquiteta.

*E essa aqui eu vou cantar  
Pra aquela professora  
Que sempre me tirava de burro  
Pros que não foi com a minha cara  
E pras aquelas pessoas que eu gritei ajuda  
E só se fez de surdo*

***(Só graditão, MC Lipi, 2020)***

Recentemente, no dia 16 de maio de 2023, no voo a caminho de Brasília para participar do Segundo Encontro da Diversidade promovido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, onze anos depois lembrei dessa professora que me disse que eu deveria me contentar com algo menor e que estaria ao meu alcance, subjulgando também a relevância de outra categoria e que contribui muito para minha formação.

*Ao olhar pela janela do avião e sentir o chão tão distante, eu dei conta de voar porque olhei pra cima sem me esquecer de onde vim.*

*Enquanto no fone de ouvido Iza compunha aquele momento,*

*Hoje eu só vim agradecer*

*Por tudo que Deus me fez*

*Quem me conhece sabe*

*O que vivi e o que passei*

*O tanto que ralei*

*Pra chegar até aqui*

*E cheguei, cheguei (...)*

*Hoje tu só vê os close*

*Nunca viu meus corre*

*Mas pra quem confia em Deus*

*O sonho nunca morre*

**(Iza, 2022)**

E assim, assumir a titularidade enquanto Conselheira na Gestão de 2020-2023 e coordenadora da Comissão de Equidade e Diversidade do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, não foi pedindo licença que cheguei até aqui, mas sei que



ocupe espaços que nem em sonhos imaginei por tão distante da realidade seria.

E por isso, faço da trajetória pessoal e profissional mitigar essas estruturas, assim pude contribuir para algo histórico dentro da nossa categoria, debatemos como cada Estado tem se organizado para a promoção da equidade, como pesquisas, estudos, debates e publicações, que serviram de base para a construção do plano de trabalho para a futura comissão especial que será votada pelo plenário no dia 18 de maio de 2023. Por 14 votos a seis, foi aprovada a Comissão Especial de Políticas Afirmativas. Uma comissão permanente no conselho para combater e minimizar todos os tipos de discriminação no campo da arquitetura e urbanismo, além de garantir maior representatividade dos grupos minoritários no conselho.

## II ENCONTRO DA DIVERSIDADE AVANÇA NA CONSTRUÇÃO DE AÇÕES AFIRMATIVAS POR EQUIDADE NA ARQUITETURA E URBANISMO

16/05/2023 Publicado às 18:41



Com a participação de ministérios do Governo Federal e representantes de 25 estados, evento projeta novos passos para equidade na arquitetura e urbanismo e nas cidades



Continuei conciliando a Faculdade no período da manhã, saía de Del Castilho e ia para Piedade, onde ficava a Gama Filho, no período da tarde, ia para o estágio na Tijuca em uma empresa que realizava projetos para construção de Gás Natural nas residências e a noite fazia o técnico em Edificações, na Faetec da General Canabarro – Maracanã. Todos os dias essa era minha rotina. Saía às 06 horas da manhã de casa e chegava às 23 horas. Entretanto, no final de 2013 a Universidade Gama Filho declarou falência e a

compreensão ainda mercadológica da nossa educação. A falência da Gama Filho também faliu um bairro inteiro que se organizava a partir da Instituição de Ensino, comércios e serviços todos fechados até o dia de hoje. A importância dessa Instituição inserida no subúrbio carioca, marca algumas questões enquanto a educação, o acesso, entre outros, fazendo a insegurança crescer, e se tornando um bairro de passagem.

No ano seguinte, depois dos trâmites burocráticos da equivalência de disciplinas, consegui uma bolsa na Unisuam – Centro Universitário Augusto Motta, para dar continuidade aos estudos. E também, iniciei o curso de Conservação e Restauro de Bens Patrimoniais no SENAI. Durante esses anos pude reforçar a amizade com a Jessica, que também tinha vindo da Gama Filho e criar novos laços com Amanda e Josemilda, amigas que guardo até hoje da universidade e que foram essenciais para conseguir me formar.

Em 2017, no último ano de universidade decidi que voltaria a treinar para que pudesse disputar os jogos universitários. Em abril deste ano, era uma sexta-feira e fui realizar um treino na Lagoa Rodrigues de Freitas. A Lagoa é um bairro localizado na zona sul

do Rio de Janeiro, majoritariamente residencial e a maior parte ocupada por área de preservação ambiental, em geral é o terceiro bairro mais valorizado da cidade. Ao final do treino, organizava-me para ir embora quando pediram para jogar uma pelada, uma partida de basquete mais leve mais por diversão, em que neguei prontamente, já que morava longe e só pensava no retorno a noite. Por fim, cedi, uma partida só, quando estava no ataque e fiz um corte da esquerda para direita para dentro do garrafão, quando senti um pisão no calcanhar e uma dor que nunca havia sentido na vida. Pede falta e falei que meu marcador havia pisado e ele repetidamente dizia que não havia encostado em mim. Tentei levantar e desmaiei .... Meu pé estava pendurado!

O técnico chamou um táxi e me acompanhou até o Memorial do Engenho de Dentro, só olhou para mim e disse que precisava





operar, pedir algum exame que constatasse, entretanto, não havia ressonância no hospital e a única coisa que foi feita foi a mobilização do meu pé até a altura do joelho e remédio para dor que me fez apagar, enquanto meus pais procuravam algum lugar em que conseguisse receber atendimento.

A manhã seguinte era sábado, foi quando minha mãe encontrou o RioMar na Barra da Tijuca, e fui com eles até o hospital. De imediato no atendimento, o médico disse que iria mandar preparar o Centro Cirúrgico, e eu só ouvia tudo de uma forma bem distante como se eu não estivesse ali e assistindo tudo aquilo dentro do meu próprio pesadelo. Fiz ressonância – rompimento total do Tendão de Aquiles. Argumentei com o médico se era possível esperar para operar e ficar esse tempo de gesso, já que faltavam apenas um Mês para o fim do semestre, tinha projeto Hospitalar para entregar e TCC 1, só pensava, não dá para parar agora, quando sutilmente escutei a retórica:

*“- Você quer ficar aleijada?”*

Voltei para casa naquele sábado e tentei entender como seria ter que parar naquele momento em cima de uma mesa de cirurgia, voltei para me internar na segunda-feira, e daquele dia em diante a minha vida mudou. Mais de cem pontos interno e externo, depois de uma semana recebi alta e fui para casa. Ainda tentando compreender as novas condições, peguei o mais novo brinquedo – o par de muletas, e fui até a cozinha pegar água, quando escorreguei e senti todos os pontos abrindo...

Minha vida naquele momento era sobre dor, e muito além da física. Minha casa não era adaptada e pequena, o que impossibilitou ter uma cadeira de rodas para diminuir o risco de acidentes. Mesmo assim, tentava me manter o mínimo ativa, e realizar minhas coisas de forma independente, como sempre fiz, até um tombo no banheiro que fez com que minha mãe me proibisse de tomar ban-

ho todos os dias, somente quando houvesse “necessidade”. Ganhei uma cadeira higiênica para que fosse mais fácil. Chegou o momento de ver os pontos, em uma semana, os pontos haviam inflamado, trocou o remédio e pernas literalmente pro ar, para voltar em uma semana ao hospital, esse era o único lugar que saía e sentia a luz do sol.

Nessas duas semanas li dezenas de casos, como recuperar, e pensava que em um mês havia uma viagem marcada pela primeira vez com minhas amigas do basquete para Salvador e que precisava estar bem. Na semana seguinte perguntei ao médico quais seriam as possibilidades e ele disse: nenhuma! Os remédios eram bem fortes, o que me fazia passar o dia todo dormindo, e quando não era o efeito do remédio, eu mesma procurava dormir para um dia acordar e ter a vida de volta. Nesse momento em que você não anda, quem vem até você? Esse foi um grande baque, muitas relações que tinha só existiam pelas condições físicas de se estar e eu senti muita falta e tristeza ao constatar isso. Por outro lado, quando meu avô que não saía de casa foi me visitar, foi a alegria que não sentia há tanto tempo, e até minha família veio de Campos, esse foi o dia que tomei banho e eles salvaram a minha vida. Ali, foi um divisor de águas compreender quem chega quando não se pode mais ir. Fortaleci meus laços de amigos e familiares.

Durante um pouco mais de um mês foi assim, uma vez por semana a única saída era o hospital, meus pais revezavam para que conseguissem me dar todo suporte e enquanto trabalhavam. Até o momento em que os pontos começaram a cicatrizar e pude retornar a Universidade, nesse momento foi mais um desafio. Depois da minha casa, a faculdade de arquitetura também não era um local acessível. Havia apenas uma cadeira de rodas disponível para toda faculdade e após conseguir a cadeira, eram seis lances de rampa com a inclinação completamente fora das normas de acessibilidade, o que tornava o acesso muito difícil, onde um cadeirante sozinho não conseguiria realizar o percurso de forma independen-



---

te, então duas vezes na semana minha mãe me levava na faculdade até o final do semestre em julho.

Nesse momento, após a retirada de todos os pontos, meu pé precisava alcançar a angulação de 90° para que conseguisse voltar a pisar no chão, e colocá-lo nesta angulação após meses foi uma dor que não é possível descrever. A etapa seguinte, foi iniciar na clínica de reabilitação, ainda na cadeira de rodas, para iniciar o tratamento na Rua Guarapari em Madureira, zona norte do Rio de Janeiro. No início, fazia fisioterapia todos os dias e permaneci na clínica durante pouco mais de um ano até receber alta. O dia que levantei da cadeira, não foi o dia que voltei a andar, mas a cada passo que dava era uma grande conquista, nesse momento sempre acompanhada de minha mãe, companheira implacável e que precisaria de uma vida inteira para agradecer tudo que fez por mim. Mas, tudo que queria era poder voltar a andar e ter minha independência, e esse momento foi quando eu precisava do suporte de apenas uma muleta.

*Com passos curtos e devagar, comecei a ir para a clínica sozinha e todas as vezes que saía me desafiava até onde conseguiria chegar*

Ao sair da clínica para o lado direito seguia em direção a Estrada do Portela, e assim, comecei a perceber o bairro de Madureira para além da vivência pessoal que tinha com o bairro e de tudo que já havia conhecido até então. percebê-lo em outro tempo, andava próxima a parede para que tivesse algum apoio caso me desestabilizasse, as calçadas com buracos, a falta de rampa de acesso para os desníveis existentes e até o semáforo que tem um padrão do caminhar, e que por vezes era impossível atravessar a rua antes do sinal abrir. A questão da segurança nas ruas com as pessoas com mobilidade reduzida também é algo que precisa ser revisto no direito à cidade, o tempo dos semáforos também é uma questão de acessibilidade.

O Percurso por Madureira também foi um processo de análise do bairro diante de muitas camadas dentre elas, a concepção de subúrbio a partir do espaço e da sociabilidade existente que o denota de uma especificidade que remonta a sua memória. Historicamente, Madureira foi um lugar que abrigou africanos que foram escravizados e até hoje é possível observar a cultura e a identidade de um bairro que como forma de resistência se organizou a partir dessas memórias. A forma de apropriar as calçadas, os camelôs que a disputam, antigamente seu horário de funcionamento se iniciava após o fechamento das lojas. Entretanto, com o passar do tempo passaram a funcionar ao mesmo tempo e no mesmo lugar, nos questionando do que de fato é o comércio legal e o que não é e por que? Pois para funcionar, também precisam pagar uma quantia para estar naquele local. Foi possível observar e compreender que Madureira contrapõem a lógica do urbanismo clássico e dos “vazios urbanos”. Não há a composição de um vazio urbano, que não esteja sendo utilizado, a exemplo do Viaduto Negrão de Lima, também conhecido como Viaduto de Madureira, mais do que a função da mobilidade no trânsito, é embaixo do viaduto que há décadas existe o Baile Charme, todos os sábados, reconhecido como Patrimônio, além do comércio, como feiras e rodas de samba também acontece por lá.

Chegar até o viaduto foi um grande desafio, devido a distância, e pelo caminho foi possível enxergar tantas formas de apropriação do espaço e como a cultura organiza esse bairro a partir de uma matriz afro-brasileira.

O segundo semestre de 2017 conciliava entre o tratamento para voltar a andar e o TCC, cujo tema escolhido foi a Requalificação do Aterro Sanitário de Gericinó, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro. Durante o acidente, estava cursando TCC 1 e a impossibilidade de estar presente na Universidade fez com que o orientador que tinha não pudesse dar continuidade a minha orientação. Então, no tcc 2 precisei procurar por outro, quando recebi



---

a notícia: “todos os professores já estão cheios, mas está entrando uma professora nova, deixaremos seu trabalho lá e quem sabe ela possa orientar...”. Um período de bastante angústia e incertezas diante de poucos meses que faltavam para conclusão de minha graduação.

Assim, diante do aceite conheci Núbia e a minha primeira professora negra durante quase seis anos no curso de arquitetura e urbanismo. Foi um período de bastante troca e a construção enriquecedora enquanto aluna que estava prestes a se tornar profissional e conhecer uma pessoa que contribuiu muito para os passos depois de formada. Nesse sentido, tive o auxílio sobre perspectivas acadêmicas e profissionais, quando decidi mesmo depois de defender o TCC e que foi um resultado muito próspero da Banca, continuar frequentando a biblioteca da Universidade para estudar para o mestrado. Ainda era uma realidade muito distante para quem não veio da pesquisa almejar esse passo.

No ano seguinte, em 2018, vi uma publicação na rede social sobre Urbanismo Africano: 6000 anos construindo cidades, com o professor Henrique Cunha Junior. O curso teve duração de uma semana na Universidade Federal da Bahia, quando vi o anúncio pensei, é a primeira vez que me vejo inserida na construção das cidades. Participei do curso junto com minha mãe, que pôde aprender tanto junto comigo, e compreender de uma história que foi silenciada e ainda em curso o apagamento de nossas memórias. Era a primeira vez que conhecia Salvador com minha mãe e no primeiro dia de aula, lembro-me da placa que indicava no bairro da Federação.

*UFBA - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, tirei foto para registrar e escrevi: “início de um sonho”*

Se me perguntassem naquela época, que sonho era este? eu não saberia dizer, mas ele estava ali e olhar para trás hoje é entend-

er toda sua magnitude e de fato aquela semana foi a construção de um sonho, dizem que Deus não coloca nada em nosso coração que não possa ser realizado e por mais que não se compreenda no momento. Ao final do curso conversei pela primeira vez com o professor Henrique e fez com que voltasse decidida ao Rio, vou estudar e acreditar que é possível passar no mestrado. Fui aprovada no processo seletivo para o Programa de Pós Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e no mesmo ano também iniciei no Departamento de Patrimônio Histórico da Fiocruz. Voltei a utilizar o trem cotidianamente, mas no fluxo contrário em que realizei durante todos aqueles anos da minha vida. Na estação de Madureira, no ramal Japeri, pegava o trem para Nova Iguaçu. Madureira, foi mais do que a estação de chegada e partida se tornou objeto de estudo. Emicida cantou,

*Viver é partir, voltar e repartir (é isso)  
Partir, voltar e repartir (é tudo pra ontem)*

No momento em que (re)aprendi a andar Madureira foi o local em que me abrigou e fez da sua paisagem toda cultura pulsante o motor que precisava para dar sempre um passo a mais, voltei ou jamais esqueci das análises feitas a cada passo em que aprendia a andar e a olhar Madureira sob uma outra ótica, e como tema de dissertação: Patrimônio Cultural e Memória do Subúrbio de Madureira – RJ: O Mapeamento Cultural como Ferramenta de Valoração.

A partir das relações socioespaciais, o trabalho de dissertação busca discorrer sobre a dimensão do conjunto de bens culturais materiais e imateriais que estão inseridos no bairro de Madureira. Um território vasto de histórias, onde a pesquisa tem como objetivo preservar a memória e instrumentalizar ações de salvaguarda por meio dos patrimônios culturais presentes no mesmo. Uma dessas ferramentas foi a construção do Mapa de Bens Culturais de





---

Madureira, no qual, a partir da identificação desses bens, foi realizado o georreferenciamento. O mapa é um instrumento que visa trazer o conhecimento e pode auxiliar na gestão desses bens culturais. Despertando, assim, a noção de valoração do que está atribuído a esse território por meio do espírito do lugar, que se constitui através desses signos configurados por meio dos patrimônios culturais. Alguns ainda existentes e outros que, de alguma forma, foram descharacterizados, porém continuam vivos na memória, conceituando-a como um lugar de memória no subúrbio do Rio de Janeiro, Madureira também é um território marcado pela presença da cultura negra em diáspora, onde alguns patrimônios culturais existentes possuem o legado dessa história. Dessa forma, trava-se a discussão, por meio de uma perspectiva de que não haja dicotomia entre o bem tangível e o intangível, a fim de preservar a história do bairro, assim como a identidade cultural e social desse lugar.

A defesa foi feita em 2020 e em tempos pandêmicos uma grande conquista, também foi a possibilidade de ter na sala virtual contar com amigos, minha família, minha meus pais, minha madrinha Sarai, meu padrinho Anivaldo que conectou e fez com que meus avós Alda e Ceilão também pudessem assistir a defesa. No final da arguição o telefone tocou, eram meus avós parabenizando e dizendo que havia aprendido tanto sobre o próprio lugar que faz parte da vida deles, e para mim, foi quando tudo fez sentido.

E para organizar questões da vida acadêmica, da vida pandêmica entre outros pontos, foi necessário ficar um pouco mais distante da vida universitária. Um ano depois, no final do ano de 2021 me inscrevi no processo seletivo para o doutorado do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia com o projeto de pesquisa que da continuidade aos meus estudos e compreender a construção de uma área de proteção cultural, com o tema: Afroinscrições Suburbanas: A leitura de um bairro Negro para Proteção do Ambiente Cultural na Grande Madureira – Rio de Janeiro. Penso mais uma vez no que Emicida apontou, viver é partir, voltar e repartir e no que escrevi

naquele ano de 2018 sobre um sonho que ainda nem sabia como tê-lo. O resultado saiu em novembro de 2021.

*Passei em primeiro lugar no doutorado !  
Minha história não começa comigo,  
Na semana em que conquistei o topo  
Perdi uma das minhas bases  
eu trocaria tudo para tê-lá aqui de volta...  
Custei muito a celebrar,  
pois me faltou um pedaço  
Eu vim de muito longe e só entendi aonde queria chegar quando olhei para trás  
Do chão forte de duas matriarcas que estruturaram toda minha família.  
Eu cheguei e não cheguei só.  
Estarei na mesma sala com outros 16,  
Mas chegar em primeiro de onde vim  
É desafiar as leis da gravidade  
Hoje me abracei  
E com os 2.8 batendo a porta  
falei para a menina-Alyne  
que aos 18 não passou na Universidade Pública,  
nada disso te definiu  
E você conseguiu !  
Ontem eu chorei de saudades  
Mas hoje eu vibro  
E compartilho essa conquista  
Até porque, em fevereiro eu (re)nasço  
E agora, a mais nova doutoranda da UFBA  
A universidade que sonhei e batalhei muito para estar,*



---

*poder fazer do estudo teórico a prática e a possibilidade que sempre me moveram*

**(autora, fevereiro 2021)**

Três dias após conquistar o topo, perdi minha base e precisei me despedir da minha eterna vovó Terezinha (...)

Realizei a matrícula e as aulas começaram em março de 2022 ainda no formato remoto, por isso pude permanecer no Rio de Janeiro. Em julho de 2022, um mês antes de realizar minha mudança definitiva para Salvador, minha família enfrentou mais uma vez a dor da perda e, precisei me despedir do meu padrinho, aquele que sempre influenciou nos meus estudos e não por ser um pescador, mas um grande contador de histórias curioso e estudioso, um físico que muitos conheceram através do lattes eu tive a honra de ouvi-lo nos almoços de família e em tantas viagens. Nesse momento, me questionei sobre duas perdas em menos de um ano, e não fazia sentido a minha mudança, quando tudo que queria era ficar próxima a minha família.

Com a força vinda do alto, cheguei em Salvador, a cidade que tecem minhas raízes e me encontrei, dessa vez somente com a passagem de ida, cheguei no dia 22 de agosto de 2022, era uma segunda feira e fui direto para FAU, a placa de 2018 já quase apagada pelas intempéries, mas eu sabia de cor seu escrito, mesmo 5 anos depois, e mesmo sem saber aquele era o início de um sonho.

*Dia 22 de agosto de 2022 embarquei, e logo eu, que amo viajar por aí, dessa vez, pela primeira vez, era só passagem de ida. Eu que não sei me despedir, preferi dizer “até logo” pro meu Rio40°. Durante o caminho no céu, passei por algumas esquinas, queria dizer a eles que consegui .. não os vi, talvez minha vó tivesse no sofá lendo jornal e meu padrinho saído para pescar. Mas os senti.*

*Cheguei naquele caminho como um portal, que já cruzei algumas vezes por tamanha admiração por Salvador, dessa vez o fluxo era único de ida. A mala abriu no meio do bambuzal e naquele lugar de passagem, eu parei, desci, (fechei o porta-malas) pisei firme nesse chão.*

*Agradei!*

*24h depois, quis voltar para casa, não tinha passagem!  
“Olha o que tu fez pra chegar até aí..” nessas horas é bom ter quem te lembre do teu próprio caminho quando as lágrimas embaçam sua vista e turva todo o teu caminho em busca de um futuro incerto.*

*Respirei*

*“Tchau Alyne” o recepcionista já me conhecia pelo nome...*

*vou ter que me mudar de novo 01/09/2022  
Entendi que não ia conseguir “casa, comida, roupa lavada e trabalho em uma semana”  
mas em um mês ....  
é corre viu , por tanta coisa que nos é de direito e não vai, esse é por trás das vitrines das redes.*

*Entendi, que a fila do RU com sorte é 1:30h e agora levo livro, paciência, algumas vídeo chamadas e desculpas pelo atraso, pq é chão viu... Entendi...*

*E fui em busca da primeira coisa e tudo que me representa nesse primeiro mês.*

*Caminho!*

*Apesar de tudo, sigo, e com direito a meia passagem*

---



*Tirei o salvador card, bike Itaú e canela e haja essa última pra tanta ladeira.*

*E que bom que cheguei, me sinto tão honrada por todos aqueles que me possibilitaram chegar até aqui. Meu Eu e pessoal e profissional não desassociam e vibram juntos por estar em uma Universidade Pública e em um programa de excelência, sonho de antepassados, o meu sonho.*

*E assim, como naquele dia 26, a última sexta feira do mês subi a Colina Sagrada e fui até a Basílica do Nosso Senhor do Bonfim.  
Agradei!*

Por todo corpo morada de uma mulher negra que se movimenta e se desafia aos voos pois tem as raízes fortes. Apesar da história ser baseada em um sujeito individual é o valor da coletividade que torna tudo isso possível e, principalmente, a continuidade para construção de novos fluxos e o despertar a potência de novos territórios.





# CAPÍTULO 9

## VIVÊNCIAS NO BAIRRO DO CURUZU: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA FAMÍLIA DAS VIRGENS

Valdiria Lopes

A família das Virgens e seus descendentes na construção de homens e mulheres perpassa, necessariamente, pelo entrelace da sua família. Atualmente estamos afastados dos enlaces familiares talvez seja por não ter mais tempo para cuidar dos nossos, mas estamos, cada dia mais ocupados com as contas a pagar, assim as vivências sofrem afetividade.

O contexto familiar contemporâneo tem influenciado no desconforto social na ausência de respeito e amor ao próximo, contudo ainda é possível encontrar famílias que registrem e mantêm a tradição ancestral do somos um só. A família das Virgens é um exemplo, nos tempos atuais, que consegue realizar encontros de famílias e salvaguardar culturas. Esses encontros são oportunidades de relembrar o passado, reafirmar o presente e garantir o futuro.

As pessoas dessa família, como mulheres, homens, crianças, adolescentes e griots, são importantes elementos para a perpetuação da ancestralidade. Esses documentos revelam parte de uma

história familiar afrodescendente com indícios de ser oriunda do Oyó, África Ocidental. As pessoas dessa família são descendentes dos iorubás malês que trazem na alma os fazeres e saberes ancestrais dos iorubás. Suas mulheres e homens foram e serão guardiãs dessa história que dignifica o passado e o presente na comunidade do Curuzu.

## **CONCEITO: OYÓ, ÁFRICA OCIDENTAL**

### **O CURUZU**

O Curuzu era uma rua com características de um planalto, mas, na verdade, era uma montanha situada no bairro da Liberdade. Na época era chamada de Lima e Silva com pouquíssimas casas de taipa compridas com vários quartos, telhados baixo se uma pequena porta e janela frontais. Todas elas tinham bica onde as crianças tomavam banho nos dias de chuva. Nessa época o Curuzu era uma estrada de terra estreita com mato nos dois lados da rua sem asfalto, luz e água. As famílias abasteciam os potes com água da fonte das ruas da Alegria e dos Frades, a energia vinha dos candeeiros e o carvão combustível para abastecer as cozinhas. Durante vários anos as famílias viveram sem saneamento básico inviabilizadas pelo estado.

**Imagem atual da única residência no Curuzu com as características das casas antigas. Pertence à família de dona Mariá (já falecida)**





Em uma casa como essa, acima, onde passamos os melhores momentos das nossas vidas. As características das residências do Curuzu não diferem de qualquer casa da periferia dessa época com um vasto quintal o qual podemos nomear como um pomar com vários tipos de árvores frutíferas. Muitas dessas árvores carregavam uma gangorra, brinquedo onde, nós crianças da época, brincávamos quando chegávamos da escola. As gangorras, bolas e bonecas feitas de pano, carros de latas e madeiras eram nossos brinquedos e, à noite, costumávamos sentar para ouvir histórias e brincar de roda.

## **CANTIGA DE RODA: BRINCADEIRA ANTIGA DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE DO CURUZU ATÉ A DÉCADA DE 80**

*A rosa vermelha  
É meu bem querer  
A rosa vermelha e branca*

*Hei de amar até morrer.  
Meu benzinho não jogue pedra  
Que eu estou lavando roupa  
Jorge um beijinho de longe  
Que papai mamãe não ouça.*

Na década de 60 inicia o processo de saneamento básico no Curuzu com a construção de dois chafarizes. Um localizado no largo do Curuzu, onde também funcionava uma lavanderia comunitária, local onde as lavadeiras da rua podiam lavar as roupas de ganho. Em cima dessa lavanderia funcionava um centro comunitário e neste local os moradores aprendiam artesanato e costura, e tinham também assistência médica uma vez por mês. Hoje, nesse local, funciona a UPA Mãe Hilda Jitolu.

UPA Mãe Hilda Jitolu – Unidade de Pronto Atendimento, recebeu o nome da matriarcado Bloco Ilê Aiyê

**Imagem do local do antigo Centro Comunitário e, atualmente, Posto de Saúde Mãe Hilda Jitolu(UPA)**



---

Hoje, a Rua do Curuzu se apresenta como um bairro periférico do município de Salvador, localizado na Liberdade, e considerado o maior bairro negro da América Latina, um “território de bens culturais afro- descendentes”. O Curuzu tem 1.100 metros e 57 transversais com 14 mil moradores, segundo o último censo de 2010, esse bairro contava com uma população de 16.681 habitantes. O Curuzu era uma rua do bairro da Liberdade, mas como cresceu com autonomia e identidade própria, foi incluído na lista de bairros de Salvador em novembro de 2017 através da Lei Municipal nº 9.278/2017, que reconheceu a existência de 163 novos bairros na capital.

Território carregado de marcas de quilombo urbano há mais de 200 anos, as famílias se instalaram em uma das montanhas da Liberdade. Essas famílias, oriundas das senzalas do recôncavo e de outros bairros, ainda vivem em sua maioria com grandes dificuldades enfrentando falta de água e luz. Há décadas que existe uma vala aberta na parte baixa da rua à espera que os governantes sensibilizem-se para sanar essa questão, já que a mesma vem causando graves prejuízos aos moradores, inclusive causando óbitos.

O Curuzu como um bairro negro reafirma a sua territorialidade, segundo o arquiteto Henrique Cunha. “Nesses bairros se constroem as identidades, os hábitos de vida, manifestam-se as culturas e alegrias, entretanto, muitas das vezes, também destroem potencialidades de vidas insatisfatórias e infelizes decorrentes de uma sistemática do racismo antinegro produzido no espaço urbano da sociedade brasileira, sendo que as ciências do urbanismo não tratam esses temas e muito menos a educação.”

Apesar da riqueza cultural, visível no cotidiano da comunidade, e ser conhecido internacionalmente, o Curuzu sofre ainda as mazelas da escravidão e do preconceito racial. As políticas para esse território têm sido pontual e não respondem às demandas do bairro. A parte das narrativas dos moradores pode entender os

comportamentos, movimentos e características que definem essa comunidade com afrodescendentes. A Comunidade do Curuzu, historicamente, registra fatos importantes que marcaram a história e possibilita mudar comportamentos sociais, superar preconceitos, combater atitudes discriminatórias e garantir respeito mútuo. O Cotidiano Comunidade permite vivenciar as diversidades e multiplicidade multiculturalistas, olhar que permite a constatação da riqueza cultural. Abaixo, algumas das instituições sagradas e culturais e grupos da comunidade.

**Imagem da entrada do Curuzu no século passado**  
[www.culturatododia.salvador.ba.gov.br](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br)



**Imagem do Curuzu: Publicado terça-feira, 06 de agosto de 2019, às 17:03 horas | Atualizado em 06/08/2019 às 19:38 | Autor: Da Redação | Foto: Max Haack | Secom**





---

## A TRAJETÓRIA DA MINHA FAMÍLIA NO CURUZU

Há registro da presença da minha família no bairro do Curuzu no ano de 1900. Segundo diálogo, a mudança para esse território foi uma demanda pela distância entre a residência e o local de serviço dos meus antepassados, que trabalhavam no porto de Salvador. Eles moravam no bairro de Itapuã, uma vila de pescadores distante do porto. Eles faziam esse percurso andando ou montado a cavalo. Então o senhor José Quatro, um colega de trabalho e morador da Rua do Curuzu, indicou esse local para ele morar, por ficar próximo do trabalho. Atualmente José Quatro está com 107 anos, é pai de tia Luísa, também moradora do Curuzu, que, por muitos anos, vestiu as noivas da comunidade. Tia Luísa, como é chamada por todos nós, confeccionou vários vestidos de casamento, inclusive da minha mãe, o meu e o da minha irmã.

Com a chegada da minha família no Curuzu, várias manifestações culturais foram agregadas no cotidiano local, como produção e realização dos bailes pastoris, originados dos autos portugueses que foram agregados à cultura africana; festejos juninos; samba de roda; atividades em diversas áreas da arte e da cultura; e habilidades manuais e intelectuais, que também fazem parte dessas contribuições da minha família no Curuzu. Memórias são expressões de sentimentos e afetos. Trata-se de uma reflexão iconográfica, histórica de diálogos orais, dos saberes e fazeres familiares. Nesse relato trago conversas, vivências e escutas da minha infância que, há alguns anos, guarda minha memória, que me provoca sobre a origem da minha família. Encontrei vários indícios da possibilidade de sermos originários do povo.

*“... malês era um grupo de origem nagô praticantes da religião muçulmana e falantes da língua árabe. Muitos deles se destacavam por suas habilidades para a prática do comércio e administração de pequenos negócios. Dessa maneira, esse grupo de escravos urbanos possuía uma relativa liberdade”.*

A minha família começa a morar na Rua Direta do Curuzu na casa de nº 262, munida de saberes e fazeres ancestrais, carregada das características do povo malê. Com a chegada da família, novos pares são constituídos a partir da união marital, e acredito ser um reencontro familiar nesse território tradicional. A família das Virgens possui uma característica singular nos seus conhecimentos, ações, saberes e fazeres, que abrigam políticas que preservam a cultura e a diáspora negra, que desenvolveu e desenvolve atividades socioculturais, sempre auxiliando vários estudantes, pesquisadores e acadêmicos que procuram a comunidade.

Memórias afetivas, diálogos entre meu trisavó e meu avô paterno, sou Valdir Lopes, eu nasci no Curuzu, sou bisneta e neta de parteira, minha mãe contava que, na hora das dores do parto, minha bisavó foi chamada, mas não foi possível ela fazer o parto. Após várias tentativas sem sucesso, a família decidiu chamar o vizinho. Seu Simplício era motorista de uma caçamba e levou minha mãe até a maternidade. Eu nasci com 4.500kg, um parto bastante difícil e dolorido para minha mãe.

Quando cheguei em casa, fui recebida com muitos denges e carinhos e apelidada como Princesa pelo meu tio Edilson. Meu nome foi encontrado, pelo meu pai, em um almana que cujo livro deu origem aos nomes dos meus irmãos Valdiria, Valter, Valdir, Valtercio, Valmir Valnei, Vagner e a irmã Maria Aparecida. Deram Esse Nome de Maria Aparecida por minha mãe pensou que não iria ter



---

mais filho. A Outra Irmã, Natanildes, nasceu no dia de Natal. Lembro-me desse Natal sem a presença da minha mainha. Essa data foi muito difícil para mim e para meus irmãos. Mulher negra da periferia de Salvador, fui criada com a família paterna. Morávamos todos no mesmo local, num amplo quintal arborizado, onde tiramos grande parte dos nossos alimentos, como verduras, frutas etc. Tinha um fogão de lenha e um banheiro que era compartilhado por todos. Quando eu nasci, encontrei muitos tios e tias que já não estão mais aqui. Conheci minha bisavó paterna e convivi, muitos anos, com meus avós paternos e minha avó materna.

## **LINHA ANCESTRAL PATERNA**

Tetravôs: Supostamente pessoas escravizadas - desconhecidas  
Trisavôs: José Vitor das Virgens e Rosa Hora das Virgens.

Bisavôs: José Clarindo das Virgens e Modesta das Virgens.

Avôs: José Clarindo das Virgens Filho e Florípedes Silva.

## **LINHA ANCESTRAL MATERNA**

Tetravôs: Supostamente pessoas escravizadas de origem indígena, desconhecidos.

Trisavôs: Supostamente pessoas de origem afro-indígena-desconhecidos.

Bisavôs: Supostamente pessoas de origem afro-indígena-desconhecidos

Avôs: Isabel Lopes e Isidoro

Boa Morte.

## **MINHA BISA MARIA**

Mãe da mãe de painho, era um mulher de pele escura com características indígenas de estatura alta e olhos escuros. Era parteira responsável pelo nascimento de grande parte de pessoas residentes no Curuzu.

## **VÓ ISABEL**

Minha avó materna Isabel, mãe da mãe de Mainha,era uma mulher de pele escura com características indígenas,estatura alta e olhos castanhos claros. Era empregada doméstica,cozinheira e viveu toda vida servindo ao povo branco e rico, sendo mal paga pelos seus serviços.

## **JOSÉ VITOR DAS VIRGENS E ROSA HORA DAS VIRGENS**

Pais de meu bisavó na certidão de óbito. É de conhecimento da família que meu trisavô, José Vitor, era um homem negro retinto de grande porte, letrado e, possivelmente,escravizado. Residente



em Salvador ,era pai de 62 filhos,segundo os mais velhos, entre eles meu bisavô José Clarindo das Virgens. Encontrei informações aparte,na certidão de óbito do meu trisavô, datada de 22 de abril de 1943,com o nome de José Vitor das Virgens. Segundodepoimento de Valter José, umdos seusnetos, eleera um senhor negro de pequeno porte. Consta em registro que era natural da Bahia, solteiro e carregador residia no Cruzeiro de São Francisco. Tem como registro de óbito nº 178,folha 192, livro 20c do sub-distrito da Sé e morreu no dia 22 de abril de 1942, aos 70 anos, em sua residência. José Vitor das Virgens era a matriz dos meus estudos e pesquisas. Atualmente estou procura de vestígios de documentos do meu trisavô endereço que consta na certidão de óbito.Há registro oral confirmando que ele teve muitos filhos e irmãos distribuídos em vários bairros de Salvador, a exemplo da Fazenda Grande do Retiro, Liberdade,Feira do Japão, Santo Antônio Além Do Carmo, Itapuã e nos distritos de Mata de São João e Entre Rios.

## **MEUS AVÓS PATERNOS, JOSÉ CLARINDO DAS VIRGENS FILHO E FLORÍPEDES DA SILVA**

Moradores do Curuzu, eu sou a sétima geração da minha família neste local. Há registros orais que José Clarindo das Virgens, meu bisavô, era pai de muitos filhos. Entre esses, encontramos registros da paternidade de meu avô,José Clarindo das Virgens Filho, em convívio marital com Florípedes da Silva, minha avó. Parteira e filhade parteira, responsável por vários partos na época, ela era-

ma mulher de pele branca, cabelos longos e negros e pouco letrada. Eu conheci três irmãs dela:

## **TIA MIUDINHA**

Mulher de pele branca e vaidosa, usava sempre pulseiras, colares e brincos, e morava em uma rua próxima à casa da minha avó. Era uma pessoa muito alegre, não tinha filhos biológicos, mas sua casa sempre vivia cheia de afilhados e filhos adotivos. Ela era casada com o senhor José, comerciante de carvão no bairro de São Martin. Era uma tarefa diária da minha mãe a compra de carvão para a nossa cozinha. Algumas vezes eu acompanhava minha mãe, que me recomendava eu pedir abençoção assim que chegássemos na casa dos parentes. Quando eu pedia a benção para minha tia Miudinha, ela sempre respondia com muito carinho: “Deus te abençoe”. Eu acrescento aqui a fala dela: “Daqui a dois dias vai estar uma mocinha”. Minha mãe e eu subíamos a ladeira do Curuzu após o encontro com minha tia. Mainha com uma lata cheia de carvão na cabeça e segurando a minha mão, até chegar em casa.

## **TIA ROXINHA**

Mulher de pele negra e cabelos crespos curtos. Ela também morava próximo a minha casa. Era lavadeira, mãe de seis filhos, entre eles, uma menina que ajudava na lavagem das roupas de ganho. Eu vivi momentos felizes com Edinho, garoto negro de grande porte





e aparentemente saudável, que gostava de jogar bola. Éramos muito amigos e participava das atividades culturais do bairro, mas, infelizmente, morreu ainda adolescente, deixando muitas saudades.

## **TIO CABOQUINHO**

Eu nunca soube o seu nome de batismo. Assim como a tia Roxa, ele tinha grande porte, pele escura, muito alegre, na época, era considerado “cabo verde” e tinha cabelos longos e lisos. Possui muitos filhos, todos com a mesma característica física dele. Lembro-me dele fantasiado de índio no carnaval. Ele sempre visitava minha avó. Lembro-me também que, quando ele chegava na casa de minha avó, trazia alegria, principalmente para meu tio Gilberto e também primo dele; acredito que eram muito amigos. Lembro-me que, durante alguns domingos, eu e minha avó, Florinda, visitávamos outros parentes dela. Eram pessoas de pele branca, cabelos longos e lisos, falavam rápido e de difícil entendimento, na época. Moravam no bairro da Liberdade, onde hoje funciona o Banco Bradesco.

## **MINHA AVÓ PATERNA, DONA FLORINHA**

Era uma dona de casa cuidadosa para com as mulheres paridas. Ela fazia as famosas ‘meladinhas’ para os visitantes após o parto, e a da parida atuava como fortificante. Também dava banho no recém-nascido com muita dedicação, Quando minha avó dava esse banho, muitas das vezes, eu assistia na minha casa. Minha mãe

preparava o fogareiro com brasa, colocava o incenso e a minha avó passava, várias vezes, o recém-nascido pelo incenso, acreditando que, após esse ritual, a criança estaria, além de cheirosa, também protegida dos males da vida. Minha avó Florinda também tinha habilidade na cozinha. Destaco aqui a grande quantidade de canjica de milho verde que era feita, em latas de gás, na época de São João.

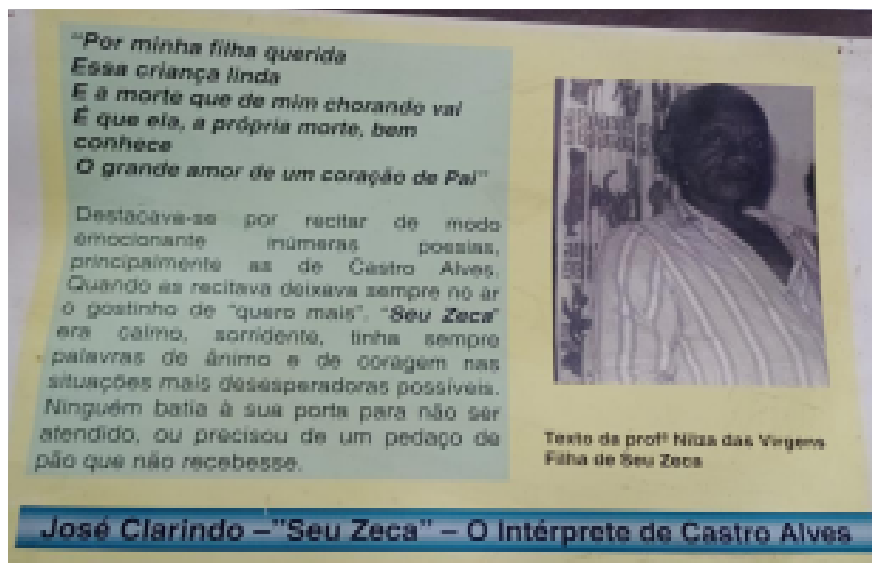
No ritual para fazer a canjica, minha avó Florinda preparava, no pátio da casa, os ingredientes para serem usados para fazer a canjica coletiva. Após a chegada da minha avó da Feira de São Joaquim com as espigas de milho verdes, as crianças, sobrinhos, netos e filhos dos vizinhos eram convidados para iniciar o processo de debulhar o milho no fundo da casa, onde havia um loiro de estimação falante. Ele repetia sempre conversas da minha avó. Nesse momento ela também fazia uma boneca com sabugo milho para a gente brincar. Depois que aprontava a canjica, cabia às crianças disputar a grande colher de pau e a lata onde cozinhou a canjica, e os parentes e vizinhos também traziam vasilhas, como pratos de travessa e cuias de queijo, utilizadas na época do Natal, para levar para casa a canjica de Vó Florinha.

Eu acompanhava a seleção dos milhos verdes e a retirada das cascas e, às vezes, apareciam lagartas quando os milhos eram descascados e algumas crianças tinham medo. Outro momento inesquecível era o quebrar e o preparo do coco seco para a retirada do leite. Esses cocos viam sempre com uma deliciosa e disputada maçã no seu interior. O outro momento era a seleção dos ingredientes que preparavam a canjica composta por cravo e canela. Esses ingredientes ficavam juntos e amarrados em um pano chamado de boneca'. Depois acrescentava açúcar, água de flor e canela em pó, esta última era pulverizada, em cima da canjica, depois de pronta e que já estivesse nos pratos. Não Tenho fotos da minha avó Florinha.

---



## MEU AVÔ ZECA



### Documento do arquivo da casa Maria Felipa

Ele era um negro educadíssimo, bonito, de pequeno porte, gostava de ler e recitar poesias. Meu avô Zeca tinha uma biblioteca em seu quarto onde lia e escrevia bastante. Recebeu o nome de seu pai, teve como companheira a mãe de seus cinco filhos chamada Florípedes, mais conhecida como Florinha, e tiveram cinco filhos, quatro homens e uma mulher.

Sua filha, tia Nilza, relata que meu avô, José Clarindo das Virgens Filho, nasceu no Curuzu no dia 18 de junho de 1912. Ele era dedicado aos cinco filhos que foram criados de maneira modesta, mas seguindo sempre os ensinamentos cristãos. Seu Zeca, como era conhecido, era fã de Castro Alves, um dos maiores poetas de todos os tempos. Ele destacava-se por recitar, de modo emocionante, inúmeras poesias, principalmente as de Castro Alves. Quando as recitava, ele deixava, sempre no ar, um gostinho de “quero mais”. Seu Zeca era calmo, sorridente e tinha sempre palavras de ânimo e coragem nas situações mais desesperadoras possíveis. Ninguém

Batia à sua porta para não ser atendido ou precisou de um pedaço de pão que não recebesse. Era assim o velho Zeca, o tio Zeca ou, simplesmente, seu Zeca. Sua morte ocorreu no dia 12 de julho de 1981, deixando uma lacuna em nossos encontros, onde ouvíamos mais a voz que recitava...

*“Por minha filha querida  
Essa criança linda  
E a morte que de mim chorando vai  
É que ela, a própria morte, bem conhece  
O grande amor de um coração de Pai.”  
Oh! Benditos os que semeiam livros  
Livros a mãos cheias  
E manda o povo pensar  
O livro caindo n’alma  
É germe que faz a palma  
É chuva que faz o mar.*

***(O livro e a América – Castro Alves)***

Meu avô, José Clarindo das Virgens Filho, sabia falar latim e francês. Ele aprendeu durante seu trabalho no porto de Salvador enquanto descarregava produtos trazidos pelas embarcações. Lia muito bem, o que para mim hoje é o mais complexo da literatura de Luís Vaz de Camões (1524-1580), poeta português e autor do poema Os Lusíadas, uma das obras mais importantes da literatura portuguesa, que celebra os feitos marítimos e guerreiros de Portugal. Camões é o maior representante do classicismo português.



Eu cresci ouvindo minha avó recitando, com uma belíssima entonação, os clássicos da literatura brasileira, a exemplo de O navio negreiro, de Castro Alves.

## O NAVIO NEGREIRO

### I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço  
Brinca o luar — dourada borboleta;  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento  
Os astros saltam como espumas de ouro...  
O mar em troca acende as ardências,  
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos  
Ali se estreitam num abraço insano,  
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...  
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas  
Ao quente arfar das virações marinhas,  
Veleiro brigue corre à flor dos mares,  
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes  
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?  
Neste saara os corcéis o pó levantam,  
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora  
Sentir deste painel a majestade!  
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...  
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!  
Que música suave ao longe soa!  
Meu Deus! como é sublime um canto ardente  
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

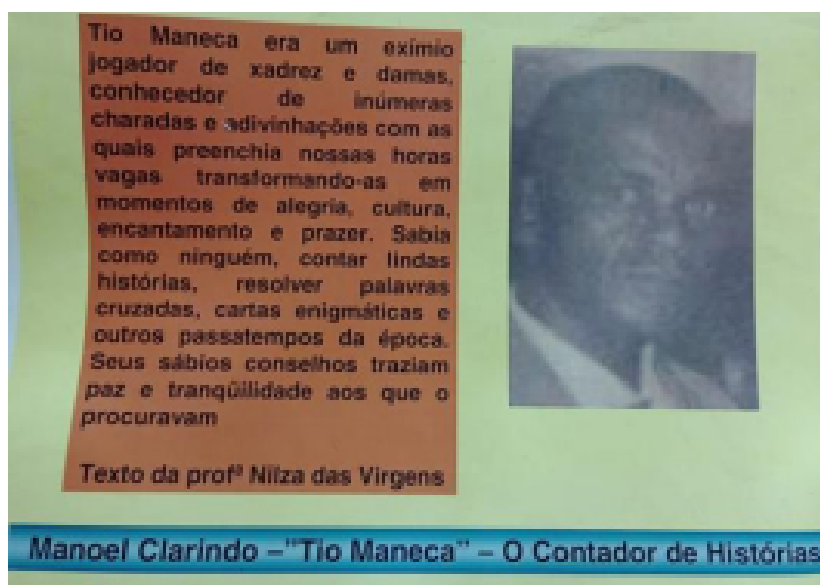
Homens do mar! ô rudes marinheiros,  
Tostados pelo sol dos quatro mundos!  
Crianças que a procela acalentara  
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba  
Esta selvagem, livre poesia  
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,  
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

FONTE: <http://biblio.com.br/default.asp?link=http://biblio.com.br/conteudo/CastroAlves/navionegreiro.htm>.

A poesia preferida do “Seu Zeca”.



Documento do arquivo da casa Maria Felipa

## TIO MANUEL

Irmão de meu avô, eles trabalhavam juntos como carregador no porto de Salvador. Eram conhecidos pelos números 05,25, homens letrados de muitos conhecimentos que liam e escreviam. Tio Maneca era um contador de história. Nilza, sua sobrinha, relata que “era uma vez...Assim começavam as histórias infantis, assim começavam suas histórias...Assim começava a nossa história”. Manoel Clarindo das Virgens, seu Maneca, nasceu no dia 20 de fevereiro de 1915 na cidade de Salvador. Homem simples, honesto, de uma inteligência incomum e dotado de uma paciência sem limite.

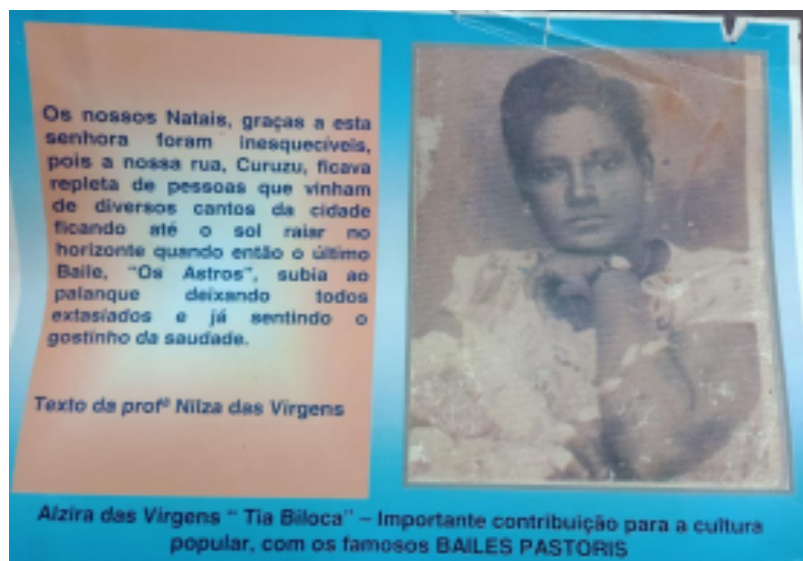
Seu Maneca era um amigo para todas as horas. Possuidor de uma cultura popular invejável, conhecia inúmeras histórias e não se furtava de contá-las não apenas para seus filhos e sobrinhos, mas também para todas as crianças da vizinhança, crianças insaciáveis que sempre pediam mais uma, sendo sempre atendidas.





Muitas vezes a sessão de histórias se prolongava até altas horas fazendo com que seu Maneca ainda ficasse em frente à sua casa até que todas as crianças chegassem ao seu destino.

Ele era um exímio jogador de xadrez e damas, conhecedor de inúmeras charadas e adivinhações com as quais preenchia nossas horas vagas, transformando-as em momentos de alegria, cultura, encantamento e prazer. Sabia como ninguém resolver palavras cruzadas, cartas enigmáticas e outros passatempos da época. Seus sábios conselhos traziam paz e tranquilidade aos que procuravam. “Eles viveram felizes para sempre...” Assim terminam os contos de fada, assim terminavam a contação de suas histórias a partir do dia 4 de agosto de 1966, quando morreu... Mas a sua passagem entre nós não tem fim. “E entrou por uma porta e saiu pela outra, o rei, meu Senhor, que me conte outra...”



Documento do arquivo da casa Maria Felipa

## TIA BILOCA

Alzira Maria das Virgens, dona Biloca, era irmã do meu avô. Segundo a sua sobrinha Hilda das Virgens, ela era um exemplo

de resistência, símbolo da transcendência de uma extraordinária mulher negra dotada de grande sensibilidade e sabedoria. Ela fazia arte e cultura sem recursos num momento em que não se falava em política de inclusão em ações afirmativas. Sua atitude guerreira e desafiadora ajudou a preservar o legado dos seus ancestrais advindo dos malês dos quais somos descendentes. Sua maior contribuição para a comunidade do Curuzu, e por extensão para toda humanidade, foi a produção e realização dos bailes pastoris originados dos autos portugueses que foram agregados à cultura africana. Com suas habilidades manuais e intelectuais realizava atividades em diversas áreas da arte cultural.

Produzia moldes de máscaras africanas com barro extraído do seu quintal e jornais velhos, atingindo um resultado que deixavam extasiados os que conheciam a sua obra. No seu acervo artístico constam bonecas de pano que eram usadas pelas crianças em suas brincadeiras, tapetes, sacolas, ralos e candeeiros, que serviam como utensílios no cotidiano dos moradores, facilitando suas tarefas. Seu bom humor era uma marca registrada. Inúmeras vezes ouvíamos boas risadas nas proximidades de sua residência vozes de seus visitantes.

Dona Biloca nasceu no dia 15 de setembro de 1995 e ainda hoje continua sendo orgulho da família Virgens. Um exemplo de resistência e símbolo de autotranscedenciada mulher negra, consciente de sua missão de salvaguardar a identidade cultural do povo negro e afrodescendente.

Sua outra sobrinha, Nilza Maria das Virgens, expressa as suas lembranças. “Nas lembranças alegres de nossos carnavais de infância surge a figura dos mascarados e, ao lembrar deles, vemos a figura de uma mulher simples e alegre, que pacientemente moldava máscaras, de formas variadas, para a criançada (seus so-



---

brinhos, principalmente) que se divertiam no carnaval. E ela incansavelmente pegava do barro, abundante em quintal, e moldava as máscaras, que eram cobertas de papel jornal em várias camadas até formar uma superfície de consistência firme, e após serem pintadas eram distribuídas entre as crianças. Essa era apenas uma das facetas da sábia Tia Biloca. Alzira Maria das Virgens nasceu em 25 de março de 1908 em Salvador. Ela se destacou em nossa comunidade através de vários aspectos. Lembrar de Tia Biloca, em nossa infância, é lembrar das lindas bonecas de pano que ela confeccionava com mãos hábeis usando retalhos de pano tingido com sumo de açafrão (ela chamava açafior) fazendo olhos, bocas e narizes bordados a mão, ultimando com a roupa feita, manualmente. Juntamente com sua irmã Antonieta das Virgens, Tia Miúda, ela sabia como ninguém animar uma roda de samba e com sua ginga não deixava nada a desejar às assistidas de hoje das grandes escolas de samba.

Nos festejos de aniversário, as duas irmãs preparavam filhos e sobrinhos para apresentação de comédias próprias da época. Porém, no que mais se destacou Tia Biloca foi nas apresentações dos bailes pastoris, que ainda hoje, anos após sua ida para o outro lado em 1995, baila em nossas lembranças como algo atual. Os nossos natais, graças a essa senhora, foram inesquecíveis, pois a rua do Curuzu ficava repleta de pessoas vindas de vários bairros da cidade e ficavam até o sol raiar no horizonte, quando então o último baile, Os Astros, subia no palanque, deixando todos extasiados e saudosos.” Tia Biloca, sábia na sua simplicidade, não sabia e nunca soube da sua importância na cultura do nosso povo. Hoje, lembrar de Dona Biloca é impossível deixar de ouvir os acordes daquelas músicas...

*Lindas flores já que vindes*

*Meu triunfo coroar  
Acompanhem-me na glória  
Para Jesus ir louvar  
“Trecho do “Baile dos Astros””*



**Documento do arquivo da casa Maria Felipa**

## **TIA MIUDA**

Antonieta das Virgens, Dona Miúda, era uma grande incentivadora dos sambas de roda dos bailes pastorais. Sua sobrinha, Nilza das Virgens, relata que estando numa recepção na casa da família das Virgens, no aniversário de uma conhecida, uma comemoração bem típica dessa família, ela se levanta e, com seu jeito alegre e seu sorriso contagiante, começa a declamar.

*“Como a ave que volta ao ninho antigo  
Depois de um longo e tenebroso inverno  
Eu quis também rever o lar paterno*

---

*O meu primeiro e divinal abrigo...”*

Era assim minha tia Miúda. Ela nasceu no dia 5 de novembro de 1916, em Salvador, e sempre se destacou pela sua sinceridade, honestidade e seu devotamento à sua família. Nas rodas de samba, com sua alegria contagiante, era vista com um prato na mão qual, com a ajuda de uma faca, tirava um som que nada devia aos grandes instrumentos contemporâneos. Dona Miúda era chamada também, pela maioria das pessoas, de Nieta ou Memé. Ela sabia animar qualquer festa que participasse. Nos natais e nas representações dos bailes pastoris era um traço marcante da família das Virgens. Enfim, era uma presença imprescindível que participava ativamente, ao lado da irmã Biloca, de todo o processo que envolvia as apresentações dos bailes pastoris no Curuzu. Um dia sem que houvesse nenhum sarau, ela deixou, em seus parentes e amigos, uma grande lacuna.

## **MEUS AVÓS MATERNOS E AS SUAS LINHAGENS**

Sobre meus avós maternos, eu sei pouco sobre eles, principalmente do meu avô Isidoro Boa Morte. Não o conheci, mas sei que moravam no bairro do Tororó. Ele era condutor de trem e morreu na última pandemia de febre tifo em Salvador. Já minha madrinha de batismo, avó Isabel Lopes, era uma mulher magra, de estatura alta, traços finos, pele escura e olhos castanhos claros. Era empregada doméstica, lavadeira e mãe de quatro filhos, um casal de gêmeos. Minha tia Morena e meu tio Alberto e mais dois tios,

Luise Nilza, e minha avó trabalharam muitos anos nas casas dos ricos brancos. Mas nos finais de semana sempre vinha nos visitar. Minha avó, Isabel Lopes, era a senhora dos carinhos e cuidados, uma presença inesquecível.

Numa dessas visitas à nossa casa, ela disse: “A patroa vai voltar para a Espanha e quer me levar com ela”. A minha mãe começou a chorar pedindo para ela não ir. Então Os Netos, ao ver minha chorando, também começou a chorar, e em pouco tempo todos estavam chorando. Minha avó Isabel então disse: “Enxuguem as lágrimas e parem de chorar. Eu não vou para lugar nenhum”. Foi então um alívio para todos nós. Pouco tempo depois, após essa conversa, minha avó veio morar na nossa casa. Foram dias mágicos de alegria em abundância. Lembro-me quando minha mãe tentava bater na gente, ela sempre tomava a frente ou nos escondia embaixo da sua saia, e quando minha ficávamos procurando, ela dizia: “O que eles fizeram? Maria José, deixe as crianças”.

## CANTIGA DE NINAR CANTADA PELA MINHA AVÓ ISABEL

Lembranças eternas da minha avó Isabel nas horas de dormir, momentos encantadores de amor com cantigas para dormir.

*Alecrim, alecrim dourado;  
Que nasceu no mato, sem ser semeado;  
Foi meu amor, amor, que disse assim, assim;  
Que a flor do campo é o alecrim.*





---

## MEU TIO ALBERTO

Homem negro de pele clara, estatura alta, pai de vários filhos, de trato educado, morador do Curuzu, alfaiate de profissão, vestia-se sempre de paletó e gravata, e confeccionava ternos de linho para a elite de Salvador. Meu tio Alberto raramente vinha à nossa casa.

## TIA ALBERTINA

Carinhosamente chamada de Morena, ela era uma mulher negra, de pele clara, baixa estatura, vaidosa, muito religiosa e adepta da umbanda. Trazia no seu sagrado o cabloco Itaguaraci, viveu maritalmente com o tio de meu pai, tio Isaac, era cuidadosa e preocupada com a situação financeira e econômica da irmã, minha mãe Dona Maria José e com os sobrinhos. Trabalhou, por décadas, como empregada doméstica no Rio de Janeiro, mas, sempre quando vinha de férias, trazia roupas e brinquedos, doados pelas patroas, e um valor para ajudar na despesa. Durante anos escrevia cartas para a família muito esperadas e respondidas por minha mãe, que, ao lê-las, sempre chorava de saudade. Uma dessas cartas trouxe uma notícia maravilhosa: ela estaria de volta, definitivamente, no próximo Natal. Ela veio morar no Curuzu, no mesmo local onde nós morávamos. O processo para a construção da sua casa de taipa, no quintal onde ficava o pé de jenipapeiro, teve vários momentos de coletividade familiar. Os Vizinhos e amigos estiveram presentes ajudando na construção e, durante um breve tempo, ela já estava morando na casa. Tia Morena estudou e atuou como auxiliar de enfermagem na comunidade do Curuzu, era a tia que, com aquela

seringa de vidro, dava injeções recomendadas pelos médicos, além de trabalharem vários locais de assistência à saúde de Sal.

## **TIO ANDRÉ LUÍS**

Conhecido como Luís, meu padrinho de batismo era um homem negro de pele escura retinta, estatura alta e olhos castanhos claros. Viajante e barbeiro de profissão, morava no bairro dos Barris e sempre vinha nos visitar. Depois foi acometido por uma doença comum na comunidade negra, se tornou alcoólatra, viveu nas ruas de Salvador na condição de mendigo, sofreu vários episódios de violência, preconceito e racismo. Falava inglês, fato que o levou nas ruas chamá-lo de “professor”. Minha mãe, sempre que podia, saía à sua procura nas ruas do centro de Salvador e, quando o encontrava, trazia-o para casa, e era acolhido por meu pai. Meu tio era muito cuidadoso com ferramentas que ganhava de meu pai para trabalhar como barbeiro na comunidade, mas, infelizmente, ele ficava pouco tempo trabalhando até que a doença se manifestasse, ele retornasse novamente para a rua. Ele morreu em uma briga por disputas de cobertor entre mendigos no Largo da Graça, bairro nobre de Salvador. A família ficou sabendo da notícia através dos jornais. Coube ao meu pai fazer o reconhecimento do corpo.

## **TIA NILZA**

Ela foi entregue, ainda criança, pela minha avó para sua madrinha, que morava no bairro do Tororó. Esse fato de entre-



---

gar os filhos por não ter condições de criá-los era comum entre as mães negras daquela época, achando assim que eles seriam bem tratados e iriam para a escola. Pouco tempo depois, a madrinha foi morar em Santo Amaro da Purificação e entregou-a para minha tia. Nós, familiares, ficamos décadas sem notícias dela, até que um dia, durante uma visita do tio Luís em nossa casa, ele relatou que tinha encontrado nossa tia. Falou também que tinha conversado comelaecomentado sobre a nossa existência e da intenção de encontrá-la. Comentou também que ela pertencia à religião de matriz africana e tinha dois filhos, uma menina, chamada dinha, e um menino chamado Crispim. Esse tocava trombone na filarmônica da cidade.

Após o falecimento de meu tio, em uma viagem de volta ao Rio de Janeiro, meu irmão Valdir encontrou-se com um morador de Santo Amaro, entre uma conversa e outra no avião, descobriu que ele conhecia a nossa tia. A partir daí foi só um reencontro feliz. Minha mãe, chorona como sempre, expressava a sua alegria através das suas lágrimas nesses reencontros.

A contextualização dos conhecimentos da minha família no Curuzu dá ênfase aos habitantes da comunidade de um quilombo urbano que são guardiãs dos saberes e fazeres da história. Eles se revelaram historiadores natos, rezadeiras, parteiras, professores e artistas cênicos organizadores de bailes pastoris, quadrilha junina, escola de Ensino Fundamental, saraus, contação de histórias, fabricação de máscaras africanas, bonecas, sacolas, fogareiros, sapa-teiros, artefatos de madeira e palha, entre outros saberes e fazeres presentes nas comunidades tradicionais.

Ressalto que, em décadas passadas, grande parte das pessoas da minha família já se encontravam nas escolas de Ensino Fundamental – Escola Abrigo dos Filhos do Povo, Instituto Normal (atual

ICEIA) e nas faculdades de direito, medicina, engenharia, pedagogia e serviço social. A trajetória da minha família e os diálogos entre os mais velhos registram que nossos antepassados eram dotados de habilidades. Lembro-me de ver meus tios e tias lendo sempre livros de autores conhecidos da literatura brasileira também títulos da doutrina espírita kardecista. Podemos considerar que escrever histórias e as memórias das famílias afrodescendentes implica em um dos processos de descolonização das literaturas, possibilita uma pedagogia antirracista e resgata conhecimentos históricos dos legados familiares. Esses escritos possibilitam metodologias para uma educação inclusiva e cidadã, garantindo respeito, valorização e reconhecimentos das contribuições tecnológicas e culturais desta; fatos que ainda são bastante inviabilizados na diáspora.

Henrique Cunha afirma que “todas as pessoas, todas as coisas e todos os lugares têm como parte de suas NTUs a concepção do mundo banto. Tomando essa ideia do pensamento africano inferimos que todas as pessoas, todas as coisas e todos os lugares possuem uma parcela de conhecimento. Assim, a nossa postura de uma Investigação Científica da troca de conhecimento como estas com estes lugares e pessoas que são ambientes da nossa pesquisa participante”. A relevância e importância dos conhecimentos familiares agregam valores na construção humana.

Portanto, faz-se necessário escrever as nossas histórias, registrar as nossas memórias e narrativas que a história não contou e tampouco considerou como parte integrante da construção territorial.

*“As escrivências da escritora Conceição Evaristo mostram importância de voltar ao passado para caminhar no presente” ... A literatura negro-brasileira é um instrumento de concretização para o não colonialismo, a “colonialidade”, na medida em que as mulheres se “auto*



*representam e autoficcionalizam-se”, pois falar de si é falar do coletivo. Para discutir essas questões, Sousa e Freitas, em artigo da Revista Criação & Crítica, tomam como base o conto Olhos d’água de Conceição Evaristo”.*

Trata-se de política de reparação de ações afirmativas e cabe a nós, comunidade negra, escrever e incentivar outras pessoas negras a escrever sua história e memórias.

